UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA RUSSA

A SÁTIRA DE SALTYKOV-SCHEDRIN EM
HISTÓRIA DE UMA CIDADE

VERSÃO CORRIGIDA

Denise Regina de Sales

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura Russa do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Arlete Orlando Cavaliere

São Paulo
2010

À minha mãe,
com todo amor.

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Arlete Cavaliere, pela orientação, apoio e compreensão nessa jornada.

À Profa. Dra. Aurora Bernardini e ao Prof. Dr. Noé Silva, pelo acompanhamento e sugestões.

Aos professores do Curso de Russo pela dedicação e exemplo.

Aos funcionários do DLO pela atenção e presteza.

Aos colegas do Curso de Russo pelas trocas, conversas e reflexões.

À minha família, à minha mãe, Lúcia, aos meus irmãos Jairo e Paulo, às minhas cunhadas Nilviane e Patrícia, pelo calor do lar.

Ao meu irmão Jairo, pelo apoio incondicional em todas as situações difíceis.

À Profa. Dra. Gabriela Betella, amiga e mestre, pelo incentivo e sugestões.

À amiga Graziela Schneider, pelas sugestões e correções.

À amiga Ekaterina Volkova, pelas várias horas de cotejo.

Aos amigos Elena Vassilevich, Olga Markhaschovaia e Aleksandr Korniev, pelas muitas explicações e esclarecimentos.

Aos amigos, pelos momentos de convívio.

À CAPES pela bolsa concedida para a realização da tese.

RESUMO

SALES, D. R. *A sátira de Saltykov-Schedrin em “História de uma cidade”*. 2010. Tese de doutorado. 302 f. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

Este trabalho inclui a tradução e análise do romance *História de uma cidade* (1869) do escritor russo Mikhail Evgráfovitch Saltykov-Schedrin (1826-1889). Trata-se de uma obra essencialmente satírica e paródica, que descreve os governantes e o povo de um local “fantástico”, onde o desvario e o despotismo daqueles conjugam-se com a ignorância e a passividade deste. Ao discutir questões de poder, Saltykov-Schedrin recorre a dados históricos sobre a Rússia e parodia, inclusive, o estilo dos livros de história. Apesar da ligação estreita com a versão histórica oficial, na qualidade de obra literária, o romance ganha um colorido cômico e irônico, mesclando fatos da época do surgimento da nação com acontecimentos pontuais da segunda metade do século XIX. Propõe-se aqui analisar os procedimentos estilísticos e linguísticos que distinguem o autor e a obra.

Palavras-chave: Literatura russa, Saltykov-Schedrin, Sátira, Paródia, *História de uma cidade*

ABSTRACT

SALES, D. R. *The satire of Saltykov-Schedrin in “History of a town”*. 302 f. Doctoral Thesis. University of São Paulo, São Paulo, 2010.

This work offers a direct translation from Russian into Portuguese of *History of a town* (1869) written by the Russian author Mikhail Evgrafovitch Saltykov-Schedrin (1826-1889) and analyses its satirical aspects. The author depicts in this novel a fantastic town, where despotic governors rule passive people. Discussing political and social problems of Russia in the 19th century, Saltykov-Schedrin also talks about power relation in every society. With irony and humor, the novel is closely related to the Russian history and in this sense parodies history books. Besides its close relation to history, the novel is a literary masterpiece, combining comic caricatures of Russian sovereigns and ministers and the foolish way in which people react to them. The first part of this work deals with the translation; the second presents some linguistic and stylistic aspects of the novel.

Key-words: Russian literature, Saltykov-Schedrin, Satire, Parody, *History of a town*

SUMÁRIO

Primeira Parte	7
No rumo da sátira	8
O romance de Saltykov-Schedrin	12
Do editor	16
Ao leitor	21
Sobre a origem dos tolenses	26
Rol dos enviados como governantes à cidade de Tolóvia	38
O orgãozinho	44
A saga das seis governantes	59
Informe sobre Galántov	75
A cidade com fome	74
A cidade de palha	90
O viajante fantástico	102
Guerras pela iluminação	108
Época de deposição das guerras	132
O culto a Mamon e o arrependimento	151
Confirmação do arrependimento. Conclusão	185
Documentos comprobatórios	216
 Segunda Parte	 175
Dilemas da tradução	176
A sátira e a urbe	188
Peças de uma história	189
Relatos de Tolóvia: sátira ou paródia?	194
Desdobramentos da história	208
A narrativa de Schedrin: a história à deriva	219
Cessa o curso da história	232
Cronologia da vida e da obra de Saltykov-Schedrin	238
Bibliografia	242

PRIMEIRA PARTE

NO RUMO DA SÁTIRA

O tema deste doutorado surgiu como desenvolvimento natural da dissertação de mestrado *A sátira e o humor nos contos de Mikhail Zóchtchenko*, defendida em 2006, pelo Programa de Literatura e Cultura Russa da FFLCH. Naquele momento, a tradução e análise de 32 contos desse autor, selecionados especialmente para representar cada fase da sua produção, permitiram uma melhor compreensão da vertente satírico-humorística da literatura russa.

Para estudar Zóschenko¹ (1898-1958), examinamos vários textos teóricos sobre o humor, a sátira e a comicidade, com destaque para os títulos: *O riso – ensaio sobre a significação do cômico*, de Henri Bergson; *O humorismo*, de Luigi Pirandello; e *Comicidade e Riso*, de Vladímir Propp. Em grande parte do material teórico específico sobre literatura russa, com bastante frequência, foram encontrados, ao lado do escritor soviético, os nomes de Nikolai Gógol (1809-1852) e Mikhail Evgráfovitch Saltykov-Schedrin (1826-1889).

No doutorado, com a intenção de dar continuidade aos estudos do cômico e da sátira na literatura russa e, levando em conta que a Profa. Dra. Arlete Cavaliere, orientadora deste trabalho, tem estudado exaustivamente a obra de Gógol, decidimos debruçar-nos sobre a sátira de Saltykov-Schedrin. Assim pensamos aprofundar os conhecimentos adquiridos no mestrado, em um estudo que retrocede no tempo, de Zóschenko a Schedrin, e relaciona o autor escolhido com a vertente satírico-humorística russa, em particular com o seu fundador, Nikolai Gógol. Esta tese, portanto, partiu de um projeto pessoal de investigação e da feliz confluência dos interesses da pesquisadora com uma das linhas de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura Russa da USP, em que, tradicionalmente, estuda-se a sátira e o cômico.

Escolhido o autor e, pensando na sua relação com Mikhail Zóschenko, iniciamos a leitura de sua obra e a pesquisa de materiais relacionados. Logo de início, ficou evidente a pluralidade da ficção do escritor do século XIX. Embora uniforme no tom, sempre satírica, a obra de Saltykov-Schedrin é bastante diversificada no gênero – poemas, contos, novelas, contos maravilhosos (a *skazka* russa), romances, dramas, artigos e resenhas para jornais...

¹ A mudança de grafia deve-se a alterações na lista de transliteração adotada pelo Curso de Russo da FFLCH. A letra “щ”, antes “chtch”, agora é transliterada “sch”.

Iniciado o trabalho, foi fácil localizar e adquirir materiais. As obras completas do autor encontram-se disponíveis tanto em publicações impressas antigas e recentes quanto em meio eletrônico; artigos e livros da fortuna crítica abrangem desde ataques desferidos por partidários do governo no período czarista até exaltações feitas por estudiosos soviéticos, passando por resenhas de grandes nomes da literatura do século XIX, como Ivan Turguénev (1818-1883), e estudos críticos contemporâneos.

Durante as leituras preliminares, três obras de Saltykov-Schedrin despertaram a nossa atenção como possíveis objetos específicos de estudo:

1. *Contos de Pochekhonia*;
2. *Contos maravilhosos*; e
3. O romance *História de uma cidade*.

Os primeiros são relatos do personagem-narrador major Gorbyliov escritos e publicados de 1883 a 84. Na introdução, um narrador-compiler lembra o tempo em que serviu no exército. A seguir, as histórias são agrupadas por noite, e cada capítulo recebe o nome correspondente – Primeira Noite, Segunda Noite etc. O nome da obra refere-se à região às margens do rio Chekhon (hoje Cheksná) e, por associação, a uma série de fontes folclóricas em que essa região e os seus habitantes são motivo de riso, sendo considerados ignorantes, selvagens, incultos, desorganizados e ineptos. O próprio narrador é expressão desse povo, e o fato de ter o título de major ajuda a ressaltar o aspecto irônico.

Os *Contos maravilhosos* compõem-se de 32 histórias escritas separadamente e mais tarde reunidas em um único volume. Nelas o escritor denuncia os excessos da burocracia czarista, critica a relação aristocracia-campesinato, declara guerra à servidão. Com raízes no humor e na sátira de Nikolai Gógol, Saltykov-Schedrin adota uma galeria de personagens fantásticos e animais fabulosos e parodia o arcabouço da narrativa folclórica, com frases e expressões consagradas pelo uso popular.

Esses dois conjuntos de textos, cuja fonte é o folclore, tanto no que diz respeito ao enredo, quanto aos personagens e ao modo de narrar, provocaram interpretações diversas da crítica. Os soviéticos, desconsiderando o mergulho inicial no folclore como matéria importante, enfatizaram a crítica social. Os censores czaristas desconfiaram da aparência inocente dos primeiros contos, esmiuçando cada detalhe que pudesse ser interpretado como ataque ao governo.

Embora sejam exemplos significativos da literatura de Saltykov-Schedrin, os *Contos de Pochekhonia* e os *Contos Maravilhosos* acabaram cedendo espaço à *História*

de uma cidade. Ponderadas com a orientadora a importância e as possibilidades de estudo de cada uma dessas obras, optamos pelo romance, que, escrito e publicado no final da década de 1860, guarda um caráter bastante universal. Ao descrever os governantes e o povo de um local “fantástico”, onde o desvario e o despotismo daqueles conjugam-se com a ignorância e a passividade deste, trata de questões relacionadas ao poder que preocupam a sociedade russa até os dias de hoje.

Entretanto, não é apenas o caráter universal do romance que o torna atraente como objeto de estudo. É também, contraditoriamente, a sua indissolúvel ligação com a Rússia, uma vez que, na ficção, Saltykov-Schedrin reproduz a história de sua pátria, parodiando o discurso dos historiadores mais famosos em sua época – Solovióv e Karamzin. E ainda as suas singulares qualidades literárias, expressas na combinação de elementos folclóricos, históricos e ficcionais.

Se, por si só, a obra justifica a escolha, reforça-a ainda mais a posição do seu autor no contexto da literatura russa do século XIX. Saltykov-Schedrin, embora pouco conhecido no Brasil, é muito estudado na Rússia e em outros países. Seus contos e romances têm sido traduzidos para várias línguas, e o romance *História de uma cidade*, em particular, pode ser encontrado em inglês em duas traduções (*The history of a town*, 1982; *History of a town: Novel*), alemão (*Geschichte einer Stadt*, 1994), francês (*Histoire d'une ville*, 1994), italiano (*Storia di una città*, 1961) etc.

Logo cedo, Schedrin começou a participar das reuniões de literatos em São Petersburgo, tendo frequentado, inclusive, grupos que contavam com a presença do célebre crítico Vissarion Belínski. Depois de cumprir oito anos de degredo na cidade de Viátka (atual Kírov, localizada a 896 km de Moscou), por “ter divulgado ideias liberais” em suas duas primeiras novelas, publicou “Ensaio provincianos”, obra que mereceu atenção de toda a Rússia ilustrada, deu ao seu autor o título de herdeiro de Gógol e é mencionada em vários escritos da época, inclusive em *Notas de inverno sobre impressões de verão*, de Fiódor Dostoiévski². A importância de Saltykov-Schedrin não se limitou à sua época. Muitos escritores russos declararam-se influenciados por ele, como é o caso de Mikhail Bulgákov, que, em carta a Stálin, disse cuidar da

² Em nota à tradução de *Notas de inverno sobre impressões de verão* (1862-1863), Boris Schnaiderman explicita o significado da palavra russa *ótcherk* em uma nota a respeito da obra de Schedrin: “Alusão a um escrito de Saltikóv-Schedrin, nos seus *Gubiérnskie Ótcherki*. O *ótcherk* é um gênero tipicamente russo, espécie de reportagem, acrescida frequentemente de considerações filosóficas, sociais, literárias etc. Às vezes confunde-se quase com um ensaio. De modo geral, porém, os russos preferem designar o ensaio de tipo ocidental por um galicismo [эссе], deixando o termo *ótcherk* para o gênero literário russo”. (p. 85)

“representação de terríveis traços de meu povo, daqueles traços que bem antes da revolução faziam sofrer profundamente meu mestre M. E. Saltikov-Schedrin³.”

Portanto, esperamos que a tradução e análise de *História de uma cidade* possam contribuir para revelar o autor e possibilitar a sua inserção no mundo literário russo já conhecido no Brasil e também para apresentar uma proposta de abordagem crítica contemporânea que consiga reafirmar a atualidade da sua obra.

³ Há variações na transliteração do nome e sobrenome do escritor. Nesta tese segui a transliteração sugerida pelo Curso de Russo da USP; em citações, porém, mantive a opção do autor do trecho citado. A propósito, *Н. Щедрин* [N. Schedrin] foi o pseudônimo adotado por Saltykov em 1856, na publicação de *Ensaio Província*. A partir daí os sobrenomes real e fictício nunca mais se dissociaram.

O romance
de Saltykov-Schedrin

Mikhail Saltykov-Schedrin (1879), por Ivan Nikoláevitch Kramskoi (1837-1887).

Esta tradução foi feita a partir do original russo *Sobránie sotchiniénii v dvádsati tomákh* [Obras reunidas em 20 tomos]. Moscou: Khudójestvennaia Literatura, 1969.

As suas notas estão assim indicadas:

1. Sem nenhuma indicação inicial e assinadas *O editor* no final: notas do editor ficcional, feitas pelo autor.
2. N. da T.: notas da tradutora.
3. N. da E.: notas da edição soviética.
4. N. da V. E.: notas adicionais da versão eletrônica. Consulta feita durante o ano de 2010. http://www.provs.ru/ebooks/lib/49_S-Wedrin_Istoria/3.html

HISTÓRIA DE UMA CIDADE

editada por Mikhail Evgráfovitch Saltykov (Schedrin)

com base em documentos autênticos

Capa de uma das edições russas de *História de uma cidade* (Editora Iunimet, 1997).

Do editor^{4 5}

Há muito tinha eu a intenção de escrever a história de alguma cidade (ou região) em dada época, mas diversas circunstâncias atrapalhavam esse empreendimento. O que estorvava em primeiro lugar era a insuficiência de materiais minimamente fidedignos e verossímeis. Agora, remexendo no Arquivo Municipal da cidade de Tolóvia⁶, topei por acaso com um maço bem volumoso de cadernos com o título geral de “Anais de Tolóvia” e, ao examiná-los, descobri que podiam servir de ajuda valiosa na concretização do meu intento.

O conteúdo dos “Anais” é bastante uniforme: esgota-se quase exclusivamente com a biografia dos governantes⁷ que, num período de pouco menos de um século, dominaram os destinos de Tolóvia, e com a descrição de suas notabilíssimas ações, a saber: viagens rápidas nos cavalos da posta⁸, cobrança enérgica de atrasados⁹, marchas contra os cidadãos, arranjo e desarranjo¹⁰ de calçadas, imposição de tributos a concessionários e assim por diante.

De qualquer modo, inclusive por esses poucos fatos, vê-se que é possível capturar a fisionomia da cidade e acompanhar o modo como, em sua história, refletiram-se as diversas mudanças ocorridas concomitantemente nas esferas

⁴ N. da T.: Capítulo publicado na revista *Anais da Pátria* em 12 de janeiro de 1869 (p. 279-281).

⁵ N. da T.: Este primeiro capítulo, em que se justifica a publicação dos “Anais de Tolóvia”, tem linguagem elevada, marcada aqui e ali por termos coloquiais contrastantes.

⁶ N. da T.: Reflexões sobre a tradução do nome da cidade encontram-se na Segunda Parte – Dilemas da Tradução.

⁷ N. da T.: Aqueles que governaram Tolóvia são chamados de *градоначальник* [gradonatchalnik], palavra composta dos substantivos *град* [grad], termo arcaico para designar cidade, que no russo atual se escreve *город* [gorod], e *начальник* [chefe]. É um termo que hoje ainda podemos ouvir, por exemplo, na mídia russa como sinônimo de prefeito, mais comumente chamado *мэр* [mer]. No dicionário russo Ójegov [ÓJEGOV, 1997, p. 142], “gradonatchalnik” está assim definido: “Na Rússia do século XIX e começo do século XX, funcionário público com funções de governador; aquele que administrava uma cidade e as terras circundantes, consideradas como unidade administrativa independente dentro de uma província; também, em geral, o governante de uma cidade”.

⁸ N. da T.: O transporte era feito em cavalos e carros de tração animal particulares, alugados ou dos correios. Para viajar nestes últimos, o passageiro precisava de uma autorização especial fornecida pela administração das estradas. Havia muda de cavalos dos correios em cada posto; assim se garantia a rapidez e boa disposição dos animais.

⁹ N. da T.: *Недоимка* [nedoímka] – termo arcaico, cujo significado é “atrasados”; subentende-se aqui “pagamentos de impostos” atrasados. O problema das dívidas de impostos era tão sério, que, às vezes, o total de atrasados superava o valor arrecadado. Em 1868, foi baixado um decreto a esse respeito, relacionando as medidas que deviam ser tomadas pelos governadores para a cobrança dos impostos atrasados.

¹⁰ N. da T.: *Устройство и расстройство* [ustroistvo i rasstroistvo] – duas palavras com a mesma raiz e rimadas.

superiores¹¹. Assim, por exemplo, os governantes da época de Biron¹² destacam-se pela imprudência; os governantes da época de Potiómkin¹³, pela habilidade administrativa; os governantes da época de¹⁴ Razumóvski¹⁵, pela origem obscura e nobre bravura. Todos açoitavam¹⁶ os habitantes¹⁷, mas os primeiros açoitavam-nos absolutamente; os segundos explicavam o motivo dessa medida administrativa – promover a civilização; e os terceiros desejavam que os habitantes confiassem plenamente na sua bravura. Claro está que essa variedade de iniciativas não podia deixar de afetar a própria disposição interna da vida da cidade: no primeiro caso, os habitantes tremiam inconscientemente; no segundo, tremiam conscientes de que isso lhes seria útil; e, no terceiro, elevavam-se até um tremor cheio de fé.¹⁸ Inclusive a viagem enérgica nos cavalos da posta, até ela,

¹¹ N. da E.: No texto publicado na revista *Anais da Pátria*, em 1969, em vez de “esferas superiores”, estava escrito “São Petersburgo”. A contraposição Tolóvia-São Petersburgo permitia a interpretação de Tolóvia apenas como uma cidadezinha provinciana, o que limitava significativamente o sentido da *História de uma cidade*, por isso Saltykov teria feito a mudança.

¹² N. da T.: Ernests Johans Birens (1690-1772). Conde da Curlândia (Letônia), protegido da imperatriz russa Anna Ioánovna (1693-1740). Por ordem testamental da imperatriz, foi regente de Ivan VI, despertando insatisfação entre a nobreza russa. Em 1740, acusado de tentar tomar o trono, foi condenado à pena de morte, depois substituída por trabalhos forçados.

Na historiografia russa, o seu nome está ligado a crueldades e repressão, decisões políticas e econômicas desarrazoadas, dilapidação dos recursos públicos etc. O governo de Anna Ioánovna, sob o poder de Biron, tem sido classificado como um dos mais duros e sombrios da história do país, tendo recebido a denominação de “birovschina”.

¹³ N. da T.: Grigórii Aleksándrovitch Potiómkin (1739-1791). Príncipe e ativista político, protegido da imperatriz russa Catarina II. Destacou-se na guerra contra a Turquia, foi conselheiro de Estado e uma das figuras mais influentes da Rússia na época. Embora tenha sido motivo de piada, por suas relações com Catarina II, manteve uma imagem de homem talentoso, sobretudo nos aspectos militar e político.

¹⁴ N. da T.: Aqui e em trechos subsequentes, a iteração foi mantida como no original por ser considerada como um recurso estilístico. Nesse caso, a repetição de “os governantes da época de” gera um efeito de saturação, contrasta com o tema do período, ou seja, as “mudanças ocorridas concomitantemente nas esferas superiores”. Na prática, não importava o tipo de governante, o povo sempre era açoitado.

¹⁵ N. da T.: Alekséi Grigórievitch Razumóvski (1709-1771). Descendente de cossacos, em 1742, ter-se-ia casado secretamente com a imperatriz Elizavieta Petróvna (1709-1762). Foi peça-chave no golpe da nobreza que levou Elizavieta ao trono. Adquiriu muito poder e tornou-se um dos homens mais ricos da época. Em livros de memórias e relatos históricos, é citado como honesto, corajoso e digno.

¹⁶ N. da E.: O açoitamento, como método básico de “educação” do povo, foi amplamente praticado na Rússia não apenas na época da servidão, mas também na “liberal” década de 1860. “Há naturezas grosseiras, que não são afetadas por nada, a não ser pela dor física” – citação de texto do periódico “Kólokol” (agosto de 1864, pelo “Moskóvskie Viédmosti” de Katkov: “Kólokol”, 1864, 15 de agosto, n. 188, p. 1548). Segundo relato de L. I. Rózanov, a conferência camponesa de Khólmski, em 1869, concluiu ser necessário “reintroduzir os castigos corporais com o objetivo de elevar o caráter do povo” (Otchiéstvenyi Zapíski, 1869, n. 1, p. 185).

¹⁷ N. da T.: *Обыватель* [obyvatel], traduzido no dicionário russo-português Vóinova [VÓINOVA, 1989, p. 365], como *pequeno-burguês*, (arc.) *morador*. No dicionário russo Ójegov [ÓJEGOV, 1997, p. 442], esse verbete está assim definido: 1. *Na Rússia czarista, morador das cidades (comerciante, burguês, artesão) e também morador em geral, relativo às camadas tributais*; 2. *Indivíduo sem perspectiva social, que vive apenas para os próprios interesses individuais*.

Aqui optamos por “habitante” para *обыватель* [obyvátel] e deixamos “morador” para *житель* [jítel], do verbo *жить* [jit], morar, viver.

¹⁸ N. da E.: “Na alma de vossos súditos”, escreveu, à imperatriz Catarina II, o enciclopedista Denis Diderot a respeito do “tremor” russo, “há certo laivo de temor e pânico – devem ser rastros de uma longa série de golpes e do prolongado despotismo dos governantes. É como se, constantemente, esperassem um

inevitavelmente, devia exercer sua porção de influência, fortalecendo o espírito dos moradores pelo exemplo do ânimo e da força incansável dos cavalos.

Os anais foram escritos, sucessivamente, por quatro arquivistas da cidade de Tolóvia e abrangem o período de 1731 a 1825¹⁹. Neste último ano, pelo visto, a atividade literária deixou de ser acessível inclusive a arquivistas²⁰. A aparência dos “Anais” é do tipo mais verdadeiro, ou seja, não permite, nem por um minuto, duvidar de sua autenticidade: as páginas estão tão amareladas e salpicadas de garatujas e roídas de ratos e manchadas de moscas quanto as páginas de qualquer documento antigo da coleção de Pogódin²¹. É possível sentir também como debruçou sobre ele algum Pímen²² arquivista, iluminando o próprio trabalho com uma vela sebenta e tremulamente ardente e defendendo-o, por todos os meios, da curiosidade fatal dos senhores Chubinski, Mordóvtsev e Miélnikov²³. Os anais são precedidos de uma relação ou “rol” especial, pelo visto composta pelo último cronista; além disso, na qualidade de documentos comprobatórios, foram anexados alguns cadernos infantis²⁴, contendo exercícios originais sobre vários temas de conteúdo teórico-administrativo. Desse tipo são, por exemplo, as seguintes discussões: “Sobre a unanimidade administrativa de todos os governantes da cidade”, “Sobre a aparência decente dos governantes da cidade”, “Sobre o caráter salvador da repressão (com ilustrações)”, “Pensamentos que

terremoto e não acreditassem na firmeza da terra sob seus pés, exatamente como os moradores de Lisboa ou de Macao, apenas com a diferença de que estes últimos temem terremotos reais” (“Diderot e Catarina II”, p. 50).

¹⁹ N. da E.: Os limites cronológicos dos “Anais”, apontados pelo escritor, abrangem, formalmente, o início do reinado da imperatriz Anna Ioánnovna na Rússia até a morte de Alexandre I e o levante dos dezembristas; no entanto, o teor direto dos acontecimentos, ou mais precisamente, dos processos descritos por ele, estão longe de se restringir aos limites de 1731 a 1825 e, além disso, via de regra, não podem ser referidos, exclusivamente, a uma determinada época, mesclando em si, de modo satírico, alguns traços gerais de épocas completamente diversas, de períodos diferentes do desenvolvimento do governo absolutista russo. Assim se explica também a presença, em *História de uma cidade*, de um número bastante grande de “anacronismos” especialmente marcados, a mescla proposital de “testemunhos históricos” isolados, a qualidade satírica “multifacetada” da maioria dos governantes da cidade de Tolóvia etc.

²⁰ N. da E.: Alusão à violentíssima reação do governo após a derrota dos dezembristas e à subida ao trono de Nicolau I, que criou, em 1826, a Terceira Seção, um departamento especial de luta contra a “subversão” interna.

²¹ N. da E.: Coleção de documentos epistolares e materiais da antiguidade russa, pertencente a Mikhail Petróvitch Pogódin (1800-1875), historiador, colecionador, escritor e jornalista.

²² N. da E.: Nesse caso, o arquivista-cronista da cidade de Tolóvia, à semelhança do Pímen de Púchkin (personagem de *Boris Godunov*), descreve: “sem grandes filosofias, tudo de que foi testemunha na vida”.

²³ N. da E.: Serguéi Nikoláievitch Chubinski [1834-1913], Daniil Lukitch Mordoviétsv [1830-1905], Pável Ivánovitch Miélnikov [1818-1883] – na definição do próprio Saltykov-Schedrin, “folhetinistas-historiadores”, que remexeram o “estrume” histórico e tomaram-no seriamente por “ouro” (carta a Aleksandr Nikoláievitch Pýpin, de 2 de abril de 1871). Tanto nos manuscritos quanto na edição publicada na revista, em lugar de “senhor Chubinski”, menciona-se Mikhail Ivánovitch Semiévski, que, como se relata no manuscrito, perdeu os “Anais” e “deixou a felicidade escapar”.

²⁴ N. da T.: *Детские тетради* [diétskie tetrádi] – literalmente, “cadernos infantis”.

brotaram na hora da cobrança de impostos atrasados”, “O instável decorrer do tempo” e, finalmente, uma dissertação bastante volumosa “Sobre a austeridade”. Com certeza, pode dizer-se que a origem desses exercícios (muitos deles até assinados) deve-se à pena de diversos governantes e que eles possuem um caráter valioso porque, em primeiro lugar, dão uma compreensão inteiramente fiel da situação da ortografia russa naquela época e, em segundo lugar, pintam os seus autores de modo muito mais completo, convincente e pictórico do que os próprios relatos dos “Anais”.

No que se refere ao conteúdo interno dos “Anais”, ele é predominantemente fantástico e, em alguns pontos, até inverossímil em nossa época ilustrada. É o caso, por exemplo, do relato absolutamente sem sentido de um governante com música²⁵. Em certa parte, os “Anais” contam que um dos governantes da cidade voava pelo ar; noutra, que um outro governante, com os pés voltados para trás, por pouco não fugiu dos limites do reino. O editor, no entanto, não se sentiu no direito de ocultar esses detalhes; ao contrário, ele acredita que a possibilidade de fatos semelhantes no passado indica ao leitor, ainda com maior clareza, o abismo que nos separa daquela época. Acima de tudo, o editor foi guiado pela consideração de que o caráter fantástico dos contos não elimina nem um pouco o seu significado administrativo-educativo e que a irrefletida presunção do governante voador pode, inclusive agora, servir de advertência salvadora a administradores contemporâneos que não querem ser destituídos do cargo antes do tempo.

Em todo o caso, na qualidade de precaução contra interpretações mal-intencionadas, o editor considera seu dever advertir que, nesta edição, todo o seu trabalho consistiu apenas em corrigir o estilo pesado e arcaico dos “Anais” e manter estrito controle da ortografia, sem tocar nem um pouco no conteúdo. Do primeiro ao último minuto, a imagem terrível de Mikhail Petróvitch Pogódin²⁶ jamais abandonou o

²⁵ N. da T.: *Градоначальник с музыкой* [gradonatchalnik s muzykoi] – literalmente, “governante com música”. Embora pareça estranho, tudo ficará esclarecido no Capítulo 5, dedicado a esse governante.

²⁶ N. da E.: Ao fazer referência a Pogódin – eminente historiador russo, ativo defensor dos princípios “da ortodoxia, do absolutismo e do caráter nacional”, os três principais valores do czarismo – o escritor sublinha, ironicamente, a “fidedignidade” científica e documental das obras dele e, além disso, faz do próprio Pogódin objeto de cáustica zombaria, como um tipo específico de defensor das particularidades “tolas” da legítima história da Rússia. No final da década de 1860, ao desenvolver as suas mais estimadas idéias sobre o “caráter patriarcal” do campesinato russo, Pogódin apresentou o conto “Dois traços do cotidiano russo”, ridicularizado com sarcasmo pela imprensa democrática da época e, no qual, com comoção, descrevia um jovem pastor, que se dirigia ao estaroste com o seguinte pedido: “Açoita-me bem direitinho, quem sabe assim paro de beber”. “Que homem respeitável!” – maravilhava-se o autor (“Rússki”, 1868, n. 122, 9 de dezembro). Manifestações desse tipo permitiram ainda que, em 1861, Saltykov-Schedrin fizesse “uma pergunta de extrema importância: os trabalhos de Mikhail Petróvitch

editor, e isso, por si só, já pode servir de caução do tremor respeitoso com que ele se dedicou à sua tarefa.

fizeram com que a cidade de Tolóvia parecesse tola ou Tolóvia fez com que os trabalhos de Mikhail Petróvitch parecessem tolos? Pedro, o Grande, criou a Rússia ou a Rússia criou Pedro, o Grande?”.

Ao leitor^{27 28}

do último cronista-arquivista²⁹

Se a helenos e romanos antigos permitia-se tecer elogios a seus ímpios governantes e transmitir as suas ações abomináveis para edificação da posteridade, por que nós, cristãos, que recebemos a Luz de Bizâncio³⁰, nesse caso, seríamos menos merecedores e reconhecidos? Será que, em todos os países, se encontram Neros gloriosíssimos e Calígulas³¹ radiantes de valentia^{32 33} e apenas entre nós não há esses tipos? É engraçado e absurdo até pensar uma besteira dessas, quanto mais pregar o mencionado em voz alta, como fazem alguns amantes da liberdade, que acham que seus pensamentos são livres porque, como moscas sem refúgio, voam livremente pra lá e pra cá em suas cabeças.

Não apenas um país, mas também qualquer urbe e, inclusive, qualquer vilazinha, também eles possuem os seus homens radiantes de valentia e os seus Aquiles designados pelas autoridades, e impossível seria não possuí-los. Olha a primeira poça e nela encontrarás um réptil, que, com a sua monstruosidade, supera e obscurece todos os

²⁷ N. da T.: Capítulo publicado na revista *Anais da Pátria* em 12 de janeiro de 1869 (p. 281-283).

²⁸ N. da T.: Neste segundo capítulo, texto endereçado ao leitor e escrito por um dos cronistas dos “Anais de Tolóvia”, o vocabulário e a sintaxe são uma combinação de termos e estruturas de estilo elevado, pretensioso e empolado, e palavras e expressões coloquiais, que conferem um tom humorístico ao relato. Todo esse trecho contém palavras arcaicas, como, por exemplo, o pronome *ceŭ* [siei], este, que no russo atual se escreve *этом* [etot]. Outra característica recorrente deste capítulo é a presença de palavras e expressões bíblicas. Alguns trechos lembram também os livros de história da época, como, por exemplo a “Primeira Leitura” da *História Ilustrada da Rússia*, de Serguêi Mikháilovitch Solovióv, em que ele compara a extensão da Rússia à de outros impérios. “Não apenas agora, mas também outrora, nunca houve um império tão grande quanto a Rússia; grandioso foi na antiguidade o Império Romano, mas também ele era menor do que o Império Russo.” [SOLOVIOV, 1997, p. 5]

²⁹ Esse “Aos leitores” encontra-se aqui nas palavras do próprio “Cronista”. O editor permitiu-se apenas cuidar para que os direitos da letra *iat* [na antiguidade, essa letra indicava um som agora representado pela letra *e*] não fossem violados muito sem cerimônia. *O editor*

³⁰ N. da E.: De Bizâncio, o cristianismo chegou à Rússia no final do século X.

³¹ N. da T.: Nos comentários a respeito deste capítulo, nas *Obras completas*, faz-se referência ao seguinte trecho da *História do Governo Russo* (N. M. Karamzin, n. IX, São Petersburgo, 1852, p. 438-439), em que são citados Calígula e Nero: “Apesar de todas as explicações especulativas, o caráter de Ivan [o Terrível], herói da virtude na juventude e homem furiosamente cruel na idade adulta e na velhice, é um enigma para a inteligência, e teríamos dúvidas sobre a fidedignidade das informações a respeito dele se cronistas de outros povos não nos tivessem revelado outros tantos exemplos surpreendentes, se Calígula, modelo de governante e monstro, se Nero, pupilo do sábio Sêneca, objeto de amor e objeto de repulsa, não tivessem reinado em Roma.”

³² Evidentemente, o cronista, ao determinar as qualidades dessas personalidades históricas, não tinha conhecimento nem mesmo de compêndios publicados para instituições de ensino médio. O mais estranho de tudo, porém, é que ele desconhecesse até os versos de Derjavin: Calígula! o seu cavalo no senado/não pode brilhar, brilhando em ouro:/Brilham as boas ações! *O editor*.

³³ N. da E.: Citação do poema “Grão-senhor” (1794), do poeta russo Gavriil Romanovitch Derjavin (1743-1816).

outros répteis. Olha uma árvore e lá verás algum ramo enorme e mais forte do que os outros e, conseqüentemente, mais valente. Olha, finalmente, a própria figura, e lá, antes de tudo, encontrarás a cabeça e, depois, não deixa de notar também a pança e outras partes. O que, na tua opinião, é mais valioso: será a tua cabeça, ainda que recheada de um recheio leve, mas, ainda assim, orientada para as alturas, ou a parte da barriga, orientada para o vale e útil apenas para produzir... Oh, quão leve-pensante é o teu livre-pensamento³⁴!

Eram desse tipo os pensamentos que induziram a mim, humilde arquivista municipal (que recebe dois rublos por mês de remuneração, mas, apesar disso, canta louvores), juntamente com os meus três predecessores, a cantar, com nossos lábios impuros, elogios aos gloriosos Neros³⁵ recém-mencionados, de modo nenhum ímpios e que, não com falsa sabedoria helênica³⁶, mas com firmeza e audácia de dirigentes, adornaram de modo extremamente natural a nossa gloriosíssima cidade de Tolóvia. Por não ter o dom da versificação, decidimos não recorrer ao tinido e, confiando na vontade de Deus, começamos a relatar feitos dignos em nossa linguagem indigna³⁷, porém a nós apropriada, evitando apenas as palavras baixas. Penso, aliás, que esse nosso ousado desígnio será perdoado à vista da extraordinária intenção que tínhamos quando nos pusemos a executá-lo.

Essa intenção consiste em retratar os governantes designados pela Rússia para a cidade de Tolóvia em diversas épocas. Porém, ao empreender matéria tão importante, lancei-me ao menos uma interrogação: estariam minhas forças à altura desse fardo? Em meus anos de vida, vi muitos desses heróis surpreendentes, e meus antecessores também viram muitos desses. Ao todo vinte e dois, que se sucederam sem intervalos, em majestosa ordem, um após o outro, com exceção de uma anarquia nefasta de sete anos, que, por pouco, não levou a cidade à decadência. Alguns deles, tal como uma chama agitada, voaram de região em região, tudo purificando e renovando; outros, ao contrário

³⁴ N. da T.: *Легкодумное е вольнодумство*. Trocadilho cuja base é o termo “livre-pensador”. Ver nota 36.

³⁵ De novo o mesmo erro lamentável. *O editor*.

³⁶ N. da E.: Expressão comum entre os letrados da Rússia antiga para designar a filosofia e a cultura da antiguidade clássica.

³⁷ N. da T.: Neste e no capítulo seguinte, encontramos várias semelhanças estilísticas com o romance *Macunaíma*, que serão utilizadas como contraponto na análise da questão da identidade nacional em *História de uma cidade*.

Enquanto o cronista de Schedrin fala em “linguagem impura”, o narrador de Mário de Andrade cita a “fala impura”: “Me acocorei em riba destas folhas, catei meus carrapatos, ponteei na violinha e em toque rasgado botei a boca no mundo, cantando na fala impura as frases e os casos de Macunaíma, herói de nossa gente.” (p. 186)

disso, tal como um riacho rumorejante, irrigaram várzeas e pastagens, porém a revolta e a destruição dispuseram aos governantes a sorte da chancelaria. Mas todos, tanto os agitados quanto os dóceis, deixaram de si uma lembrança de gratidão nos corações de seus concidadãos, porquanto todos foram governadores da cidade. Essa comovente concordância, por si só, já é tão admirável, que gera no arquivista uma preocupação em nada pequena. Não se sabe o que mais decantar: o poder, na medida da ousadia, ou essa videira, na medida do agradecimento.³⁸

Mas essa mesma concordância, por outro lado, serve ao cronista de alívio, e dos grandes. Pois em que consiste propriamente a sua tarefa? Será que consiste em criticar ou censurar? – Não, não consiste nisso. Será que consiste então em julgar? – Não, também não consiste nisso. Em que então? Consiste tão somente, seu livre-leve-pensador³⁹, em retratar a concordância mencionada e transmiti-la para a condigna edificação da posteridade.

Tomada nesse aspecto, a tarefa torna-se acessível inclusive ao mais humilde dos humildes, que se revela apenas como um recipiente exaurido, no qual são encerrados todos os louvores vertidos em profusão por toda a parte. E, quanto mais exaurido estiver esse recipiente, mais belo e saboroso se mostrará o líquido doce dos louvores contido nele. E o recipiente exaurido dirá a si próprio: eis que também eu servi para alguma coisa, embora receba um conteúdo de dois rublos de cobre por mês!

Tendo, dessa maneira, disposto algo na qualidade de desculpa, não posso deixar de coligir que a nossa cidade natal de Tolóvia, promovendo vasto comércio de *kvas*⁴⁰, biscoitos assados e ovos cozidos, possui três rios e, em conformidade com a Roma Antiga⁴¹, foi edificada sobre sete colinas, nas quais, na estação dos gelos, quebra-se um

³⁸ N. da E.: ... “essa videira, na medida de agradecimento” – em vez do jardim da Rússia antiga.

³⁹ N. da T.: Retoma o jogo de palavras apontado na nota 31. O termo “livre-pensador”, *вольнодумец*, ganha aqui um adjetivo irônico, cuja composição é análoga à do seu substantivo: *лёгкий* [liógki], leve, + *думный* [dumnyi], de *думать* [dumat], pensar. Em russo, o sentido de “leve-pensador”, ou seja, frívolo, leviano, inconsiderado, imprudente, é dado mais comumente pelo adjetivo *легкомысленный* [liogkomýslennyi], sendo a segunda parte deste último derivada de *мыслить* [mýslit], racionar, considerar.

⁴⁰ N. da T.: Bebida fermentada, um pouco azeda, obtida da infusão de levedura e malte ou de levedura e pão de centeio torrado.

⁴¹ N. da E.: A comparação com Roma, na opinião do cronista, deve ser sublinhada por sua força e grandeza; não sem motivo Moscou era chamada de “terceira Roma”, como se vê em *História do Governo russo* (São Petersburgo, 1851, t. 2, p. 230-231).

N. da T.: Em *Macunaíma*, encontramos também a referência à Roma antiga, como parâmetro de civilização grandiosa, tomado em tom irônico: “É São Paulo construída sobre sete colinas, à feição tradicional de Roma, a cidade cesárea, ‘capita’ da Latinidade de que provimos; e beija-lhe os pés a grácil e inquieta linfa do Tietê. As águas são magníficas, os ares tão amenos quanto os de Aquisgrana ou de Anverres, e a área tão a eles igual em salubridade e abundância, que bem se pudera afirmar, ao modo fino dos cronistas, que de três AAA se gera espontaneamente a fauna urbana. (p. 84)

sem-número de carruagens e estatela-se uma quantidade igualmente incontável de cavalos. A diferença consiste apenas no fato de que, em Roma, resplandecia a devoração e, entre nós, a devoção⁴²; em Roma, transmitiam a violência e, entre nós, a brandura; em Roma, levantava-se uma gentilha infame e, entre nós, comandantes.

E digo mais: a esse cronista precederam sucessivamente quatro arquivistas: Michka Triapítchkin⁴³, um outro Michka Triapítchin, Mitka Smirnomórdov e eu, o humilde Pávluchka, filho de Maslobóinikov. A propósito, tivemos apenas um cuidado, o de que os nossos cadernos não caíssem nas mãos do sr. Barteniév e que ele não os publicasse no seu “Arquivo”. E, além disso, glórias a Deus e fim à minha verborréia⁴⁴.

⁴² N. da T.: *Нечестие* [netchiéstie], desonestidade, perversão, e *благочестие* [blarotchiéstie], devoção, religiosidade. A rima do par de palavras no original gera um efeito cômico.

⁴³ N. da E.: Em *O inspetor geral*, de Nikolai Gógol, Triapítchkin é o amigo ao qual Khlestakóv endereça a carta que acaba por desmascará-lo.

⁴⁴ N. da T.: Mais uma vez, voltamos à rapsódia de Mário de Andrade, na qual encontramos dois fechamentos no mesmo tom: “Acabou-se a história e morreu a vitória” (p. 185) e “Tem mais não” (p. 186).

“Riúrik, Truvor e Sineus” (1986), de Iliá Serguéievich Glazunov (1930-).

Sobre a origem dos tolenses⁴⁵

Não quero eu, à semelhança de Kostamárov⁴⁶, qual lobo cinza pela terra, nem à semelhança de Soloviov, qual águia azulada sob as nuvens, nem à semelhança de Pýpin, espraiar o pensamento pela árvore⁴⁷, mas quero titilar⁴⁸ os meus caríssimos tolenses, exibindo ao mundo os seus gloriosos feitos e a boníssima raiz, da qual cresceu essa árvore, cujos ramos cobriram toda a terra.^{49 50}

Assim inicia o seu conto o cronista⁵¹ e, depois de dizer algumas palavras de elogio à própria modéstia, continua.

Havia, diz ele, na antiguidade, um povo chamado bate-cabeça,^{52 53} e vivia ele no Norte distante, lá, onde historiadores e geógrafos gregos e romanos supunham a existência do mar Hiperbóreo⁵⁴. Bate-cabeça era denominada essa gente porque tinha o hábito de bater a cabeça em tudo o que encontrava pelo caminho. Topavam com uma parede – batiam a cabeça nela; faziam preces a Deus – batiam a cabeça no chão. Na

⁴⁵ N. da T.: Capítulo publicado pela primeira vez na revista *Anais da Pátria*, em 4 de setembro de 1870 (p. 130-138).

⁴⁶ N. da T.: Nikolai Ivánovich. (1817-1885). Historiador russo, pesquisador da história social, política e econômica da Rússia e da Ucrânia, poeta e beletrista.

⁴⁷ N. da T.: O autor usa palavras arcaicas, cuja ortografia já havia sido modificada, como *древо* [drievó], em lugar de *дерево* [diérevó], árvore, e *град* [grad], em lugar de *город* [gorod], cidade. A expressão “espraia o pensamento pela árvore” [*растекаться мыслью по древу*; *rastekatsia mysliu po drivu*] tem também o sentido de falar coisas simples de modo rebuscado.

⁴⁸ N. da T.: Aqui, numa feliz correspondência entre as duas línguas, “titilar” (fazer cócegas ligeiras ou prurido em, fazer afagos, lisonjear) abarca os dois sentidos de *ущекотать* [ushekotat], fazer cócegas e elogiar, além de se aproximar do verbo russo também no estilo.

⁴⁹ Está claro que o cronista imita aqui “O dito da expedição de Ígor” [poema anônimo do século XII (1185) sobre a história da Rússia. Esse texto foi recuperado em um arquivo, na cidade de Iaroslav]: “Pois quando o vidente Boian desejava criar uma canção, espraia seu pensamento pela árvore, qual lobo cinza pela terra, qual águia azulada sob as nuvens.” E mais adiante: “Ó Boian, rouxinol dos velhos tempos! Se tu cantasses estes exércitos saltitando qual rouxinol” etc. *O editor* [O trecho em português foi retirado de *O dito da expedição de Ígor – um poema épico russo do século XII*, na tradução de Victória Namestnikov El Murr.]

⁵⁰ N. da T.: Nesse trecho é especialmente importante o ritmo da narrativa, à moda de “O dito da expedição de Ígor”, como aponta o editor fictício.

⁵¹ N. da T.: Nesse capítulo, observamos mais claramente o paralelismo entre os textos históricos e o literário. Por isso, citaremos, quando conveniente, trechos dos livros dos historiadores Solovióv e Karamzin.

Essa referência direta aos cronistas encontra-se também nos livros de história oficiais, por exemplo, “Na época de Iaroslav, diz o cronista, a fé cristã começou a germinar e disseminar-se, foram erguidos mosteiros”. (Soloviov, 1996, p. 25)

⁵² N. da E.: O próprio escritor esclareceu que eram chamados “bate-cabeças” os moradores da cidade de Egórievsk. Veja Sákharov, *Lendas do povo russo*.

⁵³ N. da T.: Reflexões sobre a tradução do nome do povo encontram-se na Segunda Parte desta tese.

⁵⁴ N. da E.: Na mitologia antiga, misterioso mar do extremo norte da Terra, em cujas margens viviam os lendários hiperbóreos, que se alimentavam de flores e não conheciam nenhum tipo de preocupação ou desassossego.

vizinhança dos bate-cabeça vivia um monte de tribos independentes⁵⁵, mas delas apenas as mais notáveis foram nomeadas pelo cronista, a saber: papa-morsas, papa-cebolas, papa-sopas, pés-de-uva, traquinas, favas-girantes, sapudos, pés-duros, negricéus, lixa-madeiras, cabeças-rachadas, gera-cegos, bocós, orelhas-caídas, panças-tortas, pega-peixes, trás-da-porta, migalhudos, mete-a-mão.^{56 57} Nem religião nem forma de governo essas tribos tinham; em lugar de tudo isso, frequentemente se hostilizavam entre si. Faziam alianças, anunciavam guerras, promoviam a paz, juravam amizade e fidelidade umas às outras e, quando mentiam, acrescentavam “que eu morra de vergonha”⁵⁸ e de antemão asseguravam-se de que “a vergonha não cega ninguém”⁵⁹.⁶⁰ Dessa forma, arruinaram reciprocamente as suas terras, desonraram reciprocamente as suas mulheres e donzelas e, ao mesmo tempo, orgulhavam-se de serem cordiais e hospitaleiros. Mas, quando chegaram a ponto de esgotar a última casca de carvalho⁶¹, quando não sobrou mais nenhuma mulher e nenhuma donzela, e não havia mais com que prosseguir o “empreendimento humano”, então os bate-cabeças foram os primeiros a criar juízo. Entenderam que alguém tinha de tomar o comando e mandaram dizer aos vizinhos: vamos bater cabeças até sobrar o mais cabeçudo. “Como foram espertos”, diz o cronista, “sabiam que sobre os seus ombros cresciam cabeças fortes, então foi por isso que fizeram essa proposta.” E, realmente, nem bem os cândidos vizinhos concordaram com a pérfida proposta, logo os bate-cabeças, com a ajuda de Deus, levaram o título de mais

⁵⁵ N. da E.: Ao falar sobre seus “heróis”, em carta à redação da revista “Mensageiro da Europa”, Saltykov afirma que não inventou nem um dos nomes citados e, nesse caso, sugeria que consultassem Dal, Sakharov e outros amantes do povo russo. I. P. Sákharov realmente menciona “tribos” que viviam perto dos “bate-cabeça” e relaciona os seus apelidos à região a que pertenciam. [Vladimir Ivánovitch Dal (1801-1872) – escritor, lexicógrafo, etnógrafo. Além de *Provérbios do povo russo*, que serviu de fonte para Schedrin, Dal organizou um dos dicionários mais importantes da língua russa, utilizado no país até hoje.]

⁵⁶ N. da T.: Veja comentário sobre a tradução do nome das tribos na p. 232.

⁵⁷ N. da T.: Aqui está retratado um tema-chave nas discussões sobre a identidade nacional russa, tratado com exatidão inclusive nos dias de hoje: a multiplicidade de povos que compõem o país e o direito de cada um deles à manifestação plena de sua cultura.

⁵⁸ N. da T.: *Да будет мне стыдно* [Da budiet mnie stydno]. Para os antigos, essa expressão, dita antes da mentira, predisponha qualquer interlocutor a tomar as palavras ditas como pura verdade.

⁵⁹ N. da T.: *Стыд глаза не выест* [styd glaza nie vyiest]. Baseia-se na expressão *дымом глаза выело* [dymom glaza vyelo], a fumaça turvou os olhos, e significa que mentir não vai ter nenhuma consequência muito grave.

⁶⁰ N. da T.: Cf. com Solovióv: “No início, a tribo eslava encontrava-se às margens do rio Danúbio, em locais ricos e fecundos; mas não conseguia viver em paz, era atacada de todos os lados por outras tribos, o que obrigou muitos dos eslavos a deslocarem-se para o Norte e para o Oriente; assim eles ocuparam também o país que agora se chama Rússia [...] Fixando-se aqui, receberam nomes variados, alguns originários do lugar onde viviam, outros do nome de seus fundadores; mas não havia um nome único porque eles não constituíam um povo único nem possuíam um governo central único [...] Acontece que esses clãs enfrentavam-se e faziam guerras, porém sofriam mais por causa de inimigos externos.” (p. 6 e 7)

⁶¹ N. da T.: Quando não havia comida, os habitantes trituravam cascas de carvalho para fazer farinha.

cabeçudos. Primeiro renderam-se os gera-cegos e os mete-a-mão; mais do que todos resistiram os papa-sopas, os pega-peixes e os panças-tortas.⁶² Para superar esses últimos, foi preciso até recorrer à tapeação. A saber: no dia da batalha, quando os dois lados emparedaram-se um diante do outro, os bate-cabeças, pouco seguros do êxito do seu negócio, valeram-se de feitiçaria e lançaram o solzinho sobre os panças-tortas. Aquele solzinho, por si só, já estava ali mesmo, de jeito que batia direto nos olhos dos panças-tortas, mas os bate-cabeças, para dar a esse negócio uma aparência de feitiçaria, começaram a abanar os chapéus na direção dos panças-tortas. “Estão vendo?”, diziam, “como somos os tais? Até o solzinho está do nosso lado.” Entretanto, não foi logo de cara que os panças-tortas ficaram com medo, no início também deram uma de espertos: despejaram dos sacos a farinha de aveia e começaram a pescar o solzinho com os sacos. Tentaram, tentaram pescar, mas não pescaram nada; só quando viram que a verdade estava do lado dos bate-cabeças é que capitularam.⁶³

Depois de reunir num só grupo os traquinas, os papa-sopas e as tribos restantes, os bate-cabeças começaram a ajeitar-se internamente, com o claro objetivo de conseguir algum tipo de ordem. A história desse ajeitamento o cronista não relatou em detalhes; dele citou apenas episódios isolados. Começou naquela parte em que misturaram farinha de aveia no rio Volga, depois arrastaram o bezerro pra cima da sauna, depois cozinham o mingau em uma sacola, depois afogaram o bode numa massa de malte, depois compraram um porco a troco de um castor e ainda mataram um cão por causa de um lobo, depois perderam umas sandálias e ficaram procurando, procurando pelos pátios, tinham perdido seis, mas acharam sete, depois receberam um lagostim com tinir de sinos, depois enxotaram um lúcio de cima dos ovos, depois foram capturar um pernilongo a oito verstras, quando o pernilongo estava pousado no nariz de um pochekhonense⁶⁴, depois trocaram um padre por um cão, depois calafetaram um cárcere

⁶² N. da E.: Ou seja, os habitantes de Nóvgorod, Tvier e Riazan. A república feudal de Nóvgorod foi incorporada ao império russo central apenas em 1478; o principado de Tvier, em 1485; o de Riazan, em 1521.

⁶³ N. da E.: Cf. com o texto de Sakharov: “Certa época, os habitantes de Riazan entraram em guerra contra os moscovitas. Formaram uma coluna em frente à outra, mas lutar ninguém queria. Foi então que os moscovitas tiveram uma ideia: soltar o solzinho em cima dos riazaneses: ‘vão ficar bem cegos. Aí ganhamos sem combate.’ Raiou o solzinho pela manhã, e os moscovitas começaram a abanar os chapéus na direção dos inimigos. Meio-dia em ponto, o sol virou o seu rostinho para os riazaneses. Mas também eles tiveram uma ideia: tiraram a farinha de aveia dos sacos e começaram a pescar o solzinho. Levantavam os sacos ao alto, enrolavam o solzinho e, no mesmo instante, fechavam a boca do saco. Olhavam então para cima, mas o solzinho continuava lá, plantado. Acabamos mal, diziam os riazaneses. Vamos pedir a paz aos moscovitas. Assim pensaram e assim fizeram.” (I. Sákharov. *Lendas do povo russo*. Tomo I, livro 2, São Petersburgo, 1841, p. 115.)

⁶⁴ N. da T.: Habitante da região de Pochekhonie.

com panquecas, depois prenderam uma pulga na corrente, depois mandaram o diabo para o exército,⁶⁵ depois sustentaram o céu com estacas e, no final, cansaram-se e ficaram esperando em que ia dar tudo isso.⁶⁶

Não deu em nada. O lúcio de novo sentou-se sobre os ovos; os presos comeram as panquecas que calafetavam o cárcere; as redes, onde o mingau fora cozido, queimaram-se junto com o mingau. E também a discórdia e também a confusão ficaram piores ainda do que antes: começaram de novo a arruinar as terras uns dos outros, a aprisionar as mulheres, a desonrar as donzelas. E nada de ordem, isso é certo. Tentaram de novo bater cabeças, mas nem com isso conseguiram alguma coisa. Então resolveram procurar para si um príncipe.

– Num instantinho, ele vai arranjar tudo pra nós – disse o ancião Boa-ideia⁶⁷ – trará soldados e construirá um cárcere, como tem de ser. Vamos lá, rapaziada!

Procuraram, procuraram⁶⁸ um príncipe e por pouco não se perderam entre três pinheiros, sorte deles que passava por ali um pochekhonense-gera-cegos, que conhecia os três carvalhos como a palma da mão. Ele levou os bate-cabeças por uma trilha batida, direto ao pátio do príncipe.

– Vocês quem são? E com que súplica vieram procurar-me? – perguntou o príncipe aos enviados.

– Somos os bate-cabeças! Não há no mundo povo mais sábio e corajoso! Até os panças-tortas enganamos com chapéus! – vangloriaram-se os bate-cabeças.

– E o que mais vocês fizeram?

– Também pegamos um pernilongo a sete verbas de distância – começaram os bate-cabeças, mas, de repente, tudo lhes pareceu tão engraçado, mas tão engraçado que olharam um para a cara do outro e caíram na gargalhada.

⁶⁵ N. da T.: Até 1874, o recrutamento para o serviço militar era feito por indicação dos proprietários de terras e das associações urbanas e rurais, sendo usado também para punir desafetos.

⁶⁶ N. da E.: Provérbios e ditos encontrados no referido trabalho de Sakharov e no livro de V. I. Dal *Provérbios do povo russo*, Moscou, 1862 (basicamente, no capítulo “A pátria Rus”). Também dessas fontes, o escritor retirou “informações” sobre outros “feitos” dos bate-cabeças [mais detalhes em “Comentários” de B. M. Eikhenbaum, no livro *História de uma cidade*, Leningrado, 1935, p. 234-240].

⁶⁷ N. da T.: *Добромысл* [dobromýsl]: *добрый* [dobryi], bom, + *мысл* [mysl], pensamento, ideia. Referência ao sobrenome *Гостомысл* [Gostomysl], citado por cronistas da antiguidade. Gostomysl, lendário ancião e chefe da tribo dos *sloviene*, que, na segunda metade do primeiro milênio da nossa era, compunha a maioria da população de Nóvgorod, teria desempenhado papel importante na missão do príncipe Riurik de governar os eslavos.

⁶⁸ N. da T.: Em especial neste capítulo e menos frequentemente nos seguintes, o escritor usou o recurso da reiteração, criando uma atmosfera de conto maravilhoso. O mesmo observamos em *Macunaíma*: “E pululavam se livrando dos buracos, aos berros, com as mãos para trás por causa dos candirus safadinhos querendo entrar neles.” (p. 14); “Macunaíma ficou muito contrariado. Maginou maginou e disse pra velha” (p. 15); “Gauderariam gauderariam por todos aqueles matos sobre os quais Macunaíma imperava agora.” (p. 27).

– Pois é, foi você, hein, Piotr, que saiu pra pegar aquele pernilongo! – desatou a rir Ivachka.

– Você é que foi!

– Eu!? eu não! Ele estava era sentado no seu nariz!

Então o príncipe, vendo que, inclusive ali, bem diante dele, os bate-cabeças não deixavam de lado a discórdia, inflamou-se de todo e começou a dar-lhes uma lição com o cetro.

– Tolos, seus tolos! – disse ele – não convém chamá-los bate-cabeças; pelos seus feitos deveriam chamar-se tolenses. Eu não quero governar tolos! Vão procurar um príncipe tolo, um que mais tolo não exista no mundo – é esse que vai governá-los!

Depois de dizer isso, ainda deu mais uma liçãozinha com o cetro e mandou embora os bate-cabeças, como se deve.

Os bate-cabeças ficaram pensando nas palavras do príncipe; o caminho todo, enquanto caminhavam, só faziam pensar:

– Por que ele ralhou conosco desse jeito? – diziam uns. – Fomos procurá-lo de coração aberto, e ele nos mandou achar um príncipe tolo!

Porém, ao mesmo tempo, apresentaram-se também outros, que não viam nada de ofensivo nas palavras do príncipe.

– Que seja! – retrucavam eles. – Um príncipe meio tolo vai ser até melhor para nós! Já, já colocamos um biscoitinho na mão dele: que vá roendo e nos deixe em paz!

– Isso lá é verdade – concordaram os restantes.

Voltaram aqueles jovens valentes para casa, mas, primeiro, decidiram de novo arranjar-se por conta própria. Alimentaram um galo na corda⁶⁹, para que não fugisse, comeram um idolozinho... Ainda assim, não tiraram nenhum proveito. Pensaram, pensaram e foram procurar um príncipe tolo.

Andaram eles por um lugar plano três anos e três dias⁷⁰ e não conseguiram chegar a lugar nenhum. No final, porém, chegaram a um pântano. Viram então que na

⁶⁹ N. da T.: Esse hábito de prender os galos surpreendeu o escritor Antón Tchékhov durante a sua viagem à ilha Sacalina. No seu livro, porém, o costume parece ter ligação com a colônia de forçados: “Mas, por algum motivo, esses cães pacíficos, que não causam nenhum mal, ficam presos. Quando há porcos, eles tem um cepo no pescoço. O galo também fica preso pelo pé.”

– Para que vocês prendem o cão e o galo? – pergunto ao dono da casa.

– Aqui na Sacalina todos ficam em correntes – graceja ele em resposta. – Nesta terra é assim.”

⁷⁰ N. da T.: Número considerado mágico, frequente em narrativas folclóricas. Em *Macunaíma*, há passagens semelhantes: “E foi assim que Maanape inventou o bicho-do-café, Jiquê a lagarta-rosada e Macunaíma o futebol, três pragas.” (p. 50); “Vou dizer três adivinhas, si você descobre, te deixo fugir.” (p. 111).

beira do pântano estava um tchukhlómiets⁷¹-mete-a-mão; ele tinha as luvas enfiadas no cinto e procurava outras.

– Você não sabe, meu bom mete-mãozinha, onde poderíamos encontrar um príncipe, que mais tolo não houvesse no mundo? – suplicaram os bate-cabeças.

– Sim, há um desses – respondeu o mete-a-mão – vá em frente pelo pântano, é bem ali.

Lançaram-se então ao pântano todos de uma vez, e mais da metade ali se afundou (“Muitos por sua terra sofreram”, diz o cronista); no final, arrastaram-se para fora da lama e viram: na outra margem do pântano, bem diante deles, estava sentado o próprio príncipe – tolo-tolíssimo! Sentado, comendo pães-de-mel desenhados. Os bate-cabeças alegraram-se: mas que príncipe! Melhor do que esse não podiam nem imaginar.

– Vocês quem são? E com que súplica vieram procurar-me? – perguntou o príncipe aos enviados.

– Somos os bate-cabeças! Não há povo mais sábio e corajoso do que nós! Nós os papa-sopas... até eles nós vencemos! – vangloriaram-se os bate-cabeças.

– E o que mais vocês fizeram?

– Expulsamos o lúcio dos ovos, misturamos farinha no Volga... – e teriam continuado a enumeração, mas o príncipe não quis escutá-los.

– Eu já sou tão tolo – disse ele, – e vocês são ainda mais tolos do que eu! E o lúcio por acaso choca ovos? Ou então será que é possível misturar aveia em um rio de águas correntes? Não, não convém chamá-los de bate-cabeças, mas de tolenses! Eu não quero governá-los, vão procurar um príncipe tolo, um que mais tolo não exista no mundo – é esse que vai governá-los!

E, depois de uma lição com o cetro, mandou-os embora como se deve.

Os bate-cabeças puseram-se a pensar: tapeou-nos aquele mete-mão filho de uma galinha! Disse que príncipe mais tolo não havia – que nada, era inteligente! Entretanto, voltaram para casa e começaram de novo a ajeitar-se por conta própria. Debaixo de chuva, colocaram a sandália para secar, treparam em um carvalho para ver Moscou. E ainda assim, não havia ordem, de jeito nenhum. Então Piotr Pernilongo deu uma ideia a todos.

⁷¹ N. da T.: Da cidade de Tchukhúloma.

– Eu tenho um amigo-companheiro – disse ele –, de apelido ladrão-novação⁷², e, se esse tratante não achar um príncipe, então pode julgar-me no tribunal da misericórdia e arrancar dos meus ombros essa cabeça destalentosa.

Com tanta convicção ele disse isso que os bate-cabeças deram-lhe ouvidos e chamaram o ladrão-novação. Esse longamente negociou com eles a investigação, pediu mundos e fundos, e os bate-cabeças davam um tostão furado e, ainda por cima, as próprias vidas. Porém, finalmente, chegaram a um acordo e foram procurar o príncipe.

– Você trate de achar pra nós um que não seja sábio! – disseram os bate-cabeças ao ladrão-novação – Com os diabos, de que vale um sábio!

E o ladrão-novação levou-os primeiro por toda a floresta de abetos, e também por toda a floresta de bétulas, depois por um matagal cerrado, depois por um bosquezinho encantado e então saiu direto em uma clareira clarinha e, no meio dessa clareira, estava sentado um príncipe.

Assim que viram o príncipe, os bate-cabeças pasmaram. Diante deles estava sentado um príncipe sábio-sapientíssimo; disparava uma espingardazinha e ainda agitava um sabrezinho. E era só abrir fogo com a espingardazinha que um coração caía crivado de balas, e era só manejar o sabrezinho que uma cabeça rolava pescoço fora. E o ladrão-novação, depois de uma sujeira dessas, ficou ali, alisando a cabeça e dando risadinhas.

– Você, hein! Enlouqueceu? Só pode! Será que serve pra nós esse aí? Nem se fosse cem vezes mais tolo, ainda assim não serviria! – avançaram os bate-cabeças contra o ladrão-novação.

– Não tem problema! Damos um jeito! – manifestou-se o ladrão-novação – Esperem um pouco, vou trocar uma palavrinha com ele, olho no olho.

Viam os bate-cabeças que o ladrão-novação passara a perna neles completamente, mas não se atreviam a voltar atrás.

– Isso aqui, irmão, não é como bater testas com panças-tortas! Não é não. Responda aí, irmão: Que homem é este? Qual é seu posto e título? – parolavam entre si.

⁷² N. da T.: *Вор-новатор* [vor-novator]. Há aqui alguns sentidos combinados. A primeira palavra, *вор*, significa *ladrão* e lembra *Ивор* [ivor], nome próprio masculino. A segunda, *новотор*, reúne o adjetivo *новый* [novyi], novo, e a terminação *тор*, que lembra *торг* [torg], bazar, mercado, negócio.

No fundo, Schedrin refere-se a *Ивор, новоторжец* [Ivor, novotorjets], Ivor da cidade de Novyi Torg, o qual teria caluniado um representante do príncipe Iaroslav, enviado a Tvier em 1215.

A cidade de Torjók, fundada por comerciantes de Nóvgorod, foi antes denominada Torg, Novyi Torg e Torjets, e os seus habitantes foram chamados torjokski, novotorjski e, finalmente, novotoryi. Há referências a essa cidade em manuscritos de 1139.

Mas o ladrão-novação, enquanto isso, aproximou-se do príncipe, diante dele tirou o gorrinho de zibelina e começou a dizer-lhe segredos ao ouvido. Sussurraram eles longamente. A respeito de quê? Não se ouvia. Os bate-cabeças começavam a farejar alguma coisa, quando o ladrão-novação falou: Açoitá-los, sua excelência real, sempre muito livremente.

No final, também para eles chegou a hora de ficar diante dos olhos claros de sua excelência real.

– Vocês quem são? E com que súplica vieram procurar-me? – dirigiu-se a eles o príncipe.

– Somos os bate-cabeças! Não há povo mais corajoso – começaram os bate-cabeças, mas, de repente, confundiram-se.

– Já sei, senhores bate-cabeças – e começou a rir o príncipe (“sorriu tão carinhosamente como um solzinho resplandecente”, observa o cronista), – já ouvi demais! E sei também como receberam um lagostim com tinir de sinos – sei o bastante! Apenas uma coisa não sei, com que súplica vieram me procurar?

– Pois viemos até o senhor, excelência real, informar, veja só, que: muitas mortes entre nós causamos, uns aos outros muita devastação e palavrões lançamos, só que justiça⁷³ entre nós não há! Venha governar-nos!⁷⁴

– E a quais dos príncipes, meus irmãos, eu lhes pergunto, antes foram reverenciar?

– Nós visitamos um príncipe tolo e ainda outro príncipe tolo, mas eles não quiseram governar-nos de jeito nenhum!

– Certo. Governá-los eu quero – disse o príncipe – mas morar com vocês, isso eu não vou⁷⁵! Porque vocês têm hábitos de selvagens – tiram lucro do ouro de tolo e desonram a nora! Então envio, em meu lugar, esse mesmo ladrão-novação: que ele os

⁷³ N. da T. *Правда* [pravda], verdade, justiça, honestidade. Na novela *Minha vida* (1896), de Antón Tchekhov, o personagem-narrador Missail Póloznef expressa bem como os conceitos de verdade e justiça estão contidos na palavra “pravda”: “ele [o mujique] acreditava que o mais importante nesta terra era a verdade [pravda] e que a salvação dele e de todo o povo estava apenas na verdade [pravda] e por isso amava a justiça [справедливость (spravedlívost)] mais do que tudo mundo”. (<http://feb-web.ru/feb/chekhov>. Consulta feita em 02 de março de 2010).

⁷⁴ N. da T.: Cf. Solovióv: [...] iniciaram-se guerras intestinas. E então eles começaram a discutir entre si: “Busquemos um príncipe que venha governar-nos e julgar todas as coisas com justiça”. Como não encontraram entre eles um homem que examinasse todas as coisas de modo único, não tomasse partido de ninguém e fosse ouvido por todos, mandaram embaixadores por mar até a terra dos varegues, para falar com os seus governantes, os príncipes e irmãos Rúrik, Sineus e Truvor. Os embaixadores disseram-lhes: “A nossa terra é grandiosa e abundante, mas não há ordem entre nós, venham governar-nos”. Rúrik e os seus irmãos concordaram [...] (p. 9)

⁷⁵ N. da T.: Cf. Solovióv: “O primeiro príncipe Rúrik passou toda a sua vida no Norte; sobre ele restaram apenas notícias de que construiu cidades e enviou grão-senhores para construí-las”. (p. 10)

governe lá, onde moram, e eu, instalado à parte, vou mandar e desmandar em todos – em vocês e nele!

Os bate-cabeças, cabisbaixos, responderam:

– Sim!

– E vocês muitos impostos vão pagar-me – prosseguiu o príncipe – de quem tiver uma ovelha e um borrego, confisco a ovelha e deixo ficar com a borrego; quem tiver uma moeda, vai dividi-la em quatro: uma parte para mim, a outra também, e a terceira também, e pode ficar com a quarta.⁷⁶ Quando eu fizer guerra, vocês é que vão lutar! E com o restante vocês não têm nada que ver!

– Sim! – responderam os bate-cabeças.

– E aqueles de vocês que não tiverem nada que ver, eu perdoo; todos os outros – condeno.

– Sim! – responderam os bate-cabeças.

– E como não foram capazes de viver livremente e escolheram, vocês próprios, tolos, a escravidão, daqui por diante vão chamar-se não mais bate-cabeças, mas tolenses.

– Sim! – responderam os bate-cabeças.

Depois o príncipe ordenou servir vodca a cada um dos embaixadores e presenteá-los com pastelões.

Voltaram os bate-cabeças para casa, lamentando-se. “Lamentavam-se sem esmorecer, berravam com força!”, testemunha o cronista. “Eis aí qual é que é a justiça de príncipe!”, diziam eles. E diziam ainda: “De tanto dizer sim, sim, sim, agora *sintimos* muito^{77, 78}. Um deles pegou da gusla e pôs-se a cantar:

⁷⁶ N. da T.: Cf. Solovióv: O príncipe trouxe consigo a drujina, uma tropa especial, formada de homens valentes, que sempre o acompanhavam. [...] Trabalhar, arar a terra, confeccionar as próprias roupas e sapatos, isso os soldados da guarda não podiam fazer; tinham de ser alimentados e sustentados pelas pessoas que protegiam. Por isso, o restante do povo devia pagar impostos ao príncipe, e com esses impostos o príncipe mantinha a guarda. No início, o próprio príncipe e os seus soldados recolhiam os impostos, e os moradores aproveitavam para lhe apresentar as suas queixas, e os culpados pagavam-lhe multas.

⁷⁷ N. da T.: *Такали, такали, да и протакали* [tákali, tákali, da e protákali] – *такать* [tákat], fazer coro com alguém, dizendo apenas *так* [tak], assim, isso, certo; *протакать* [protákati] – o prefixo *про* [pro] acrescenta ao verbo, entre outros, os sentidos de: ação realizada amplamente, em toda a sua plenitude e sobre todos os objetos; ação que esgota todas as possibilidades; e ação que indica perda, dano ou resultado indesejado

⁷⁸ N. da E.: Há uma versão de que assim se expressaram os habitantes de Nóvgorod a respeito dos varegues. Segundo outra versão, a máxima teria surgido no final do século XV, quando a Grande Nóvgorod submeteu-se a Moscou, ou seja, ao governo russo central, e perdeu a condição de república feudal livre. Saltykov-Schedrin usou-o também em outras obras.

Não se agite, bondoso carvalhal!
Não atrapalhe o bom e valente a pensar
Logo cedo, bom e valente, estarei
Diante do mais terrível juiz, o czar...⁷⁹

Quanto mais se estendia a canção, mais cabisbaixos ficavam os bate-cabeças. “Havia entre eles”, diz o cronista, “velhinhos grisalhos, que também choravam amargamente, porque tinham deixado escapar a doce liberdade; também havia jovens, que mal conheciam a liberdade, mas também esses choravam. Foi só naquele momento que todos perceberam como é maravilhosa a liberdade.” Quando soaram os derradeiros versos da canção:

E eu, pequerrucho, a ti presenteio
Ora com grandes palacetes no campo
Ora com dois postes e uma trave...

então todos prostraram-se e caíram no choro.

O drama, porém, já tinha sido concluído sem possibilidade de volta. Ao chegar a casa, sem demora, os bate-cabeças escolheram um pântano e, instalando nele a cidade, chamaram-lhe Tolóvia, e a si próprios, de acordo com a cidade, tolenses. “E assim floresceu esse ramo antigo”, acrescenta o cronista.

Entretanto, ao ladrão-novação esse jeito resignado não agradava. Ele precisava de revoltas, pois, por meio de sua pacificação, almejava granjear as graças do príncipe e reunir algum emolumento dos revoltosos. Então começou a amofinar os tolenses com todos os tipos de inverdade, e, realmente, não demorou muito para inflamar revoltas. Insurgiram-se primeiro os trás-da-porta, depois os papa-dobradinhas⁸⁰. O ladrão-novação marchou sobre eles com uma peça de canhão, atirou sem trégua, derrubou todos eles e firmou a paz, ou seja, com os trás-da-porta comeu linguado e com os papa-dobradinhas, dobradinha. E recebeu do príncipe enorme louvor. Entretanto, ele logo tanto roubou que os boatos sobre a sua roubalheira insaciável chegaram até o príncipe.

⁷⁹ N. da E.: Famosa canção russa de bandidos. A primeira versão impressa é do século XVIII. (Provavelmente, Saltykov teve conhecimento dela na coletânea *Canções do povo russo*, n. IV, São Petersburgo, 1839, p. 164-166.

⁸⁰ N. da T. *Сычужник* [sytychújnik], de *сычуг* [sytychúg], dobradinha. Alcinha dada aos habitantes da cidade de Eliéts.

Inflamou-se o príncipe intensamente e mandou ao servo infiel a forca. Novação, porém, como verdadeiro ladrão que era, também aqui deu um jeitinho: antecipou a pena e, sem esperar pela forca, degolou-se com um pepino⁸¹.

Depois do ladrão-novação, chegou a Tolóvia para “substituir o príncipe” um odoevense⁸² – justamente aquele que “por um *groche*⁸³ comprou ovos para o jejum⁸⁴”. Mas também ele concluiu que, sem revoltas, não poderia viver bem e também começou a amofinar os tolenses. Revoltaram-se os panças-tortas, os faz-rosquinhas⁸⁵ e os aveias-fritas⁸⁶ - todos defendiam a antiguidade e os próprios direitos. O odoevense marchou contra os revoltosos e também pegou a atirar sem trégua, mas, pelo visto, canhoneou em vão, pois os revoltosos não só não se submeteram, como também arrebataram consigo os negricéus e os bocós. O príncipe ouviu o desnortado canhoneio do desnortado odoevense e tudo suportou longamente, mas, por fim, não suportou mais: marchou contra os revoltosos em pessoa e, depois de disparar contra todos, sem exceção, voltou para casa.

– Mandei um ladrão de verdade... agiu como ladrão. – lamentou nesse momento o príncipe. – Mandei um odoevense, de alcunha “venda-me ovos para o jejum por um *groche*”, e esse também se revelou um ladrão. Quem é que vou mandar agora?

Refletiu longamente a qual de dois candidatos dar preferência: a um oriolano, com base em que “De Oriol a Krómy, só velhos ladrões”⁸⁷ ou a um chuiano⁸⁸, com base em que ele “esteve em Piter, dormiu no chão e do chão não passou” mas, finalmente, preferiu o oriolano, pois este pertencia à antiga linhagem dos “Cabeças Quebradas”.

⁸¹ N. da T.: Tradução literal de *зарезался огурцом* [zariezalsia ogurtsom]. Subentende-se: fingiu que se matou.

⁸² N. da T.: Da cidade de Odóev.

⁸³ N. da T.: Moeda russa antiga. Termo usado informalmente como sinônimo de pequena soma de dinheiro.

⁸⁴ N. da T.: Provérbio russo recolhido por Dal. Baseia-se na lenda de que um grupo de pedreiros da cidade de Odóev foi trabalhar em Moscou. Lá, um deles, ainda bem jovem, saiu para comprar comida. No mercado, viu pepinos, mas não sabia o que era aquilo. Então perguntou ao vendedor, que lhe respondeu: São ovos para jejum. E essa história virou uma marca dos habitantes de Odóev.

⁸⁵ N. da T.: *Калашники* [kalachnik], aquele que faz *калач* [kalatch], pão branco em forma de cadeado ou argola, de origem ucraniana.

⁸⁶ N. da T.: *Соломаты* [solomaty], aveia frita em manteiga ou banha. Alcinha dos moradores da cidade de Lívny.

⁸⁷ N. da T.: Esse provérbio surgiu no Período das Revoltas (1598-1613), quando impostores reivindicavam o trono russo. A cidade de Oriol e os povoados vizinhos serviram de base para depósito de munições e reunião de revoltosos, e os próprios moradores participaram de atividades bélicas. Por causa disso, a população dessa área ficou conhecida como *вор* [vor], ladrão, termo que também significa traidor. O falso Dmítri II, por exemplo, que se dizia filho do czar Ivan, o terrível, ficou conhecido como *Тушинский вор* [Tuchinski vor], por ter montado acampamento na cidade de Tuchino.

⁸⁸ N. da T.: Da cidade de Chúia.

Porém, mal o oriolano assumiu o posto, e os habitantes de Staritsa⁸⁹ já se revoltaram – recepcionaram com pão e sal não o *voievod*⁹⁰, mas um galo. O oriolano foi ao encontro deles na esperança de regalar-se com acipênses, mas descobriu que lá “havia apenas lama”. Então ele incendiou Staritsa e a si mesmo presenteou as mulheres e donzelas para desonra. “Pois o príncipe, ao descobrir tudo isso, cortou-lhe a língua”.

Depois o príncipe ainda outra vez experimentou mandar um “ladrão mais simples”, e, pensando nisso, escolheu um da cidade de Kaliázin, aquele que “comprara um porco a troco de um castor”, mas este se mostrou ainda mais ladrão do que o novação e o oriolano. Sublevou os semendieavanos⁹¹ e os zaozerinos⁹² e, “depois de matá-los, queimou-os”. Então o príncipe arregalou os olhos e exclamou:

– Não há tolice pior do que a tolice!

“E, apresentando-se em pessoa na cidade de Tolóvia, gritou:

– Açoitarei!”

Com essa palavra, teve início o tempo histórico.

⁸⁹ N. da T.: Cidadezinha na região de Tvier. No século XVII, desempenhava importante papel político, pois abrigava algumas das pessoas mais cultas dos país, inclusive figuras centrais da igreja ortodoxa que ajudaram a derrotar os grupos revoltosos.

⁹⁰ N. da T.: Chefe militar de governador de província na Rússia dos séculos XVI-XVIII.

⁹¹ N. da T.: Do povoado de Semendiaevo.

⁹² N. da T.: Do povoado de *Заорезье* [zaoriezie], aquele que fica além do rio.

Rol dos enviados como governantes⁹³ à cidade de Tolóvia pela autoridade suprema⁹⁴ em diversas épocas (1731-1826)

1) Klemiénti, Amadéi Manúilovitch. Trazido da Itália por Biron, duque da Curlândia, por sua artística cozedura do macarrão; depois, subitamente promovido ao posto hierárquico necessário e empossado como governante. Ao chegar a Tolóvia, além de não abandonar o negócio do macarrão, forçou muitos a dele participar, com o que se notabilizou. Por traição, foi surrado com cnute em 1734 e, depois de ter as narinas rasgadas, exilado em Beriozov⁹⁵.

2) Ferapóntov, Fóti Petróvitch. Brigadeiro^{96 97}, ex-barbeiro⁹⁸ daquele mesmo duque da Curlândia. Inúmeras vezes saiu em marcha contra os sonegadores de impostos

⁹³ N. da T.: Capítulo publicado na revista *Anais da Pátria* em 12 de janeiro de 1969 (p. 284-287). Como mostram manuscritos do autor, foram feitas várias modificações na ordem e nome dos governantes, até a versão final.

⁹⁴ N. da E.: Possivelmente, nesse caso, o escritor usou a expressão “autoridade suprema” não como sinônimo de czar, mas de Deus. Considerava-se, e inculcia-se essa idéia no povo, que o czar era “ungido por Deus” e, portanto, o seu poder provinha “de Deus”. Consequentemente, ao falar dos governantes de Tolóvia como aqueles cujo poder é dado por uma “autoridade suprema”, Saltykov mais uma vez sublinha o caráter absolutista dos 22 herdeiros do primeiro príncipe de Tolóvia.

⁹⁵ N. da T.: Cidade russa que, no século XVIII, passou a servir de local de degredo. Para lá foram enviados, dentre outros, o príncipe Aleksei Dolgorúkov e os dezembristas, já no século XIX. Localiza-se na Sibéria, mais de 2.000 km a leste de Moscou.

⁹⁶ N. da E.: Título militar intermediário entre comandante e general, criado pelo czar Pedro I (1672-1725) e suprimido por Pável I (1754-1801). No quadro do funcionalismo, correspondia ao de conselheiro estatal.

⁹⁷ N. da T.: Na edição russa de 1969, usada nesta tradução, são explicados em notas os títulos hierárquicos militares e civis da época czarista à medida que eles aparecem no texto. Para compreensão do intrincado sistema de patentes, funções e qualificações da época, é importante uma visão geral, resumida aqui a partir das informações de Iuri Aleksándrovitch Fedociuk (p. 91-110).

Na Rússia pré-revolução, a palavra *чиновник* [tchinovnik], funcionário público, abrangia todos os servidores do Estado com título e função específicos. A hierarquia do funcionalismo foi introduzida por Pedro I, em 1722, por uma “Tabela do funcionalismo” para três categorias – militar, civil e da corte, que sofreram mudanças ao longo do tempo. O prestígio dos cargos distinguia o servidor público, mas não implicava em respeito da população, sempre pronta a dar aos funcionários os apelidos mais pejorativos. A tabela do funcionalismo civil incluía 12 títulos. Em grau de importância, começando pelo mais elevado: Chanceler, Conselheiro Secreto Ativo, Conselheiro Secreto, Conselheiro Estatal Ativo, Conselheiro Estatal, Conselheiro Colegiado, Conselheiro fora da Corte, Assessor Colegiado, Conselheiro Titular, Secretário Colegiado, Secretário de Província, Registrador Colegiado.

A tabela dos servidores militares, incluía 13 títulos. Em grau de importância, começando pelo mais elevado: General-marechal-de-campo; até 1796, General-chefe, depois General da Infantaria, da Cavalaria, da Artilharia ou General-Engenheiro; Tenente-General (até 1798, General-Tenente); General-Maior; Brigadeiro (suprimido em 1799); Coronel; Sub-Coronel (no século XIX, não havia esse título); Major (até 1798, Primeiro-Major e Segundo-Major); Capitão; Capitão-Geral; Tenente, Sub-Tenente; Sargento-Mor.

⁹⁸ N. da E.: Este “Ex-barbeiro” (Ferapóntov) e, mais adiante, o “ex-ordenança” (Ferdýschenko) e o “ex-foguista” (Patiféiv) são referências à “carreira política” de algumas personalidades históricas russas da época de Saltykov-Schedrin. A. D. Menchikov passou de ordenança a “príncipe ilustríssimo”. Em suas anotações, escreveu P. V. Dolgorukov: “O foguista que cuidava dos fogões nos aposentos da imperatriz foi um dos homens mais fiéis a Biron” [...] “A esse foguista deram o título de nobre em 3 de março de 1740” [...] “Chamava-se Aleksei Miliutin.” (Das notas do príncipe p. V. Dolgorukov. *A época do*

e era tão aficionado de espetáculos, que não confiava a ninguém açoitar na sua ausência. Em 1738, estando no bosque, foi esfaqueado por cães.

3) Herkuliánov, Ivan Matvéievitch. Em proveito próprio, impôs aos habitantes um imposto de três copeques por pessoa, tendo afogado no rio, previamente, o diretor agropecuário⁹⁹. Bateu em muitos comissários de polícia até arrancar sangue. No ano de 1740, no reinado da dócil Elisaviéta, apanhado em relação amorosa com Avdótia Lopukhiná, levou uma surra de cnute, teve a língua cortada e foi trancado na solitária, no cárcere da região de Tcherdyn.¹⁰⁰

4) Urus-Kugúch-Kildibáev, Manýl Samýlovitch. Capitão-tenente da companhia imperial¹⁰¹. Distinguia-se por dessarazoadas bravura e, certa vez, até tomou de assalto a cidade de Tolóvia. Quando notícias sobre esse fato vieram à luz, não recebeu elogios e, em 1745, foi destituído, com conhecimento público.

5) Lamvrokákis. Grego fugido, sem nome nem patronímico e até sem título, apanhado pelo conde Kirila Razumóvski no mercado de Niéjin. Comercializava sabão grego, esponjas e castanhas; além disso, era partidário da educação clássica. Em 1756, foi encontrado na própria cama, devorado por percevejos.

6) Baklan, Ivan Matvéievitch. Brigadeiro. Tinha a altura de três archins e três *verchok*¹⁰² e contava vantagens sobre um parentesco direto com Ivan, o Grande (sino famoso em Moscou)¹⁰³. Quebrado ao meio durante a tempestade que grassou em 1761.

7) Pféifer, Bogdan Bogdánovitch. Sargento da guarda, natural de Holstein¹⁰⁴. Sem nada ter realizado, foi destituído em 1762 por ignorância.

imperador Pedro II e da imperatriz Anna Ioannovna, 1909, p. 107). Segundo N. I. Gretch, “O favoritismo de Kutaisov era ainda mais surpreendente, embora tivesse exemplo no barbeiro Ludoviko XI. Prisioneiro turco, pouco a pouco este último chegou a conde e cavalheiro e nunca deixou de barbear o governo”. (N. I. Gretch. *Notas sobre a minha vida*. Moscou-Leningrado, 1930, p. 156).

⁹⁹ N. da E.: Diretor da instituição que cuidava de assuntos agropecuários.

¹⁰⁰ N. da E.: “Apesar dos excessivos elogios à bondade e misericórdia de Elisavieta, foram muitos os que morreram por terem condenado o comportamento da imperatriz ou de seus amantes. Ela [...] estava sempre extremamente preocupada com a própria beleza, e desgraçadas eram as que conseguiam competir com ela em dotes físicos. A dama de companhia Lopukhiná, mulher muito bonita, foi condenada pela imperatriz ao açoite, teve a língua cortada e foi mandada ao degredo na Sibéria; o seu crime foi a beleza, que despertou o sentimento de ciúme no coração de Elizaviéta” (*Memórias de Fonvizin*, p. 37). Na realidade, Lopukhiná, chamava-se Natália.

¹⁰¹ N. da E.: Soldados e oficiais de uma das companhias do destacamento Preobrajenski, que auxiliou na ascensão da imperatriz Elizavieta Petrovna ao trono e, posteriormente, foi generosamente recompensando com terras e servos.

¹⁰² N. da T.: Antiga medida russa correspondente a 4,4 cm.

¹⁰³ N. da E.: Um dos símbolos da Rússia, atualmente no Kremlin, em Moscou. Chamado de sino do czar, é o maior do mundo, com 202 toneladas. Foi fundido em 1730 pela imperatriz Anna Ivánovna, a partir dos restos do sino do czar Aleksei, de 1655, com 130 toneladas. Ao lado desse sino, fica o canhão do czar, fundido em 1586 por Fiódor I. Símbolos da Rússia, o sino que nunca tocou e o canhão que nunca atirou servem de motivo de piada entre os próprios russos.

8) Brudásty¹⁰⁵, Demiénti Varlámovitch. Nomeado às pressas, tinha na cabeça um arranjo singular, que lhe deu o apelido de “orgãozinho”. Isso, a propósito, não o impediu de colocar em ordem os pagamentos atrasados, negligenciados por seu antecessor. Na época desse governo, ocorreu uma anarquia nefasta, que durou sete dias, como será contado mais adiante.

9) Galántov, Semión Konstantínytch, conselheiro de estado e cavaleiro. Calçou as ruas Bolchaia e Dvorianskaia, deu início à fabricação de cerveja e de mel, introduziu o uso da mostarda e da folha de louro, coletou atrasados, patrocinou as ciências e intercedeu a favor da abertura de uma academia em Tolóvia. Escreveu a obra “Descrição da vida dos macacos mais notáveis”. Sendo de compleição física forte, teve sucessivamente oito amantes. A sua esposa, Lukéria Teriéntievna, extremamente condescendente, muito contribuiu para o brilho deste governo. O marido morreu em 1770, de morte natural.

10) Marquês de Sanglot, Anton Protássievitch. Procedente da França e amigo de Diderot. Distinguia-se pela levandade e gostava de entoar canções obscenas. Voava no ar pelo parque municipal e quase voou para sempre não fossem as abas de sua casaca terem se enganchado na flecha do campanário, de onde o retiraram com descomunal dificuldade. Por causa desse passatempo, foi destituído em 1772, mas, já no ano seguinte, sem perder o ânimo, fez uma apresentação nas Águas Minerais de Izler^{106 107}.

11) Ferdýschenko, Piotr Petróvitch. Brigadeiro. Ex-ordenança do príncipe Potiómkin. De inteligência não muito ampla, tinha a língua presa. Descuidou-se dos atrasados, gostava de comer pernil assado e ganso com repolho. Na época de sua governança, a cidade passou fome e foi vítima de um incêndio. Morreu empanturrado em 1779.

12) Verrugóvkin, Vassilisk Semiónovitch. Essa governança foi a mais duradoura e também a mais brilhante. Comandou campanhas contra contribuintes em atraso e assim esturricou trinta e três aldeias; por meio dessas medidas, arrecadou dois rublos e cinquenta copeques de tributos atrasados. Introduziu o jogo *lamuch*¹⁰⁸ e o azeite; calçou a praça do mercado e encheu de betulazinhas a rua que levava às

¹⁰⁴ N. da T.: Região da Alemanha. Referência ao ramo Hostein-Gottorp da família russa Románov.

¹⁰⁵ N. da E. *Brusdaty* [brudasty]. Raça de cães de caça russos, caracterizada pelo caráter irritadiço e perverso.

¹⁰⁶ Aqui há um erro óbvio. *O editor*

¹⁰⁷ N. da V. E.: Menção ao clube e restaurante “Estabelecimento de Águas Minerais Artificiais”, aberto por I. I. Izler nos arredores de São Petersburgo em 1834. O escritor Aleksandr Púchkin e a sua esposa frequentaram alguns bailes realizados ali em 185-36.

¹⁰⁸ N. da E.: Jogo de cartas em moda na Rússia no início do século XIX.

repartições públicas; apresentou um outro requerimento para a abertura de uma academia em Tolóvia, mas, tendo o pedido indeferido, construiu uma cela provisória¹⁰⁹. Foi executado em 1798, a mando do chefe de polícia.

13) Patiféiv, Onúfri Ivánovitch. Ex-foguista da cidade de Gátchina¹¹⁰. Descalçou as ruas pavimentadas por seus antecessores e, com as pedras obtidas, erigiu monumentos. Foi substituído em 1802 por discordâncias com Novossíltsev, Tchartorýiski e Strógonovy (famoso triunvirato da época) sobre constituições; os acontecimentos subsequentes o absolveram.

14) Mikaládze¹¹¹, príncipe Ksavierii Gueórguevitch. Cossaco, descendente da voluptuosa rainha Tamara. Tinha aparência sedutora e era tão apaixonado pelo sexo feminino que praticamente dobrou a população de Tolóvia. Deixou um manual bem útil sobre esse tema. Morreu em 1814 de esgotamento das forças.

15) Benevólenski, Feofilakt Irinárkhovitch. Conselheiro estatal, colega de Speránski no seminário. Era sábio e demonstrou inclinação para a legislatura. Prenunciou os julgamentos públicos e o *ziémstvo*¹¹². Tinha uma relacionamento amoroso com Raspópova, esposa de um comerciante, e, na casa dela, aos sábados, comia pastelões recheados. No tempo livre, compunha prédicas para os popes municipais e traduziu do latim as obras de Fomá Kiémpiski¹¹³. Recolocou em uso, por sua utilidade, a mostarda, a folha de louro e o azeite. Foi o primeiro a impor um imposto sobre o comércio, do qual recebia três mil rublos ao ano. Em 1811, por favorecer Bonaparte, foi chamado à responsabilidade e mandado ao cárcere.

16) Prysch, major Iván Panteléitch. Verificou-se que ele tinha uma cabeça com recheio, fato descoberto pelo decano da nobreza.

17) Ivanóv, conselheiro estatal Nikodim Óssipovitch. Era de tão baixa estatura, que não conseguia intervir em leis amplas. Morreu de esforço, em 1819, tentando alcançar um decreto do senado.

18) Du Chariot, visconde Angel Doroféievitch. Proveniente da França. Gostava de vestir trajes femininos e lambiscava rãs. Sob investigação, revelou-se uma donzela. Em 1821, foi deportado para o estrangeiro.

¹⁰⁹ N.da E.: Aposento especial, junto à polícia, no qual por ordem da administração aplicavam-se castigos corporais.

¹¹⁰ N. da T.: Referência ao czar Pável I (1754-1801), que nasceu em Gátchina. Ele reinou na Rússia de 1796 a 1801.

¹¹¹ N. da T.: Pela forma, nome tipicamente georgiano.

¹¹² N. da T.: Administração local em 1864-1918, eleita pelas classes abastadas da Rússia.

¹¹³ N. da T.: Thomas a Kempis na tradução de Susan Brownsberg para o inglês.

20) Tristílov¹¹⁴, Erast Andréievitch. Conselheiro estatal. Amigo de Karamzin. Distinguiu-se pela meiguice e sensibilidade da alma, gostava de tomar chá no bosquezinho local e não conseguia ouvir o canto de acasalamento dos tetrazes sem derramar lágrimas. Deixou algumas obras de conteúdo idílico e morreu de melancolia em 1825. Subiu o imposto das concessões comerciais até cinco mil rublos ao ano.

21) Bravium-Rabujeiv¹¹⁵, ex-velhaco¹¹⁶. Destruiu a cidade antiga e construiu uma nova em outro lugar.

22) Pega-Valentski, Arquistratig Stratilátovitch, major. Acerca desse, silêncio. Entrou em Tolóvia sobre um cavalo branco, incendiou o ginásio e suprimiu as ciências.

¹¹⁴ N. da T.: *Грустилов* [grustilov] – *грустный* [grústny], triste, + *ов* [ov], terminação típica de sobrenomes russos.

¹¹⁵ N. da T.: *Угрюмый* [ugriúmy], carrancudo, sombrio, soturno, macambúzio, + *бурчать* [burtchat], resmungar.

¹¹⁶ N. da E.: [*Прохвост* (prokhvost)]. Velhaco, biltre. Entretanto, na caracterização de Bravium-Rabujiev, o escritor tem em vista também um significado antigo dessa palavra, corruptela de *профос* [profos], do alemão *profoss* – carcereiro, carrasco ou soldado responsável por retirar das celas os baldes com excrementos.

Quadros do desenho animado *História de uma cidade* (direção de Valentin Karavaev. URSS: Estúdio Soiuzmultfilm, 1991. 16 min.).

Em agosto de 1762, houve na cidade de Tolóvia uma movimentação incomum por causa da chegada de um novo governante, Demiénti Varlámovitch Brudásty. Os habitantes rejubilaram-se: nem tinham visto ainda o governante recém-indicado e já contavam anedotas sobre ele, chamavam-lhe “bonitão” e “sabichão”. Parabenizavam-se com alegria, beijavam-se, vertiam lágrimas, entravam em tabernas, saíam delas, entravam de novo. Nesse arroubo de entusiasmo, lembraram-se até das antigas ousadias tolenses. Os melhores cidadãos reuniram-se em frente ao campanário da catedral e, formando uma assembléia popular, abalavam o ar com as exclamações: “Nosso paizinho! Nosso bonito! Nosso sabichão!”

Apareceram até sonhadores perigosos. Guiados nem tanto pela razão quanto pelos movimentos de um nobre coração, garantiam que, com o novo governante, floresceria o comércio, e que, sob a vigilância dos policiais de quartirão¹¹⁹, despontariam as ciências e as artes. Não se furtaram nem a comparações. Lembraram o governante antigo, que acabara de deixar a cidade, e concluíram que, embora fosse ele também bonito e sabichão, ainda assim, ao novo dirigente devia ser dada preferência pelo simples fato de que ele era o novo. Em resumo, nesse caso, assim como em outros semelhantes, manifestaram-se inteiramente tanto o habitual entusiasmo tolense quanto a habitual desponderação tolense.

Enquanto isso, o novo governante revelou-se calado e carrancudo. Ele chegara a Tolóvia numa carreira só, como se costuma dizer: num pulo (a época era tal, que não se podia perder nem um minuto), e mal irrompera nos limites da pastagem municipal, ali mesmo, na fronteira, já açoitara um montão de cocheiros. Porém, nem mesmo essa circunstância esfriou o entusiasmo dos habitantes, porque as mentes ainda estavam repletas de lembranças das recentes vitórias sobre os turcos, e todos esperavam que o novo governante, pela segunda vez, tomasse de assalto a fortaleza de Khotin¹²⁰.

¹¹⁷ N. da T.: Capítulo publicado na revista *Anais da Pátria* em 12 de janeiro de 1869 (p. 287-301).

¹¹⁸ N. do A.: No “Breve rol”, figura sob o número 8. O editor julgou adequado não seguir rigorosamente a ordem cronológica na apresentação do conteúdo dos “Anais” ao público. Além disso, ele achou melhor apresentar aqui apenas as biografias dos governantes mais notáveis, uma vez que governantes não tão notáveis encontram-se suficientemente caracterizados no esboço precedente – “Breve rol” – *O editor*.

¹¹⁹ N. da E.: *Квартальный надзиратель* [kvartalnyi nadziratel]. Oficial de polícia, responsável pela “ordem das coisas” nos bairros da cidade.

¹²⁰ N. da E.: Fortaleza turca às margens do Dniéster. Nos séculos XVII-XVIII capitulou mais de uma vez diante dos exércitos russos e poloneses. Foi finalmente anexada à Rússia em 1807. [Hoje faz parte da Ucrânia.]

Em breve, no entanto, os habitantes convenceram-se de que os seus júbilos e esperanças tinham sido, no mínimo, precipitados e exagerados. Realizava-se a recepção habitual, e, então, pela primeira vez na vida, aconteceu aos tolenses experimentar na prática as amargas provações que pode suportar o mais obstinado amor ao governante. Tudo nessa recepção aconteceu de modo um tanto enigmático. O governante, completamente mudo, percorreu as fileiras de arquifuncionários¹²¹, lançou-lhes um olhar faiscante, disse: “Não suportarei!” e escondeu-se no gabinete. Os funcionários pasmaram; a exemplo deles, pasmaram também os habitantes.

Apesar de sua invencível firmeza, os tolenses são um povo delicado e extremamente amimalhado. Gostam de que, no rosto do governante, brinque um sorriso acolhedor, que de seus lábios, de tempos em tempos, saiam gracejos amáveis e ficam perplexos quando esses lábios apenas bufam ou produzem sons enigmáticos. O governante pode realizar todo tipo de empreendimento, ele pode até não realizar empreendimento nenhum, mas, se ele, nesse caso, nem prosear um pouco, então o seu nome nunca terá popularidade. Houve governantes verdadeiramente sábios, desses aos quais não eram estranhos nem sequer pensamentos sobre a instalação de uma academia em Tolóvia (foi desse tipo, por exemplo, o conselheiro estatal Galántov, que figura no “rol” sob o número 9), entretanto, como não chamavam os tolenses nem de “amiguinhos” nem de “queridinhos”, então os seus nomes caíram no esquecimento. Ao contrário disso, houve outros que, embora não fossem muito tolos – desses não havia –, faziam coisas medianas, ou seja, açoitavam e cobravam impostos, porém, como além disso sempre repetiam alguma coisa amável, então os seus nomes não apenas foram inscritos nas tábuas, como até serviram de objeto das mais variadas lendas orais.

Assim aconteceu também no presente caso. Por mais que o coração dos habitantes se tivesse inflamado por causa da chegada do novo governante, a recepção, entretanto, esfriou-os de modo significativo.

– Mas o que é isso! Só bufou e mostrou a nuca! Acha por acaso que nunca vimos uma nuca! Você deve falar conosco do fundo da alma! Com carinho, com carinho! Uma ameaça aqui, outra ameaça ali, depois o perdão! – Assim diziam os tolenses e, com lágrimas, lembravam como tinham sido os governantes anteriores, todos acolhedores, e também bondosos, e também belíssimos – e o tempo todo de uniforme! Lembraram-se até de Lamvrokákis, o grego foragido, (no “rol”, sob o número 5), lembraram como, em

¹²¹ N. da T.: *Apxucmpamuz* [arkhistratig]. Comandante-chefe na Grécia Antiga; em grego, epíteto do arcanjo Miguel.

1756, chegou o brigadeiro Baklan (no “rol”, sob o número 6) e como ele tinha sido perfeito já na primeira recepção à vista dos habitantes.

– Investida – dissera ele – e, além disso, rapidez, indulgência, e além disso severidade. E além disso sensata firmeza. Eis, prezados senhores, o objetivo, ou mais exatamente, os cinco objetivos que eu, com a ajuda de Deus, espero alcançar por meio de alguns empreendimentos administrativos que consistem na essência ou, melhor dizendo, no núcleo do plano de campanha por mim idealizado!

E como ele, depois, girando agilmente sobre um salto só, dirigiu-se à autoridade municipal e ajuntou:

– E nos feriados comeremos bolinhos em sua casa!

– Aí está, senhor, como verdadeiros governantes apresentavam-se! – suspiravam os tolenses – mas este! bufou uma besteira qualquer e pronto!

Infelizmente, os acontecimentos seguintes não apenas justificaram a opinião geral dos moradores, mas, inclusive, superaram os receios mais ousados. O novo governante trancava-se no gabinete, não comia, não bebia e o tempo todo raspava alguma coisa com a pena. De tempos em tempos, entrava correndo na sala, atirava um montão de folhas rabiscadas ao secretário, pronunciava: “Não suportarei!” – e de novo se trancava no gabinete. De repente uma inaudita atividade começou a ferver em todos os cantos da cidade; comissários de polícia puseram-se a galopar; inspetores de bairro puseram-se a galopar; assessores puseram-se a galopar; os guarda-cancelas¹²² esqueceram o que significava comer direito e, a partir de então, adquiriram o hábito nefasto de engolir tudo às pressas. Capturavam e prendiam, açoitavam e surravam, regitavam e vendiam... Enquanto isso, o governante o tempo todo ficava sentado, raspando novas e novas coerções... Ouviam-se zum-zuns e estalidos de um extremo a outra da cidade, e sobre todo esse vozerio, sobre toda essa balbúrdia, como grasnar de uma ave de rapina, reinava o sinistro: “Não suportarei!”

Os tolenses ficaram apavorados. Lembraram o açoite geral aos cocheiros e, de repente, todos tiveram um estalo: mas e se ele daquela maneira vergastar a cidade toda? Depois começaram a especular que sentido devia ser dado à expressão: “não suportarei!” – no final, recorreram à história de Tolóvia, começaram a buscar nela

¹²² N. da E.: *Будочник* [budotchnik]. Policial de baixo escalão, cuja obrigação básica consistia, nas palavras de G. I. Uspenski, “arrastar” e “não largar”; a propósito ele “arrastava justamente para aquele lugar aonde ninguém queria ir parar”.

exemplos de redentora severidade governamental, encontraram uma variedade estupenda, mas, de qualquer modo, não conseguiram encontrar nada apropriado.

– Ele podia era explicar esse negócio, quanto cada um deve dar. – discutiam entre si os moradores, desconcertados – Em vez disso, só rabisca!

Tolóvia, a despreocupada, bondosa e alegre Tolóvia, esmorecia. Não havia mais as animadas assembléias populares fora dos portões das casas, os estalos de sementes de girassol emudeceram, acabou-se a brincadeira com ossinhos¹²³. As ruas esvaziaram-se, nas praças começaram a aparecer aves de rapina. As pessoas deixavam as suas casas apenas por necessidade e, depois de mostrar por um instante o rosto assustado e exausto, escondiam-se de imediato. Algo semelhante tinha ocorrido, segundo os moradores antigos, na época do reizinho¹²⁴ de Túchino¹²⁵ e também nos tempos de Biron, quando a moça-dama Tanka, a Bexigosa, por pouco, muito pouco, não submeteu a cidade inteira à execução. Mas, até nessa época, tinha sido melhor: pelo menos, entendiam alguma coisa, mas agora apenas sentiam pavor, um vago e sinistro pavor.

Era particularmente penoso olhar a cidade tarde da noite. Nesse momento, Tolóvia, que sem isso já era pouco animada, expirava de todo. Na rua, reinavam cães famintos, mas esses nem latiam; em majestosa ordem, entregavam-se à mimalhice e ao desmazelo dos caracteres; densas trevas envolviam as ruas e as casas, e, apenas em um dos cômodos da residência do governante, tremulava, bem depois da meia-noite, uma luz sinistra. O habitante que despertava podia ver o governante arqueado, sentado à escrivaninha, todo o tempo rabiscando alguma coisa com a pena... E, de repente, ele se aproximava da janela, gritava “não suportarei!” e de novo sentava-se à mesa, e de novo rabiscava...

Começaram a correr boatos hediondos. Diziam que o novo governante nem era realmente um governante, mas sim um lobisomem, enviado a Tolóvia por leviandade; que, à noite, na forma de vampiro insaciável, ele pairava sobre a cidade e sugava o sangue dos habitantes adormecidos. É lógico que tudo isso se contava e transmitia de um a outro em sussurros, embora pudessem ser encontrados também uns valentões que propunham que todos, sem exceção, caíssem de joelhos e pedissem perdão, mas

¹²³ N. da T: *Игра в бабки* [Igrá v bábki] – brincadeira muito comum já nos séculos VI a VIII, que se conservou como um dos passatempos preferidos pelos russos. Para esse jogo, são especialmente preparados ossos dos membros inferiores de vacas, porcos e ovelhas. Em geral, participam dois a dez jogadores em uma área de 30 a 70 metros. Cada jogador tem o seu “batedor” e três a dez ossinhos. Como “batedor”, costuma-se usar o maior osso, com enchimento de chumbo ou estanho.

¹²⁴ N. da T.: *Царика* [tsariká] – termo depreciativo, para indicar o monarca de um país insignificante.

¹²⁵ N. da E.: Ou seja, na época do impostor Falso Dmitri II, que instalou a sua “residência czarista” no povoado de Túchino, a noroeste de Moscou, e de lá iniciou ataques a cidades e povoados vizinhos.

também esses eram tomados por reflexões. E se fosse preciso exatamente isso? E se fosse necessário que Tolóvia, por conta do seu pecado, tivesse justo esse e não outro governante? Essas considerações mostravam-se tão razoáveis, que aqueles valentões não só renunciavam às suas propostas, como também começavam a acusar um ao outro de perturbação da ordem e incitação à desordem.

De repente, todos ficaram sabendo que o governante era visitado secretamente pelo artífice Marmótov¹²⁶, especialista em relógios e órgãos. Testemunhas confiáveis diziam que, certa vez, às três da madrugada, tinham visto Marmótov, muito pálido e assustado, sair da casa do governante, levando, com cuidado, alguma coisa enrolada em um guardanapo. E o mais impressionante de tudo era que, naquela noite memorável, nenhum dos habitantes não apenas não fora acordado pelo grito “Não suportarei!”, como o próprio governante, pelo visto, interrompera temporariamente a análise crítica dos registros dos impostos atrasados¹²⁷ e caíra no sono.¹²⁸

Surgiu uma pergunta: para que o governante precisava de Marmótov, que, além de beber feito uma esponja, ainda era um flagrante adúltero? Tiveram início ardis e missões secretas com o objetivo de desvendar o segredo, mas Marmótov permaneceu mudo como um peixe e, diante de todas as exortações, limitava-se a tremer o corpo inteiro. Tentaram embebedá-lo, porém ele, sem ter recusado a vodca, só transpirou, mas não entregou o segredo. Os meninos que aprendiam o ofício com ele podiam informar uma coisa: que, realmente, certa vez, à noite, tinha aparecido um soldado da polícia, que levava o dono da casa, e este, tendo voltado uma hora depois, com uma trouxinha, trancara-se na oficina e, a partir daí, mergulhara em tristeza.

Não conseguiram saber mais nada. Enquanto isso, os encontros secretos do governante com Marmótov fizeram-se mais frequentes. Com o passar do tempo, Marmótov não apenas deixou de ficar triste como se tornou tão ousado, que começou a ameaçar a autoridade municipal de alistá-lo no serviço militar como soldado caso ele não lhe desse todos os dias dinheiro para um quartilho de vodca. Marmótov mandou

¹²⁶ N. da T.: *Баїбаков* [baibakov] – de *баїбак* [baibak], marmota (o animal) e também ocioso, preguiçoso.

¹²⁷ N. da E.: Obviamente, trata-se da proposta de criação de um novo sistema de descrição, avaliação e venda dos bens imóveis dos camponeses para pagamento de impostos atrasados, apresentada em 1864 à “Comissão de revisão do sistema de tributos e receitas”.

¹²⁸ Evidente anacronismo. Em 1762, não havia registros de impostos atrasados; simplesmente cobravam o dinheiro devido. Portanto, não havia análise crítica dos devedores. Aliás, isso deve ser não um anacronismo, mas perspicácia, revelada pelo cronista em tão elevado grau que não se revela inteiramente ao leitor. Assim, por exemplo (veremos mais adiante), ele previu a invenção do telégrafo elétrico e, inclusive, o estabelecimento de governos nas províncias. *O editor*.

fazer roupas novas e vangloriava-se de que, dentro de alguns dias, abriria uma loja em Tolóvia, que deixaria até Winterhalter¹²⁹ de queixo caído.

Depois de todos esses boatos e mexericos, de repente, como que caiu do céu uma notificação, convidando os mais notáveis representantes da *intelligentsia* de Tolóvia, em tais dia e hora, a se apresentarem ao governante para repreensão. Os notáveis perturbaram-se, mas começaram a preparar-se.

Era um maravilhoso dia de primavera. A natureza rejubilava-se; pardais chilreavam; cães ganiam alegremente e balançavam os rabos. Os habitantes, segurando saquinhos de linhagem debaixo dos braços, apertavam-se no pátio da casa do governante e, trêmulos, esperavam o terrível julgamento. Finalmente, o momento esperado chegara.

Ele saiu, e no rosto dele, pela primeira vez, os tolenses viram aquele sorriso receptivo, de que sentiam saudades. Parecia que os benfazejos raios do sol tinham agido também sobre ele (pelo menos, depois, muitos habitantes afirmaram ter visto, com os próprios olhos, como tremulavam as abinhas do seu casaco). Ele passou por todos os habitantes, em ordem, e, apesar de calado, recebeu deles com benevolência tudo o que se deve. Depois de terminar essa tarefa, afastou-se um pouco na direção do terraço e abriu a boca... E, de repente, alguma coisa no seu interior pôs-se a chiar e a zumbir, e, quanto mais se prolongava esse chiado misterioso, mais e mais forte reviravam-se e cintilavam os seus olhos. “S...s...arei!” – finalmente se desprende de seus lábios... Com esse som, os seus olhos cintilaram pela última vez, e ele se enfiou porta adentro na maior pressa.

Ao lermos nos “Anais” a descrição de uma ocorrência tão inaudita, nós, testemunhas e participantes de outros tempos e outros acontecimentos, obviamente, podemos muito bem tratá-la a sangue-frio. Porém, transportemos o nosso pensamento para cem anos atrás, coloquemo-nos no lugar de nossos arquigloriosos antepassados e facilmente compreenderemos o horror que deve ter-se apoderado deles diante da visão daqueles olhos girantes e daquela boca escancarada, da qual nada saía além de um chiado e de um som disparatado, que não parecia nem sequer com a badalada de um relógio. Mas a benignidade de nossos antepassados resumia-se exatamente ao fato de que, por mais que o espetáculo recém-descrito os tivesse abalado, eles não se deixaram

¹²⁹ N. da E.: Em 1762, ainda não existia a famosa relojoaria e oficina de órgãos de Winterhalter; ela foi aberta em São Petersburgo, em 1806.

arrebataram por ideias revolucionárias¹³⁰, tão em moda naquela época, mas permaneceram fieis no amor ao governante e permitiram-se só condoer-se de seu governante mais do que estranho e censurá-lo um pouquinho.

– Mas de onde é que saiu um velhaco desses! – diziam os habitantes, assombrados, interrogando-se uns aos outros e sem dar à palavra “velhaco” nenhum significado especial.

– Vejam só, irmãos! Como se fosse o caso... de responder por ele, por esse velhaco! – acrescentavam outros.

E, apesar de tudo isso, foram todos para as suas casas e entregaram-se a suas tarefas habituais.

E teria o nosso Brudastyi permanecido por muitos anos como pastor nesse jardim e teria ele alegrado os corações das autoridades com a sua habilidade administrativa, e os habitantes não teriam percebido em sua existência nada de incomum, se uma circunstância inteiramente casual (uma simples falha) não tivesse interrompido as suas atividades em pleno auge.

Pouco depois da recepção descrita anteriormente, o secretário de governo, ao entrar pela manhã no gabinete oficial com um informe, viu este espetáculo: o corpo governamental uniformizado estava sentado à escrivaninha, e diante dele, sobre o monte de registros de impostos atrasados, na qualidade de um faceiro peso de papéis, estava a cabeça governamental completamente vazia... O secretário saiu correndo, tão apavorado, que batia os dentes.

Correram em busca do assessor do governante e do chefe dos inspetores de quartirão. O primeiro, antes de mais nada, partiu para cima do segundo, acusando-o de negligência e descarada violência, mas o inspetor justificou-se. Não sem fundamento, garantiu que a cabeça só podia ter sido esvaziada não de outro modo, senão com a concordância do próprio governante e que, nesse negócio, tinha tomado parte alguém sem dúvida pertencente à corporação de artífices, uma vez que, sobre a mesa, entre as provas materiais, encontravam-se: um formão, uma broquinha e uma lima inglesa. Convocaram o médico-chefe da cidade para uma deliberação e apresentaram-lhe três perguntas: 1) poderia a cabeça governamental desprender-se do tronco governamental sem derramamento de sangue?; 2) poderíamos admitir a possibilidade de o governante ter retirado e esvaziado a própria cabeça?; e 3) seria possível supor que a cabeça

¹³⁰ N. da E.: Evidentemente, as idéias dos iluministas franceses, reunidos em torno da publicação da famosa “Enciclopédia” (1751-1780).

governamental, uma vez suprimida, poderia, posteriormente, crescer de novo, com ajuda de algum processo desconhecido? O esculápio pôs-se a pensar, murmurou algo sobre uma tal “substância governamental”, que, pretensamente, se desprenderia do corpo governamental, mas depois, percebendo que estava embrulhando-se, absteve-se de uma resposta direta às perguntas, manifestando a opinião de que o mistério da estrutura do organismo dos governantes ainda não havia sido suficientemente investigado pela ciência.¹³¹

Depois de ouvir essa resposta reticente, o assessor de governo viu-se em um beco sem saída. Restava-lhe uma dessas duas possibilidades: reportar imediatamente o acontecido aos superiores, e, enquanto isso, iniciar uma investigação própria, ou calar-se por algum tempo e esperar pelo que viesse. Em vista dessas dificuldades, ele escolheu o caminho do meio, ou seja, iniciou o inquérito e, ao mesmo tempo, ordenou a todos e a cada um manter sobre a matéria o mais profundo segredo, para não inquietar o povo e não provocar nele sonhos irrealizáveis.

Entretanto, por mais rigorosamente que os guarda-fronteiras protegessem o segredo a eles confiado, a notícia inaudita da supressão da cabeça do governante, em poucos minutos, correu toda a cidade. Entre os habitantes, muitos choraram porque se sentiam órfãos e, além disso, temiam ser responsabilizados por terem obedecido às ordens de um governante, sobre cujos ombros, em lugar de cabeça, havia um recipiente vazio. Diferentemente, outros, embora também chorassem, afirmavam que, pela obediência, aguardava-lhes não um castigo, mas um elogio.

No clube, à noite, todos os membros estavam presentes. Alarmavam-se, discutiam, lembravam diversas circunstâncias e descobriam fatos de caráter bastante suspeito. Assim, por exemplo, o assessor Comentariónov contou que, certa vez, entrara de surpresa no gabinete do governante por conta de um assunto de suma importância e pegara-o brincando com a própria cabeça, que, a propósito, o governante logo se apressou a ajeitar no devido lugar. Naquela época, o assessor não deu ao fato a devida atenção e até o considerou como uma brincadeira da imaginação, mas agora estava claro que o governante, com o objetivo de se aliviar, de tempos em tempos, retirava a própria cabeça e, no lugar dela, colocava um solidéu, exatamente como o arcepreste da catedral, encontrando-se no círculo doméstico, retira o barrete e coloca um gorro. Outro assessor,

¹³¹ Hoje já está comprovado que, em geral, o corpo de todos os governantes estão submetidos às mesmas leis fisiológicas de qualquer outro corpo humano, mas não convém esquecer que, em 1762, a ciência encontrava-se na sua primeira infância. *O editor*

o Meniniétsev, lembrou que, certa vez, passando em frente à oficina do relojoeiro Marmóto, viu por uma das janelas a cabeça do governante, cercada de instrumentos de serralheria e marcenaria. Mas não deixaram Meniniétsev terminar, porque a menção a Marmóto fez com que todos se lembrassem do seu estranho comportamento e das misteriosas visitas noturnas do governante a sua casa...

Apesar de tudo, dessas histórias não saiu nenhum resultado claro. O público começou, inclusive, a se inclinar a favor da ideia de que toda essa história não era nada mais do que invenção de gente à toa, mas, depois, lembrando-se dos agitadores londrinos^{132 133} e passando de um silogismo a outro, concluiu que a traição tinha construído o seu ninho no seio de Tolóvia. Então todos os membros alarmaram-se, fizeram barulho e, tendo convidado o zelador da escola pública, apresentaram-lhe uma pergunta: houvera na história algum exemplo de pessoas que dessem ordens, travassem guerras e assinassem tratados, tendo sobre os ombros um recipiente esvaziado? O zelador pensou um minuto e respondeu que, na história, muita coisa estava envolta em trevas; entretanto, tinha havido um certo Carlos, o Simples,¹³⁴ que possuía sobre os ombros um recipiente que, embora não esvaziado, era como se estivesse vazio, e ainda assim ele travara guerras e assinara tratados. Enquanto corriam esses boatos, o assessor de governo não dormiu no ponto. Lembrou-se também de Marmóto e, sem demora, arrastou-o a um interrogatório. Por algum tempo, Marmóto fechou-se, não respondeu nada além de “saber não sei e ver não vejo”, mas, quando lhe apresentaram as provas materiais encontradas sobre a mesa e, principalmente, prometeram-lhe uma moeda de cinquenta copeques para a vodca, então ele se fez entender e, sendo alfabetizado, deu o seguinte testemunho:

– O meu nome é Vassíli, filho de Ivan, de apelido Marmóto. Sou da corporação tolense de artífices; não frequento a confissão nem a santa comunhão, pois pertenço à seita dos *farmazom*¹³⁵ e sou sacerdote dessa mencionada seita. Fui processado por

¹³² Até isso o “Cronista” previu. *O editor*.

¹³³ N. da E.: Ou seja, A. I. Guiértsen [Aleksandr Ivánovitch, 1812-1870, escritor e revolucionário] e N. P. Ogariov [Nikolai Platónovitch, 1813-1877, poeta, publicista e revolucionário], que publicavam em Londres “O Campanário” e “A Estrela Polar”. Em 1870, o jornal “A semana”, de São Petersburgo, publicou sobre o significado do termo *agitador*, “entende-se um homem comum, tomado pelos mais extremos ideais revolucionários e considerado inimigo da tranquilidade social. Basta chamar alguém de agitador para que a opinião geral se indisponha contra ele”. (“A semana”, 1870, 2 de janeiro, n. 1)

¹³⁴ N. da T.: Carlos III (879-929), rei francês que recebeu esse epíteto por causa de sucessivas derrotas militares.

¹³⁵ N. da T.: Фармазон [farmazon]. Niílista, livre-pensador. Corruptela da palavra *франкмасон* [frankmason], francomaçom. Houve época em que a francomaçonomia foi proibida na Rússia, e os francomaçons eram considerados agitadores, provocadores de revoltas.

concubinato fora do casamento com a moça suburbana Matrionka e declarado pelo tribunal um flagrante adúltero, título que carregou comigo até hoje. No ano passado, no inverno – não me lembro o dia nem o mês –, tendo sido acordado de madrugada, eu me dirigi, escoltado por um funcionário¹³⁶ da polícia, à residência de nosso governante, Demiénti Varlámovitch, e, ao chegar, encontrei-o sentado, oscilando a cabeça cadenciadamente, ora para um lado, ora para o outro. Desfalecido de pavor e, além disso, sobrecarregado de bebidas alcoólicas, fiquei mudo, parado à soleira da porta, quando, de repente, o senhor governante acenou com a mão, chamando-me, e deu-me um papelzinho. No papelzinho, eu li: “Não se espante e conserte o estragado”. Depois disso, o senhor governante tirou a própria cabeça e entregou-a a mim. Examinando de perto a caixa colocada à minha frente, descobri que ela encerrava, em um canto, um pequeno órgãozinho, capaz de executar algumas peças musicais simples. Eram duas essas peças: “Arrasarei” e “Não suportarei”. No entanto, uma vez que, pelo caminho, a cabeça tinha tomado sereno, então, no cilindro, alguns cravelhos desconjuntaram-se e outros soltaram-se completamente. Por causa disso, o senhor governante não podia falar com clareza ou então falava com omissão de letras e sílabas. Tendo notado em mim o desejo de consertar esse defeito e tendo recebido a esse respeito a concordância do senhor governante, eu, com o devido desvelo, embrulhei a cabeça em um guardanapo e fui para casa. Porém, nesse caso, vi que em vão tinha depositado esperanças em meu próprio esforço, pois, por mais que tentasse fixar os cravelhos soltos, tão pouco êxito conseguia em meu empreendimento, que, com qualquer descuido ou resfriamento, os cravelhos de novo rolavam fora e, nos últimos tempos, o senhor governante podia pronunciar apenas: ...a-arei! Nessa situação difícil, pretendiam fazer de mim um infeliz pelo resto da vida, mas eu me desviei desse golpe, propondo ao senhor governante procurar, em São Petersburgo, a ajuda de Winterhalter, mestre no negócio de relógios e órgãos, e foi isso precisamente o que fizeram. Desde então passou bastante tempo, no decorrer do qual, eu, semanalmente, examinava a cabeça do governante e espanava dela os ciscos, atividade em que me encontrava naquela manhã, em que sua excelência, por uma falha minha, confiscou o instrumento que a mim pertencia. Mas, por que a nova cabeça encomendada ao senhor Winterhalter até agora não chegou, isso não se sabe. Suponho, aliás, que por causa das cheias dos rios, nessa época atual da primavera, a cabeça até hoje se encontre por aí, em inatividade. À indagação de sua

¹³⁶ N. da T.: Десятский [deciatskii]. Na Rússia pré-revolucionária, funcionário público escolhido entre os camponeses (normalmente de cada dez propriedades).

excelência sobre, em primeiro lugar, se eu posso, no caso da remessa de uma nova cabeça, consertar aquela, e, em segundo lugar, se aquela cabeça consertada funcionaria corretamente, eu tenho a honra de responder: consertar eu posso e funcionar ela vai, porém não terá pensamentos próprios. Ao que foi declarado, o flagrante adúltero Vassíli Ivanov Marmótov põe a sua firma.”

Depois de ouvir o testemunho de Marmótov, o assessor de governo refletiu que, se certa vez tinha sido permitido em Tolóvia um prefeito que, em lugar da cabeça, tinha uma simples embalagem, então pelo visto assim devia ser. Por isso, resolveu esperar, mas, ao mesmo tempo, enviou um incisivo telegrama^{137 138} a Winterhalter e, trancando o corpo do governante à chave, dirigiu toda a sua atividade à opinião pública.

Todas as artimanhas, porém, mostraram-se inúteis. Depois disso, passaram-se ainda dois dias; finalmente, chegou o correio de Petersburgo havia muito esperado; mas não trouxe cabeça nenhuma.

Teve início uma anarquia, ou seja, falta de comando. As repartições públicas esvaziaram-se; os impostos atrasados acumularam-se em tal quantidade, que o tesoureiro local, depois de dar uma olhada no caixa do tesouro público, escancarou tanto a boca que ficou de boca escancarada para o resto da vida; os guardas de quartelão entregaram-se à insubordinação e cruzaram os braços descaradamente; os feriados acabaram¹³⁹. E, como se isso não bastasse, tiveram início assassinatos, e, na própria pastagem da cidade, foi encontrado o tronco de um homem desconhecido, que, pelas abas do casaco, julgaram ser um militar imperial em campanha, mas, nem o comissário de polícia, nem os outros membros da corporação provincial, por mais que se esforçassem, não conseguiam encontrar a cabeça separada do tronco.

Às oito horas da noite, o assessor de governo recebeu pelo telégrafo a notícia de que a cabeça fora enviada havia muito, muito tempo. O assessor de governo ficou definitivamente perplexo.

Passou ainda mais um dia, e o corpo do governante continuava sentado no gabinete e até começava a estragar. O amor ao governante, temporariamente estremecido pelo estranho comportamento de Brudástyi, com passos tímidos, porém firmes, seguia em frente. As melhores pessoas dirigiam-se em procissão ao assessor de

¹³⁷ Impressionante! *O editor*.

¹³⁸ N. da E.: Na Rússia, o primeiro aparelho de telégrafo experimental é de 1836, ou seja, mais de 70 anos após a história de Brudástyi.

¹³⁹ N. da T.: *Официальные дни* [ofitsialnyi dni] – em uma das edições russas, explica-se que se chamavam “dias oficiais” ou “tabelados” os feriados oficiais comemorados na Rússia.

governo e exigiam, insistentemente, que ele mandasse fazer algo. O assessor de governo, vendo que os impostos atrasados acumulavam-se, a bebedeira prosperava, a justiça era banida dos tribunais e as resoluções não eram ratificavam, pediu a colaboração do oficial superior¹⁴⁰. Este último, como homem de compromisso, telegrafou sobre o acontecido ao comando e, também por telégrafo, recebeu a notícia de que ele, pelo relato absurdo, tinha sido destituído do cargo.¹⁴¹

Depois de ouvir isso, o assessor de governo foi para a repartição e pôs-se a chorar. Chegaram os assessores – e também se puseram a chorar; apareceu o advogado, e nem esse conseguia falar por causa das lágrimas.

Enquanto isso, Winterhalter tinha dito a verdade – a cabeça realmente ficara pronta e fora enviada no prazo. Porém, ele agiu sem reflexão, quando entregou a encomenda a um garoto do correio inteiramente incompetente em assuntos de órgãos. Em vez de manter o embrulho suspenso, com cuidado, o inexperiente mensageiro jogou-o no fundo da sege, e pôs-se a cochilar. Nessa posição, galopou por algumas estações e, de repente, sentiu que alguém mordida a barriga da sua perna; às pressas, desembulhou o pacote em que estava enrolada a carga misteriosa, e um estranho espetáculo apresentou-se, de repente, aos seus olhos. A cabeça escancarou a boca e passou os olhos ao redor; e isso não foi tudo, ela também pronunciou em voz alta e clara: “Arrasarei!”

O garoto simplesmente enlouqueceu de pavor. O seu primeiro movimento foi largar a carga falante na estrada; o segundo – descer da sege sem ser notado e esconder-se em umas moitas.

Talvez essa estranha ocorrência tivesse terminado com a cabeça largada algum tempo na estrada e, depois, esvaída por seges que passavam e, finalmente, levada para o campo como adubo, se o negócio não se complicasse pela interferência de um elemento a tal ponto fantástico, que os próprios tolenses, até eles, viram-se em um beco sem saída. Mas não vamos antecipar os fatos; vejamos o que estava acontecendo em Tolóvia.

Tolóvia entrou em ebulição. Sem ver o governante por alguns dias seguidos, os cidadãos inquietaram-se e, sem nenhum constrangimento, acusavam o assessor de

¹⁴⁰ N. da T.: *Штаб-Офицер* [chtab-ofitsier] – oficial superior. Em nota da edição russa, explica-se que, por “oficial superior”, entende-se o representante da polícia política na província, do seu órgão supremo, a III Seção.

¹⁴¹ Esse respeitável funcionário foi inocentado e, como veremos a seguir, teve participação ativa nos acontecimentos subsequentes em Tolóvia. *O editor*

governo e o chefe dos guardas de quartirão de dilapidar os bens do tesouro público. Pela cidade, *iuródvyie*¹⁴² vagavam sem punição e previam para o povo todos os tipos de desgraça. Um tal Michka Vozgriavyi afirmava ter tido uma visão em sonho, à noite, em que lhe aparecera um homem terrível envolto em nuvens de intenso brilho.

No final, os tolenses não aguentaram mais: comandados pelo nomeado¹⁴³ cidadão Pança-Nova, fizeram uma formação em quadrado¹⁴⁴ na frente das repartições públicas e exigiram que o assessor de governo fosse levado ao tribunal popular; caso contrário, ameaçavam despedaçar tanto o próprio quanto a sua casa.

Elementos antissociais vieram à tona com pavorosa rapidez. Voltaram a falar de impostores, de um tal Stepka, que comandando os excluídos¹⁴⁵, ainda no dia anterior, à vista de todos, dera cabo de duas esposas de comerciantes.

– Aonde você meteu o nosso paizinho? – começou a berrar a penca de gente encolerizada até o frenesi, quando o assessor de governo apresentou-se diante dela.

– Valente horda! Como é que eu vou pegá-lo pra vocês se ele está trancado a chave!

Assim, aquele funcionário, arrancado do torpor administrativo pelos acontecimentos e tomado de pavor, tentou convencer a multidão. Ao mesmo tempo, piscou secretamente para Marmótov, que, vendo esse sinal, desapareceu sem demora.

Mas a agitação não cessou.

– Está mentindo, vira-casaca! – respondeu a multidão – você tramou tudo de propósito com o guarda de quartirão para livrar-se do nosso paizinho!

E só Deus sabe como teria terminado essa confusão geral se nesse minuto não tivesse soado o toque de um sino e, logo depois dele, não tivesse se aproximado dos revoltosos uma sege, onde estava sentado o comissário de polícia e ao lado dele... o governante desaparecido!

¹⁴² N. da T.: Termo recorrente na literatura russa, refere-se à pessoa atoleimado, estranho, amalucada, porém considerada dotada divinamente do poder de prever o futuro. Como explica o tradutor Paulo Bezerra, no prefácio a *O idiota*, “o *iuród* tanto pode ser um indivíduo atoleimado, juridicamente irresponsável, como um mendigo e louco com dons proféticos. E note-se que Míchkin [o herói do romance de Dostoiévski] tem uma capacidade excepcional de penetrar na interioridade das pessoas e defini-las.” (*O idiota*. Ed. 34, 2002., p. 10).

¹⁴³ N. da E.: Излюбленный [izlúblennyi]. Escolhido para algum cargo público (termo do direito comum russo).

¹⁴⁴ N. da T.: *Kapè* [karié] – Até o final do século XIX, formação militar da infantaria, no formato quadrado, para rechazar ataques de todos os lados.

¹⁴⁵ N. da T.: *Вольницы* [volnitsy] – Na Rússia antiga, pessoas que se instalavam nas fronteiras do império russo, principalmente aqueles que fugiam das péssimas condições da vida de servo.

Ele usava um uniforme de tenente-capitão e tinha a cabeça toda emporcalhada de lama e amassada em vários lugares. Apesar disso, saltou agilmente da sege e coriscou a multidão com os olhos.

– Arrasarei! – trovejou ele com uma voz tão estrondosa, que todos se aquietaram no mesmo instante.

A agitação foi logo abafada; entre a multidão, há pouco tão terrivelmente uivante, instaurou-se tal silêncio, que era possível ouvir como zunia um pernilongo que voara do pântano vizinho para admirar “a confusão tolense disparatada e digna de riso”.

– Provocadores à frente! – comandou o governante, aumentando ainda mais a voz.

Começaram a selecionar provocadores entre os devedores de impostos e já tinham reunido mais de uma dezena, quando uma circunstância nova e absolutamente singular provocou outra reviravolta no caso.

Enquanto os tolenses, abatidos, cochichavam entre si, tentando lembrar quem é que tinha acumulado mais impostos atrasados, aproximou-se da multidão, imperceptivelmente, a carruagem governamental tão bem conhecida dos habitantes. Mal os habitantes olharam ao redor, dela saltou Marmótov e, em seguida, à vista de toda a multidão, surgiu um governante igualzinho àquele que, um minuto atrás, tinha sido trazido na telega pelo comissário de polícia! Os tolenses ficaram petrificados.

A cabeça desse outro governante era completamente nova e, além disso, estava coberta de verniz. A alguns cidadãos perspicazes pareceu estranho que a grande mancha de nascença, alguns dias atrás localizada na face direita do governante, tivesse ido parar agora na esquerda.

Os impostores encontraram-se e mediram-se de alto a baixo. A multidão se dispersou lenta e silenciosamente.¹⁴⁶

¹⁴⁶ O editor achou melhor terminar aqui a história verdadeira, embora o cronista tenha adicionado diversos esclarecimentos. Assim, por exemplo, ele diz que o primeiro governante estava usando aquela mesma cabeça jogada fora da sege pelo mensageiro de Winterhalter e colocada pelo capitão-*isprávník* no tronco do tenente-capitão desconhecido; já o segundo governante usava a cabeça antiga, consertada às pressas por Marmótov, por ordem do delegado [помощник городничего, *posmoschnik gorodnitchnego*] e preenchida, por engano, com uma ordem fora de uso em vez de música. Todos esses esclarecimentos, positivamente pueris, comprovam apenas sem sombra de dúvida que ambos os governantes eram impostores. *O editor*.

“Princesa Olga” (1885-1893), de Viktor Mikháilovitch Vasnetsov (1848-1926)

A saga das seis governantes¹⁴⁷

Quadro da guerra intestina dos tolenses

Como era de esperar, os estranhos acontecimentos ocorridos em Tolóvia não ficaram sem consequências.

Mal o poder dual nefasto conseguira lançar as suas raízes perniciosas quando, da província, chegou um enviado que pegou os dois impostores, colocou-os em recipientes separados completados com álcool, e de imediato levou-os para exame.

Mas esse ato de rigor administrativo, pelo visto natural e legal, quase se transformou em fonte de dificuldades ainda mais amargas do que aquelas ocorridas em função do surgimento incompreensível dos dois governantes idênticos.

Assim que o enviado desapareceu sem deixar vestígios, levando consigo os dois impostores, assim que os tolenses atentaram que tinham ficado sem governante nenhum, como amantes da autoridade movida pela força, de imediato caíram em anarquia.

“E quedaria essa urbe a partir dessa época nesse abismo mortal” – diz o cronista – “se não fosse arrebatada de lá, com firmeza e abnegação, por certo oficial superior originário da população local”.

A anarquia começou quando os tolenses reuniram-se em torno do campanário e jogaram lá de cima¹⁴⁸ dois cidadãos: Stieпка e Ivachka. Depois foram ao estabelecimento de moda da donzela francesa de San-Culote¹⁴⁹ (em Tolóvia ela era conhecida pelo nome de Justina Protássievna Limpa-Chaminés; mais tarde, aliás,

¹⁴⁷ N. da T.: Capítulo publicado na revista *Anais da Pátria* em 12 de janeiro de 1869, (p. 301-314). Vinha acompanhado da seguinte observação: “Os acontecimentos contados aqui são inteiramente inverossímeis. O editor nem se teria decidido a publicar esta história caso nossos contemporâneos folhetinistas-historiadores, senhores Miélnikov, Semióvski, Chíchkin e outros não, tivessem mostrado até onde pode levar o atrevimento no trato dos fatos históricos. Ao se ler a proposta “Lenda...”, pode-se até pensar que o “Cronista”, antecipando os contos dos senhores Miélnikov e Semiónov, escreveu deles uma paródia.”

¹⁴⁸ N. da T.: *Рaskat* [raskat], torre mais alta do campanário ou próxima dele. Citada em documentos históricos como local de execução. No site da prefeitura da cidade russa de Arkhangelsk (<http://www.volga-astrakhan.ru/ar115.html>) Acesso em 08.06.2010), há o registro de que Stiepan Razin (1630-1671), chefe de levantes camponeses contra o governo czarista no século XVII, lançou do *raskat* o governador da província e chefe militar Prozoroskii e que, de lá, também lançaram o metropolita Iússif. Manuscritos e crônicas antigas atestam que o *raskat* existia muito antes desses episódios de Razin.

¹⁴⁹ N. da E.: San-Culote (do francês – sans-culottes – sem calças) – apelido zombeteiro dado por aristocratas franceses do século XVIII, que usavam calças curtas (culotte) com meias, aos pobres, que usavam calças compridas; posteriormente, esse termo passou a designar, honrosamente, os jacobinos. Em *História de uma cidade*, Saltykov aplica, com ironia, o sentido primeiro dessa palavra, dando a entender que “o estabelecimento de moda” em Tolóvia pertencia à donzela de San-Culotte.

revelou-se irmã de Marat¹⁵⁰ e morreu de remorso), quebraram os vidros e seguiram para o rio. Lá afogaram mais dois cidadãos: Porfichka e também outro Ivachka e, sem conseguir nada, voltaram às suas casas.

Enquanto isso, a traição não descansava, surgiram personalidades ambiciosas, que pensavam utilizar a desorganização do poder para satisfazer objetivos pessoais e egoístas. E o mais estranho de tudo é que as representantes do elemento anárquico, dessa vez, eram exclusivamente mulheres.

A primeira que arquitetou tomar as rédeas do poder em Tolóvia foi Iraída Lukínichna Paleóloga¹⁵¹, viúva sem filhos, de caráter inflexível, compleição máscula, rosto amorenado, à semelhança de um retrato antigo. Ninguém recordava quando ela se teria instalado em Tolóvia, de modo que alguns moradores antigos acreditavam que esse acontecimento coincidia com a época das trevas. Vivia solitária, alimentando-se parcamente, emprestando dinheiro a juros e torturando com crueldade as suas quatro jovens servas. A vil empresa, pelo visto, ela tinha planejado com ponderação. Em primeiro lugar, considerou que a cidade não podia ficar sem comando nem um único minuto; em segundo, levando o sobrenome dos Paleólogos¹⁵², viu nisso algum sinal misterioso; em terceiro, pressagiava-lhe não pouco sucesso também a circunstância de que o seu falecido marido, ex-comissário do vinho¹⁵³, certa vez, por empobrecimento, exercera a função de governante não se sabe bem onde. “Considerando tudo isso”, diz o “Cronista”, “a mencionada víbora Iraída começou a agir.”

¹⁵⁰ Não se conhecia Marat nessa época; esse erro, a propósito, pode ser explicado pelo fato de que os acontecimentos foram descritos pelo “Cronista”, pelo visto, não no calor dos acontecimentos, mas alguns anos depois. *O editor*.

¹⁵¹ N. da E.: Obviamente, referência à imperatriz Anna Ioánnovna, que governou a Rússia de 1730 a 1740. “A imperatriz Anna Ioánnovna”, escreveu o príncipe P. V. Dolgorúkov, “tinha altura acima da média, era muito gorda e desajeitada; nela não havia nada de feminino: maneiras brutas, voz grossa de homem, gostos de homem. Ela gostava de cavalgar, caçar e, em seu quarto no Palácio Real de Verão, em São Petersburgo, sempre havia armas carregadas e engatilhadas; ela tinha o hábito de atirar em pássaros em voo pela janela” (“Из записок князя П. В. Долгорукова. Время императора Петра II и императрицы Анны Иоанновны” [Das memórias do príncipe P. V. Dolgorukov. A época do imperador Pedro II e da imperatriz Anna Ioánnovna], Moscou, 1909, p. 105). Outro memorialista lembra que Anna Ioannovna “tinha um olhar aterrador, um rosto nojento; era tão alta que, quando andava entre os cavaleiros, ultrapassava o tamanho deles uma cabeça, extraordinariamente gorda”. (*Памятные записки княгини Натальи Борисовны Долгоруковой* [Memórias da princesa Natália Borissovna Dolgorukova] – RA, 1867, p. 18). Com os traços de Ana Ioannovna o escritor caracterizou também, parcialmente, a substituta de Iraída Lukinichna, Klementinka de Bourbon.

¹⁵² N. da T.: Dinastia dos imperadores bizantinos. Ivan III da Rússia, depois de se casar com Sófia, sobrinha do último deles, Constantino (Paleólogo) XI, passou a considerar-se um herdeiro de Bizâncio. Por isso uniu o brasão moscovita (com a imagem de São Jorge, derrotando o dragão) ao bizantino (com a imagem de uma águia bicéfala). A esposa exerceu grande influência na corte.

¹⁵³ N. da T.: *Винный пристав* [vínnyi prístav]. O substantivo *пристав* denota aquele encarregado de cuidar de algo. Dependendo do adjetivo especificador, pode ser comissário de polícia, oficial de justiça etc. Neste caso é o responsável pelo controle da venda de vodka e outras bebidas alcoólicas. Havia também o *соляной пристав* [solianoi prístav], comissário do sal.

Mal os tolenses tinham conseguido se recobrar dos acontecimentos da véspera, quando Paleóloga, aproveitando-se do fato de que o assessor do governante estava enclausurado no clube, junto com os seus comparsas, jogando bóston, desembainhou a espada do falecido comissário da vinho e, depois de embebedar três soldados do comando local dos inválidos¹⁵⁴ para dar-lhes coragem, irrompeu no Tesouro Público. Tomou como prisioneiros o tesoureiro e o contador, limpou todo o Tesouro desavergonhadamente e de lá¹⁵⁵ voltou para casa. Na ocasião, lançou moedas de cobre ao povo, e os seus bêbados subalternos exclamavam: “Esta sim é a nossa mãezinha! agora, meus irmãos, teremos vodka à vontade!”

Quando, no dia seguinte, o assessor do governante acordou, tudo já estava perdido. Da janela, ele viu que os habitantes parabenizavam-se, osculavam-se¹⁵⁶ e vertiam lágrimas. Mais tarde, até que ele tentou tomar de volta as rédeas do governo, porém, como as suas mãos tremiam, largou-as no mesmo instante. Triste e desanimado, apressou-se a visitar a administração central para saber quantos soldados ainda lhe eram fiéis, mas, no caminho, foi capturado pelo assessor Comentariónov e apresentado a Iraída. Lá encontrou ainda o advogado dos negócios do Tesouro, que também esperava a própria sorte.

– Vocês me reconhecerão como governante? – gritou com eles Iraída.

– Se você tiver um marido e puder provar que ele é um governante local, então reconhecerei! – respondeu com firmeza o varonil assessor de governo. O advogado dos negócios do Tesouro tremeu inteiro e, com essa tremedeira, como que corroborou a valentia do seu colega.

– Não é isso que estou perguntando, se sou mulher casada ou viúva. A pergunta é: vocês me reconhecerão como governante? – enfureceu-se ainda mais Iraída.

– Se não tiver provas mais claras, não reconhecerei! – respondeu o assessor de governo com a mesma firmeza, ao que o advogado começou a bater os dentes e atarantar-se de um lado a outro.

– Pra que ficar de prosa com eles! Ao campanário com os dois! – berrou Comentariónov e os seus correligionários.

Não há dúvidas de que a sorte desses dois últimos funcionários ciosos do seu dever teria sido extremamente lamentável se uma circunstância imprevista não viesse

¹⁵⁴ N. da T.: Soldados aposentados por invalidez ou idade, impedidos de integrar as tropas regulares, mas colocados à disposição para serviços administrativos.

¹⁵⁵ N. da T.: Оттоль [ottol]. Termo arcaico, atualmente *омтуда* [ottuda].

¹⁵⁶ N. da T.: *Лобызаться* [lobyzatsia], beijar (arcaico e irônico).

salvar-lhes a pele. Enquanto Iraída celebrava a vitória despreocupadamente, o intrépido oficial superior não cochilou e, guiando-se pelo provérbio: “Veneno com veneno se cura¹⁵⁷”, instruiu uma aventureira, Klemantinka de Bourbon, a reclamar os seus direitos. Esses direitos consistiam em que o pai dela, da Klemantinka, um cavaleiro de Bourbon, servira certa vez como governante não se sabe bem onde e fora destituído do cargo por causa de trapanças em jogos de cartas. Ainda por cima, a nova pretendente era alta, gostava de tomar vodca e montava à masculina. Tendo angariado para o seu lado, sem grande esforço, quatro soldados¹⁵⁸ do comando dos inválidos e apoiada, em segredo, por um complô polonês, essa boa-vida trapaceira arrebatou as mentes quase num instante. Os toleneses mais uma vez tomaram de assalto o campanário, lançaram lá de cima Tímochka¹⁵⁹ e ainda um terceiro Ivachka, depois foram à casa do Limpa-Chaminés e arrasaram completamente o seu estabelecimento, depois correram até o rio e lá afogaram Prochka e um quarto Ivachka.

Nesse pé estavam as coisas, quando os mártires varonis foram levados ao campanário. Na rua, encontrou-os uma multidão comandada por Klemantinka; no meio da confusão, com olhar vigilante¹⁶⁰, velava o destemido oficial superior. Sem demora libertaram os prisioneiros.

– E, então, velharia! Vão reconhecer-me como governante? – perguntou a devassa Klemantinka.

– Se você tiver um marido e puder provar que ele é governante local, então a reconheceremos! – respondeu com firmeza o assessor do governante.

– Pois que Cristo os carregue! Entreguem a cada um uma parcela de terra perto da horta! Que plantem repolho e criem gansos! – disse Klemantinka docilmente e, com essas palavras, dirigiu-se à casa em que se entrincheirava Iraídka¹⁶¹.

¹⁵⁷ N. da T.: Выбивай клин клином [vybivai klin klinom] – tirar uma cunha com ajuda de outra.

¹⁵⁸ N. da E.: Cf. o relato do abade Chapp d’Oteroch sobre a ascensão ao trono da imperatriz Elizavieta Petrovna [1709-1762, filha de Pedro I]: “Elisavieta, acompanhada de quatro homens, dirigiu-se ao palácio para tomar o império”. “Complôs e o direito do mais forte”, afirma ele neste mesmo livro *Viagem à Sibéria por ordem do rei em 1761*, “entregavam o trono a qualquer um que se atrevesse a apoderar-se dele”. (Coletânea histórica editada por Piotr Bartenievyi, livro 4, Moscou, 1869, p. 304, 302). Na época de Elizavieta, escreveu sobre o mesmo período o conde Seguiur “a corte estava entregue a intrigas: todo dia pessoas ambiciosas tramavam novos planos” (*Memórias do conde Seguiur*, p. 18)

¹⁵⁹ N. da T.: Hipocorístico masculino.

¹⁶⁰ N. da T.: Com essa expressão, *недреманное око* [nedriémannoe oko], Schedrin deu título a um conto publicado em 1885, cujo tema é a nomeação dos procuradores municipais. Estavam destinados a esse cargo, desde criança, todos aqueles que nasciam com um olho vigilante e outro não-vigilante. Assim podiam fazer “vista grossa” às ilegalidades locais.

¹⁶¹ N. da T.: Diminutivo de Iraída.

Aconteceu uma batalha; Iraídka defendeu-se um dia inteiro e uma noite inteira, com arte dispondo à frente dos prisioneiros o tesoureiro e o contador.

– Renda-se! – dizia Klemantinka.

– Desista, sem-vergonha! E segure a sua cachorrada – respondia corajosamente Iraída.

No entanto, ao raiar da manhã do dia seguinte, Iraídka começou a fraquejar, porém isso apenas porque o tesoureiro e o contador, penetrados de coragem cívica, recusaram-se definitivamente a defender a fortificação. A situação dos sitiados ficou extremamente incerta. Além da obrigação de rechaçar os sitiantes, Iraídka tinha também a necessidade de esmagar a insubmissão no seu próprio campo. Prevendo a derradeira ruína, ela resolveu morrer heroicamente e, juntando o dinheiro que roubara do Tesouro, à vista de todos voou pelos ares, junto com o tesoureiro e o contador.

De manhã, o assessor do governante, enquanto plantava repolho, viu como os habitantes de novo parabenizavam-se, osculavam-se e vertiam lágrimas. Alguns deles encorajaram-se a tal ponto que até se aproximaram dele, deram-lhe um tapinha no ombro e, de gozação, chamaram-no guardador de porcos. Todos esses valentões, é claro, o assessor do governante, ali mesmo, anotou em um papelzinho.

As notícias sobre “a confusão tolense disparatada e digna de riso” chegaram, finalmente, até a chefia. Foi ordenado “apresentar a devassa Klemantinka recém-mencionada, depois de capturada, apresentar igualmente os cúmplices encontrados com ela, depois de capturados, e castigar os tolenses com severíssima severidade, para que não mais afogassem no rio cidadãos inocentes em vão, nem os jogassem do campanário por mero hábito selvagem”. Porém notícias sobre a designação de um novo governante, de qualquer modo, não foram recebidas.

Enquanto isso, as coisas em Tolóvia embrulhavam-se cada vez mais. Apareceu uma terceira pretendente, natural de Revielsk¹⁶², Amália Kárllovna Chtokfich, que baseava as suas pretensões unicamente no fato de ter morado, por dois meses, com certo governante à *pompadour*¹⁶³. Os tolenses mais uma vez tomaram de assalto o campanário, lançaram lá de cima Siomka e, justo na hora em que queriam jogar de lá ainda o quinto Ivachka, foram detidos pelo ilustre cidadão Força Terientev Puzanov.

– Horda de valentes! – dizia Puzanov. – Vejam bem, dessa maneira, daremos cabo de todo esse povinho, e com isso não conseguiremos nada!

¹⁶² N. da T.: Tallinn, atual capital da Estônia.

¹⁶³ N. da T.: Referência à Madame Pompadour, cortesã francesa amante do rei Luis XV de França.

– É verdade – concordaram os valentes da horda, caindo em si.

– Espere aí! – gritaram outros. – Pra que Ivachko está se esgoelando? Mandaram esgoelar, por acaso?

O quinto Ivachko ficou ali parado, meio vivo, meio morto, dependurado no campanário, maquinalmente inclinando-se para todos os lados.

Nesse momento, sobre um cavalo branco, aproximou-se da multidão a donzela Chtokfich, acompanhada de seis soldados bêbados, que levavam a devassa Klemantinka, tomada como prisioneira. Chtokfich era uma alemã branquela, gorda, de peito saliente, bochechas rosadas e lábios rechonchudos como cerejas. A multidão agitou-se.

– Eh, balofa¹⁶⁴! Ó o umbiguinho, que estufado! – ouviu-se em vários pontos.

Mas Chtokfich, pelo visto, tinha pesado com antecedência o perigo da própria posição e apressou-se a rechaçá-los a sangue-frio.

– Horda de valentes! – urrou ela, apontando com bravura para Klemantinka, endoidecida de vodca. – Eis aqui aquela devassa Klemantinka, que ordenaram apresentar, depois de capturada! Estão vendo?

– Estamos! – rugiu a multidão.

– Estão vendo mesmo? E reconhecem essa como aquela devassa Klemantinka que ordenaram fosse apresentada imediatamente depois de capturada?

– Estamos! Reconhecemos!

– Então façam rolar três tonéis da forte pra eles! – exclamou a destemida alemã, dirigindo-se aos soldados e, sem pressa, afastou-se da multidão.

– É ela, é ela! Nossa mãezinha, Amália Karlovna! Agora, meus irmãos, vinho à vontade! – urrou a horda de valentes atrás dela.

Nesse dia, Tolóvia inteira ficou bêbada, e mais do que todos ficou o quinto Ivachko. Aquela devassa Klemantinka eles prenderam em uma jaula e levaram para a praça¹⁶⁵; a horda de valentes aproximava-se e a provocava. Alguns, mais bondosos, serviam-lhe vodca, mas exigiam que, por isso, ela mostrasse um pouco o joelhinho.

¹⁶⁴ N. da T.: Толстомясый [tolstomiassyi], толстый [tolstyí], gordo, + мясо [miasso], carne. Adjetivo insultuoso.

¹⁶⁵ N. da T.: Remete ao costume de enjaular criminosos e expô-los em praça pública, ao escárnio da população. Emelian Ivanovitch Pugatchov, chefe da revolta dos camponeses de 1773-1775 (reinado de Pedro III), foi capturado e levado a Moscou em uma jaula.

A facilidade com que a balofa alemã Chtokfich conquistou a vitória sobre a devassa Klemantinka explica-se de modo muito simples¹⁶⁶. Klemantinka, mal tinha destruído Iraídka, já no mesmo instante trancou-se com os seus soldados e entregou-se à mimimalhice dos caracteres. Em vão o *pan*¹⁶⁷ Kchepchitsiúlski e o *pan* Pchekchitsiúlski, aos quais ela servia de instrumento secreto, repreenderam-na, protestaram e ameaçaram – Klemantinka, daí a cinco minutos, ficou tão bêbada que já não entendia mais nada. Os *pans* por algum tempo ainda se sustentaram, mas, depois, vendo a inutilidade da resistência, cederam. E, realmente, naquela mesma noite, Klemantinka foi tirada da cama em estado de desfalecimento e arrastada para a rua só de camisola.

O intrépido oficial superior (originário da população local) ficou desesperado. Todos os seus artifícios, ardis e disfarces não deram exatamente em nada. A anarquia reinava absoluta na cidade; não havia ninguém no comando; o cabeça chispou para o interior¹⁶⁸; o guarda de quartirão sênior enfiou-se, com o zelador do estabelecimento de ensino, em um monte de palha do corpo de bombeiros e, trêmulo, ali ficou. Ele próprio, oficial superior, era procurado pela cidade e ofereciam como recompensa por sua captura uma moeda de três copeques. Os habitantes inquietavam-se porque a qualquer um seria lisonjeiro embolsar essa moeda. O próprio já pensava se não seria melhor aproveitar o dinheiro, apresentando-se à alemã balofa juntamente com a culpada, quando, de repente, uma circunstância inesperada deu ao negócio um rumo completamente novo.

Foi fácil para a alemã dar conta da devassa Klemantinka, mas incomparavelmente mais difícil foi desarmar o complô polonês, sobretudo porque ele agia por caminhos subterrâneos imperceptíveis¹⁶⁹. Após a derrocada, os *pans* de Klemantinka, Kchepchitsiulski e Pchekchitsiulski voltavam tristonhos para as suas

¹⁶⁶ N. da E.: “A reviravolta que acabou de acontecer a meu favor”, escreveu Catarina II ao conde S. A. Poniatovski, em 2 de julho de 1762, “parece um milagre. É francamente inacreditável a unanimidade com que isso aconteceu” (“Записки императрицы Екатерина Второй” [Memórias da imperatriz Catarina II], São Petersburgo, 1907, p. 561).

¹⁶⁷ N. da T.: Antigamente, na Polônia, Lituânia, Bielorrússia e Ucrânia, forma de tratamento cerimonioso – senhor.

¹⁶⁸ N. da E.: Trata-se do chefe da nobreza, o “segundo homem” da província, que dirigia os órgãos aristocráticos eleitos e que servia como um tipo de intermediário entre a nobreza e o poder administrativo.

¹⁶⁹ N. da E.: Sobre o “complô polonês”, no século XVIII, escreveu muito P. I. Melnikov no livro “Княжна Тараканова и принцесса Владимирская” [A rainha Tarakanova e a princesa Vladimirskaia] (São Petersburgo, 1868). Melnikov revela, por exemplo, que todos os impostores russos foram preparados pelos poloneses, que, nessas ocasiões, conseguiam ocultar os vestígios de tal modo, que “nenhum contemporâneo, nem os pósteros, tinha condições de emitir alguma opinião definitiva sobre a origem deles” (p. 37). Inclusive “o levante de Pugatchiov”, garante Melnikov ao leitor, “não foi uma simples revolta de muíques; os seus dirigentes não eram nem o cossaco da estação de Zimoveisk, na região do rio Don, com os seus bêbados e partidários sanguinários. Nós não sabemos até que ponto os poloneses tomaram parte nessa história, mas não podemos negar que eles realmente participaram nisso” (p. 34) etc.

casas, lamentando em voz alta a incapacidade do povo russo, que nem mesmo num caso desses conseguia produzir uma personalidade talentosa, uma vez que a sua atenção dirigia-se, pelo visto, apenas a acontecimentos insignificantes.

Era uma fresca manhã de maio e do céu caía orvalho em profusão. Após uma noite passada em claro e confusão, os tolenses foram dormir, e na cidade reinava um silêncio imperturbável. Perto de uma casinha de madeira, de aparência desgraciosa, dois jovens estavam ocupados, besuntando os portões com breu. Quando viram os *pans*, é claro, perturbaram-se e apressaram-se a dar no pé, mas foram detidos.

– O que estão fazendo aqui? – perguntaram os *pans*.

– Vejam só, estamos besuntando os portões de Niélkin com breu! – confessou um dos jovens. – E agora ele abre bem para os dois lados.

Os *pans* entreolharam-se e assobiaram um tanto significativamente. Embora tenham seguido adiante, em suas cabeças já amadurecera um plano. Lembraram-se de que na decrepita casinha de madeira realmente morava e mantinha uma estalagem a sua compatriota Aniélia Aloízievna Liadokhóvskaia e que, embora ela não tivesse nenhum direito ao título de governante à *pompadour*¹⁷⁰, também ela fora, certa vez, designada como governante. Essa última circunstância era de todo suficiente para apresentar uma nova pretendente e urdir um novo complô polonês.

Ainda mais facilmente eles podiam ter sucesso no seu intento porque, nesse momento, a insubordinação dos tolenses tinha chegado a proporções inauditas. Além de, em um único dia, terem lançado do campanário e afogado no rio dezenas inteiras de cidadãos diletos, ainda por cima, na barreira, a seu bel-prazer, pararam um funcionário que vinha da província com um certificado do Tesouro.

– Quem é você? E por que veio para cá? – perguntaram os tolenses ao funcionário.

– Sou funcionário da província (fulano)¹⁷¹ – respondeu o forasteiro – e vim para cá por conta da investigação dos negócios da devassa Klemantinka!

– Ele está mentindo! É um enviado da canalha Klemantinka! Levem-no à tortura na cela¹⁷² – gritou a horda de valentes.

¹⁷⁰ N. da T.: *Os Pompadours e as Pompadourchas* é o nome de um ciclo de doze histórias publicadas por Saltykov-Schedrin no decorrer de mais de dez anos nas revistas *O contemporâneo* e *Anais da Pátria*. Nessa obra, que critica as altas esferas do poder provinciano, *pompadours* são os governantes das províncias e *pompadourchas*, as suas amantes.

¹⁷¹ N. da T.: Exatamente como no original.

¹⁷² N. da T.: *Съезжая* [ciezjaia]. Recinto de detenção junto à polícia, na Rússia pré-revolução.

Em vão o forasteiro protestou e resistiu, em vão mostrou uns papéis, o povo não acreditava em nada e não o liberava.

– Para nós, meu irmão, já mostraram montões inteiros de papel – e não deu em nada! E tomar você como testemunha não é nada bonito, porque você, até pela própria figura, se vê que é um espião¹⁷³ da devassa Klemantinka! – gritavam alguns.

– Pra que gastar prosa com ele sobre besteiras! À água com ele – e basta! – gritavam outros.

Levaram o infeliz para a cela e entregaram-no aos comissários de polícia.

Enquanto isso, Amália Chtokfich dava ordens; fixou para os burgueses uma moeda de três copeques por propriedade, para os comerciantes uma libra de chá ou um pão de açúcar dos grandes.

Depois foi às casernas e, com as próprias mãos, serviu a cada soldado um cálice de vodca e um pedaço de pastelão. Ao voltar para casa, encontrou no caminho o assessor de governo e o advogado, que tocavam uma fila de gansos pela várzea com uma vara.

– E, então, meus velhinhos? Pensaram melhor? Vão reconhecer-me? – perguntou-lhes benevolente.

– Se você tiver um marido e puder provar que ele é nosso governante, então reconheceremos! – respondeu com firmeza o assessor de governo.

– Pois que Cristo os carregue! Que criem gansos! – disse a alemã balofa e seguiu adiante.

No final da tarde, despenhou uma chuva tão forte, que as ruas de Tolóvia, por algumas horas, tornaram-se intransitáveis. Graças a essa circunstância, a noite transcorreu bem para todos, exceto para o infeliz funcionário recém-chegado, para uma verdadeira provação, aprisionaram em uma cela escura e estreita, desde de tempos antigos denominada “grande fábrica de pulgas”, distintamente da pequena fábrica, na qual colocavam à prova criminosos menos perigosos. A manhã que se seguiu depois também não favoreceu as manobras do complô polonês, uma vez que esse complô, agindo sempre na escuridão, não podia suportar a luz do sol. A “alemã balofa”, iludida pela aparente quietude, considerou-se inteiramente sancionada e encorajou-se a tal ponto, que saiu à rua sem escolta e começou a perder-se em brincadeiras com os transeuntes. A propósito, no final da tarde, por formalidade, convocou os mais

¹⁷³ N. da T.: Лазутчик [lazutchik], espião.

experientes guarda-barreiras da cidade e instaurou um conselho. Os guarda-barreiras aconselharam unânimes: primeiro, sem demora, afogar aquela devassa Klemantinka, para que não provocasse o povo e nem o atribulasse; segundo, torturar o assessor de governo e o advogado; e, terceiro, apresentar, depois de capturado, o intrépido oficial superior. Mas tal era a cegueira dessa infeliz mulher, que ela não quis nem ouvir falar de medidas de severidade e até ordenou transferir o funcionário recém-chegado da grande fábrica de pulgas para a pequena.

Enquanto isso, os tolenses, pouco a pouco, começaram a cair em si, e as forças de segurança¹⁷⁴, escondidas antanho¹⁷⁵ em pontos extremos, tímidas, mas com passo firme, avançavam. O assessor de governo, degredado junto com o advogado e o intrépido oficial superior, começou a convencer os tolenses a se afastarem dos encantos da alemã e de Klemantinka e voltarem aos seus serviços. Ele reprovou severamente a disposição que resultou na prisão do funcionário recém-chegado na grande fábrica e profetizou para Tolóvia enormes desgraças por causa disso.

Força Teriéntevo Puzanov, a essas palavras, sacudiu a cabeça tristemente, de modo que, se a horda de valentes fosse um bocadinho mais pelejadora, então, com certeza, teria despedaçado a cela¹⁷⁶ em pedacinhos de lenha. Por outro lado, inclusive “aquela devassa Klemantinka” prestou um serviço não pouco importante ao partido da ordem...

Acontece que ela continuava sentada na jaula, na praça, e aos tolenses, por gosto, restava aparecer ali nas horas de folga para provocá-la, uma vez que ela, nessas ocasiões, entrava em inaudito frenesi, em especial quando lhe chegavam ao corpo as pontinhas de varões de ferro incandescentes.

– E então, Klemantinka? É gostoso? – riam eles, vendo como a “devassa” revirava-se de dor.

– E quanto foi, meus irmãos, que essa beberona miserável abocanhava de nós? Um horror! – acrescentaram outros.

– E por acaso eu bebi o de vocês? – rosnou a devassa Klemantinka. – Se não fosse a minha infeliz fraqueza e se os meus queridos *pans* não me tivessem abandonado, vocês veriam só quem eu sou!

¹⁷⁴ N. da E.: *Охранительные силы* [okhranitelnyi sily]. Na fraseologia oficial do czarismo e na imprensa direita, as forças “de assistência à ordem”, que ativamente sustentavam e protegiam o absolutismo.

¹⁷⁵ N. da T.: *Дотоле* [dotólie], termo arcaico: até aquele momento.

¹⁷⁶ N. da T.: *Съезжая изба* [ciézjaia isbá]. Para *съезжая*, ver nota 172. Aqui como adjetivo da palavra *isbá*.

– Pois a balofa, por certo, mostrou antes quem ela é!

– “Balofa”, “balofa”! Seja eu o que for, pelo menos sou filha de um governante, mas foram pegar pra si uma reconhecida alemã!

Os tolenses ficaram pensando nessas palavras de Klemantinka. Ela lhes lançara um enigma.

– Pois é, irmãos! Vejam só que ela, Klemantinka, apesar de devassa, disse uma verdade! – disseram alguns.

– Vamos lá esfrangalhar a balofa! – grasnaram outros.

E, se os guarda-barreiras não tivessem chegado a tempo, teria acabado mal a “balofa”, teria voado campanário abaixo de cabeça! Porém, uma vez que os guarda-barreiras eram rigorosos, então o negócio da ordem mudou de figura, e a horda de valentes, depois de fazer ainda algum barulho, dispersou-se.

Entretanto, o triunfo da “alemã libertina” chegou ao fim por si só. À noite, mal tinha cerrado os olhos, ela ouviu na rua um barulho suspeito e logo compreendeu que, para si, estava tudo acabado. Só de camisola, descalça, lançou-se pela janela para, em último caso, evitar a vergonha e não ser presa em uma jaula, como Klemantinka, mas já era tarde.

A mão forte do *pan* Kchepchitsiúlski segurou seu corpo com firmeza, enquanto Nelka Liadokhóvskaia, “assanhando-se como nunca se viu”, exigia que a outra prestasse contas.

– É verdade, donzela Amalka, que você, de forma enganosa, apropriou-se do poder e permitiu chamar-se falsamente de governante e, assim, levou muitas pessoinhas a caírem em tentação? – perguntou-lhe Liadokhovskaia.

– É verdade – respondeu Amalka, – apenas não de forma enganosa e não falsamente, pois a verdade verdadeira é que eu era e sou uma governante.

– E de onde foi, miserável, que lhe deu na telha um negócio tão risível? E quem foi que lhe ensinou, miserável, um negócio desses? – continuou o interrogatório Liadokhovskaia, sem dar atenção à resposta de Amalka.

Amalka ofendeu-se.

– Pode ser que haja aqui uma miserável – disse ela, – mas não sou eu.

Depois, por mais perguntas que apresentassem à mulher-dama Amalka, ela calava com desdém; por mais que a coagissem a declarar-se culpada – não se declarava. Foi decidido trancá-la na mesma jaula da devassa Klemantinka.

“Era terrível ver”, diz o “Cronista”, “como aquelas duas mulheres-damas devassas, devoraram-se uma à outra por obra de uma terceira, ainda mais devassa! Basta dizer que, ao raiar da manhã do dia seguinte, já não havia nada na jaula além dos seus ossos nauseabundos.

Os tolenses despertaram e, com surpresa, souberam do acontecido; mas, também nesse caso, não se atrapalharam. De novo todos saíram à rua e começaram a parabenizar-se, oscular-se e verter lágrimas. Alguns pediram uma para curar a ressaca.

– Que o diabo os carregue! – disse o intrépido oficial superior, contemplando esse quadro. – E o que é que nós vamos fazer agora? – perguntou ele, melancolicamente, ao assessor de governo.

– É preciso arregaçar as mangas – respondeu o assessor de governo – isso é que é! Não seria o caso, senhor, de soltar entre o povo o boato de que aquela velhaca, Anelka, em vez de catedrais divinas, mandou erguer igrejas católicas¹⁷⁷ por toda a parte?

– Seria maravilhoso!

Porém, perto do meio-dia, os boatos tornaram-se ainda mais inquietantes. Os acontecimentos sucediam-se um ao outro com assombrosa rapidez. No subúrbio dos soldados, nos arredores da cidade, anunciou-se ainda uma outra pretendente, Dunka-canela-grossa¹⁷⁸, enquanto no subúrbio dos arqueiros¹⁷⁹ essa mesma pretensão foi comunicada por Matrionka-venta. Ambas baseavam os seus direitos no fato de que também elas, mais de uma vez, tinham ido à casa dos governantes “para gulodices”. Desse modo, era preciso rechaçar não uma, mas três pretendentes de uma só vez.

Tanto Dunka quanto Matrionka cometiam violências indizíveis. Saíam à rua e lançavam por terra, a socos, as cabeças dos transeuntes, entravam sozinhas nas tavernas e destruíam tudo, apanhavam homens jovens e escondiam-nos no subterrâneo, comiam recém-nascidos e ainda cortavam os peitos das mulheres e comiam-nos também. Com cabelos soltos ao vento e apenas de *négligé* matinal, corriam pelas ruas da cidade, como se em frenesi, cuspiam, mordiam e pronunciavam palavras indevidas.

Os tolenses simplesmente endoideceram de pavor. De novo todos correram ao campanário, e tantos corpos de populares foram ali lançados e afogados, que é

¹⁷⁷ N. da T.: *Комѣл* [kotiol] – Igreja católica em polônês.

¹⁷⁸ N. da T.: *Толстопятый* [tolstoniatyi], *толстый* [tolsty], gordo, + *пятый* [piaty], de *пятка* [piatka], calcanhar. Adjetivo insultuoso

¹⁷⁹ N. da T.: *Стрельцы* [streltsi] – arqueiro. No plural, nome dado à infantaria russa, com serviço vitalício e hereditário do sec. XVI e XVII.

impossível até fazer uma idéia aproximada. Deram início a um julgamento; todos lembraram-se de tudo sobre o seu próximo, até coisas que o próximo não pensara nem em sonho, e, uma vez que a audiência era lacônica, então na cidade ouvia-se apenas: chlap-chlap-chlap! Perto das quatro da tarde, a cela da polícia começou a pegar fogo; os tolenses correram para lá e caíram em torpor ao ver que o funcionário que chegara da província tinha queimado inteiro, sem deixar vestígio. De novo deram início a um julgamento; começaram a procurar aquele por cujo roubo tinha acontecido o incêndio e decidiram que o incêndio tinha sido ateadado pelo quinto Ivachka, um verdadeiro ladrão e vadio. Penduraram o Ivachka em um carvalho, exigindo sincera confissão de tudo, mas, nesse exato minuto, no subúrbio dos canhoneiros¹⁸⁰, a pequena fábrica de baratas começou a pegar fogo, e todos dispararam para lá, deixando o quinto Ivachko dependurado no carvalho. Tocaram o sinal de alarme, mas as chamas já se derramavam como um rio e queimaram todas as baratas sem deixar vestígio. Então pegaram a Matriochka-venta e começaram a afogá-la no rio, bem delicadamente, exigindo que ela dissesse quem tinha ensinado a ela, uma verdadeira ladra e vagabunda, tudo sobre roubo e quem tinha lhe dado os recursos para esse negócio? Mas Matrionka apenas soltava borbulhas na água e dos cúmplices e parceiros não entregava nenhuns.

Em meio à essa inquietação geral, da velhaca Anelka esqueceram-se completamente. Vendo que o seu negócio não tinha queimado, às escondidas, ela se mudou para a sua estalagem, como se não tivesse acontecido nenhuma sujeira por causa dela, e os *pans* Kchepchitsiúlski e Pchekchitsiúlski abriram uma confeitaria e começaram a vender nela pães-de-mel com desenhos. Restava apenas Dunka-canela-grossa, mas submetê-la era decididamente impossível.

– Precisamos, irmãos, tirá-la de circulação sem falta! – disse Força Teriéntitch Puzanov, exortando a horda de valentes.

– Metam-se então com isso – responderam os valentes.

Era já o sexto dia de insurreição.¹⁸¹

Então aconteceu um espetáculo tocante e inédito. Os tolenses, de repente, recobram o ânimo e realizaram, eles próprios, um feito modesto de auto-salvação.

Depois de exterminar e afogar um montão de pessoas do povo, concluíram, com fundamento, que agora, em Tolóvia, de pecado de sedição não restara nada de nada.

¹⁸⁰ N. da T.: Referência à seção que cuidava das ordens para disparar canhões.

¹⁸¹ N. da T.: Referência ao texto bíblico sobre a criação do mundo – “Houve uma tarde e uma manhã: sexto dia” (Gênesis, 1, 31).

Mantinhm-se apenas os bem-intencionados. Por isso todos olharam-se nos olhos corajosamente, sabendo que não seria possível repreendê-lo junto com Klemantinka, nem com Raídka, nem com Matrionka. Decidiram agir em unanimidade e, antes de mais nada, comunicar-se com os subúrbios. Assim, como era de se esperar, o primeiro que entrou em cena foi o intrépido oficial superior.

– Concidadãos! – começou ele, com voz emocionada, porém, uma vez que o seu discurso era secreto, então muito naturalmente ninguém o ouviu.

Enquanto isso, os tolenses derramaram lágrimas e começaram a forçar o assessor de governo a tomar de novo as rédeas do poder; ele, porém, antes da captura de Dunka, recusava-se a isso com firmeza. Ouviram-se suspiros entre a multidão; soaram exclamações: “Ai! grandes são as nossas faltas!”, mas o assessor de governo continuava inflexível.

– Horda de valentes! Em alguma coisa ainda ficou sedição – saiam! – grasnou uma voz da multidão.

A multidão calou-se.

– Todos se purificaram? – interrogou essa mesma voz.

– Todos! Todos! – tilintou a multidão.

– Façam o sinal da cruz, irmãos!

Todos se persignaram, foi anunciado contra Dunka-canela-grossa estado geral de guerra.

Os subúrbios, enquanto isso, um após o outro, expediram para Tolóvia as evasivas mais consoladoras. Todos concordavam, em unanimidade, que era preciso extirpar a sedição pela raiz e, de início, antes de mais nada, purificarem-se a si próprios. Particularmente tocante foi a evasiva do subúrbio Meio-Sabichão¹⁸². “Tão somente¹⁸³, irmãos, submetam a si próprios à prova com aplicação”, escreveram as pessoas daquele lugar¹⁸⁴, “e assim, em seus corações, o ninho da sedição não se desenvolverá, e vocês permanecerão saudáveis, e, aos olhos da administração, não serão pérfidos, mas bem-apurados, dignos de elogio e gentilíssimos”. Quando se leu essa evasiva, entre a multidão irrompeu o choro, enquanto a esposa Akssínia Guniavaia, daquele lugar,

¹⁸² N. da T.: *Полоумный* [poloumnyi] – Combinação entre o prefixo *поло* [polo], metade, semi, e o adjetivo *умный* [umnyi], inteligente.

¹⁸³ N. da T.: *Точию* [totchiu], apenas (arcaico).

¹⁸⁴ N. da T.: *Посадские* [possadskie], de *носад* [possad] – Na Rússia antiga, parte comercial e industrial da cidade, geralmente fora das suas muralhas.

inflamando-se com enormes ciúmes, no mesmo instante, despejou da bolsa duas moedas de 20 copeques e lançou as bases do capital predestinado à captura de Dunka.

Mas Dunka não se entregou. Ela se entrincheirou na grande fábrica de percevejos e, armando-se de um canhão, atirava com ele como se fosse um fuzil.

– Nossa, que velhaca! Quantos articulus não produz com um canhão! – disseram os tolenses e não tiveram coragem de aproximar-se.

– Pois que vire comida de percevejo! – exclamaram outros.

Mas os percevejos agiam de comum acordo com ela. Ela lançava nuvens inteiras deles contra os sitiante, que, desesperados, corriam cada um para um lado. Resolveram defender-se deles com piche, e esse recurso ajudou um pouco. Realmente, as excursões de percevejos cessaram, mas avançar na direção da isbá, de qualquer modo, era impossível, porque os percevejos continuavam ali, firmes como uma rocha, e também o canhão continuava a funcionar mortalmente. Até tentaram incendiar a fábrica de percevejos, mas, nas ações dos sitiante, havia pouca unanimidade, uma vez que ninguém queria tomar a si a obrigação de comandá-los – e a tentativa não teve êxito.

– Entregue-se, Dunka! Não vamos tocá-la! – gritavam os sitiante, pensando em submetê-la com palavras bajuladoras.

Dunka, porém, respondeu com ignorância.

Assim continuou até a noite. Quanto entrou a madrugada, os sitiante, sensatamente se afastaram, deixando, em todo caso, perto da fábrica de percevejos, uma fileira de guarda.

Aconteceu, no entanto, que o estratagema do piche não ficou sem consequências. Uma vez que não conseguiam encontrar comida nos limites da fortaleza, instigados pelo cheiro de carne humana, os percevejos tentaram encontrar lá dentro satisfação para a sua sede de sangue. Na mais profunda madrugada, Tolóvia foi surpreendida por um berro excepcional: era Dunka-canela-grossa, que soltava o último suspiro, devorada por percevejos. O corpo dela, literalmente na forma de uma única chaga, foi encontrado no dia seguinte, no meio da isbá; junto dele o canhão e um rebanho incontável de percevejos. Os percevejos restantes, como que envergonhados do próprio feito, esconderam-se nas frestas.

Desde o início da insurreição, era este o sétimo dia. Os tolenses celebravam. Porém, embora os inimigos internos tivessem sido vencidos e o complô polonês, desmantelado, a horda de valentes estava um tanto fora de si, uma vez que do novo governante ainda não havia nem cheiro. Eles vagavam pela cidade, como se picados por

mosquitos, e não conseguiam firmar pé em coisa nenhuma, porque não sabiam até que ponto os recentes divertimentos agradariam ao novo governante.

Finalmente, às duas horas da tarde do sétimo dia, ele chegou. O recém-indicado, um “verdadeiro” governante, era o conselheiro estatal e cavaleiro – Semion Konstantínovitch Galántov.

Sem demora, ele entrou na praça, ao encontro dos desordeiros, e exigiu os provocadores. Entregaram-lhe Stiepka Esgoelador e Filka Infeliz.

A esposa do novo chefe, Lukiéria Teriénteve, fazia amáveis reverências em todas as direções.

Assim terminou a confusão tolense disparatada e digna de riso; terminou e até hoje não se repetiu.

Informe sobre Galántov¹⁸⁵

Semion Konstantínovitch Galántov governou Tolóvia de 1762 a 1770. Não se encontra nenhuma descrição detalhada do seu governo, mas, a julgar pelo fato de que ele correspondeu aos primeiros e, além disso, mais brilhantes anos da época de Ekaterina¹⁸⁶, convém pressupor que, para Tolóvia, dificilmente essa não teria sido a melhor época de sua história.

À pessoa de Galántov, o cronista de Tolóvia refere-se três vezes: a primeira, no “breve rol dos governantes”; a segunda, no final do relatório sobre os tempos incertos; e a terceira, na explanação da história do liberalismo tolense (veja a descrição da governança de Bravium-Rabujeiv). De todas essas três referências, evidencia-se que Galántov era um homem de vanguarda e levava as próprias obrigações mais do que a sério. Nem se pode cogitar que o “Cronista” tenha permitido, intencionalmente, uma omissão biográfica tão importante na história de sua cidade natal; o mais certo seria pressupor que os sucessores de Galántov tenham arruinado, de propósito, a sua biografia, testemunho cabal de evidente liberalismo, capaz de servir, a pesquisadores de nossa antiguidade, como tentador motivo para se descobrir constitucionalismo inclusive lá, onde, no fundo, há apenas o princípio do livre açoitamento¹⁸⁷. Essa conjectura justifica, em parte, a circunstância de que, no arquivo de Tolóvia, ainda hoje, há um documento que pertence claramente à biografia completa de Galántov, mas está a tal ponto comprometido, que, apesar de todos os esforços, o editor dos “Anais” conseguiu compreender apenas o seguinte: “sendo de altura considerável... tinha a firme esperança de que... Porém, tomado de pavor... não pode realizar... Lembrando-se disso, a vida toda entristeceu-se...” E só. Que significam essas palavras enigmáticas? Responder a essa

¹⁸⁵ N. da T.: Capítulo publicado pela primeira vez em livro, na edição de 1870 (p. 59-61).

¹⁸⁶ N. da T.: Referência à imperatriz Catarina II (1729-1796), que governou a Rússia de 1762 a 1796. Conhecida como Catarina, a Grande.

Na edição das *Obras Completas*, comenta-se que, embora os anos de 1762 a 1770 correspondam à época de Catarina, a Grande, o perfil de Galántov aproxima-se da imagem de Alexandre I, e o seu governo aos primeiros anos “liberais” desse monarca. Isso se confirma pela referência ao constitucionalismo, ao “pavor” experimentado por Galántov (sobre o “pavor” de Alexandre após o assassinato de seu pai, imperador Paulo I, escrevem praticamente todos os memorialistas do começo do século XIX) e ao fato de que, “lembrando-se disso, ele entristeceu pela vida toda”. À parte todas essas comparações pontuais, o personagem criado por Saltykov-Schedrin critica, muito mais, um tipo específico de governante, muito comum na segunda metade do século XIX, que via na “consideração” das ciências um dos obstáculos à sua “disseminação”.

¹⁸⁷ N. da E.: Mais provavelmente uma referência a algumas “iniciativas constitucionais” da imperatriz Catarina II, que se apresentava, na primeira redação da sua “Instrução”, como partidária de algumas ideias dos enciclopedistas-iluministas franceses, mas, ao mesmo tempo, publicava decretos que permitiam aos proprietários enviar servos camponeses aos trabalhos forçados (1765) e proibia aos camponeses, sob risco de castigos corporais e degredo, apresentar queixas contra seus senhores.

pergunta com total fidedignidade, obviamente, é impossível, mas, se forem permitidas conjecturas em questão tão importante, então se pode pressupor uma das seguintes: que em Galántov, a considerável estatura (cerca de três *archins*¹⁸⁸), profetizava algum talento particular (por exemplo, deleitar mulheres), que ele não utilizou como devia ou que a ele fora dada uma incumbência, que ele, acovardado, não cumpriu. E depois entristeceu-se pela vida toda.

Seja como for, a atividade de Galántov em Tolóvia foi sem dúvida frutífera. Apenas o fato de ter introduzido a fabricação de cerveja e de hidromel e de ter tornado obrigatório o uso da mostarda e da folha de louro, comprova que ele descendia, em linha direta, daqueles governantes inovadores e valentes, que, três quartos de século antes, tinham travado a guerra em defesa da batata¹⁸⁹. Porém a mais importante medida do seu governo foi, sem dúvida, um memorando sobre a necessidade de fundar uma academia em Tolóvia¹⁹⁰.

Felizmente, o memorando manteve-se intacto; assim temos a possibilidade de citar, como atividade iluminista, essa decisão imparcial e justificada de Galántov. O editor permite-se concluir que, as ideias dispostas no documento não apenas testemunham o fato de que, naquela época distante, já havia pessoas com um ponto de vista correto sobre o assunto, mas também podem, inclusive atualmente, servir de orientação para a realização desse tipo de empreendimento.

É claro que as academias contemporâneas possuem caráter um tanto diferente daquele que Galántov propunha lhes dar; no entanto, uma vez que a força não está no nome, mas na essência que o projeto persegue e que não é outra senão o “exame das ciências”, então, é evidente que, enquanto reinar a demanda por “investigação”, até essa época, o projeto de Galántov encerrará em si todo o significado de um documento educativo. Que os nomes são arbitrários e muito raramente mudam alguma coisa – isso comprovou muito bem Verrugóvkin, um dos sucessores de Galántov. Ele também tentou abrir uma academia, mas, ao receber uma resposta negativa, então, sem maiores

¹⁸⁸ N. da T.: 2,13 m.

¹⁸⁹ N. da T.: Hoje alimento básico da população russa, a batata foi introduzida no país por Pedro I, no final do século XVII. Entretanto, o cultivo mais disseminado desse tubérculo só teve início em 1765, após um decreto de Catarina II, pois os camponeses recusavam-se a plantá-la, chamavam-na “maça do diabo” e consideravam pecado o seu uso na alimentação. Na metade do século XVIII, teve início uma onda de “revoltas da batata” contra a obrigatoriedade de seu plantio.

¹⁹⁰ N. da E.: Em 1872, no “Diário de um provinciano em Petersburgo”, “o oficial da reserva Demiénti Sdatotchnyi” propõe o exame da “chefia” do projeto “Sobre a reforma da sessão da academia”, cuja ideia básica assemelha-se ao que, sem dúvida, sonhava em seu tempo Galántov: “na capital de São Petersburgo, instala-se uma academia, cuja destinação será o exame das ciências, mas, de longe, não a disseminação daquelas”.

reflexões, erigiu em lugar dela uma cela provisória. O nome mudou, mas o objetivo proposto foi alcançado – Verrugovkin não queria nada mais do que isso. Além disso, quem pode garantir que a academia construída por Verrugóvkin teria uma longa existência, quem pode dizer que frutos ela daria? Talvez acabassem por descobrir que ela tinha sido erguida sobre areia; talvez, em vez da “investigação” das ciências, ter-se-ia ocupado da propagação das mesmas? Tudo isso é altamente duvidoso e inexato. Com a cela provisória, entretanto, o negócio é certo: foi construída solidamente, e dos trilhos da “investigação” não sairá jamais.

Pois é esta ideia que desenvolve Galántov em seu projeto, com aquela clareza e indubitável coerência, que, infelizmente, não possui nem um dos nossos atuais planejadores. É claro que ele não era tão determinado quanto Verrugóvkin, ou seja, não erigiu uma cela provisória em lugar de uma academia, mas, ao que parece, a determinação não estava entre os traços de seu caráter. Será que convém culpá-lo por esse defeito? Ou, ao contrário, convém ver, nessa circunstância, uma secreta inclinação ao constitucionalismo? A solução dessa questão propõe-se aos pesquisadores contemporâneos que estudam a antiguidade pátria, e o editor os remete ao documento autêntico.

A cidade com fome^{191 192}

Tolóvia entrou em 1776¹⁹³ com os mais felizes presságios. Por inteiros seis anos seguidos a cidade não ardeu em chamas, não passou fome, não foi vítima de nenhuma epidemia, nem de nenhuma mortandade do gado, e os cidadãos, não sem fundamento, atribuíam essa prosperidade inaudita nos anais à simplicidade do seu chefe, o brigadeiro Piotr Petróvitch Ferdýschenko. E, realmente, Ferdýschenko era uma pessoa tão simples, que o cronista julga necessário deter-se de modo reiterado e com particular insistência nessa qualidade como a mais natural das explicações para a satisfação experimentada pelos tolenses na época do governo do brigadeiro. Ele não se intrometia em nada, satisfazia-se com módicos impostos, tinha prazer em frequentar a taverna, onde passava o tempo conversando com beijadores¹⁹⁴, todas as tardes saía ao terraço da casa governamental, vestindo um roupão ensebado, e jogava *noski*¹⁹⁵ com os subordinados, comia comida gordurosa, tomava *kvas*¹⁹⁶ e gostava de ornamentar o discurso com uma expressão carinhosa – irmãozinho-senhorzinho.

– Ah, irmãozinho-senhorzinho¹⁹⁷, deite-se¹⁹⁸! – dizia ele ao habitante que cometia uma falta.

Ou:

– Pois então, irmãozinho-senhorzinho, o caso é que você vai ter de vender a vaca! Os tributos, irmãozinho-senhorzinho, são coisa sagrada!

¹⁹¹ N. da T.: Capítulo publicado na revista *Anais da Pátria* em 16 de janeiro de 1870, (p. 1-16).

¹⁹² N. da T.: *Голодный город* [golodnyi gorod] – *голодный* [golodnyi], faminta, + *город* [gorod], cidade. Na história da Rússia, registraram-se muitos períodos de fome relacionados a insuficiência das colheitas por causa de incêndios e fenômenos climáticos em regiões específicas ou no país inteiro. Este capítulo, no entanto, tem sido relacionado mais frequentemente com o ano de 1868, conhecido como “o ano da fome” ou *голодный год* [golodnyi god]. Considera-se que a semelhança de *História de uma cidade* com a história da Rússia é descontínua e assíncrona. “Juntamente com o que já foi destacado pela crítica, o texto de *História de uma cidade* contém em si não poucas alusões também à realidade russa época de Saltykov-Schedrin, da metade do século XIX e, principalmente, à ‘ordem das coisas’ que prevaleceu na vida da Rússia nos séculos XVIII e XIX.” (*Obras reunidas*, p. 541-542).

¹⁹³ N. da T.: O ano de 1776 foi assim descrito por Solovióv: “Os meados do reinado de Catarina II, de 1775 a 1787, passaram com tranquilidade; Ekaterina aproveitou essa calma e fez muito de útil, como vimos.” (p. 224)

¹⁹⁴ N. da T.: *Целовальник* [tseloválnik], de *целовать* [целовать], beijar, + *ник* [nik], sufixo que indica profissão. Funcionário público na Rússia Moscovita, eleito pela administração de concelhos e burgos, para realizar tarefas judiciárias, financeiras e políticas. O escolhido jurava cumprir as suas obrigações, beijando uma cruz; daí esse nome.

¹⁹⁵ N. da E.: Jogo de cartas simples (de “criados”, segundo o linguista V. I. Dal), em que batem no nariz do perdedor com as cartas.

¹⁹⁶ N. da T.: Bebida fermentada, um pouco azeda, obtida da infusão de levedura e malte ou de levedura e pão de centeio torrado.

¹⁹⁷ N. da T.: *Братик-сударик* [bratik-sudarik] – *братик* [bratik], diminutivo de *брат* [brat], irmão, + *сударик* [sudarik], diminutivo de *сударь* [sudar], senhor.

¹⁹⁸ N. da T.: Referência aos açoitamentos.

É claro que, depois das divertidas ações do Marquês de Sanglot, que voava no ar pelo jardim da cidade, a pacífica administração do brigadeiro ancião devia parecer tanto “próspera” quanto “digna de surpresa”. Pela primeira vez, os tolenses suspiravam com liberdade e compreendiam que viver “sem tirania” é muitíssimo melhor do que viver “com tirania”.

– Pouco importa se ele não faz paradas e se não marcha pra cima de nós com regimentos – diziam eles. – Em compensação, no governo dele, desse nosso paizinho, fez-se a luz! Agora, quando saímos de casa, é só dar vontade de sentar – sentamos, é só dar vontade de andar – andamos por aí! Antes quantas ordens não havia – Deus nos livre!

Porém, no sétimo ano de governo, Ferdýschenko virou o diabo. O governante bonzinho e um tanto preguiçoso, de repente, transformou-se em homem ativo e perseverante ao extremo: lançou fora o roupão enebado e passou a percorrer a cidade de uniforme de funcionário. Começou a exigir que os habitantes, em vez de andarem distraídos, olhassem para ambos os lados com atenção e, para completar, aprontou tal rebuliço, que podia ter terminado muito mal para ele se, em um momento de extrema irritação, os tolenses, não tivessem pensado o seguinte: “Veja lá, irmãos! Elogio é que não vamos receber por isso.”

Acontece que, nessa mesma época, na saída da cidade, no subúrbio Estrume¹⁹⁹, florescia em beleza a senhora Aliona Óssipova. Pelo visto, essa mulher era uma daquelas doces beldades russas, diante das quais o homem não se consome de paixão, mas sente que todo o seu ser derrete-se lentamente. De altura mediana, ela era rechonchuda, branca e de faces rosadas; tinha olhos cinzentos grandes e saltados, nem bem impudicos, nem bem tímidos; lábios avantajados, grossos, cor de cereja; sobranceiras bem delineadas e uma trança castanho-escura até os calcanhares; andava pela rua “como uma patinha cinzenta”. O seu marido, Dmítri Prokófiev, trabalhava de cocheiro e também era tal qual a esposa: jovem, forte, bonito. Andava de *podiovka*²⁰⁰ de veludo algodado e *grechnievik* de lã²⁰¹, adornado com penas de pavão. E Dmítri morria de amores por Alionka²⁰², e Alionka morria de amores por Dmítri. Bem amiúde iam namorar na taverna vizinha e, felizes, entoavam canções. Os tolenses simplesmente não cansavam de se encantar com a vida harmoniosa dos dois.

¹⁹⁹ N. da T.: *Навозная* [navoznaia], de *навоз* [navoz], estrume.

²⁰⁰ N. da T.: Túnica masculina comprida, com pregas na cintura.

²⁰¹ N. da T.: *Поярковый* [poiarkovy], de *поярок* [poiaronk], lã de cordeiro, tirada da primeira tosa.

²⁰² N. da T.: Hipocorístico de Aliona.

E assim viviam eles já há algum tempo quando, no começo de 1776, naquela mesma taverna, em que passavam o tempo livre, entrou o brigadeiro. Entrou, bebeu meio quartilho²⁰³, perguntou a um beijador se ali se juntavam muitos bêbados; nesse momento, viu Alionka e sentiu cair-lhe o queixo²⁰⁴. No entanto, envergonhado de dizer isso diante do povo, saiu para a rua e, com um aceno, chamou Alionka.

– Você quer, minha jovem, viver comigo uma vida de amor? – perguntou o brigadeiro.

– De que você me serve... careca? – respondeu Alionka, encarando-o com atrevimento – já tenho um ótimo marido!

Entre eles tinham sido ditas apenas algumas palavras, mas só palavras ruins. Logo no dia seguinte, o brigadeiro mandou que dois inválidos fossem procurar Dmítri Prokofiev no alojamento e ordenou-lhes que, nesse caso, agissem “com tirania”. Ele próprio, vestiu o uniforme, foi para a rua das quitandas²⁰⁵ e, com o intento de²⁰⁶, gradualmente, habituar-se à severidade, com ardor, gritou aos vendedores:

– Quem é o chefe aqui? Digam! Ou será que não sou eu o seu chefe?

Dmítri Prokofiev, por seu lado, em vez de se aquietar e aos pouquinhos convencer a mulher, começou a dizer palavras sem sentido, enquanto Alionka, armando-se da tenaz do fogão, tocou para fora os inválidos e gritou para a rua inteira:

– Ai, ai, brigadeiro! Querendo se arrastar pra debaixo do edredom de mulher casada, feito percevejo!

Compreende-se como o brigadeiro deve ter ficado amargurado quando lhe informaram sobre essas palavras elogiosas. Porém, uma vez que a época era liberal e, entre o público, corriam boatos sobre a utilidade do princípio do voto, então o velho acautelou-se, evitando dar uma sentença unilateral. Ele reuniu os escolhidos de Tolóvia,

²⁰³ N. da T.: *Косышка* [kossuchka], unidade antiga de capacidade de líquidos correspondente a 0,307 L. Se considerarmos mais importante manter o tom arcaico (unidade antiga) e indicar uma quantidade, se não igual, pelo menos aproximada, “meio quartilho” parece cumprir bem essa função. A sua definição de “quartilho” nos dicionários *Aurélio* e *Houaiss*, é respectivamente: antiga unidade de medida de capacidade para litros, equivalente à quarta parte de uma canada, *i. e.*, 0,6655 litro; unidade de capacidade para líquidos correspondente à quarta parte de uma canada, ou seja, cerca de 0,665 litros ou, atualmente, a meio litro, no Norte de Portugal.

Há um exemplo de uso em *D. Pedro I*, p. 127. “Para se ter uma idéia do valor de uma assinatura [de um jornal], basta que se diga, como nos informa Lúcia Bastos Neves, citando Maria Beatriz Nizza, que “uma empada de recheio de ave custava cem réis; um arrátel de lingüiça, 280 réis; e um quartilho de tinta para escrever, 320 réis”.

²⁰⁴ N. da T.: *Язык у него прилип к гортани* [iazyk u niego prilip k gortani], pasmado, sem saber o que dizer; literalmente: a sua língua grudou na laringe.

²⁰⁵ N. da T.: *Ряды* [riady], (arcaico) fileira de vendas ou lojas.

²⁰⁶ N. da T.: *Добы* [daby], (arcaico) para.

brevemente dispôs diante deles o assunto e exigiu que castigassem de imediato os desobedientes.

– Os senhores, velhinhos-irmãzinhos, estão com os livros nas mãos! – acrescentou ele, com liberalismo – seja qual for a quantidade que ordenarem, eu de antemão concordo! Por que agora, entre nós, os tempos são outros: a cada um o seu quinhão, desde que seja em açoites!

Os escolhidos aconselharam-se, levantaram um leve berreiro e emitiram a seguinte resposta:

– Quantas são as estrelas no céu, tantas para a sua honra, cabe ensinar a esses espertalhões!

O brigadeiro começou a contar as estrelas (“era um homem muito simples” repete o arquivista-cronista sobre esse acontecimento), porém, já no primeiro dia, atrapalhou-se e foi procurar o ordenança em busca de explicações. O ordenança respondeu que estrelas no céu são um não acabar mais.

Parece que o brigadeiro ficou satisfeito com essa resposta, porque, quando Alionka e Mitka voltaram para casa, após a execução, cambaleavam como bêbados.

Entretanto, também desta vez, Alionka não sossegou ou, como se expressou o cronista, “das chibatadas do brigadeiro não tirou proveito”. Ao contrário disso, foi como se ela ainda mais se encarniçasse, o que demonstrou uma semana depois, quando o brigadeiro de novo foi à taverna e de novo lhe acenou.

– E então, raça estúpida, pensou direitinho? – perguntou-lhe o brigadeiro.

– Arre, cachorro velho, se não está querendo demais! Ou será que foi pouco o tanto de vergonha que me causou! – rosnou Alionka.

– Que seja! – disse o brigadeiro.

No entanto, a teimosia do velho deu a Alionka o que pensar. Já em casa, depois dessa conversa, passou algum tempo sem conseguir se ocupar de nada, como se estivesse sem lugar; depois apareceu de repente diante de Mitka e pôs-se a chorar bem doído.

– Claro está claro que, no fim das contas, vou parar no grupo das amantes do brigadeiro! – disse ela, banhada em lágrimas.

– Pois experimente fazer isso! Então eu... arrebento-lhe o crânio em pedacinhos! – arquejou Mitka e, enfurecido, correu a pegar as rédeas em cima da

*poláti*²⁰⁷, mas, de repente, caiu em si e, tremendo inteiro, caiu sobre o banco e pôs-se a berrar.

Gritava com toda força que podia, mas o que gritava era impossível distinguir. Via-se apenas que o homem estava revoltado.

O brigadeiro soube que Mitka tramava uma revoltança e desgostou-se duas vezes mais do que antes. Agrilhoaram o revoltoso e levaram-no à cela provisória. Meio enlouquecida, Alionka precipitou-se em direção ao pátio do brigadeiro, mas não conseguiu articular nada de útil, apenas rasgava o próprio sarafã e gritava indecorosamente:

– Aqui ó, seu cachorro! Empanturre-se! Empanturre-se! Empanturre-se!

Surpreendentemente, o brigadeiro não apenas não se ofendeu com essas palavras como, ao contrário, sem ter visto nada, presenteou Alionka com pão-de-mel de Viazma²⁰⁸ e uma lata de pomada. Alionka olhou os presentes e como que pasmou: gritar não gritava, apenas soluçava bem baixinho. Então o brigadeiro ordenou que trouxessem o seu novo uniforme, vestiu-o e, todo bonitão, apresentou-se a Alionka. Ao mesmo tempo, a velha governanta do brigadeiro saiu correndo pela porta, querendo levar Alionka à razão.

– Então, asquerosa, está com pena de quê? Pense aí! – disse a velha bajuladora. – O brigadeiro vai cobrir você de ouro.

– Tenho pena do Mitka! – respondeu Alionka, mas com voz tão hesitante, que ficou visível que já começava a pensar em se entregar.

Nessa mesma noite, na casa do brigadeiro, aconteceu um incêndio, que, por sorte, conseguiram apagar bem no início. Queimou apenas o arquivo, em que, temporariamente, engordavam um porco para as festas. É claro que surgiu a suspeita de incêndio criminoso, e ela recaiu não em outro, mas justo em Mitka. Correu a informação de que Mitka embebedara os guardas da provisória e, à noite, saíra não se sabe para onde. Capturaram o criminoso e começaram a interrogá-lo sob tortura, mas ele, como rematado ladrão e homem malvado, negou tudo.

– Não sei de nada disso – disse ele, – sei apenas que você, cachorro velho, raptou a minha mulher, e eu, cachorro velho, o perdoo por isso... empanturre-se!

Todavia, não acreditaram nas palavras de Mitka e, uma vez que o caso era urgente, a sua instrução foi conduzida de modo simplificado. Um mês depois, Mitka já

²⁰⁷ N. da T.: Leito de tábuas que vai da lareira à parede oposta.

²⁰⁸ N. da T.: Cidade russa, onde se fabricavam famosos pães-de-mel, decorados com as letras VIAZ.

tinha sido açoitado com cnute em praça pública, ferrado e enviado à Sibéria, junto com outros ladrões e bandidos de verdade. O brigadeiro celebrava; Alionka soluçava baixinho.

No entanto, para os tolenses, esse negócio não saiu de graça. Como de praxe, os pecados do brigadeiro refletiram-se principalmente sobre eles. Daí em diante tudo mudou em Tolóvia. O brigadeiro, de uniforme completo, toda manhã corria pelas vendas e surrupiava, surrupiava tudo. Até Alionka, de passagem, começou também a surrupiar e, de repente, sem quê nem pra quê, exigiu que a reconhecessem não como esposa de cocheiro²⁰⁹, mas como filha de pope.

E, como se não fosse pouco: a própria natureza deixou de ser benévola com os tolenses. “Essa nova Jesabel²¹⁰” – diz o cronista a respeito de Alionka – “lançou uma seca sobre a nossa cidade”. Pois desde o dia de São Nicolau²¹¹, quando costumava começar a época da cheia, até o dia de São Elias²¹², não caiu nem uma gota de chuva. Os velhos moradores não conseguiam lembrar-se de nada semelhante e, não sem fundamento, creditaram esse fenômeno ao pecado do brigadeiro. O céu se incandesceu e uma abrasadora onda de calor esaldou todo ser vivo; no ar observava-se uma espécie de vibração e fedia a queimado; a terra gretava-se e endurecia-se feito pedra, de modo que, nem com o arado e nem mesmo com a pá, era possível revolvê-la; o mato e os brotos dos legumes amarelavam nas hortas; o centeio desfloresceu e espigou extraordinariamente cedo, mas eram tão poucas as espigas e tão ressecados os seus grãos, que não havia esperança nem de retirar sementes; o trigo de primavera simplesmente não brotou, e os campos em que o semearam permaneceram negros como azeviche, desalentando os olhares dos habitantes com aquela nudez desesperadora; nem a erva-de-santa-maria não vingava; o gado desvairava-se, mugia, rinchava, por não

²⁰⁹ N. da T.: Ямичиха [iamschitchikha], por analogia com купчиха [kuptchikha], mulher de comerciante. Ямщик [iamshik], cocheiro; кунец [kupiets], comerciante.

²¹⁰ N. da E.: Na Bíblia, esposa de Acab, rei de Israel. Mulher pagã, que “o incitava” a fazer “o que desagrada a Iahweh” e servir a Baal. O Deus de Israel, encolerizado, lança sobre o país seca e fome. Acab morre; Jesabel é jogada de uma janela e os seus restos mortais são devorados por cães. (1Rs 21,17-26).

²¹¹ N. da T.: O nome do santo e do czar russo “Nikolai” são traduzidos aqui, como já é costume no Brasil, em sua forma portuguesa, diferentemente de outros que têm se consagrado entre nós com “k” e “i”, por exemplo o escritor Nikolai Gógol (exceção feita apenas nas referências bibliográficas, em que está grafado como publicado).

²¹² N. da E.: De 9 de maio até 20 de julho no calendário juliano.

encontrar alimento no campo, fugia para a cidade e enchia as ruas. As pessoinhas ficaram um tanto encovadas e andavam cabisbaixas; apenas os oleiros alegravam-se com o bom tempo, mas também esses se arrependeram tão logo tomaram consciência de que havia muitos potes e nenhuma boia.

No entanto, os tolenses não se desesperaram, porque não podiam ainda abraçar toda a profundidade da desgraça que os esperava. Enquanto havia reserva do ano anterior, muitos, por imprudência, comiam e ofereciam banquetes, como se não se previsse o fim da reserva. O brigadeiro circulava de uniforme pela cidade e ordenava, severo-severo, que as pessoas com “ar tristonho” fossem recolhidas à cela provisória e levadas à sua presença. Com o intuito de encorajar o povo, incumbiu um arrendatário²¹³ de organizar um piquenique em um bosquezinho, nos arredores da cidade, e soltar fogos de artifício. Fizeram o piquenique, queimaram os fogos, “mas, pão, depois disso, não apresentaram ao povinho”. Então o brigadeiro mandou chamar os “escolhidos” e ordenou-lhes encorajar o povo. Começaram os “escolhidos” a ir de casa em casa e não deixaram sem consolo nem um dos tristonhos.

– Estamos *costumados*! – disseram eles – Temos condições de suportar. Ainda que, agorinha, juntassem todos em um montão e queimassem as quatro pontas, ainda assim não pronunciaríamos uma única palavra contra!

– Nem precisa dizer! – acrescentaram outros. – Nós suportamos! Isso por que sabemos que temos um governante!

– Você acha o quê? – incentivaram terceiros. – Você acha que a administração fica dormindo? Não, irmão, ela fecha um olho, enquanto com o outro enxerga longe!

Porém, quando arrumaram o feno, então ficou claro que não havia com que alimentar os estômagos; quando acabou o restolho, então ficou claro que para alimentar o povinho também não havia nada. Os tolenses assustaram-se e começaram a frequentar o pátio do brigadeiro.

– Pois então, senhor brigadeiro, quanto ao pãozinho, hein? Está cuidando disso? – perguntavam-lhe.

– Estou cuidando, irmãozinhos, estou cuidando! – respondia o brigadeiro.

– Aí é que está; cuide bem disso!

²¹³ N. da E.: Na Rússia do século XIX, indivíduo ao qual o governo, por um valor predeterminado, transferia o direito de cobrar impostos ou o monopólio do comércio (de vinho, etc.) e que, por isso, tinha oportunidade de “se enriquecer” rápida e legalmente. Nas províncias, para o funcionalismo de alto escalão, o arrendatário era um tipo de “bolso sempre aberto”, do qual com frequência se extraía recursos tanto para proveito próprio quanto para todo tipo de “entretenimento” e “empreendimento” social.

No final de julho, começaram a cair chuvas inúteis e, em agosto, o povinho começou a morrer, porque tudo o que havia já tinha sido comido. Puseram-se a inventar um modo de preparar uma comida diferente, que lhes desse saciedade; misturaram farinha com o restolho do centeio, mas nada de saciedade; experimentaram se não ficava melhor com casca de carvalho triturada. Mas também aí não encontraram a verdadeira saciedade.

– Embora, com certeza, por conta dessa comida, a pança fique como que cheia, no entanto, irmãozinhos, é preciso dizer: é uma comida de vento! – comentavam entre si os tolenses.

As lojas esvaziaram-se, não havia o que vender, e nem a quem, porque a cidade despovou-se. “Uns morreram” – diz o cronista – “outros, desmemoriados, dispersaram-se cada um para um canto”. O brigadeiro, enquanto isso, não interrompeu nem um pouco as suas ilegalidades e comprou para Alionka um xale drapeado. Informados sobre isso, os tolenses de novo se alarmaram e, em enorme massa, irromperam no pátio do brigadeiro.

– Está vendo só, brigadeiro? Não vem nada de bom dessa história de raptar mulher casada e viver com ela! – disseram-lhe. – E você não foi mandado pra cá pela chefia para que nós, órfãos, tivéssemos de suportar desgraças por causa da sua doidice.

– Aguentem firme, irmãozinhos! Haverá de tudo em abundância! – esquivava-se o brigadeiro.

– Aí é que está! Concordamos, vamos suportar! Estamos acostumados! Só que você, brigadeiro, pense bem a respeito dessas nossas palavras, Deus nos livre: aguentamos, aguentamos, mas, também no meio de nós, não são poucos os tolos! Veja lá o que ainda pode acontecer!

A massa dispersou-se tranquilamente, mas o brigadeiro pôs-se a matutar. Ele próprio reconhecia que Alionka era a causa de todo o mal, mas não conseguia se separar dela. Mandou chamar o pope, pensando encontrar consolo em uma conversa com ele, mas esse ainda mais o inquietou ao contar-lhe a história de Acab e Jesabel.

– E enquanto os cães não a estraçalharam, todo o povo curvou-se, sem exceção! – concluiu o pope a história.

– Pense bem, paizinho! Entregar Alionka aos cães! – assustou-se o brigadeiro.

– Não para isso contei a história! – explicou-se o pope. – No entanto, não é demais ponderar as consequências: o nosso rebanho é indiferente, as receitas são pequenas, as provisões são caras... onde vai se arranjar o pastor, senhor brigadeiro?

– Oh! Por causa dos meus pecados de velho, Deus aprontou! – gemeu o brigadeiro e desatou a chorar amargamente.

E eis que pegou de novo a escrever; escreveu muito e para toda parte. Relatou assim: uma vez que não se tem pão, então, deixe pelo menos que venha um comando. Mas nenhum de seus escritos, de nenhuma parte, mereceu resposta.

Enquanto isso, os tolenses tornavam-se, a cada dia, mais impertinentes.

– E então? Recebeu, brigadeiro, uma resposta? – perguntavam-lhe com inaudito atrevimento.

– Não, não recebi, irmãozinhos! – respondia o brigadeiro.

Os tolenses fitavam-lhe com um “jeito disparatado” no olhar e balançavam as cabeças.

– Velho careca! É por isso, nojento, que não respondem! – lançaram-lhe – Não vale a pena!

Em resumo, as perguntas dos tolenses começaram a ficar incômodas. Chegou aquela hora em que começa a falar a pança, contra a qual todos os argumentos e artifícios mostram-se impotentes.

– É, com esse povo persuasão não resolve nada! – avaliou o brigadeiro. – Aqui precisamos não de persuasão, mas sim: ou de pão, ou... de comando!

Assim como todos os bons governantes, o brigadeiro admitia essa derradeira ideia com pesar; mas, aos pouquinhos, aprofundou-se tanto nela que, não apenas passou a confundir comando com pão, como até começou a desejar o primeiro em lugar do último.

Levantava-se o brigadeiro bem cedinho, sentava-se junto à janelinha e punha-se a escutar: será que não se ouvia ao longe um turu-turu?

Dispersem-se, guerreiros!

Atrás de pedras e de árvores!

De dois em dois!

– Não, não se ouvia nada!

– Parece que Deus anda esquecido de nossa região! – pronunciou o brigadeiro.

Enquanto isso os tolenses iam vivendo... iam vivendo.

Os jovens, sem exceção, correram em debandada. “Correram, correram muitos deles”, diz o cronista, “mas, sem nada alcançar, receberam uma coroa de espinhos;

muitos foram capturados e presos a grilhões; consideraram-se esses bem-sucedidos”. Em casa ficaram apenas os velhos e as crianças pequenas, que não tinham pernas para correr. No início, os que restaram tiveram um alívio, porque a parte dos que debandaram aumentou um pouco a parte dos outros. Desse modo, sobreviveram ainda mais uma semana, mas depois, de novo, começaram a morrer. As mulheres carpavam aos uivos, as igrejas enchiam-se de caixões, os cadáveres dos plebeus tombavam nas ruas desamparados. Era difícil respirar aquele ar empestado; começaram a cuidar para que não se unisse à fome uma epidemia, e, para prevenir o mal, desde já montaram uma comissão, elaboraram um projeto para construção de um hospital provisório, com dez leitos, desfiavam trapos para fazer ataduras e enviaram relatórios para toda parte. Entretanto, apesar de sinais tão visíveis dos cuidados da administração, o coração dos habitantes já se petrificara. Não se passava uma hora sem que alguém fizesse uma banana ao brigadeiro, o xingasse de “careca velho”, “nojento” etc.

Para completar a desgraça, os tolenses criaram juízo. De acordo com o faccioso costume enraizado desde tempos antigos, reuniram-se em torno do campanário, puseram-se a escarafunchar a questão e terminaram por escolher dentre todos um emissário, o homem mais antigo de toda a cidade – Evsseitch. Longamente a comunidade rural²¹⁴ e Evsseitch postaram-se um aos pés do outro: a primeira pedia-lhe que servisse de emissário, o segundo pedia-lhe que o libertassem.

– Quantos anos, Evsseitch, você não viveu, quantos governantes não viu e continua vivo!

Pois então Evsseitch não se conteve.

– Muitos anos vivi! – exclamou ele, inflamando-se de imediato. – Muitos governantes vi! E vivo estou!

E, depois disso, pôs-se a chorar. “O seu coração rejubilava-se no desejo de servir” – acrescenta o cronista. Evsseitch então se fez emissário e decidiu, sinceramente, tentar²¹⁵ o brigadeiro três vezes.

– Tem você conhecimento, brigadeiro, que aqui nós, uma cidade inteira de órfãos, estamos morrendo? – assim começou ele a primeira tentação.

– Tenho – tornou o brigadeiro.

²¹⁴ N. da T.: *Mup* [mir], comunidade rural e os seus membros, considerada pelo movimento populista russo como modelo de socialismo. Comunas agrárias, instituições ancestrais dotadas de uma assembléia (a *obchina*).

²¹⁵ N. da T.: Referência à tentação de Cristo pelo demônio (Mt 4, 1-11).

– E tem você conhecimento do motivo, pelo qual, entre nós, esse hábito de vadia ladroagem foi cometido?

– Não, não tenho.

A primeira tentação terminou. Evsseitch voltou ao campanário e deu à comunidade a resposta detalhada. “Já o brigadeiro, vendo tal endurecimento de Evsseitch, ficou extremamente temeroso”, diz o cronista.

Passados três dias, Evsseitch procurou o governador pela segunda vez, “mas já havia perdido o ar severo de antes”.

– Com justiça, posso viver bem em qualquer lugar! – disse ele. – Se a minha tarefa é justa, então pode me mandar para o fim do mundo, também lá, com justiça, será bom!

– De certo, viver com justiça é bom – respondeu o brigadeiro, – mas ouça só o que vou lhe dizer: melhor seria para você, velho antiquado, ficar em casa com justiça do que sair procurando desgraça!

– Não! Não me cabe ficar sentado em casa! Porque ela, a mãezinha justiça, é irrequieta! Pode ver: assim que um entra na isbá e se enfia na cama, ela, a mãezinha justiça, toca a pessoa de casa...eis só como é!

– Que nada! Tomara que ela, essa sua justiça, não venha se fazer de valente!

E a segunda tentação terminou. De novo voltou Evsseitch ao campanário e de novo deu à comunidade uma resposta detalhada. “O brigadeiro então, vendo Evsseitch falar de justiça sem necessidade, já não teve tanto medo dele quanto antes”, acrescenta o cronista. Ou, em outras palavras, Ferdýschenko entendeu que, quando a pessoa começa a introduzir uma conversa sobre a verdade, então isso significa que ele próprio não está completamente certo de que não vão açoitá-lo por conta dessa verdade.

Ainda três dias depois Evsseitch foi procurar o brigadeiro pela terceira vez e disse:

– Tem conhecimento você, cachorro velho...

Ele, porém, não conseguira ainda nem abrir a boca direito quando o brigadeiro, por sua vez, vociferou:

– Ponha algemas no imbecil!

Colocaram em Evsseitch adereços de prisioneiro e, “como uma noiva ao encontro do noivo vindouro”, levaram-no, sob escolta de dois inválidos idosos, à detenção provisória. À medida que o cortejo se aproximava, as multidões de tolenses afastavam-se e abriam caminho.

– Está certo, Evsseitch, está certo! – soava ao redor. – Com justiça você viverá bem em qualquer lugar!

Ele, por seu lado, inclinava-se em todas as direções e dizia:

– Perdoe, horda de valentes, se ofendi alguém! E também se cometi algum pecado! E também se menti a alguém... Perdoem todos!

– Deus perdoará! – ouviu-se em resposta.

– E se diante da autoridade fui grosseiro... se fui provocador... também por isso, por Cristo, me perdoe!

– Deus perdoará!

A partir desse minuto, o velho Evsseitch sumiu, como se nunca tivesse existido na terra, sumiu sem deixar vestígio, como podem sumir apenas os “exploradores” da terra russa. No entanto, a severidade do brigadeiro, de qualquer modo, mostrou-se uma ação de efeito apenas temporário. Por alguns dias, a cidade realmente foi-se aquietando, mas, uma vez que não havia pão (“necessidade mais profunda não há!”, escreve o cronista), então, por bem ou por mal, de novo restou aos tolenses reunir-se ao redor do campanário. De sua varandinha, o brigadeiro observava esse “frenesi de revolta” dos tolenses e pensava: “Agora era só disparar umas bolinhas²¹⁶, zás-zás-zás, e eis que não existiria mais²¹⁷!” Mas os tolenses não estavam com disposição para se revoltar. Reuniram-se, começaram a se entender baixinho, como se arranjassem uma solução, mas não conseguiram imaginar nenhuma nova invencionice, a não ser de novo escolher um emissário.

O novo emissário, Pakhomytch, olhava o negócio com outros olhos, diferentes daqueles do seu predecessor. Ele entendeu que, naquele momento, o recurso mais correto seria começar a escrever solicitações a toda parte.

– Eu conheço um homenzinho, – disse ele aos tolenses – será que não lhe fazemos já de antemão uma visita?

Ouvindo essas palavras, a maioria se alegrou. Por mais que fosse enorme a “precisão”, todos sentiram certo alívio ao pensar que havia, em algum lugar, um tal homem pronto a “cuidar” de todos. Que não se passa sem “cuidado” – isso todos

²¹⁶ N. da T.: *Горюшек* [gorochek], *petit-pois*. Nessa frase na expressão *в зорюшкѣ* [v gorochkom], de bolinhas. Alusão à metralha, ou seja, conjunto de pequenas balas, pedaços de ferro velho, pregos etc. us. como carga de artilharia.

²¹⁷ N. da T.: *Се не бѣ* [sie nie bie], expressão em eslavo antigo presente na Bíblia ortodoxa. Na católica, encontra-se no Salmo 37 – *Vi um ímpio muito poderoso/elevar-se como um cedro do Líbano;/passei de novo e eis que não exisita mais/procurei-o, mas não foi encontrado* (Bíblia de Jerusalém, São Paulo: Paulus, 2002, p. 901).

reconheciam igualmente, e parecia a cada um incomparavelmente melhor que dele “cuidasse” uma outra pessoa. Por isso a multidão estava pronta a seguir adiante, para colocar em prática o conselho de Pakhomytch, quando surgiu a pergunta “para onde ir”: direita ou esquerda? Desse momento de indecisão aproveitaram-se os homens do esquadrão de segurança.

– Pare, horda de valentes! – disseram eles. – Como se o brigadeiro não fosse nos surrar por causa desse homem! O melhor é perguntar de antemão, quem é esse homem?

– Esse homem é daquele que conhece todas as saídas! Em resumo, um rematado! – tranquilizou-os Pakhomytch.

Acontece que, na realidade, o “homenzinho” não era outro senão Bogoliépov²¹⁸, funcionário de uma repartição pública, expulso do trabalho “por tremor na mão direita”, tremor esse cujo motivo consistia em bebidas alcoólicas. Morava ele algures, em um “pântano”, na isbazinha semidesmoronada de uma donzela burguesa, que, por sua insensatez, ganhara o apelido de “cabra” e “caneca de todos²¹⁹”. Ocupação de verdade ele não tinha e, de manhã até a noite, compunha delações, que escrevia, segurando a mão direita com a esquerda. Não havia outras informações sobre o “homenzinho” e, pelo visto, não sentiram necessidade delas, pois a maioria, de antemão, já se inclinava a acreditar incondicionalmente.

Entretanto, de qualquer modo, a pergunta dos “homens da segurança” não passou de graça. Quando a multidão finalmente pôs-se a caminho, por indicação de Pakhomytch, então alguns apartaram-se e seguiram direto para o pátio do brigadeiro. Aconteceu um cisma²²⁰. Surgiram os chamados “caídos²²¹”, ou seja, os videntes, cuja tarefa consistia em proteger as próprias costas de abalos previstos no futuro. Os

²¹⁸ N. da T.: *Боголепов* [bogolievov] = *Бог* [Bog], Deus, + *лепить* [lepit], moldar, modelar. Essa associação encontra-se no artigo (ver nota 323) de Aleksandr Kaláchnikov, que cita a sua tradução em inglês – Deiformov. Como nos pareceu que essa tradução nada acrescenta à descrição da personagem, preferimos deixar o sabor da estranheza de som do nome em russo.

²¹⁹ N. da T.: *Опчественная кружка* [ontchiestvennaia krukja], expressão popular para designar prostitutas. O adjetivo *опчественная* é uma corruptela de *общественная* [obschiestvennaia], social, público, comum.

²²⁰ N. da T.: Alusão ao cisma da Igreja ortodoxa russa no século XVII. Resultou dele o surgimento de numerosos grupos dos assim chamados “velhos crentes”, que não concordavam com as mudanças nos ritos religiosos.

²²¹ N. da T.: *Омпадуи* [otpadchi], do verbo *омпадать* [cair]. Termo usado para se referir aos cismáticos e palavra recorrente na Bíblia, como, por exemplo, em Rm 11,22, “Vê então a bondade e a severidade de Deus: a severidade para com os que caíram, e a bondade de Deus para contigo, se perseverares na bondade” (*Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002, p. 1985).

“caídos” chegaram ao pátio do brigadeiro, mas falar, não falaram, apenas ficaram trocando as pernas, no mesmo lugar, para testemunhar.

Apesar do cisma, no entanto, o negócio empreendido pelos tolenses no “pântano” seguia o seu curso.

Por um minuto, Bogoliépov ficou pensativo, como se precisasse ainda botar para fora um pileque já velho. Mas foi reflexão de um instante. Em seguida, às pressas arrancou a pena do tinteiro, chupou-a, cuspiu, firmou com a mão esquerda a direita e disparou a escrever:

“A TODOS OS LUGARES DO IMPÉRIO RUSSO”

Vimos nós, as mais reverentes, as mais sofredoras
pessoinhas e funcionários de todos os escalões
da cidade de Tolóvia, requer o que está
nos seguintes pontos:

1) Por meio deste informamos a todos os lugares e pessoas do Império Russo: todos nós, órfãos, morrendo estamos, sem exceção. A chefia que vemos ao redor é inepta, na coleta de tributos é severa, mas na distribuição de ajuda pouco próspera. E informamos ainda: aquela Alionka, que vive na casa do brigadeiro Ferdýschenko, mulher do cocheiro dos correios, dela, necessariamente, sucedeu a fonte de todas as nossas desgraças, e além dela outro motivo não vemos. Pois quanto vivia Alionka com o seu marido, Mitka, o cocheiro, então em nossa cidade havia paz e prósperos todos vivíamos. Embora ainda mais suportar concordemos, no entanto, receamos: se todos morrermos, então o brigadeiro, com a sua Alionka, poderá nos caluniar e, diante da chefia, levantar suspeitas.

2) Outros pontos, além daquele, não há.

Neste requerimento, em nome das pessoinhas da cidade de Tolóvia, por serem analfabetas, foram colocadas duzentas e trinta cruzinhas.

Depois que o requerimento foi lido e cruzificado, então o coração de todos ficou mais leve. Empacotaram o documento em um envelope, selaram-no e entregaram-no ao correio.

– Êta, desempenrou! – disseram os velhos, seguindo com o olhar a tróica que levava o requerimento ao desconhecido distante. – Agora, horda de valentes, agora falta pouco!

E, realmente, na cidade tudo se aquietou: os tolenses não empreenderam nenhuma nova revolta, apenas ficaram sentados nos bancos de terra, esperando. Quando os forasteiros perguntavam: como vão?, então respondiam:

– Agora o negócio está certo. Agorinha mesmo, meu amigo, entregamos o papel!

Mas se passou um mês, e outro, e nada de resolução. Enquanto isso os tolenses iam vivendo e uma coisa ou outra ruminando. As esperanças cresciam e, a cada novo dia, tornavam-se mais e mais prováveis. Até os “caídos” começaram a se convencer do despropósito dos seus receios e importunavam insistentemente para que os inscrevessem entre os provocadores. Muito provavelmente tudo terminaria assim, vencido pela fome, se o próprio brigadeiro, com sua inépcia administrativa, não tivesse agitado a opinião pública. Enganado pela aparente tranquilidade dos habitantes, ele se encontrava na mais melindrosa das posições. Por um lado, sentia que não havia o que fazer; por outro, sentia também que não podia ficar sem fazer nada. Por isso tramou um meio-termo, algo que lembrava, em certa medida, o jogo de *biriulki*²²². Lançar no meio do mato o ganchinho, puxar de lá um malfazejo e prender. Depois de novo lançar, de novo puxar e de novo prender. E, enquanto isso, escrever, escrever, o tempo todo. Primeiro, é claro, prendeu Bogoliépov, que, de pavor, entregou um montão inteiro de malfazejos. Cada um dos malfazejos, por sua vez, entregou o seu monte de outros malfazejos. O brigadeiro regalava-se, mas os tolenses não apenas não se intimidaram, como, aos risos, diziam entre si: “Que jogo é que é esse que o cachorro velho inventou?”

– Que espere! – raciocinavam alguns. – Já, já chega o papel!

Mas o papel não chegava, e o brigadeiro arrastava, arrastava a sua rede e arrastou tanto que, aos poucos, enredou nela toda a cidade. Não há nada mais perigoso do que raízes e linhas²²³, quando se toma essa tarefa a peito. Com a ajuda de dois inválidos, o brigadeiro enovelou e carregou para a cadeia provisória quase toda a cidade, de modo que não havia casa que não tivesse um ou dois malfazejos.

²²² N. da T.: Jogo que consiste em espalhar objetos miúdos ao acaso e apanhá-los um a um com um gancho de modo que os restantes não se mexam. Uma de suas variantes é o jogo de varetas.

²²³ N. da E.: Designação irônica dada às polícias que “desenovelavam” as “relações subterrâneas” secretas de “elementos suspeitos”; chavão dos periódicos reacionários da segunda metade do século XIX.

– Desse jeito, irmãos, vai condenar nós todos! – previram os tolenses, e esse receio foi suficiente para derramar óleo no fogo que se extinguia.

De uma vez só, sem nenhum acordo preliminar, as cento e cinquenta “cruzes” que se salvaram das garras do brigadeiro, encontraram-se na praça (os “caídos”, sensatamente, de novo se esconderam), caminharam até a casa do brigadeiro e lá pararam.

– Alionka! – bramiu a multidão.

O brigadeiro entendeu que o negócio tinha ido longe demais e que não lhe restava mais nada a não ser se esconder no arquivo. Desse modo ele agiu. Alionka também se lançou atrás dele, mas, de modo conveniente, a porta do arquivo bateu exatamente no minuto em que o brigadeiro atravessou a sua soleira. A tranca estalou, e Alionka ficou do lado de fora, de mãos abanando. Assim a encontrou a multidão; encontrou-a pálida, com o corpo inteiro tremendo e quase louca.

– Tenha pena, horda de valentes, do meu corpo alvo! – disse Alionka, com a voz enfraquecida pelo pavor. – É do seu conhecimento que foi ele quem me tirou à força do meu marido!

Mas a multidão já não ouvia nada.

– Diga, bruxa! – bramia ela. – Qual foi o seu feitiço que trouxe a seca à nossa cidade?

Alionka como que desatinava. Agitava-se e, parecendo certa de que a sua situação não tinha saída, apenas repetia: “Tonta! Ai, paizinhos, estou tonta!”

Então aconteceu uma coisa inaudita. De uma só vez, pegaram Alionka, como se fosse uma pena, subiram com ela até o último andar do campanário, e jogaram-na de uma altura de mais de quinze braças.

“E não sobrou desse doce prazer do brigadeiro nem uma única lasquinha. Num abrir e fechar de olhos, cães desconhecidos famintos a estraçalharam.”

E eis que, no mesmo momento em que se desenrolava esse drama sangrento e irrefletido, ao longe, na estrada, de repente ergueu-se uma densa nuvem de poeira.

– Está chegando o pão! – exclamaram os tolenses, passando num instante da ira à alegria.

– Tu-ru! Tu-ru! – soou distintamente de dentro da nuvem de poeira.

Formação em coluna

a toda pressa!

Repique

Daremos com a baioneta!

Rápido! Rápido! Rápido!

Incêndio em Moscou (Consulta feita em outubro de 2010
<http://www.pravoslavie.ru/sas/image/100278/27813.p.jpg?0.6159074576832038>)

A cidade de palha

Mal a cidade tinha começado a se aprumar, uma nova imprudência ocorreu ao brigadeiro: ele foi seduzido pela maldita Domáchka, esposa de um infante²²⁴.

A infantaria de então, embora já não fosse mais aquela da época que antecedeu Pedro I, ainda lembrava um pouco a outra. O aspecto sombrio e, em parte, sarcástico com dificuldade cedia aos esforços da imperiosa civilização, por mais que esta tentasse incutir a ideia de que a vileza e a sedição de modo nenhum podem ser toleradas como “constante passatempo”. Os infantes viviam em um subúrbio reservado, chamado Infantaria em função da presença deles, enquanto, no extremo oposto da cidade, ficava o subúrbio Canhonaria, habitado por canhoneiros de Pedro I, caídos em desgraça, e seus descendentes. A desgraça comum, entretanto, não unira essas pessoas, e os dois subúrbios hostilizavam-se com frequência. Parecia que, entre eles, tinham ficado algumas contas que eles não conseguiam esquecer e que cada lado formulava assim: “Não fosse a sua (recíproca) antiga ladroagem, teríamos continuado até hoje a passear pela mãe-Moscou”. Em especial, essas contas ficavam evidentes durante a sega dos campos. Cada subúrbio tinha sob seu domínio campos específicos, mas as fronteiras entre eles eram determinadas assim: “no terreno ‘onde açoitaram Pedro Dolgui’, e nos outros dois do mesmo modo”.²²⁵ E os infantes e os canhoneiros precisamente todo ano, em torno do dia de São Pedro²²⁶, ocupavam o lugar; no início, como de praxe, procuravam um tal barranco, um tal riachinho, ou então uma bétula torta, que antes consistia em uma marca de limite bastante evidente, mas que, uns trinta anos atrás, fora cortada; depois, sem procurar nada, começavam com uma conversa sobre “ladroagem” e terminavam, pouco a pouco, com o emprego das foices. As pelejas aconteciam muito a sério, mas os tolenses já haviam se acostumado tanto a esse fenômeno, que nem mesmo se envergonhavam. Posteriormente, no entanto, as autoridades ficaram preocupadas e ordenaram recolher as foices. Então não restou com que segar o feno, e os animais morreram por falta de comida. “E nem a infantes nem a canhoneiros veio

²²⁴ N. da T.: *Стрельчиха* [streltchikha], esposa de *стрелец* [streliets], soldado da infantaria russa nos séculos XVI-XVII.

²²⁵ N. da T.: *Да в дву потому жю* [da v du potomu jiu]. Refere-se a uma prática antiga de dividir o terreno cultivado em três faixas. Em uma plantavam-se os cereais de inverno, na outra os de primavera e a terceira ficava em repouso. As dimensões das três faixas eram iguais e, por isso, o responsável pela agrimensão media apenas aquela que não tinha cereais e escrevia em seu relatório “e nas outras duas do mesmo modo”.

²²⁶ N. da E.: Comemorado em 29 de junho, considerado o dia inicial das colheitas.

disso nenhum lucro, apenas aos agrimensores uma alegria perversa”, acrescenta o cronista a respeito do acontecido.

Em uma dessas pelejas, apareceu o próprio Ferdýschenko com o equipamento de incêndio e um tonel de água. No início, providenciou tudo muito ativamente e até lançou sobre os pelejadores o devido jato de água, mas, quando viu Domáchka, combatendo apenas de túnica, à frente de todos, com forcados nas mãos, então o seu coração “malevolente” inflamou-se a tal ponto que, num instante, ele esqueceu tanto a força do juramento que fizera quanto o objetivo de sua presença. Em vez de aumentar a tática molhadora de modo gradual, sentou-se muito tranquilamente sobre um montículo e, fumando cachimbo, engatou uma conversa picante com os medidores de terras. Dessa forma, devorando Domáchka com os olhos, ficou sentado até anoitecer, quando o crepúsculo que se adensava, por si só, forçou os combatentes a irem para casa.

Domáchka, mulher de infante, era de um tipo completamente diferente de Alionka. Tanto esta última era suave e feminina em todos os movimentos, quanto a primeira era abrupta, decidida e viril. Mal lavada, desgrenhada, semiesfarrapada, ela representava um tipo de mulher-machona, que briga até sem motivo e aproveita todas as chances de ornamentar a própria fala com algum movimento indecente. De manhã até a noite, pelo subúrbio ressoava a sua voz, que amaldiçoava e prometia todo tipo de dificuldade, e só se calava quando uma purinha²²⁷ a aplacava até a perda da consciência. Os infantes mais jovens corriam atrás dela, enlouquecidos; entretanto, não brigavam entre si por sua causa, e, em geral, todos chamavam-na “açucarzinha” e “trilha batida”. Os canhoneiros tinham medo dela, mas, em segredo, também a desejavam com ardor. A coragem dela era extraordinária. Ela atacava a pessoa diretamente, como se dissesse: Vamos lá, vai me dobrar ou não? – e a todos, é claro, seria lisonjeiro provar a essa “glutona” que era possível “dobrá-la”. Com as próprias roupas ela não se preocupava, como se soubesse, por instinto, que a sua força estava não em *sarafans*²²⁸ coloridos, mas no jato inesgotável de desavergonhamento que impetuosamente irrompia de todos os seus movimentos. Havia boatos de que tinha um marido, mas, como ela raramente dormia em casa, passava as noites em celeiros e paiois e, além disso, não tinha filhos,

²²⁷ N. da T.: Зелено вино [zeleno vino]. Em *História da vodca* (disponível em <http://www.gumer.info/bibliotek/Buks/History/Pohleb/04.php> Acesso em 17.11.2010) Acesso em 10.11.2010), o autor V. V. Pokhliobkin fornece duas explicações para esse termo. De acordo com a primeira, Зелено вино pode ser entendido como metonímia da palavra хмельное [khemelnoe], lúpulo, embriaguez. A segunda, mais recente, relativa aos séculos XVII-XVIII, refere-se ao aspecto da aguardente caseira de má qualidade, que tinha cor esverdeada e turva.

²²⁸ N. da T.: No tempo antigo, roupa usada por camponesas. Um tipo de vestido sem mangas, que se vestia sobre uma blusa de mangas compridas.

então logo esqueceram por completo desse marido, como se ela tivesse surgido no mundo de Deus já como mulher de todos e como mulher seca.

Mas foi isso, em suma, ou seja, esse esquecimento bem insolente de todas as alusões, que atraiu o coração daquele velho caprichoso. O desavergonhamento doce e derretido de Alionka foi esquecido; exigia-se um estímulo mais intenso, capaz de agir sobre os sentimentos adormecidos do ancião. “Experimentamos uma mulher doce” – disse ele consigo – “agora vamos experimentar uma mulher insubordinada”. E, dito isso, enviou um *uriádnik*²²⁹ em missão ao subúrbio Infantaria, munindo-o de um livro de recados para manutenção da ordem. O *uriádnik* encontrou Domáchka semiembriagada, além das hortas, perto de um pequeno celeiro, cercada de uma multidão de filhos de infante. Ela ouviu a ordem para se apresentar e ficou admirada, mas, como, no fundo, tanto fazia, “quem não é pope é padre²³⁰”, então, após um minuto de hesitação, começou a se levantar, para acompanhar o enviado. Mas aqui os filhos de infantes indignaram-se e arrancaram a mulher das mãos do *uriádnik*.

– Que esfomeado! – gritaram eles. – nem faz muito tempo que tirou Alionka da casa de Mitka e, agora, vejam só, já quer tirar outra da comunidade!

Obviamente, dessa vez, convinha ao brigadeiro tomar vergonha, mas quem o tomou foi o diabo. Como se tivesse sido picado, corria pela cidade e gritava aos berros. Não lhe serviram nem as lições do passado, nem as recriminações da própria consciência, que preveniam claramente o abrasado ancião de que não era ele quem ia pagar pelos próprios pecados, mas sim os tolenses, de nada culpados. Por mais que os filhos de infantes tivessem resistido, por mais que a própria Domáchka tivesse justificado, que “não podia ir contra a comunidade”, a força, como de hábito, prevaleceu. Duas vezes o brigadeiro fustigou a obstinada mulherzinha, duas vezes ela bastante estoicamente suportou o castigo imerecido, mas, quando começaram pela terceira vez, então não suportou...

Aí os canhoneiros avançaram e começaram a importunar os infantes com zombarias porque não tinham conseguido proteger a sua mulher do chicote do brigadeiro. “Tolos foram os canhoneiros,” explica o cronista, “não conseguiam compreender que, ao rirem dos infantes, estavam rindo de si próprios”. Os infantes,

²²⁹ N. da T.: polícia sem graduação ou sargento cossaco na Rússia czarista.

²³⁰ N. da T.: *Кто не поп – тот батька* [kto ne pop – tot batka], provérbio russo dito pelo personagem Pugatchov em *A filha do capitão* de Aleksandr Púchkin.

porém, não queriam nem saber de explicar a atitude dos canhoneiros fosse pela tolice ou por qualquer outro motivo.

Como pessoas que percebem uma ofensa mortal e não estão em condições de acertar as contas diretamente com o culpado, eles descarregaram a sua ofensa em quem os fazia lembrar dela. Tiveram início brigas, desmandos e traumas; partiram um para cima do outro sozinho e coluna contra coluna, e quem mais do que tudo sofreu por causa desse ódio foi a cidade, que se viu bem no meio dos acampamentos inimigos. Mas o brigadeiro já não ouvia mais nada e em nada prestava atenção. Meteu-se com Domáchka no torreão da residência do governo, e o primeiro dia do seu triunfo celebrou-se pelo fato de que bebeu até cair com a nova vítima de sua volúpia...

E eis que uma nova terrível desgraça não tardou a atingir a cidade...

O incêndio começou em 7 de julho, na véspera do dia santo da Virgem de Kazan.

Até os primeiros dias de julho, tudo corra da melhor maneira. Caía uma chuva fina e, além disso, tão serena, morna e oportuna, que tudo que cresce aumentou em altura com rapidez incrível, encorpou e amadureceu, como mágica saída das entranhas da terra. Mas, depois, começaram um calorão e uma estiagem, o que também foi extremamente favorável, porque estava na hora de começar a trabalhar. Os cidadãos alegravam-se, contavam com uma colheita abundante e apressavam os trabalhos.

No dia seis, pela manhã, apareceu na praça o *iuródvyi* Arkhípuchko²³¹; postou-se no meio da feira e começou a enfunar com vento a sua camisa de algodão²³².

– Estou queimando! Estou queimando! – gritava o beatinho.

Os velhos, que papeavam ali por perto, calaram-se, juntaram-se perto do beatinho e perguntaram:

– Onde, paizinho?

Mas o vidente murmurou algo despropositado.

– Corre flecha²³³, queima fogo, cheiro fedido de fumaça. Verão a espada de fogo, ouvirão a voz do arcanjo²³⁴... estou queimando!

²³¹ N. da T.: *Архипушко* [Arkhípuchko], hiporístico do nome masculino *Архип* [Arkhip].

²³² N. da T.: *Пестрядинная* [pestriadinnaia], de linho ou algodão grosseiro, tecido com fios de diversas cores.

Nada mais além disso não conseguiram tirar dele, porque, depois de dizer o seu despropósito, o *iuródvyi* sumiu no mesmo instante (como se caísse terra adentro), e ninguém conseguiu segurá-lo. Enquanto isso, os velhos matutavam.

– Mencionou uma “flecha” – disseram eles, balançando a cabeça na direção do subúrbio Infantaria.

Mas a isso não se limitou o negócio. Não tinha passado nem uma hora quando, naquela mesma praça, apareceu a *iuródvaia* Aníssiuchka. Ela trazia nas mãos uma trouxinha minúscula e, sentando-se no meio da feira, começou a esgravatar um buraco com o dedo. Também ela os velhos rodearam.

– O que você está fazendo, Aníssiuchka? Pra que está cavando um buraco? – perguntaram eles.

– Enterrando os bens! – respondeu a beatinha, olhando os que a interrogavam com o sorriso abobalhado, que desde o dia do nascimento fixara-se no seu rosto.

– E por que é que está enterrando? Não sabe que de você, velhinha de Deus, ninguém pode tirar proveito?

Mas a beatinha murmurou:

– Enterrando os bens... oito fitinhas... oito trapinhos... oito lencinhos de seda... oito botõezinhos dourados... oito brinquinhos de rubis... oito aneizinhos de esmeralda... oito colarezinhos de âmbar... oito fiozinhos persas... fita vermelha nova... hi-hi! – soltou ela o seu riso baixinho e pueril.

– Senhor! O que será isso! – cochichavam os velhos, assustados.

Viraram-se e, ah, o brigadeiro, bêbado de tudo, olhava-os da janela e não dizia coisa com coisa, enquanto Domáchka, esposa de infante, desenhava figuras no rosto dele com carvão.

– Olha aí, apareceu o cão insaciável!

Mal os tolenses terminaram de dizer isso, o brigadeiro como que compreendeu o pensamento deles e gritou com uma voz estranha:

– De novo preparam revoltas! Não caíam em si!

Com pensamentos sombrios, os tolenses arrastaram-se para suas casas, e nesse dia não se ouviu nas ruas nem riso, nem canto, nem conversa.

No dia seguinte, desde cedo, o tempo ficou um tantinho ostentador; porém, uma vez que a tarefa era urgente (princiavam a ceifa), então todos se dirigiram ao campo.

²³³ N. da T.: *Cmpena* [strelá]. Alusão aos infantes (arqueiros), pois as duas palavras têm a mesma raiz.

²³⁴ N. da T.: Alusão ao Apocalipse bíblico.

O trabalho, no entanto, seguia abatido. Fosse porque era véspera de feriado, fosse porque sobre todos pesava um pressentimento angustiante, as pessoas andavam como sonâmbulas. Assim continuou até as cinco da tarde, quando o povo começou a voltar para casa, a fim de se arrumar e assistir às vésperas. Perto das oito, começou o repique dos sinos nas igrejas, e as ruas encheram-se de multidões coloridas. No céu havia apenas uma nuvenzinha, mas o vento tornava-se mais forte e ainda mais aumentava os pressentimentos gerais. Não tinham dado ainda a terceira badalada, quando o céu toldou-se completamente e soou um estrondo de trovão tão ensurdecedor, que todos os devotos estremeceram; ao primeiro ribombo seguiu-se um segundo, e um terceiro; depois se ouviu algures, não muito perto, um toque de sino. O povo, de uma só vez, precipitou-se para fora de todas as igrejas. Nas saídas, as pessoas aglomeravam-se, apertavam-se umas às outras, em particular as mulheres, que, de antemão, lamentavam por suas vidas e seus trastes. Queimava o subúrbio Canhoneiro, e dele, de encontro à multidão, alastrava-se uma parede inteira de areia e poeira.

Embora, no início, fosse apenas nove horas, o céu fechara-se de nuvens de tal modo, que nas ruas ficou completamente escuro. De cima, um turbilhão negro sem fim, rasgado de relâmpagos; ao redor o ar repleto de átomos de poeira em rodopio – isso tudo junto apresentava um caos indescritível, em cujo terrível pano de fundo surgia nada menos do que a silhueta do incêndio. Via-se como ao longe fervilhava de gente, e parecia que as pessoas acotovelavam-se maquinalmente, no mesmo lugar, e não se desvairavam de tristeza e desespero. Via-se como volteavam os restos de palha queimada arrancados dos telhados pelo pé de vento, e parecia que, diante dos olhos, acontecia um espetáculo fantástico, e não a mais amarga daquelas malfeitorias de que são ricas as inconsequentes forças da natureza. Aos poucos, uma após a outra, as construções de madeira pegaram fogo e pareciam derreter. Em um ponto o fogo já estava no auge; tomara todas as casas e, a cada minuto, as suas dimensões reduziam-se, e a silhueta assumia umas formas desenhadas, torneadas e desgastadas pelo terrível elemento. Mas eis que ao lado brilhava ainda um ponto de luz, depois ele foi encoberto por uma densa fumaça, e, de repente, dos rolos de fumaça emergiu uma língua de fogo; depois a língua de novo sumiu, mais uma vez emergiu e tomou força. Um novo ponto, ainda um ponto... no início negro, depois alaranjado vivo; formava-se então uma linha inteira de pontos brilhantes e depois – um verdadeiro mar, onde naufragavam todos os detalhes isolados e que revolteava nas margens com sua própria força, que produzia o seu próprio crepitar, ronco e assovio. Não era possível dizer o que queimava, o que

chorava, o que sofria; ali tudo queimava, tudo chorava, tudo sofria... Nem lamentos isolados não se ouviam.

As pessoas lamentaram só no primeiro minuto, quando, transtornadas, acorreram ao local do incêndio. Naquele momento, lembraram-se de tudo que lhes era caro; todas as coisas queridas, acalentadas, acariciadas, tudo o que ajudava a reconciliar-se com a vida e carregar o próprio fardo. A pessoa se apega tanto a esses ídolos perenes de sua alma, tão longamente deposita neles as suas maiores esperanças, que a ideia da possibilidade de perdê-los nunca se apresenta com clareza em seu pensamento. E eis que chega a hora em que essa ideia apresenta-se não como uma visão abstrata, não como fruto de uma imagem assustada, mas como realidade crua, contra a qual não adianta nenhuma objeção. No primeiro contato com essa realidade, a pessoa não pode suportar a dor que ela lhe inflige; ela geme, ergue os braços, lamenta-se, amaldiçoa, mas, ao mesmo tempo, ainda espera que a malfeitoria, talvez, se desfaga. Porém, quando se convence de que tudo está acabado, os seus sentimentos então se aquietam, e apenas um anseio instala-se em seu coração – o anseio por silêncio. Ela chega em casa, vê que está tudo iluminado, que das fendas esgueiram-se fininhas serpentes de fogo, e então começa a tomar consciência de que esse é exatamente aquele *fim de tudo*, que certa época, aparecera-lhe de modo confuso em sonhos e que, imperceptivelmente, estivera esperando por ela a vida toda. O que lhe resta fazer? O que ainda se pode realizar? A única coisa possível é dizer a si mesmo que o passado acabou e que resta começar algo novo, algo que se quer muito evitar, mas de que não é possível se livrar, porque ele vai chegando por si só e se chama o dia seguinte.

– Estão todos aqui? – soa uma voz de mulher na multidão. – Um, dois... Nikolka, cadê você?

– Tô aqui, mãezinha. – responde o balbucio arisco de uma criança, que se esconde atrás do *sarafan*²³⁵ da mãe.

– Onde está Matrionka? – ouve-se em outro lugar. – Ai, Matrionka ficou na isbá!

A esse apelo sai da multidão um rapaz e, correndo, lança-se às chamas. Passa um minuto esmagador, e outro. Desmoronam as vigas, uma após a outra, estala o teto. Finalmente o rapaz surge de dentro das nuvens de fumaça; o chapéu e o sobretudo chamuscados, mas de mãos vazias. Ouve-se um berro: Matrionka! Matrionka! Cadê

²³⁵ N. da T.: Ver nota 225.

você? Depois se seguem consolos, acompanhados de frases, dizendo que, provavelmente, Matrionka ficou assustada e fugiu para a horta...

De repente, em outro lugar, da profundidade do galpão vazio, soou um brado humano, que fez com que até aquela multidão enlouquecida se persignasse e gritasse: “Salve, senhor!” Todo ou quase todo o povo precipitou-se na direção do grito. O galpão acabara de pegar fogo, mas já não era possível aproximar-se dele. O fogo tomou as paredes de vime, enlaçou cada uma das varas e, em um minuto, transformou aquela massa escura e esfumaçada em uma fogueira vivamente enrubescida. Via-se como alguém corria e se agitava lá dentro, como rasgava a própria camisa, arranhava o peito com as unhas, e como de repente ele parou, retesou-se inteiro, como se inspirasse. Via-se como as faíscas saltavam-lhe em cima, jorravam sobre ele, como os seus cabelos eram tomados pelo fogo, como ele, no início, tentou apagá-lo, mas depois, de repente, parou começou a girar...

– Paizinho! Vejam, é Arkhípuchko! – distinguiram alguns.

Realmente, era ele. Em meio à lenha inteiramente enrubescida, a sua figura semiselvagem parecia iluminada. Às pessoas mostrava-se não aquele Arkhípuchko imundo, que vagava com olhos turvos, como o viam habitualmente, nem um Arkhípuchko entregue a convulsões pré-morte e, à semelhança de qualquer outro mortal, lutando, já sem forças, contra o fim inevitável, mas sim uma espécie de entusiasta, esgotado sob o fardo de um êxtase arrebatador.

– Abra a porta, Arkhípuchko! Abra a porta, paizinho! – gritavam as pessoas de longe e com pena.

Mas Arkhípuchko não ouvia e continuava a girar e a gritar. Era muito evidente que ele já começava a respirar com dificuldade. Afinal, os pilares que sustentavam o telhado de palha queimaram-se inteiros. Uma só nuvem de chamas e fumaça despencou por terra de uma única vez, cobriu o homem e retorceu-se. O ponto enrubescido por um tempo de novo tornou-se escuro; todos se persignaram instintivamente.

Os canhoneiros não se tinham ainda recobrado desse espetáculo quando foram aterrorizados por outro: soaram os sinos do campanário da catedral e, de repente, o maior deles desabou. Puseram-se a correr para lá, mas então viram que todo o subúrbio estava em chamas e trataram de cuidar da própria salvação. A multidão, que ficara sem teto, sem comida e sem roupas, debandou para a cidade, mas também lá encontrou uma confusão geral. Embora fosse evidente que as chamas já haviam tomado tudo o que podiam, aos cidadãos que olhavam o incêndio do outro lado do riachinho parecia que o

incêndio continuava crescendo e que o seu clarão enrubescia cada vez mais. Todo o ar estava repleto de uma massa brilhante, na qual, como pontinhos isolados, volteavam em turbilhão pedacinhos de brasa e tufos de palha em chamas. “Aonde vão cair? Em cima de quem?” – perguntavam-se os cidadãos entorpecidos.

Essa pergunta causou pânico geral; todos se precipitaram cada um para sua própria casa, a fim de salvar os seus bens. Nas ruas aglomeravam-se carroças e transeuntes, carregados e sobrecarregados de trastes domésticos. Às pressas, mas sem especial barulho, esse cordão movimentou-se na direção do pasto e, depois de se afastar da cidade até uma distância segura, começou a se ajeitar. Nesse minuto, chegou a chuva tão esperada e dissolveu no pasto a terra negra, que cede tão facilmente.

Enquanto isso, os canhoneiros reuniram-se na praça da cidade e decidiram ficar ali, esperando, até amanhecer. Muitos sentaram-se no chão e deram vazão às lágrimas. Um letrado principiou a cantar: *À beira dos canais de Babilônia*²³⁶ mas, começando a chorar, não conseguiu chegar ao fim; um outro pronunciou o nome da mulher de infante Domáchka, mas não se ouviu resposta de parte nenhuma. Do brigadeiro era como se tivessem esquecido, embora alguns afirmassem que tinham visto como ele vagava com o único equipamento de incêndio e tentava proteger a casa do pope. Pois ali, junto de todos, estava o pope, que se queixou:

– Agimos fora da lei! – disse ele.

– Você, paizinho, deve é rezar mais a Deus e deleitar-se menos com a esposa! – veio de cara a resposta, e depois não se retomou mais a conversa sobre esse tema.

Ao amanhecer, o incêndio realmente começou a se extinguir, em parte porque não havia mais o que queimar, em parte porque caiu um aguaceiro. Os canhoneiros arrastaram-se de volta ao local do incêndio e viram montes de cinzas e madeira carbonizada, sob as quais ardia lentamente o fogo. Arranjaram ganchos aqui e ali, pegaram um cano na cidade e começaram, sem pressa, a recolher o material que se salvara e a apagar os restos do fogo. Cada um fuçava perto da própria casa, procurando coisas; muitos de fato eram bem-sucedidos e persignavam-se. As pessoas queimadas chegavam a uma dezena, incluindo dois adultos; aquela Matrionka, sobre a qual se falara no dia anterior, foi encontrada na horta, dormindo entre os canteiros. Pouco a pouco o dia ia tomando o seu aspecto habitual, de trabalho. Era raro contarem os prejuízos; todos tentavam, acima de tudo, determinar não o que haviam perdido, mas o

²³⁶ N. da E.: Começo do Salmo 136, que fala da tristeza dos judeus levados como prisioneiros para a Babilônia e saudosos da pátria perdida.

que ainda possuíam. Na casa de um, o porão estava intacto, e assim se alegravam porque estavam salvos o *kvas* e o pão²³⁷ dormido; na casa de outro, por algum milagre, o fogo contornara a parte, onde tinha ficado presa a vaca parda²³⁸.

– Ah, parda! Como é esperta! – elogiaram ao redor.

Aos pouquinhos a cidade começava a voltar do acampamento forçado para a sua própria guarita, mas não por muito tempo. Perto do meio-dia, na casa de Iliá Profeta, no pântano, de novo deram um rebate. Queimava o galpão daquela “Cabra”, em cuja casa, no relato anterior, o cronista nos apresentou o funcionário Bogoliépov. Deduziram então que Bogoliépov, em estado de embriaguez, estava fumando o seu cigarro quando deixou cair uma faísca no restolho de feno; entretanto, como nesse caso ele próprio também queimou, a suposição nunca foi confirmada de fato. Em essência, o incêndio não era assim tão significativo e podia ter sido controlado com bastante tranquilidade, mas os cidadãos estavam a tal ponto agoniados e abalados por causa dos acontecimentos da prévia noite insone, que bastou a palavra “incêndio” para provocar entre eles um novo pânico geral. Todos novamente despencaram em direção às suas casas, arrastaram de lá tudo que podiam e correram para o pasto. E o incêndio, enquanto isso, alastrava-se e alastrava-se.

Não vamos descrever as subseqüentes peripécias dessa desgraça, ainda mais que elas são exatamente iguais às que acabamos de apresentar. Diremos apenas que a cidade ardeu por dois dias e, durante esse tempo, dois subúrbios queimaram inteiramente: Pântano e Malandragem, assim chamado porque lá moravam soldados que se ocupavam de um ofício vergonhoso. Apenas no terceiro dia, quando o fogo já começava a avizinhar-se da catedral e das lojinhas, os tolenses recobriram-se um pouco. Instigados pelos sediciosos infantes, saíram do acampamento, formaram uma multidão em frente à casa do governante e de lá puseram-se a chamar Ferdýschenko.

– Por quanto tempo é que vamos queimar, hein? – perguntaram-lhe, quando, depois de certa indecisão, ele apareceu no alpendre.

Mas o ardiloso brigadeiro apenas deu uma rabeada e disse que não lhe cabia discutir com Deus.

– Não é disso que estamos falando, de discutir com Deus. – pressionaram os tolenses. – E quem é você, careca, pra se ver com Deus? Pois o que tem de dizer é o

²³⁷ N. da T.: *Каравай хлеб* [karavai khlieb], pão redondo.

²³⁸ N. da T.: *Бурёнушка* [burionuchka], nome carinhoso comumente dado a vacas pardas.

seguinte: por conta dos desmandos de quem nós, órfãos, agora somos obrigadas a morrer?

Então o brigadeiro, de repente, recobrou os brios. O seu coração ardia de tanta vergonha, e ele se postou à frente dos tolenses e apurou umas lágrimas. (“E todas eram lágrimas de crocodilo”, antecipa o cronista os acontecimentos.)

– Será que foi pouco o tanto que nos atormentou no ano passado? Foram poucos os que morreram por causa de sua tolice e de seu chicote? – continuaram os tolenses, vendo que o brigadeiro assumia a culpa. – Pense bem, velho caduco! Deixe de doidice!

Então o brigadeiro ficou de joelhos diante da comunidade rural e arrependeu-se. (“E foi esse um arrependimento de áspide”, de novo antecipa os acontecimentos o cronista.)

– Perdoe-me, horda de valentes, por Cristo! – disse ele, fazendo profunda reverência à comunidade. – Deixarei de lado a minha doidice para todo o sempre, e a vocês, pessoalmente, a entregarei! Apenas não briguem com ela, por Cristo, mas levem-na honradamente aos infantes, no subúrbio!

Dito isso, entregou Domáchka à multidão. Viram os tolenses a arruinada mulher de infante e de suas entranhas escapou um ai. Estava diante deles aquela mesma: imunda, desgrenhada, como era antes, de pé, e um sorriso embriagado vagava em seu rosto. E essa Domáchka parecia-lhes tão querida, tão querida, que nem é possível descrever.

– Como está bem, Domáchka! – urraram os cidadãos a uma só voz.

– Olá! Vieram soltar? – disse Domácka.

– Por gosto virá para a sociedade?

– Com todo e enorme prazer!

Então tomaram Domáchka nos braços e levaram-na ao mesmo celeiro, de onde ela tinha sido, algum tempo antes, retirada à força.

Os infantes alegraram-se, corriam pelas ruas, batiam bacias e frigideiras e bradavam o seu habitual grito de guerra:

– Com afronta! Com afronta!²³⁹

Teve início então entre os tolenses alegria e enorme animação. Todos sentiam que já não havia peso em seus corações e que doravante não restava nada mais a não ser prosperar. Com o brigadeiro à frente, seguiram os cidadãos na direção do incêndio, em

²³⁹ N. da E.: *Посрамихом* [posramikhom] Grito dado pelos cismáticos, então fortemente apoiados pelos infantes, ao deixarem o Kremlin, após “debates sobre a fé”, em 5 de julho de 1682.

poucas horas demoliram uma rua inteira de casas e abriram uma vala profunda ao redor dos restos do incêndio. No dia seguinte, o fogo reduziu-se por si só, em consequência da falta de alimento.

Porém, não foi à toa que o cronista antecipou os acontecimentos com indiretas: as lágrimas do brigadeiro realmente eram de crocodilo e o seu arrependimento, de áspide. Assim que o perigo arrefeceu, plantou-se no gabinete e começou a escrever relatórios para toda parte. Por dez horas seguidas mergulhou a pena no tinteiro e, quanto mais mergulhava, mais ela se tornava venenosa.

“Neste 10 de julho”, escreveu ele, “em geral, da parte de todos os cidadãos de Tolóvia, sucedeu contra mim uma enorme revolta. Por causa da ocorrência de um incêndio colossal na Malandragem, reuniram-se no pátio de minha casa pessoas de qualquer patente e título e começaram a me enfadar, tentando me obrigar a ficar de joelhos diante delas, dessas pessoas desocupadas, e pedir perdão. Mas eu, sem medo, a isso me recusei. E agora raciocino assim: se a tal vadiagem demonstra-se complacência e a partir daí com isso se compraz, não aconteceria de o mencionado repetir-se e muito menos ser passível de pacificação?”

Escrita a missiva dessa forma, o brigadeiro sentou-se junto à janelinha e ficou esperando: quando é que se ouviria o “tu-ru! tu-ru!” Mas, simultaneamente, com os cidadãos, era amistoso e gentil, de modo que os fascinava, quase completamente, com as suas meiguices.

– Queridinhos meus, queridinhos! – dizia ele. – Por que é que ficaram magoados comigo, tolensinhos? Deus levou, mas de novo Deus dará! Ele, Rei dos Céus, tem muitas dádivas! Assim é, irmãozinhos-senhorzinhos!

Entretanto, de tempos em tempos, em seu rosto mostrava-se um sorriso duvidoso, que não pressagiava nada de bom...

E eis que, em uma linda manhã, na estrada apareceu uma nuvem de poeira, que, se aproximava cada vez mais e mais e que chegou, finalmente, à cidade de Tolóvia.

– Tu-ru! Tu-ru! – soou claramente do interior da nuvem misteriosa.

Tocam a corneta!

É hora de vencer

Os inimigos golpear!

Os tolenses petrificaram-se.

O viajante fantástico²⁴⁰

Mal os tolenses conseguiram se apurar, a imprudência do brigadeiro por pouco, muito pouco, não atraiu sobre eles nova desgraça.

Ferdýschenko inventou de viajar.

Era uma intenção muito estranha, pois sob sua administração encontrava-se apenas um pasto municipal, que não guardava nenhum tesouro nem na superfície nem nas entranhas da terra. Em vários pontos, revolviam-se, obviamente, montes de estrume, mas eles, até em termos arqueológicos, nada tinham de notável. “Pra onde vai e que objetivo pode ter uma viagem dessas?” Todas as pessoas ajuizadas faziam-se essa pergunta, mas não conseguiam respondê-la satisfatoriamente. Até a governanta do brigadeiro, até ela, caiu em grande aflição quando Ferdýschenko informou-lhe sobre sua intenção.

– Mas por onde é que vai ficar zanzando? – perguntou ela. – Vai é atolar no primeiro monte que achar pela frente! Deixa pra lá essa travessura, por Deus!

O brigadeiro, porém, estava irredutível. Imaginava que o mato ficaria mais verde, que as flores brotariam mais vivas assim que ele saísse pasto afora. “Opulentos ficarão os campos, rios se derramarão em águas caudalosas, embarcações começarão a navegar, florescerá a pastorícia, serão anunciados meios de comunicação” – murmurava consigo mesmo e acalentava o seu plano como a menina dos olhos. “Simplório era ele”, explica o cronista, “tão simplório que, ainda depois de tantas desgraças, não abandonou a própria simplicidade”.

Obviamente, ele estava imitando, nesse caso, o seu patrono e benfeitor, que também era amante de numerosas viagens (no breve rol de governantes, Ferdýschenko está assim indicado: ex-ordenança do príncipe Potiómkin) e gostava de que, por toda parte, lhe rendessem homenagens.

Tinha sido elaborado um plano amplo. De início, dirigir-se a um extremo do pasto; depois, cortando a sua área na transversal, chegar de supetão ao outro extremo; depois ir parar no centro, depois viajar de novo em linha reta, e no final seguir até onde a vista alcança. E em toda parte receber cumprimentos e presentes.

²⁴⁰ N. da E.: Capítulo dedicado a um dos aspectos da realidade de “Tolóvia-Rússia” – às solenes viagens das “autoridades”, que, por sua grandiosidade, provocava de imediato quase o mesmo alvoroço das catástrofes naturais. É especial exemplar, a esse respeito, a viagem de Catarina II à Criméia em 1787, organizada pelo fiel Potiómkin (“patrono” do brigadeiro Ferdýschenko, segundo os “Anais de Tolóvia”), quando dezenas de milhares de pessoas foram enviadas à atual Ucrânia para construir aldeias decorativas e “dar vida” à paisagem.

– Ouçam bem! – disse ele aos habitantes. – Assim que me virem, de imediato, batam na bacia, depois iniciem os cumprimentos, como se não soubessem de onde foi que surgi.

– Estamos ouvindo, paizinho Piotr Petrovitch! – disseram os tolenses advertidos; mas consigo pensavam: “Senhor! Olhe por ele, senão queima de novo a cidade!”

Partiu ele bem no dia de São Nicolau²⁴¹, logo depois de um almoço antecipado, e disse em casa que não voltaria tão cedo. Com ele, foi o ordenança Vassíli Tchernostup e dois soldados inválidos. A passo dirigiu-se o comboio ao extremo direito do pasto, mas, uma vez que a distância era curta, por mais que tardassem, daí a meia hora estavam no ponto. Os tolenses que esperavam ali, em número de quatro pessoas, bateram em bacias, e um abalou um pandeiro. Depois começaram a trazer os presentes: presentearam com entranhas de esturjão salgado, esturjão seco e um pedaço de presunto. O brigadeiro desceu da sege e começou a xingar, porque os presentes eram poucos e “e também não eram presentes de verdade, mas mofados” e concorriam para depreciação de sua honra. Então os tolenses ainda tiraram do bolso uma moeda de cinquenta copeques, e o brigadeiro acalmou-se.

– Pois agora, velhinhos, mostrem-me: que pontos turísticos há aqui? – disse ele carinhosamente.

Começaram a andar pelo pasto, para trás e para frente, mas não encontraram nenhum ponto turístico, a não ser um monte de estrume.

– Foi no ano passado, quando montamos acampamento aqui na hora do incêndio, naquela época todo tipo de rebanho andou por aqui! – explicou um dos velhinhos.

– Bom seria fundar aqui uma cidade – pronunciou o brigadeiro – e chamá-la Domnoslavo, em homenagem àquela mulher de infante que vocês incomodaram por nada naquela época.

E depois acrescentou:

– Pois então... e nas entranhas da terra, como está?

– Sobre isso desconhecemos... – responderam os tolenses. – Achamos que deve haver muito de tudo, mas temos medo de descobrir a verdade, pode ser que alguém veja e conte às autoridades.

– Têm medo? – sorriu o brigadeiro.

²⁴¹ N. da E.: Nove de março.

Resumindo, em meia hora, e ainda assim sem necessidade, terminou toda a vistoria. O brigadeiro viu que tempo ainda havia de sobra (a partida deste ponto tinha sido programada só para o dia seguinte) e começou a pressionar e censurar os tolenses, porque não dispunham de náutica, nem de embarcações, nem de negócios de minas e de moedas, nem de meios de comunicação, nem mesmo de recursos estatísticos – nada que pudesse alegrar o coração de um governante. E o mais importante – não havia espírito de iniciativa.

– Convinha arranjar uns navios, transportarem café e açúcar²⁴² – disse ele. – Mas, vocês, hein?

Os velhos entreolharam-se, viram que o brigadeiro falava a propósito, mas como se fosse fora de propósito, ficaram ali, hesitantes, e tiraram mais uma moeda de cinquenta copeques.

– Por isso obrigado. – pronunciou o brigadeiro. – Mas aquilo que eu disse sobre a náutica, por isso me perdoem!

Nesse momento, um dos cidadãos deu um passo à frente e, querendo bajular, disse que tinha em casa, guardado um negócio de madeira, um canhãozinho, pequeno, com rodinhas, e uma pequena reserva de ervilha seca. O brigadeiro alegrou-se indescritivelmente com esse passatempo; sentou-se em um campinho e pôs-se a atirar com o canhão. Atiraram longamente, até se estafarem, mas para o almoço ainda faltava muito tempo.

– Ah, ao inferno com isso! Aqui é como se o sol andasse pra trás! – disse o brigadeiro, olhando com indignação para o astro celeste, que navegava lentamente em direção ao zênite.

Entretanto, finalmente, sentaram-se para almoçar, mas, uma vez que, na época da mulher de infante Domáchka, o brigadeiro tinha aprendido a cair na bebedeira, então também agora bebeu de modo indecoroso. Começou a fazer discursos inadequados e, apontando para “o canhãozinho de madeira”, ameaçou disparar em todos os seus anfitriões. Então intercedeu a favor dos donos da casa o ordenança Vassíli Tchernostup, que também estava bêbado, mas não muito.

²⁴² N. da E.: O problema da “frota”, relacionada à ampliação do comércio, foi discutida com ardor na Rússia, no final da década de 1860 e início dos anos 70. Em 1869, o periódico “Abelha do Norte” registrava: “das numerosas questões que interessam ao público e cada dia mais conquistam a sua simpatia, provavelmente a mais importante refere-se à criação de uma frota comercial russa” (n. 1 de 2/14 de janeiro).

– Que besteira foi inventar! – disse ele, interrompendo o brigadeiro. – Pois se estou aqui para vigiá-lo, careca, não se atreva a dar nem um pio e muito menos a pegar nessa arma!

O tempo, enquanto isso, continuava a se arrastar com desesperadora lentidão. Almoçaram, almoçaram; beberam, beberam; mas o sol continuava alto. Puseram-se a dormir. Dormiram, dormiram; dormiram até passar a bebedeira e finalmente começaram a levantar.

– De jeito nenhum o sol nasce tão alto! – disse o brigadeiro ao acordar, tomando o ocidente pelo oriente.

Mas o erro era tão claro, que até ele entendeu. Enviaram um dos velhinhos a Tolóvia para buscar *kvas*, com intenção de gastar tempo esperando a volta dele, mas o velhinho tomou ânimo e trouxe na cabeça uma bilha inteira, sem derramar nem uma gota. De início, tomaram *kvas*, depois chá, depois vodca. No final, estava quase anoitecendo, então acenderam uma vela e iluminaram o monte de estrume. A vela fumegou, tremeluziu e espalhou um fedor.

– Graças a Deus, nem vimos o dia passar! – disse o brigadeiro e, enrolando-se no capote, deitou para dormir pela segunda vez.

No outro dia, seguiram por um atalho e, por sorte, encontraram no caminho um pastor. Começaram a perguntar-lhe quem era ele e porque andava por locais desertos e se não havia algum propósito nessa andança. No início o pastor ficou intimidado, mas depois confessou tudo. Então o revistaram e encontraram uma fatia de pão pequena e uma tirinha de pano²⁴³.

– Diga, em que consistia o seu propósito? – interrogou o brigadeiro com torturas.

Mas o pastor a todas as perguntas respondia com mugidos, de modo que os viajantes tiveram de levá-lo consigo para outras inquirições e, nessa forma, chegaram ao outro extremo do pasto.

Lá também bateram em bacias e trouxeram presentes, mas o tempo passou com mais animação, pois interrogaram o pastor e, infelizmente, atiraram nele com o pequeno canhãozinho. À noite, de novo acenderam a vela, e o fumacê foi tanto que todos tiveram dor de cabeça.

No terceiro dia, depois de soltar o pastor, dirigiram-se ao centro, e ali esperava o brigadeiro uma verdadeira solenidade. A fama de sua viagem crescia não a cada dia,

²⁴³ N. da T.: *Оныча* [onytcha], faixa larga de tecido para enrolar os pés antes de calçar sandálias rústicas.

mas a cada hora e, uma vez que era dia de festa, os tolenses resolveram celebrar com algo especial. Vestiram os melhores trajes, alinharam-se na *karie*²⁴⁴ e ficaram esperando o seu chefe. Bateram em bacias, abalaram pandeiros e até tocaram um violino. Ao lado fumegavam caldeirões, onde cozinavam e fritavam tal quantidade de leitões, gansos e outros bichos, que até os popes ficaram com inveja. Pela primeira vez, o brigadeiro entendeu que o amor do povo é uma força em que se encerra algo comestível. Ele desceu da sege e derramou umas lágrimas.

Então choraram todos, choraram de pena e choraram de alegria. Em particular, derramou-se em lágrimas uma velhinha antiga (diziam que ela era neta da filha bastarda de Marfa Possádnitsa).

– Por que está chorando, velhinha? – perguntou o brigadeiro, tocando carinhosamente em seu ombro.

– Oh, nosso paizinho! Como não chorar, se você é nosso arrimo! Um século inteiro choramos... o tempo todo choramos! – soluçou em resposta a velhinha.

Ao meio-dia, colocaram as mesas e começaram a almoçar; mas o brigadeiro foi tão descuidado que, ainda antes da entrada, virou dois cálices da purinha. Os seus olhos, de repente, ficaram imóveis e fixaram-se em um único ponto. Depois de comer o primeiro prato (serviram *schi*²⁴⁵ com carne salgada), de novo bebeu dois cálices e começou a falar que precisava correr.

– Mas, que loucura, correr pra onde? – perguntaram honrados tolenses, sentados ao redor, tentando chamá-lo à razão.

– Aonde a vista alcançar! – respondeu ele, com certeza lembrando as palavras do seu plano.

Após o segundo prato (serviram leitão com creme de leite), ele começou a passar mal; entretanto, aguentou firme e comeu ainda ganso com repolho. Depois disso, a sua boca entortou.

Viu-se como no seu rosto estremeceu uma veiazinha administrativa, tremeu-tremeu e depois parou. Os tolenses, confusos e amedrontados, saltaram de seus lugares.

Finou-se...

²⁴⁴ N. da T.: Formação militar da infantaria, de formato quadrangular, que, até o final do século XIX, era usada para rechazar ataques nas quatro direções.

²⁴⁵ N. da T.: Sopa russa típica, cujo principal ingrediente é o repolho.

Finou-se o gloriosíssimo governante, afligido nos últimos anos por duas repreensões dos tolenses. “Será que havia necessidade dessas repreensões?”, pergunta-se o cronista, mas, infelizmente, deixa a pergunta sem resposta.

Por algum tempo, os tolenses mergulharam em estado de espera. Temiam que colocassem neles a culpa da alimentação imoderada do brigadeiro e que, de novo, soasse, não se sabe de onde, o “turu-turu!”.

Levante forte!

Para no norte

Vencer o inimigo!

Entretanto, felizmente, desse vez o receio mostrou-se infundado. Uma semana depois, chegou da província um novo governante, e as medidas administrativas com superioridade tomadas por ele fizeram esquecer todos os antigos governantes, inclusive Ferdýschenko. Era Vassilisk Semiónovitch Verrugóvkin, com o qual, propriamente, começa o século de ouro de Tolóvia. Semeou-se o pavor, as colheitas seguiram-se uma após a outra, o cometa não apareceu e o dinheiro circulou em tal quantidade, que nem as galinhas se importavam em bicá-lo... Isso porque era de papel.²⁴⁶

²⁴⁶ *Ассигнация* [assignatsia], papel-moeda surgido pela primeira vez na Rússia em 1769 e, no início, trocado livremente por ouro e prata. No entanto, no final do século XVIII (quando Verrugóvkin chega a Tolóvia), a troca das *assignatsias* por prata foi inteiramente proibida, o que levou à sua rápida desvalorização. No início dos anos 40, o seu valor de novo subiu um pouco (*assignatsias* de três rublos e meio correspondiam a um rublo de prata).

Vassiliski Semiónovitch Verrugóvkin, que substituiu o brigadeiro Ferdýschenko, representava o verdadeiro antípoda do seu antecessor. Tanto este último era largado e inconsistente, quanto o primeiro impressionava pela presteza e certa inaudita meticulosidade administrativa, que, com particular energia, manifestava-se em questões relativas a copeques furados²⁴⁹. Constantemente abotoado de cima a baixo e tendo sempre um quepe e luvas de prontidão, ele se apresentava como um tipo de governante cujas pernas estão sempre prontas a correr não se sabe para onde. Durante o dia, como uma mosca, volteava pela cidade, para ver se os habitantes estavam com um aspecto animado e alegre; à noite apagava incêndios; dava falsos alarmes; e, em geral, surpreendia os habitantes.

Gritava o tempo todo, e gritava extraordinariamente. “Continha tantos gritos dentro de si”, diz a esse respeito o cronista, “que, por causa deles, muitos tolenses viviam com medo, por si e por seus filhos”. Os testemunhos são notáveis e encontram fundamento no fato de que, posteriormente, o governante teve de dar aos tolenses diversos privilégios, exatamente “por conta dos sustos”. Tinha bom apetite, mas se saciava rapidamente e, então, lastimava-se. Aliás, dormia com um olho só, o que causava não pouca perturbação em sua mulher, que, apesar dos vinte e cinco anos de convivência, não conseguia ver sem estremecimento o outro olho do marido, completamente redondo, sem pestanejar, curiosamente fixado nela. Quando não tinha absolutamente nada para fazer, ou seja, quando não havia necessidade nem de voltar, nem de surpreender os moradores (até na vida dos administradores mais dispostos encontram-se tais momentos), então ele criava leis, marchava pelo gabinete, observando o brilho do bico do sapato, ou retomava de memória os sinais militares.

²⁴⁷ N. da T.: *Просвещение* [prosveschienie], iluminação, instrução, educação. Palavra usada tanto na expressão “ministério da educação” quanto no “Século das Luzes”.

²⁴⁸ N. da E.: Neste capítulo, Schedrin mostra ao leitor um outro aspecto do poder monárquico despótico, direcionado à disseminação da instrução pela Rússia e além de suas fronteiras. Dentre as passagens históricas que, indiscutivelmente, deram ao escritor elementos para a redação de “Guerras pela instrução”, estão a aclimação da batata, empreendida pelo governo czarista na época de Catarina II (1762-1796) e Nicolau I (1825-1855); o tratamento dado à questão da servidão, que gerou numerosas insurreições camponesas; e, em geral, todos os atos dos czares relacionados a implantação do “progresso” pela força. O aparentemente inocente relato sobre a introdução da mostarda na cidade de Tolóvia é uma crítica mordaz à política “civilizadora” do governo russo, baseada nos recursos da força, na tática da disseminação do terror e na prática do açoitamento.

²⁴⁹ N. da T.: *Выведенное яйцо* [vyiedennoe iaitso], literalmente “o ovo mordido”, é parte da expressão *это выеденного яйца не стоит* [eto vyednnovo iaitso ne stoit], não vale um tostão furado ou, literalmente, não vale um ovo mordido.

Havia ainda uma outra particularidade de Verrugóvkin: era um escrevinhador²⁵⁰. Dez anos antes de chegar a Tolóvia, começara a escrever um projeto “com o intuito de exércitos e frotas disseminar em toda a sua força, para, pelo retorno (sic) da antiga Bizâncio à proteção do Estado russo, recuperar as esperanças”²⁵¹, e todo dia acrescentava-lhe uma linhazinha. Assim se formou um caderno bem grosso, que incluía três mil seiscentas e cinquenta e duas linhas (houve dois anos bissextos), o qual ele apontava aos visitantes, não sem orgulho, acrescentando: “Eis, meu senhor, quão longe espraio os meus horizontes!”

Em geral, na política, o espírito sonhador estava em alta, e também Verrugóvkin não escapou do sopro da época. Com muita frequência, os tolenses viam como ele, sentado na sacada da residência do governo, contemplava de lá, com olhos repletos de lágrimas, o baluarte bizantino, reluzindo ao longe. As pastagens de Bizâncio e de Tolóvia estavam tão pegadas uma à outra, que os rebanhos bizantinos quase sempre misturavam-se aos tolenses, e disso advinham incessantes altercações. Parecia que bastava lançar uma convocação... E Verrugóvkin aguardava esse apelo, aguardava com entusiasmo, com uma impaciência que chegava quase à indignação.

– Primeiro, damos fim a Bizâncio – sonhava ele. – e depois...

Pelo Drava²⁵², Morava²⁵³ e longínquo Sava²⁵⁴,
pelo sereno e azul Danúbio...²⁵⁵

Sim, senhor!

Para falar toda a verdade: em segredo, ele até preparara uma resolução bastante estranha, endereçada ao nosso famoso geógrafo K. I. Arsienev²⁵⁶: “Coloca-se a Sua Excelência”, escreveu ele, “no futuro, inscrever a Bizâncio, de vós já conhecida, do

²⁵⁰ N. da T.: *Сочинитель* [sotchinitel], o mesmo que escritor; (coloquial) pessoa inventiva, fértil em idéias, mentiroso, contador de lorotas. E não *писатель* [pisatel], escritor, ou *автор* [avtor], autor.

²⁵¹ N. da E.: “Bizâncio”, escreveu A. I. Guertsen em relação à expansão do czarismo russo no Oriente Médio, “é o sonho secular da Rússia, luminar que, desde o século X, ela nunca perdeu de vista. Bizâncio, para os bárbaros orientais, é a Roma do Oriente. O povo russo, denomina-a Cidade do Czar, a rainha das cidades, a cidade de César. De lá se originou a sua religião: Bizâncio salvou-o do catolicismo e do direito romano; Bizâncio, perecendo sob os golpes dos turcomanos, transmitiu à Rússia a sua águia bicéfala, águia do duplo império, como dote de uma filha dos Paleólogos, que se tornou esposa do primeiro czar de Moscou. Pedro I e os seus sucessores não conseguiram dormir tranquilos – precisavam de Constantinopla” (A. I. Guertsen. *Obras reunidas em 30 volumes*, t. VI, Moscou, AN URSS, 1955, p. 232).

²⁵² N. da T.: Rio no sudeste da Europa; percorre a Itália, Áustria, Eslovênia, Croácia e Hungria.

²⁵³ N. da T.: Rio da Sérvia.

²⁵⁴ N. da T.: Rio no sudeste da Europa; percorre a Eslovênia, a Croácia, a Bósnia, a Herzegovina e a Sérvia.

²⁵⁵ N. da E.: Citação modificada do poema de A. S. Khomiakov “A meia-noite sem estrelas respirava frescor”.

²⁵⁶ N. da E.: Konstantin Ivánovitch Arsiénev (1789-1865). Historiador e geógrafo, autor do famoso livro escolar “Breve geografia geral” (primeira edição – 1818); mais um “anacronismo premeditado”.

seguinte modo em todos os livros escolares: Constantinopla, ex-Bizâncio, atualmente Ekaterinograd, cidade provinciana, localizada na confluência do mar Negro com o antigo mar de Mármara e sob proteção do Estado russo desde 17..., com extensão de um único caixa (essa unicidade consiste em que o dinheiro bizantino, na capital de São Petersburgo, deve encontrar utilidade). Devido à amplidão dessa cidade, em termos administrativos, respondem por sua direção quatro governantes, que se encontram em constante alteração entre si. Comercializa nozes, realiza cocção de sabão e possui uma fábrica de couros.” Mas, infelizmente!, os dias seguiam-se uns aos outros, os sonhos de Verrugóvkin cresciam, e nada de convocação. Passavam por Tolóvia tropas a pé, passavam tropas a cavalo.

– Pra onde vão, queridinhos? – inquieto, perguntava Verrugóvkin aos soldadinhos.

Os soldadinhos, porém, tocavam a corneta, cantavam canções, brincavam com o bico das botas, levantavam colunas de poeira pelas ruas, e iam passando, iam passando.

– Chegam soldados aos magotes! diziam os tolenses, e parecia-lhes que aquelas pessoas eram de um tipo especial, feitas pela própria natureza para andar pela vida toda, em todas as direções. Que desciam de uma planície elevada para subir em outra planície elevada, que atravessavam uma ponte para passar, logo depois, a uma outra ponte. E mais uma ponte, e mais uma planície elevada, e mais, e mais...

Nesse extremo, Verrugóvkin compreendeu que, para empreendimentos políticos, ainda não chegara a hora e que convinha limitar as suas tarefas apenas às assim chamadas necessidades vitais da região. Entre essas necessidades, ocupava o primeiro lugar, é claro, a civilização, ou, como ele próprio definia essa palavra, “a ciência sobre quanto a cada valoroso filho do Império Russo cabe ser firme nas desgraças da pátria”.

Repleto desses sonhos vagos, ele chegou a Tolóvia e, antes de mais nada, submeteu a uma rigorosa vistoria as intenções e atos de seus antecessores. Mas, quando deu uma olhada nas Tábuas da Lei, então soltou um ai! Em fila, passaram diante dele e Klemiénti, e Herkuliánov, e Lamvrokákis, e Baklán, e marquês de Sanglot, e Ferdýschenko, mas o que fizeram esses homens, o que pensavam, que objetivos perseguiam – pois justamente isso não se podia determinar de nenhum modo. Parecia que toda essa série não passara apenas de um sonho delirante, em que brilham imagens sem rosto, em que soam gritos confusos, semelhantes ao alarido distante de uma multidão embriagada... Eis que saía da escuridão uma sombra, e caía: zás-trás!, e sumia não se sabe para onde; mais uma olhada, e no lugar dela entrava já outra sombra, e

também esta caía de repente e sumia... “Arrasarei!”, “Não suportarei!”, ouvia-se de todos os lados, mas arrasarei o quê, não suportarei o quê – isso não era possível descobrir. Bom seria afastar-se, encolher-se em um canto, mas é possível sem se afastar, nem se encolher porque em todo canto soa o mesmo “Arrasarei!”, que persegue quem se esconde no outro canto e lá, por sua vez, de novo o apanha. Era uma espécie de energia selvagem, desprovida de qualquer conteúdo²⁵⁷, de modo que até Verrugóvkin, apesar de sua presteza, duvidou um pouco do mérito dela. Apenas o conselheiro de Estado Galántov destacava-se com êxito dessa variegada multidão de administradores, demonstrava fina e perspicaz inteligência e, em geral, apresentava-se como continuador daquele empreendimento reformador, que celebrizou o início do século XVIII na Rússia. Foi ele, é claro, que Verrugóvkin tomou para si como modelo.

Muito realizou Galántov. Calçou ruas: a Dvorienskaia e a Bolchaia, coletou impostos atrasados, patrocinou as ciências e intercedeu a favor da abertura de uma academia em Tolóvia. O seu principal mérito, no entanto, consistiu em introduzir o uso da mostarda e da folha de louro. Esta última ação impressionou tanto Verrugóvkin, que ele, no mesmo instante, começou a alimentar a ousada ideia de agir exatamente do mesmo modo em relação ao azeite. Iniciaram-se inquirições para descobrir que medidas fora tinham sido tomadas por Galántov para conseguir êxito no empreendimento planejado, mas, uma vez que o material do arquivo, como de hábito, tinham queimado (e talvez até intencionalmente destruídos), restou contentar-se com lendas e relatos orais.

– Muita confusão aconteceu entre nós! – contaram os moradores antigos. – E com soldados açoitaram, e entre iguais açoitaram... Muitos até pra Sibéria foram mandados por conta desse negócio!

– Então, quer dizer, houve revoltas? – perguntou Verrugóvkin.

– E não foram poucas! Entre nós, senhor, quanto a isso, há um sinal: se estão açoitando, então já sabe – revolta!

De posteriores indagações, revelou-se que Galántov era um homem perseverante e, uma vez tendo concebido algum empreendimento, levava-o até o fim. Agia sempre sobre grandes massas, ou seja, reprimia e expulsava completamente; mas, por outro

²⁵⁷ N. da E.: “Entre nós houve governos cruéis”, escreveu Catarina II em suas notas ao livro do abade Jean Chappe d’Auteroche (1722-1769), “mas nós sempre suportamos com dificuldade apenas os governos fracos. O nosso modelo de administração, por sua constituição, exige energia; na falta dela, há uma insatisfação é geral... “Século XVIII. Antologia histórica, publicada por Piotr Bartenevych”, livro 4, Moscou, 1869, p. 299).

lado, compreendia que esse recurso sozinho não era suficiente. Por isso, independentemente das medidas gerais, no decorrer de vários anos seguidos, sem interrupção e sem esmorecimento, realizou incursões isoladas nas casas dos habitantes e reprimiu cada um deles em particular. Em geral, em toda a história de Tolóvia, um fato impressiona: hoje expulsam os tolenses, destroem todos, sem exceção, e amanhã, quando vão ver, de novo surgem tolenses e, inclusive, habitualmente, à frente das assembléias populares, vêm os chamados “velhos” (devem ser, “os jovens de outras”). De que modo eles aumentavam, isso era um mistério, mas Galántov alcançou esse mistério muito bem e, por isso, não lhe pesava a chibata. Como administrador de verdade, distinguia dois tipos de açoitamento: açoitamento sem investigação e açoitamento com investigação e orgulhava-se de ter sido o primeiro da série de governantes a conduzir o açoitamento com investigação, enquanto todos os seus antecessores açoitavam como dava, e, com frequência, não aqueles a quem eram devidas as lambadas. E, realmente, agindo com sensatez e sem interrupção, ele alcançou os resultados mais brilhantes. No decorrer de toda sua governança, os tolenses não apenas não se sentaram à mesa sem mostarda, como até disseminaram na cidade plantações bastante vastas dela para satisfazer as exigências do comércio exterior. “E floresceu inteiramente, como a relva no campo²⁵⁸, enviando esse produto amargo a localidades longínquas do Estado russo e recebendo em troca da mencionada metais preciosos e peles”.

Porém, em 1770, Galántov morreu, e os dois governantes que o precederam não apenas não mantiveram as suas reformas, como até, por assim dizer, as enxovalharam. E o que é ainda mais notável, os tolenses mostraram-se ingratos. Não ficaram nem um pouco penalizados com a supressão da civilização governamental e parece que até se alegraram. Deixaram por completo de comer mostarda, araram de novo as plantações, plantaram repolho e semearam ervilha. Em resumo, aconteceu aquilo que sempre acontece quando se leva a instrução cedo demais a um povo jovem, ainda não amadurecido em termos de cidadania. Até o cronista lembra essa circunstância não sem ironia: “Por muitos anos ele (Galántov) ergueu uma complexa edificação, porém não se deu conta de que construía sobre areia”. Mas o cronista, por sua vez, pelo visto esqueceu que exatamente nisso consiste a complexidade das ações humanas, em que

²⁵⁸ N. da T.: *Яко крин сельный* [iak krin selnyi], (eslavo antigo).

hoje se ergue uma edificação sobre a “areia”, para amanhã, quando aquela desmoronar, começar a erigir outra sobre essa mesma “areia”.

Assim se verificou que Verrugóvkin, a propósito, chegou bem a tempo de salvar a civilização que se arruinava. Nele, a paixão de construir sobre a “areia” foi levada quase ao delírio. Dias e noites passava refletindo sobre o que erigir, para que a edificação, de repente, depois de construída, desabasse e enchesse o universo de poeira e lixo. Tanto pensou, assim desse modo, mas, de fato, não conseguia chegar a nada. Finalmente, por falta de pensamentos originais, decidiu-se a seguir, literalmente, as pegadas do seu famoso antecessor.

– As minhas mãos estão atadas, – queixava-se ele amargamente aos tolenses – senão vocês saberiam, por mim, com quantos paus se faz uma canoa²⁵⁹!

Aqui, aliás, ele deslindou que os tolenses, por descuido, tinham largado por completo o uso da mostarda, e, por isso, pela primeira vez, limitou-se a informar que esse uso era obrigatório: já como castigo pela desobediência, acrescentou ainda o azeite. E, ao mesmo tempo, gravou em seu coração: não depor armas enquanto restasse na cidade um desorientado que fosse.

Os tolenses, entretanto, também não davam ponto sem nó. À energia da mencionada ação, com grande engenhosidade, opuseram a energia da inação.

– Faz aí o que quer²⁶⁰ conosco! – diziam uns. – Quer, corta em pedacinhos; quer, come com mingau; só que não concordamos!

– De nós, não consegue é nada! – diziam outros. – Não somos como os restantes, cheios de corpo! Em nós, irmão, não acha onde esgaravatar!

E, assim, obstinados, puseram-se de joelhos.

Claro está que, quando essas duas energias encontram-se, então, desse encontro, sempre advém algo extremamente curioso. Não há revolta, mas verdadeira submissão também não há. Acontece certo meio-termo, do qual temos exemplos na questão da servidão. Às vezes, aparecia uma barata na sopa da fidalga; ela mandava chamar o cozinheiro e ordenava-lhe comer a barata. O cozinheiro colocava a barata na boca, de modo visível mastigava o inseto, mas engolir, não engolia. Exatamente isso acontecia com os tolenses: mastigavam bastante, mas engolir, não engoliam.

²⁵⁹ N. da T.: *Где раки зимуют* [gde raki zimuiut], literalmente, onde os lagostins invernam; expressão que indica ameaça.

²⁶⁰ N. da T.: *Хочь* [khoch], corruptela do verbo *хотеть* [khotiet] na segunda pessoa do singular.

– Dobrarei essa energia! – dizia Verrugóvkin e, lentamente, sem pressa, arquitetava o seu plano.

Enquanto isso, os tolenses punham-se de joelhos e esperavam. Sabiam da própria revolta, mas deixar de ficar de joelhos não conseguiam. Senhor! O que não pensaram e repensaram eles nesse tempo! Pensavam: se aceitamos agora comer mostarda, no futuro, quanta coisa nojenta ainda não vão nos obrigar a comer; se não aceitamos, quanto açoitamento não vamos experimentar. Parecia-lhes que ficar de joelhos, nesse caso, era um meio-termo, que podia aquietar esse e aquele lado.

Mas, de repente, a corneta tocou e o tambor rufou. Verrugóvkin, abotado de cima a baixo e cheio de bravura, apareceu sobre um cavalo branco. Atrás dele, ia o equipamento da canhonaria e da infantaria. Os tolenses pensaram que o governante ia submeter Bizâncio, mas ele planejava submeter justamente os tolenses...

Assim teve início uma série de acontecimentos, descritos pelo cronista sob a denominação geral de “guerras pela instrução”.

A primeira guerra pela instrução teve a mostarda como motivo, como dito anteriormente, e começou em 1780, ou seja, quase em seguida à chegada de Verrugóvkin à cidade de Tolóvia.

Apesar disso, Verrugóvkin não se decidiu a disparar logo de cara: ele era muito pedante para incorrer em tão flagrante erro administrativo. Ele começou a agir aos poucos e, com esse objetivo, preliminarmente chamou os tolenses e pôs-se a encantá-los. No discurso, proferido sobre o tema, de modo bem detalhado, ele desenvolveu diante dos habitantes a questão da colaboração em geral e da mostarda como um caso de colaboração em particular; mas, fosse porque em suas palavras havia mais de crença pessoal na verdade do negócio pleiteado do que verdadeira convicção, fosse porque ele, por hábito próprio, não falava, mas gritava, o caso é que o resultado do discurso de persuasão foi tal que os tolenses assustaram-se e de novo a sociedade inteira caiu de joelhos.

“Os tolenses tinham de que ter medo”, diz a esse respeito o cronista, “estava diante deles um homem de baixa estatura, nada avantajado de corpo, e em vez de dizer palavras, fazia apenas gritar”.

– Entenderam, meus velhos? – dirigiu-se ele aos habitantes desmemoriados.

A multidão fez profunda reverência e silenciou-se. Naturalmente, isso ainda mais o enfureceu.

– Será que eu... estou levando vocês pra morte... canaaalhas!

Mas, nem bem saíra de seus lábios um novo estrondo, e os tolenses, impetuosamente, já tinham saltado da posição de joelhos e corrido em todas as direções.

– Arrasarrei! – gritou o governante atrás deles.

Nesse dia inteiro, Verrugóvkin mergulhou em tristeza. Calado, perambulava pelas salas da residência do governo e apenas de raro em raro pronunciava: “Patifes!”

Preocupava-o mais do que tudo o subúrbio Infantaria²⁶¹, que, também na época de seus antecessores, destacava-se como a resistência mais insuperável. Os infantes levavam a energia da inação praticamente até o requinte. Eles não só não apareciam nas assembléias populares convocadas por Verrugóvkin, mas, percebendo a aproximação dele, sumiam não se sabe onde, como se desaparecessem terra adentro. Não havia a quem convencer, não havia a quem fazer indagações. Ouvia-se alguém tremer em algum canto, mas onde tremia e como tremia, era impossível descobrir.

Enquanto isso, não havia dúvidas de que no subúrbio Infantaria encerrava-se a fonte de todo mal. Os boatos mais desoladores sobre esse ninho de sedição chegavam até Verrugóvkin. Surgiu um pregador que traduziu o sobrenome “Verrugóvkin” em números e provou que, deixando de fora a letra g²⁶², aparecia o 666, ou seja, o príncipe das trevas²⁶³. Passavam de mão em mão composições polêmicas, em que se explicava que a mostarda são ramos que crescem do corpo de uma prostituta depravada, chamada amarga por causa de sua devassidão – de onde veio ao mundo a “mostarda²⁶⁴”. Aliás, as composições eram em versos, nos quais o autor atingia até a genitora do governante e, de modo muito desaprovador, opinava sobre o seu comportamento. Ao ouvir esses cânticos e definições, os infantes chegavam quase a um estado de êxtase. Tomando um ao outro pela mão, andavam pela rua enfileirados e, para espantar de seu meio para sempre o espírito da timidez, berrava a toda força.

²⁶¹ N. da E.: Tipo de infantaria criada na época de Ivan, o Terrível. Deixou de existir em 1698, durante o governo de Pedro, o Grande. Numerosas vezes tomou parte em diversos tipos de agitação social e política, o que leva Verrugóvkin a ver nela a “fonte de todo o mal”.

²⁶² N. da T.: *Бородавкин* [borodavkin], letra r.

²⁶³ N. da E.: Na Bíblia, no Apocalipse, o número 666 designa a besta das profundezas, o anticristo. A tradução do sobrenome de Verrugóvkin em números baseia-se no fato de que as letras do alfabeto do eslavo eclesástico possuem também o seu significado numérico. A tradução do “número da besta” disseminou-se principalmente entre os cismáticos da velha crença.

²⁶⁴ N. da T.: As palavras *горкуй* [gorkii], amargo, e *горчица* [gortchitsa], mostarda, tem a mesma raiz.

Verrugóvkin sentia como o seu coração, gota a gota, preenchia-se de amargor. Não comia, não bebia, apenas pronunciava palavras indecentes, como se, com elas, experimentasse a própria bravura. O sentido da mostarda parecia tão simples e claro, que a sua não aceitação só podia indicar má intenção e nada mais. A consciência disso era tanto mais torturante quanto mais Verrugóvkin precisava empreender esforços para refrear os impulsos de sua natureza exaltada.

– As minhas mãos estão atadas! – repetia ele, mordiscando pensativamente os bigodes negros. – Senão eu lhes mostraria com quantos paus se faz uma canoa.

Mas, não sem fundamento, ele pensava que toda solução natural para qualquer tipo de conflito era o açoitamento, e ter consciência disso o fortalecia. Enquanto esperava essa solução, ele se ocupava de negócios e escrevia às escondidas um regulamento “sobre a não subordinação dos governantes às leis”. O primeiro e único parágrafo desse regulamento estipulava o seguinte: “Se sentir que a lei se apresenta como um obstáculo, tire-a de cima da mesa e coloque-a debaixo de si²⁶⁵. E então tudo isso, não estando à vista, muito facilitará a sua ação”.

No entanto, uma vez que o regulamento ainda não tinha sido ratificado, então, conseqüentemente, não era possível esquivar-se da subordinação. Passado um mês, Verrugóvkin de novo reuniu os habitantes e de novo começou a gritar. Porém, mal tinha conseguido pronunciar as duas primeiras sílabas da saudação (“sobre o mencionado, por vergonha, calo-me”, ressalva o cronista), e os tolenses de novo já se dispersavam, antes mesmo de sair da posição de joelhos. Apenas então Verrugóvkin decidiu levar adiante a verdadeira civilização.

Logo cedo, iniciou uma marcha e deu-lhe aspecto tal, como se realizasse um simples *promenade* militar. A manhã estava clara, arejada, um pouquinho fria (o negócio aconteceu na metade de setembro). O sol brincava nos capacetes e nas espingardas dos soldados; os telhados das casas e as ruas estavam cobertas por uma fina camada de geada; por toda parte acendiam os fogões e, das janelas de cada casa, avistava-se uma chama viva.

²⁶⁵ N. da E.: Essa atitude em relação à lei tem lugar não apenas nos arrebatadores sonhos do mal-sucedido governante de Tolóvia, mas também na própria realidade russa. Por exemplo: “O governador Khoven”, conta em seu diário V. F. Odoiévski, “estava no local de trabalho, quando, durante uma discussão, mostraram-lhe o *Svod* [conjunto de todas as leis do Império Russo, dispostas em ordem temática. Foi publicado pela primeira vez em 1832], pois ele o tomou nas mãos, sentou em cima dele e disse: e agora, onde é que está a sua lei?” (“Crônica corrente e casos especiais.” *Diário de V. F. Odoiévski 1859-1869*. Moscou: LN, n. 22-24, 1935, p. 107).

Embora o principal objetivo da marcha fosse o subúrbio Infantaria, Verrugóvkin agiu com esperteza. Não seguiu direto, nem à direita, nem à esquerda, mas começou a manobrar. Os tolenses saíram de casa, espalharam-se pela rua e, com gritos de aprovação, incentivavam as evoluções do hábil líder.

– Graças a Deus! Parece que esqueceu a mostarda! – diziam eles, tirando o chapéu, persignando-se devotamente na direção do campanário.

Enquanto isso, Verrugóvkin só manobrava e manobrava e, perto do meio-dia, cegou ao subúrbio Imprestável, onde suspendeu a marcha. Aqui a todos os que participavam da marcha passaram um cálice de vodka e ordenaram cantar uma canção; e, ao crepúsculo, tomaram prisioneira uma mocinha burguesa, que se encontrava longe demais da porta de casa.

No dia seguinte, levantaram cedo e começaram a procurar um “língua solta²⁶⁶”. Fizeram tudo isso com seriedade, sem pestanejar. Pegaram um judeu e, no início, queriam enforcá-lo, mas depois se lembraram que precisavam dele não para isso, então o perdoaram. O judeu, colocando a mão debaixo da coxa²⁶⁷, testemunhou que era preciso marchar primeiro na direção do subúrbio Estrume, depois contornar o campo até enxergar o terreno fronteiro, chamado “Inimigo de Dunka”. De lá, transpor três postos de verificação, e seguir até onde a vista alcança.

Assim fez Verrugóvkin. Porém, não tinham ainda percorrido um quarto das verastas quando perceberam que estavam perdidos. Nem terra, nem água, nem céu – não se via nada. Verrugóvkin exigiu que lhe trouxessem o traiçoeiro judeu²⁶⁸ para a força, mas ele já havia sumido sem deixar vestígios (posteriormente, revelou-se que viajara a Petersburgo, onde, na época, obteve concessão para uma estrada de ferro²⁶⁹). Vagaram desse modo, em pleno dia, por um período de tempo bastante prolongado, e as pessoas ficaram como se estivessem nas trevas, pois, com o subúrbio Estrume diante delas, ninguém o via. Finalmente, caiu sobre a terra a escuridão de verdade, e alguém gritou: assalto! Um soldadinho empilecado²⁷⁰ gritava, e todos se desorientavam e, pensando

²⁶⁶ N. da T.: *Язык* [iazyk], língua. Prisioneiro capturado para fornecer informações importantes.

²⁶⁷ N. da T.: *Под стegno* [pod stegno]. Sinal de humildade e submissão à Deus, que lembra a circuncisão e é feito em caso de juramento. Diz a Bíblia (Gn 24,2-3): “Abraão disse ao servo mais velho de sua casa, que governava todos os seus bens: ‘Põe tua mão debaixo de minha coxa. Eu te faço jurar por Iahweh, o Deus do céu e o Deus da terra, que não tomarás para meu filho uma mulher entre as filhas dos cananeus, no meio dos quais eu habito.’” (Bíblia de Jerusalém, São Paulo, 2008, p. 63)

²⁶⁸ N. da T.: *Жид* [jid], termo pejorativo para designar os judeus. No parágrafo anterior, usa-se a palavra neutra *еврей* [ivrei].

²⁶⁹ N. da E.: Sobre a agiotagem em torno das concessões para estradas de ferro, veja *O diário de um provinciano em Petersburgo* (v. 10 desta edição).

²⁷⁰ N. da T.: *Спьяна* [sniana], (advérbio, popular) em estado de embriaguez.

que chegavam os infantes, começaram o combate. Combateram fortemente a noite toda, sem olhar onde caía o golpe. Muitos foram os feridos, muitos também os abatidos. Apenas quando já havia clareado por completo, viram que combatiam os seus e que o espetáculo dessa insensatez acontecera bem junto à cerca do subúrbio Estrume. Determinaram: depois de enterrar os abatidos, erigir no lugar do combate um monumento e dar ao dia em que ele aconteceu o nome de “gera-cegos”²⁷¹ e, para recordá-lo, instituir um festejo com libertinagem²⁷².

No terceiro dia, fizeram alto no subúrbio Estrume; mas, por experiência própria, desta vez exigiram reféns. Depois pegaram algumas galinhas dos habitantes e fizeram uma cerimônia em homenagem aos mortos. Parecia estranho às pessoas do subúrbio que os outros fizessem manobras e, ao mesmo tempo, roubassem galinha; no entanto, como Verrugóvkin não revelara o seu segredo, então pensaram que assim devia ser a manobra e sossegaram.

Entretanto, quando Verrugóvkin, depois da homenagem aos mortos, ordenou aos soldados marchar sobre o campo do subúrbio semeado com cereais de inverno, então os habitantes puseram-se a pensar.

– Será, hein, irmãos, que existe manobrinha assim? – diziam entre si, mas tão baixinho, que, nem mesmo Verrugóvkin, que acompanhava atentamente o rumo dos pensamentos, não conseguiu ouvir nada.

No quarto dia, nem bem despontara a aurora, dirigiram-se ao “Inimigo de Dunka”, temendo se atrasar, pois a travessia apresentava-se longa e estafante. Caminharam longamente, e, pelo caminho, perguntavam sem cessar aos reféns: está chegando? Foi grande a surpresa geral quando, de repente, no meio de um campo vazio, os reféns-asilados²⁷³ gritaram: eis!²⁷⁴ E havia, aliás, com que se surpreender: ao redor, nenhum sinal de povoação; longe, longe, descortinava-se um lugar desnudo e apenas ainda mais longe se insinuava uma depressão profunda, pela qual, segundo a lenda,

²⁷¹ N. da E.: “Os gera-cegos”, escreve V. I. Dal, “são os *viatitchi* [denominação dada aos integrantes de uma tribo antiga, que vivia às margens do rio Oka] (Os *ustiujane* [da cidade de Ustiug] vieram ajudá-los, mas os *viatitchi*, tomando-os por inimigos, começaram a combatê-los. Os *votiaki* são meio cegos, os *novorojdionnyi* têm os olhos muito pequenos”) (V. Dal. *Provérbios do povo russo*. Moscou, 1862, p. 357).

²⁷² N. da E.: [*свистопляска*, *svistopliaska*] Uma das festividades dos povos da região de Viatka.

²⁷³ N. da T.: *Аманат* [*amanat*], refém. Na Rússia antiga e em alguns países orientais, indivíduo entregue como prisioneiro por acordo.

²⁷⁴ N. da T.: *Здесь* [*zdesia*], variação de *зде* [*zdie*], (advérbio), termo religioso antigo correspondente ao atual *здесь* [*zdeis*], aqui.

rolara certa época a jovem Dunka, esposa de canhoneiro, quando se apressava, em estado nada sóbrio, para um encontro de amor.

– Onde é que está o subúrbio? – perguntou Verrugóvkin aos reféns-asilados.

– Aqui não há subúrbio! – replicaram eles. – Havia um subúrbio, antes por toda parte havia subúrbios, mas os soldados arrasaram tudo!

Nessas palavras, entretanto, não acreditaram e decidiram: açoitar os reféns-asilados até o momento em que indicassem onde ficava o subúrbio. Mas, coisa estranha! Quanto mais açoitavam, mais fraca se tornava a convicção de encontrar o desejado subúrbio! Isso era a tal ponto inesperado que Verrugóvkin esfrangalhou o próprio uniforme e, elevando a mão direita aos céus, ameaçou com o dedo e disse:

– Vai ver só!

A posição era incômoda; baixou a escuridão, ficou frio e úmido e, no campo, apareceram lobos. Verrugóvkin experimentou um acesso de bom senso e emitiu uma ordem: não dormir e tremer a noite inteira.

No quinto dia, dirigiram-se de volta ao subúrbio Estrume e, pelo caminho, pisotearam um outro campo de inverno. Caminharam o dia todo e somente ao entardecer, esgotados e esfomeados, chegaram ao subúrbio. Porém, lá já não encontraram ninguém. Os moradores, viram de longe a aproximação das tropas e fugiram, tangeram todo o rebanho e entricheiraram-se em uma posição inacessível. O jeito era tomar essa posição à força, mas uma vez que a pólvora não era de verdade, então, por mais que fizessem fogo, nenhum dano podiam causar, a não ser uma insuportável fedentina.

No sexto dia, Verrugóvkin queria continuar o bombardeio, mas logo percebeu a traição. À noite tinham soltado os reféns-asilados, e muitos dos soldados de verdade tinham sido demitidos de vez e substituídos por soldadinhos de chumbo. Quando ele começou a perguntar com base em que tinham liberado os reféns, invocaram certo regulamento, em que estava escrito: “Açoitar os reféns-asilados, e não manter o já açoitado, de modo nenhum, mais de um dia aprisionado, mas deixá-lo ir para casa tratar-se”. Querendo ou não, Verrugóvkin tinha de admitir que o procedimento tinha sido correto, porém, no mesmo instante, lembrou-se do seu projeto “sobre a não subordinação dos governantes às leis” e desatou a chorar amargamente.

– E isso, o que é? – perguntou ele, apontando os soldadinhos de chumbo.

– Pra facilitar²⁷⁵, vossa excelência! – responderam-lhe. – Provisões não pede, mas a marcha até ele pode fazer!

Tinha de concordar também com isso. Verrugóvkin trancou-se na isbá e começou a realizar um conselho de guerra consigo mesmo. Dava vontade de castigar os “estrumeiros” pelo atrevimento, mas, por outro lado, vinha à lembrança o cerco de Tróia, que durou dez anos inteiros, embora, entre os sitiantes, estivessem Aquiles e Agamenon²⁷⁶. Não eram as privações que o aterrorizavam, nem a tristeza pela separação da querida esposa o afligia, mas sim o fato de que, no decorrer desses dez anos, alguém podia notar a sua ausência em Tolóvia e, nesse caso, sem particular vantagem para ele. Então ele lembrou a esse respeito a aula de história, que assistira na infância e o inquietara profundamente. “Apesar da bondade de Menelau”, dizia o professor de história, “nunca os espartanos foram tão felizes quanto durante o cerco a Tróia; pois, embora muitos papéis tenham ficado sem assinar, em compensação, foram muitas as costas que ficaram sem açoites, e esta segunda privação recompensava, com vantagem, a primeira...”

Para completar, caíram chuvas de outono prolongadas, ameaçando estragar as vias de comunicação e interromper o abastecimento de víveres.

– E por que diabos eu não fui direto pra cima dos infantes! – com amargura exclamava Verrugóvkin, olhando da janela as poças que aumentavam de minuto a minuto – Em meia hora teria chegado lá!

Pela primeira vez ele compreendeu que muita inteligência, em alguns casos, equipara-se à falta de inteligência, e o resultado de ter tomado consciência disso foi a seguinte decisão: dar o toque de retroceder e, dos soldadinhos de chumbo, formar uma reserva confiável.

No sétimo dia, saíram ao romper da aurora, mas, como durante a noite a estrada tinha desmorado água abaixo, então as pessoas caminhavam com dificuldade, enquanto as armas afundavam no *tchernozem* que desabava. Tinham de atacar na estrada do monte Svistukh; deram o comando: “Ao ataque!” As fileiras da dianteira intrepidamente lançaram-se à frente, mas os soldadinhos de chumbo não as seguiram. E uma vez que, no rosto deles, “por pressa”, os traços tinham sido desenhados apenas como um

²⁷⁵ N. da T.: *Лёгость* [liogost], corruptela de *лёжкость* [liogkost], facilidade e também a enxárcia de navios, que sustenta os mastros.

²⁷⁶ N. da E.: Tróia – cidade antiga celebrizada na “Íliada”, de Homero. Aquiles e Agamenon, dois dos principais heróis do poema, sitiam a cidade. Menelau é um lendário rei de Esparta, traído pela esposa Helena com Paris, fato que motivou a Guerra de Tróia.

contorno e, além disso, em grande desordem, de longe parecia que os soldadinhos sorriam com ironia. E da ironia à sedição – é um passo.

– Covardes! – resmungou por entre dentes Verrugóvkin, mas sem coragem de dizer isso claramente, e teve de abandonar o monte com baixas.

Passaram ao contorno, mas ali deram com um pântano de que ninguém suspeitava. Verrugóvkin examinou a planta geométrica do pasto – por todo lado campos lavrados; nos locais inundados, prados; uma parte de pequenos arbustos; uma parte de pedra; mas pântano, nada de nada.

– Aqui não há pântano! Vocês estão mentindo, canalhas! Em marcha! – comandou Verrugóvkin e subiu em um montículo para observar melhor a passagem.

As pessoas arrastaram-se pelo lamaçal, e logo afundou toda a artilharia. No entanto, conseguiram dar um jeito na situação por si próprios, emporcalhando-se de lama. Emporcalhou-se também Verrugóvkin, mas ele não queria mais saber daquilo. Lançou um olhar à artilharia arruinada e, vendo que estavam ali os canhões, enlameados até a metade, com a boca virada para o céu e como que ameaçando um derradeiro disparo, começou a se afligir e a lamentar.

– Por quantos anos economizei, guardei, cuidei! – lastimava-se ele. – O que vou fazer agora! Como vou reger sem canhão!

As tropas estavam definitivamente desmoralizadas. Quando conseguiram se arrastar do lamaçal, diante de seus olhos de novo se abriu uma ampla planície e de novo sem nenhum sinal de vida. Em alguns pontos havia ossos humanos e destacavam-se montões de tijolos; tudo isso testemunhava que outrora existira ali uma civilização bastante peculiar e poderosa (posteriormente se revelou que essa civilização tinha sido destruída por Urus-Kugúch-Kildibáev, o qual, em estado de embriaguez, tomou-a por um monte de revoltosos), mas, desde aquela época, passara muito tempo, e nenhum governante se ocupara em restaurá-la. Pelo campo, corriam umas sombras estranhas; aos ouvidos chegavam sons misteriosos. Acontecia algo encantado, parecido com o que se descreve no terceiro ato de *Ruslan e Liudmila*²⁷⁷, quando entra em cena o assustado Farlaf. Embora Verrugóvkin fosse mais corajoso do que Farlaf, ainda assim não podia deixá-lo de estremecer ao pensar que, de repente, surgiria a malvada Naína...

Apenas no oitavo dia, em torno do meio-dia, o estafado comando viu o alto da Infantaria e tocou a corneta com entusiasmo. Verrugóvkin lembrou-se que o grande

²⁷⁷ N. da E.: Ópera de M. I. Glinka (1842), baseada em poema de Aleksandr Púchkin.

príncipe Sviatoslav Ígorevitch, antes de vencer os inimigos, sempre mandava avisar: “Vou para cima!”²⁷⁸ e, guiando-se por esse exemplo, ordenou ao seu ordenança ir aos infantes com essa saudação.

No dia seguinte, mal o sol tinha começado a dourar o topo dos telhados de palha, e as tropas, comandadas por Verrugóvkin, já entravam no subúrbio. Mas lá não havia ninguém, a não ser o pope do lugarejo, que, naquele exato momento, considerava se não seria mais proveitoso bandear para o grupo dos cismáticos. O pope era ancestral e antes propenso a espalhar desânimo do que instilar bravura na alma.

– Onde estão os moradores? – perguntou Verrugóvkin, faiscando os olhos na direção do pope.

– Estavam aqui agora mesmo! – mascando as palavras.

– Como assim, agora mesmo? Pra onde fugiram?

– Fugir pra onde? Pra que fugir de casa? Vai ver se esconderam de você por aí mesmo!

Verrugóvkin ficou parado no lugar, escarafunchando a terra com os pés. Por um minuto ele chegou a acreditar que a energia da inação triunfaria.

– Devíamos informar sobre a marcha no inverno! – lamentar ele consigo mesmo.

– Então eles não se esconderiam de mim.

– Ei! Alguém aí? Saiam! – gritou ele com tal voz que até os soldadinhos de chumbo, até eles, tremeram.

Mas o subúrbio calava-se, como morto. Escaparam gemidos não se sabe de onde, mas o modo misterioso como saíram de organismos invisíveis ainda mais irritou o amargurado governante.

– De onde, bestas, estão gemendo? – insistiu ele, lançando um olhar desesperançoso ao redor e, obviamente, perdendo toda a capacidade de reação – Encontrem a primeira besta que gemer aqui e tragam-na até mim!

Saíram a procurar, porém, por mais que rodassem não achavam ninguém. O próprio Verrugóvkin saiu pela rua, examinando todas as frinchas – não havia ninguém!

²⁷⁸ N. da E.: “Um manuscrito antigo”, escreve Karamzin sobre Sviatosláv, “conservou-se para a posteridade... um maravilhoso traço do seu caráter: ele não queria se valer das vantagens do ataque de surpresa e sempre informava de antemão aos povos sobre a guerra, ordenando dizer-lhes: “Vou atacá-los!” [*иду на вас*, *idu na vas*. Schedrin usa a mesma expressão, mas com um erro de declinação – *иду на вы*, *idu na vy*]. Naquela época de barbárie geral, o orgulhoso Sviatosláv observava as regras da verdadeira honra dos cavaleiros” (N. M. Karamzin. *История Государства Российского* [História do Estado Russo], v. 1, São Petersburgo, 1851, p. 172). Naturalmente, informando da “guerra” aos tolenses, Verrugóvkin devia estar completamente convicto da “vitória”, independentemente do fato de previni-los ou não sobre as “ações inimigas”.

Isso tanto o desconcertou que os pensamentos mais despropositados, em um único fluxo, de repente lhe vieram à cabeça.

“E se eu agorinha arrasá-los com fogo... não, é melhor matá-los de fome!...” – pensou ele, passando de um despropósito a outro.

Mas, de repente, ele parou diante dos soldadinhos de chumbo.

Com eles estava acontecendo algo completamente incomum. Aos poucos, os olhos de todos os soldadinhos começaram a se encher de sangue. Os seus olhos, até então imóveis, de repente começaram a girar e a manifestar ira; os bigodes, desenhados em desarranjo, ergueram-se do lugar e começaram a se agitar; os lábios, representados por um fino traço rosado, que, em função das chuvas recentes quase tinha se apagado, alogaram-se e exprimiam a intenção de pronunciar algo. Surgiram narinas, das quais antes não havia nem sombra, e puseram-se a bufar e a indicar impaciência.

– O que me dizem, soldados? – perguntou Verrugóvkin.

– Isbás... Isbás... destruir! – pronunciam os soldadinhos de chumbo de modo vago, mas um tanto sombrio.

O recurso tinha sido encontrado.

Começaram pela isbá da ponta. Com um uivo, os soldadinhos “de chumbo” lançaram-se ao telhado e instantaneamente enfureceram-se. Voaram ao chão trançados de palha, varas e varetas de madeira. Subiram alto nuvens inteiras de poeira.

– Quietos! Quietos! – gritou Verrugóvkin, ao ouvir de repente, perto de si, um gemido.

Gemeu o subúrbio inteiro. Foi um ruído surdo, porém compacto, no qual não se podia distinguir nem um som isolado, mas que se manifestava, em toda sua massa, incontida dor no coração.

– Quem está aí? Saiam! – gritou de novo Borodávkin a toda força.

O subúrbio calou-se, mas ninguém apareceu. “Os infantes alimentavam a esperança”, diz o cronista, “de que essa nova invenção (ou seja, pacificar pela destruição de casas), assim como as anteriores, consistisse em mero devaneio, mas não por muito tempo puderam se consolar com essa doce esperança).

– Pra cima! – pronunciou Verrugóvkin com firmeza.

Ouviu-se um estalo e um estrondo; troncos, um atrás do outro, soltavam-se da armação e, à medida que caíam no chão, o gemido recomeçava e aumentava. Passados alguns minutos, era como se a isbá da ponta não tivesse existido, e os “de chumbo”, ainda mais exacerbados, já tomavam de assalto a segunda. Mas, quando os infantes

escondidos, depois de um breve intervalo, ouviram novamente os golpes do machado, que prosseguiram a atividade destrutiva, sentiram um aperto no coração. Rastejaram de repente para fora, e todos eles, velhos e novos, do sexo masculino e feminino, elevando as mãos ao céu, caíram de joelhos no meio da praça. De início, Verrugóvkin pensou em debandar, depois, entretanto, lembrou-se das palavras das instruções: “no momento da pacificação, esforçar-se não apenas no aniquilamento, mas também na persuasão”, e se aquietou. Ele entendeu que a hora do triunfo já tinha chegado, e que o triunfo dificilmente seria completo se, como resultado, não houvesse nem narizes esborrachados nem zigomas deslocados.

– Vocês reconhecem a mostarda? – perguntou ele de modo meio vago, tentando, na medida do possível, eliminar da voz notas ameaçadoras.

A multidão, em silêncio, inclinou-se até o chão.

– Reconhecem? Estou perguntando! – repetiu ele, começando a efervescer.

– Reconhecemos! Reconhecemos! – uivou baixinho a multidão, como se sussurrasse.

– Muito bem. Agora, digam-me, qual de vocês ofendeu a memória de minha querida genitora em versos?

Os infantes titubearam; não era bom entregar aquele que, nos amargos momentos da vida, tinham-nos consolado; no entanto, após um minuto de hesitação, resolveram atender também a essa exigência da autoridade.

– Saia, Fiédka! Está tudo bem! Saia! – soou no meio da multidão.

Um moço loiro adiantou-se e ficou diante do governante. Os seus lábios contraíram-se, como se quisessem formar um sorriso, mas o seu rosto estava pálido como linho e os seus dentes batiam.

– Então foi você? – gargalhou Verrugóvkin e, afastando-se um pouco, como se quisesse examinar o culpado em todos os detalhes, repetiu: – Então foi você?

Pelo visto, em Verrugóvkin acontecia uma batalha. Ele pensava em dar um bofetão na cara de Fiédka ou castigá-lo de algum outro modo. Finalmente, decidiu por um castigo, por assim dizer, misto.

– Ouça bem! – disse ele, depois de ajeitar o maxilar de Fiédka. – Uma vez que você desonrou a memória de minha querida genitora, então, daqui em diante, todos os dias, você deverá louvar em versos essa memória que me é preciosa e trazer a mim os seus versos!

Com essa palavra, ordenou o toque de recolher.

A revolta terminou; a falta de educação foi esmagada, e em seu lugar instalou-se a instrução. Daí a meia hora, Verrugóvkin, carregado de êxitos, entrou em triunfo na cidade, arrastando atrás de si uma enormidade de prisioneiros e reféns. E, uma vez que, entre eles, encontravam-se alguns chefes militares e uns outros figurões das três primeiras classes²⁷⁹, ele ordenou tratá-los com carinho (porém, depois de vazar-lhes os olhos, para ficarem convictos), e os outros mandar aos trabalhos forçados.

Nessa mesma tarde, Verrugóvkin trancou-se no gabinete e escreveu em seu diário a seguinte nota:

“Neste 17 de setembro, após uma campanha de nove dias difícil, mas gloriosa, teve lugar um acontecimento felicíssimo e extremamente desejado. A mostarda foi ratificada por toda parte e para sempre e, além disso, não foi derramada nem uma única gota de sangue na campanha.”

“A não ser aquela”, acrescenta ironicamente o cronista, “derramada junto à cerca do subúrbio Estrume e, em memória da qual, até os nossos dias, comemora-se solenemente a denominada libertinagem”...

É muito provável que grande parte do que foi contado até aqui pareça ao leitor extremamente fantástico. Que necessidade tinha Verrugóvkin de promover uma marcha de nove dias, se o subúrbio Infantaria estava ali bem perto dele e se ele podia chegar lá em meia hora? Como ele podia se perder no pasto municipal, que a ele, como governante, devia ser inteiramente conhecido? Seria possível acreditar na história dos soldadinhos de chumbo, que, teriam não apenas marchado, mas também, no final, até se enchido de sangue?

Compreendendo toda a importância dessas questões, o editor do presente manuscrito considera possível responder a elas do seguinte modo: a história da cidade de Tolóvia apresenta-se, antes de mais nada, como um mundo de maravilhas, e é possível negá-lo apenas quando negamos a existência das maravilhas em geral. Mas isso não basta. Há maravilhas, nas quais, sob um exame atento, pode-se notar uma base real

²⁷⁹ De acordo com a “Tabela de títulos” introduzida por Pedro, o Grande, em 1722, todos os cargos oficiais do exército, da marinha e do aparato estatal burocrático foram divididos em 14 classes ou títulos. O figurões das três primeiras classes” na Rússia eram os chanceleres, os conselheiros particulares extraordinários e os conselheiros particulares (no exército, do marechal de campo ao tenente-general). A propósito, a atribuição de qualquer um desses títulos era feita por disposição pessoal do próprio imperador. Naturalmente, no “subúrbio Estrume”, não podia haver ninguém “das três primeiras classes”

bastante evidente. Todos nós conhecemos a lenda da Baba-Iagá-Perna-de-Osso, que voava em um pilão e tangia-o com o batedor, e relacionamos essas viagens ao grupo das maravilhas criadas pela fantasia popular. Mas ninguém faz a pergunta: por que será que a fantasia popular produziu justamente esse fruto e não outro? Se os pesquisadores da nossa antiguidade dessem à esse objeto a devida atenção, então podem ter certeza de que descobririam muita coisa que até hoje permanece sob velado segredo. Assim, por exemplo, provavelmente descobririam que a origem dessa lenda é puramente administrativa e que a Baba-Iagá não era ninguém mais do que uma administradora municipal, ou, talvez, uma *possádnitsa*²⁸⁰, que, para despertar nos habitantes um temor salutar, justamente por esse meio viajava pela região a ela confiada, e, durante as viagens, pegava pelo caminho um Ivanuchek e, ao chegar em casa, exclamava: “Vou rolando e passeando, comer a carinha do Ivanuchkina”.

Parece que isso é inteiramente suficiente para convencer o leitor de que o cronista encontra-se em um campo longe de ser fantástico e que todo o narrado por ele sobre as marchas de Verrugóvkin pode ser tomado como documento inteiramente autêntico. É claro que, à primeira vista, pode parecer estranho que Verrugóvkin tenha, por nove dias seguidos, dado voltas em torno do pasto; mas não se pode esquecer que, em primeiro lugar, ele não tinha porque se apressar, uma vez que se podia prever de antemão que o seu empreendimento, de qualquer modo, terminaria com êxito, e, em segundo lugar, que qualquer administrador recorre com ânimo a evoluções a fim de impressionar a imaginação dos habitantes. Se fosse possível imaginar a assim chamada reeducação por meio do corpo sem os rituais preliminares que a antecedem, como: a retirada da roupa, a exortação por parte do reeducador e o pedido de perdão por parte do reeducando – o que restaria dela? Uma formalidade vazia, cujo sentido seria entendido apenas por aquele que a experimentasse! O mesmo convém dizer a respeito de todo tipo de marcha, seja ela empreendida com o objetivo de conquistar reinos ou simplesmente com o objetivo de recolher impostos. Retirem dela as “evoluções” – e o que resta?

É claro que não há dúvida de que Verrugóvkin podia ter evitado muitos erros extremamente importantes. Por exemplo, o episódio ao qual o cronista atribuiu o nome de “gera-cegos” – pior não podia ser. Entretanto, não esqueçamos que o sucesso nunca acontece sem vítimas e que, se limparmos o arcabouço da história de todas as mentiras lançadas sobre ele ao longo do tempo por olhares preconceituosos, o resultado

²⁸⁰ N. da T.: Esposa de um *possadnik* – na Rus antiga e da Idade Média, príncipe local; em repúblicas feudais, administrador civil escolhido pelas autoridades.

é sempre apenas uma maior ou menor porção de “mortos”. Quem são esses “mortos”? Estava eles certos ou errados e em que medida? De que modo foram parar na lista de “mortos”? Tudo isso se esclarece depois. Mas todos eles são imprescindíveis, pois, sem eles, não haveria para quem oferecer celebrações pós-morte.

Portanto, resta sem esclarecimento apenas a pergunta sobre os soldadinhos de chumbo; mas também essa o cronista não deixa em explicação. “Com muita frequência observamos”, diz ele, “que objetos que parecem completamente inanimados (semelhantes a pedras), começam a sentir desejos, assim que entram em contato com espetáculos compreensíveis à sua inanimação”. E, como exemplo, apresenta um certo proprietário conhecido, que, atingido pela paralisia, por dez anos ficou imóvel em uma poltrona, mas que, ainda assim, mugia alegremente quando lhe traziam o dinheiro do arrendamento das terras.

As guerras “pela instrução” foram quatro. Uma delas acabamos de descrever; das três restantes, a primeira tinha o objetivo de esclarecer aos tolenses a utilidade da construção de fundamentos de pedra sob as casas; a segunda surgiu em consequência da recusa dos habitantes em cultivar a margarida da Pérsia; e a terceira, finalmente, teve como motivo a disseminação de um boato sobre o estabelecimento de uma academia em Tolóvia. Em geral, vê-se que Verrugóvkin era um utópico, e que, se tivesse vivido mais, então ou terminaria sendo enviado à Sibéria por livres-pensamentos ou construiria em Tolóvia um falanstério. Não há a menor necessidade de descrever essa série de façanhas gloriosas, porém, não é demais apontar aqui o seu caráter geral.

Nas futuras marchas por parte de Verrugóvkin, nota-se um avanço extremamente significativo. Ele prepara, com maior zelo, os materiais para sedições e, com mais rapidez, as esmaga. A campanha mais difícil, cujo motivo foi o boato sobre o estabelecimento de uma academia, durou apenas dois dias; as restantes, não mais de algumas horas. Habitualmente, de manhã, Verrugóvkin dava o grito de conclamação, depois de tomar chá; os soldadinhos de chumbo acorriam, instantaneamente enchiam-se de sangue e a todo vapor corriam para o lugar. Na hora do almoço, Verrugóvkin voltava para casa e entoava uma canção de agradecimento. Desse modo, ele conseguiu, no final, chegar a uma situação em que nenhum tolense podia deixar de apontar, no próprio corpo, locais que tivessem escapado ao açoitamento.

Da parte dos habitantes, assim como antes, reinava a mais completa perplexidade. A partir dos relatos do cronista, pode-se ver que eles ficavam felizes em não se revoltar, mas não conseguiam de jeito nenhum arranjar isso, pois não sabiam em que consistia a revolta. E, de fato, Verrugóvkin enredou-os com extrema habilidade. Ele não costumava explicar nada direito e tornava pública a sua vontade por meio de panfletos, que, à noite, em segredo, colava nas casas de esquina de todas as ruas. Escrevia as panfletos no espírito dos anúncios antigos da loja Katcha e imprimia todas as palavras completamente desnecessárias em letras maiúsculas, enquanto todas as essenciais eram compostas de minúsculas. Além disso, permitia-se o uso de nomes latinos; assim, por exemplo, a margarida da Pérsia não se chamava margarida da Pérsia, mas “*Pyrethrum roseum*”, ao contrário do piretro, do *sliunogonka*, do *jguniets*, pertence à família “*Compositas*” e assim por diante. Disso resultou o seguinte: os estudados, aos quais se costumava dar ordem de ler os panfletos, bradavam apenas as palavras escritas em letras maiúsculas, e disfarçavam as restantes. Assim, por exemplo (veja o panfleto sobre a margarida da Pérsia):

SABE-SE

da devastação causada por percevejos, pulgas etc.

FINALMENTE ENCONTRAMOS!!!

Pessoas de iniciativa trouxeram do Extremo Oriente etc.

De todas essas palavras, o povo entendia apenas: “sabe-se” e “finalmente encontramos”. E quando os estudados bradavam essas palavras, então o povo tirava o chapéu, suspirava e persignava-se. Era óbvio que nisso não havia revolta, mas antes o cumprimento da prescrição da autoridade. Um povo levado até o suspiro que ideal ainda pode exigir!

Portanto, a situação toda se resumiu a um equívoco, e isso parece ainda mais verossímil quando levamos em conta que os tolenses, inclusive até os dias de hoje, não são capazes de explicar o significado da palavra “academia”, embora tenha sido exatamente essa palavra que Verrugóvkin escreveu em letras grandes (veja no coletânea completa o panfleto n. 1.089). E isso não é tudo: o cronista prova que os tolenses até se esforçaram para conseguir compreender para que Verrugóvkin despejava luz sobre as suas cabeças que viviam na escuridão, mas não tiveram êxito e não tiveram justamente

por culpa do próprio governante. Não era raro reunir-se uma sociedade inteira no pátio do governante, dizendo-lhe:

- Livre-nos disso, tenha misericórdia! Mostre-nos o final!
- Fora, desordeiros! – costumava responder Verrugóvkin.
- Como assim, desordeiros? Será que nunca viu como são os desordeiros? Tenha misericórdia, diga!

Mas Verrugóvkin calava-se. Por que ele se calava? Será porque achava que a incompreensão dos tolenses não era mais do que um subterfúgio, que escondia na verdade uma obstinada resistência? Ou porque queria fazer uma surpresa aos habitantes? Não é possível determinar com certeza. Mas convém pensar que aqui se misturavam um e outro. A qualquer administrador que compreende a utilidade da medida tomada, nunca vai parecer que essa utilidade possa ser obscura ou duvidosa para alguém. Por outro lado, qualquer administrador é necessariamente um fatalista e crê, com firmeza, que, continuando a sua corrida administrativa, no final das contas, de qualquer modo, vai ficar cara a cara com o corpo humano. Consequentemente, se começarmos a prevenir esse desfecho inevitável com perorações preliminares, então isso não significaria exacerbá-lo ainda mais e conferir-lhe um caráter mais cruel? No final, todo administrador consegue fazer com que lhe devam confiança, e o melhor meio de expressar essa confiança não seria pelo cumprimento incondicional daquilo que não se entende?

De qualquer modo, os tolenses sempre ficavam sabendo do motivo da marcha apenas no momento em que ela terminava.

Entretanto, por mais que os resultados alcançados por Verrugóvkin parecessem brilhantes, em essência, eles estavam longe de serem benéficos. O espírito de insubordinação era exterminado, não há dúvida, mas, ao mesmo tempo, era exterminada a disposição. Os moradores baixavam a cabeça e pareciam definhar; trabalhavam nos campos sem vontade, voltavam para casa sem vontade, sentava-se para comer uma refeição parca e andavam de um canto a outro como se estivessem enjoados de tudo.

Para completar, os tolenses semearam tanta mostarda e margarida da Pérsia que o preço desses produtos caíram a um nível inacreditável. Seguiu-se uma crise econômica, e não havia nem Molinari nem Bezobrazov²⁸¹ para explicar que isso é

²⁸¹ N. da E.: Economistas belga e russo, ativos colaboradores do “Mensageiro da Europa” de Katkov, prontos, na opinião de Schedrin a encontrar, em qualquer situação, convincentes sinais de “prosperidade” e “progresso”.

justamente o verdadeiro florescimento. Os habitantes não apenas não recebiam metais preciosos e peles por seus produtos, como nem tinham com que comprar pão.

No entanto, em 1790, a situação, de qualquer jeito, ainda prosseguiu. Os habitantes passaram de uma porção completa a uma meia porção, mas não atrasaram os impostos e, em relação à instrução, mostraram até certa queda. Em 1790, os tolenses levaram seus produtos às feiras importantes, mas ninguém comprou nada deles: todos ficaram com pena dos percebejos. Então os moradores passaram a um quarto de porção e começaram a atrasar os impostos. Nessa época, parece que por zombaria, arreventou a revolução na França, e todos perceberam que a “instrução” é útil apenas quando possui um caráter de desinstrução. Verrugóvkin recebeu um documento, em que lhe recomendavam: “Referente ao fato já de seu conhecimento, faça o obséquio de cuidar, zelosamente, para que o mal irremediável seja extirpado sem falta”.

Somente então Verrugóvkin caiu em si e percebeu que caminhara a passos muito rápidos e tinha ido parar não lá, onde convinha. Pôs a recolher os impostos e viu, com surpresa e indignação, que os pátios estavam vazios, e que, quando se encontrava aqui ou ali alguma galinha, então era uma magricela e mal alimentada. Entretanto, como de hábito, ele julgou esse fato não diretamente, mas em seu próprio e original ponto de vista, ou seja, viu nele uma revolta, alimentada desta vez não por ignorância, mas por excesso de instrução.

– Aquiriram um espírito livre! Incharam! – gritou ele, enlouquecido. – Olharam os franceses!

E eis que teve início uma série de marchas – desta vez contra a instrução. Na primeira marcha, Verrugóvkin queimou o subúrbio Estrume; na segunda, arrasou o Imprestável; na terceira, dissipou o Pântano. Porém, ainda assim atrasaram os impostos. Chegou uma hora em que ele já se via sentado no chão só com o seu secretário; começou então a se preparar ativamente para essa hora. Mas a providência não permitiu isso. Em 1798, quando já tinham sido reunidos materiais rapidamente inflamáveis para queimar a cidade inteira, de repente, Verrugóvkin deixou de existir... “Ele tinha dissipado todo mundo”, diz o cronista a esse respeito, “de modo que não havia nem padre para encomendar o corpo. Foi preciso chamar o delegado de polícia que testemunhou a vagueação do seu espírito conturbado.”

Época de deposição das guerras²⁸²

Em 1802, caiu Patiféiv. Ele caiu, como diz o cronista, por discordar de Novossiltsev e Strogonov a respeito da constituição.²⁸³ Porém, ao que parece, esse foi apenas um bom pretexto, pois seria difícil até mesmo imaginar que Patiféiv pudesse se recusar a introduzir a constituição se as autoridades realmente o exigissem. Patiféiv pertencia à escola “dos passarinhos”²⁸⁴, para a qual pouca importa o que se vai introduzir. O verdadeiro motivo da destituição de Patiféiv também não estaria no fato de, certa época, ter sido foguista em Gatchina²⁸⁵ e, conseqüentemente, até certo ponto, representar as origens democráticas gatchinenses. Acima de tudo, as autoridades estavam convencidas, pelo visto, de que as guerras pela instrução, transformadas depois em guerras contra a instrução, já haviam esgotado Tolóvia tanto, que se sentia a necessidade de, por algum tempo, libertar a cidade de guerras em geral. Que a proposta de constituições apresentava-se mais como boato, destituído de bases sólidas, isso é demonstrado, em primeiro lugar, pelas mais recentes pesquisas a respeito desse tema, e, em segundo lugar, pelo fato de que, para substituir Patiféiv, foi indicado como

²⁸² N. da E.: No capítulo “A época de deposição das guerras”, são tratadas duas questões básicas: em primeiro lugar, a questão da “legislação”, à qual tanta atenção dedica o conselheiro estatal Benevólenski, e, em segundo lugar, a questão das condições ideais para o autêntico florescimento de Tolóvia, relacionada com o relato do cronista sobre o substituto de Benevólenski, de nome Prysck, ou seja, aquele “governante com a cabeça recheada”. Além disso, também a atividade do “legislador” Benevólenski, assim como a inatividade administrativa de Prysck, que queria (descansar-s), no final das contas, servem, em Saltykov, a um mesmo objetivo: mostrar que o florescimento de Tolóvia, e de modo correspondente da Rússia, só poderia ser alcançado quando os “tolenses” comesçassem a viver de modo independente em relação aos seus “dirigentes”, em relação àquele poder que se consolidou em Tolóvia desde o primeiro “príncipe” e que se ilustra neste relato sobre Prysck, o Pacífico.

²⁸³ N. da E.: Alusão ao assassinato, em 1801, do imperador Pavel I.. N. N. Novossiltsev, P. A. Strogonov, V. P. Kotchubei e o príncipe A. E. Tchartoryiski, citado no “Rol dos governantes...” eram membros do “Comitê Secreto” na época em que Aleksandr I assume o governo. O novo czar tenta envolver o comitê na elaboração de “novos fundamentos” governamentais para o Império Russo. O projeto de transformar à Rússia em “monarquia constitucional” foi desenvolvido entre 1807 e 1812 por M. M. Speranski [ver nota 284].

²⁸⁴ N. da T.: Em polêmica com Dostoiévski, Saltykov-Schedrin chama-o de “passarinho manso”. Joseph Frank registra assim esse momento: As disputas iniciais entre esses dois mestres da contumélia não envolveram questões substanciais; e, embora a discussão tenha sido travada anonimamente, cada um reconhecia a marca inimitável do estilo e do tom do outro. O segundo duelo foi muito mais sério, quando Saltikov-Chtchedrin chamou os colaboradores do *Tempo* de “passarinhos mansos”, que viviam continuamente no medo e tremiam mesmo que “ninguém os ameaçasse. Ninguém se opõe as senhores, ninguém nem mesmo pensa nos senhores”. Existe muito mais nessa veia condescendente, inclusive a previsão de que *O Tempo* logo se “katkovizaria”, isto é, unir-se-ia totalmente ao campo anti-radical; mas, enquanto isso, está tentando manter uma posição impossível: “Qual é o pensamento que guia a sua revista? Nenhum. O que os senhores disseram? Nada. Os senhores têm se esforçado continuamente para expressar alguma espécie de verdade sobre a ordem das ‘botas quentes’ [expressão russa para designar absurdo], os senhores sempre ficaram em cima do muro e sua ingenuidade vai tão longe que não quiseram notar que despencaram no chão”. (FRANK, São Paulo, 2002, p. 294)

²⁸⁵ N. da E.: Residência do czar Pavel I em Petersburgo.

governante o “negromano”²⁸⁶ Mikaládze, que sobre constituições compreendia certamente muito menos do que o primeiro.

Certamente não se pode negar que houve tentativas de criar um recurso constitucional; mas, ao que parece, essas tentativas resumiram-se ao fato de que os guardas de quartirão aprimoraram tanto as suas maneiras, que não mais puxavam qualquer transeunte pela gola. Essa é a única constituição que se supunha possível na situação pueril daquela sociedade. Antes de mais nada, era preciso habituar o povo ao tratamento cortês e só depois, após a suavização do seu caráter, dar-lhe os supostos verdadeiros direitos²⁸⁷. Do ponto de vista teórico, esse ponto de vista, é claro, está completamente correto. Entretanto, por outro lado, não de menor probabilidade é dotada a seguinte consideração: por mais que seja atraente a teoria do tratamento cortês, tomada de modo isolado, ela não protege nem um pouco as pessoas da repentina irrupção da teoria do tratamento não-cortês (como foi demonstrado posteriormene, com o surgimento na arena da história de uma personalidade como o major Bravium-Rabujeiv) e, portanto, se quisermos realmente sancionar o tratamento cortês com um fundamento sólido, deveremos antes de mais nada, munir as pessoas dos supostos verdadeiros direitos. E isso, por sua vez, demonstra como são precárias as teorias em geral e como agem com sabedoria aqueles chefes militares que as tratam com desconfiança.

O novo governante compreendia isso e, assim, colocou-se a tarefa de conquistar os corações valendo-se apenas de modos elegantes. Sendo de patente militar, ele não dava atenção ao uniforme, mas sobre disciplina expressava-se até com amargor. Andava sempre de sobrecasaca desabotoada, sob a qual se mostrava, de modo sedutor, o colete de fustão branco como a neve e a gola aberta da camisa. Com prazer, estendia a mão esquerda aos subordinados, com prazer sorria e, além de não se permitir afirmar nada muito bruscamente, até gostava, na hora dos informes, de usar expressões do tipo: “Pois bem, se os senhores me permitem dizer” ou “Eu já tive a honra de informar-lhes” etc.

²⁸⁶ N. da T.: *Черкаменин* [tcherkamenin], *черный* [tchiorny], negro + *каменин* [kamenin], que lembra tanto *камень* [kamen], pedra, quanto a terminação *кмен* [kmen], de *туркмен* [turkmen], turcomano.

²⁸⁷ N. da E.: A falta de “direitos” do povo em razão da sua “selvageria”, dos seus “hábitos” foi acentuada por Catarina II mais de uma vez em conversas com estrangeiros. “Ela”, escreve, por exemplo, o conde Segiur, a respeito de Catarina, “redigiu algumas disposições que tinham por matéria a justiça e a administração, mas não conseguiu implementar aquelas grandes reformas cujo sucesso dependia de um meio favorável, de costumes harmônicos com os objetivos da lei e a conjugação de muitas circunstâncias específicas”. (*Memórias do conde Segiur...*, p. 23). A esse mesmo tipo de argumentação, na Rússia da metade do século XIX, com frequência recorriam os adversários da garantia dos “supostos verdadeiros direitos” à “massa”, prometidos publicamente por Aleksandr II.

Uma única vez, tendo perdido a paciência por causa da prolongada resistência de seu auxiliar, acabou por dizer: “Eu já tive a honra de confirmar a você, filho de uma galinha”... mas, no mesmo instante, recobrou-se e subiu a patente do funcionário. Um apaixonado por natureza, entregava-se com prazer à sociedade feminina, e, nessa paixão, encontrou a morte prematura. Na composição que nos legou, “Sobre a aparência decente de todos os governantes” (veja adiante, nos documentos comprobatórios), explicita em detalhes os próprios pontos de vista sobre essa questão, mas, ao que parece, não foi com muita sinceridade que relacionou o seu êxito com as damas de Tolóvia a certos objetivos políticos e diplomáticos. É mais provável que tivesse vergonha de, como, Marco Antônio no Egito, ter levado uma vida exclusivamente amimalhada²⁸⁸, e, por isso, quis fazer crer à posteridade que, às vezes, até a maior mimalhice pode ter um sentido administrativo-político. Essa suposição pode ser confirmada também porque, no relato do cronista, notamos que, na época dele, a governança não realizou frequentes detenções, nem surrou ninguém impiedosamente, e, é claro, não seria possível passar sem isso se a atividade de Cupido do governante não estivesse dirigida à garantia da segurança pública. Por isso, podemos garantir, com grande probabilidade de acerto, que ele amava o *amour* pelo *amour* e simplesmente apreciava os *atours* femininos sem nenhum objetivo político; e inventou esses últimos somente para se proteger dos chefes, que, apesar de seu indiscutível liberalismo, não deixavam de perguntar de tempos em tempos: não será hora de começarmos uma guerra? “Já ele”, diz o cronista a esse respeito, “com pena das lágrimas dos órfãos, sempre respondia: não é hora, pois ainda não foram reunidos por mim os recursos conhecidos para a mencionada matéria. E, sem os ter reunido, morreu.”

De qualquer modo, a indicação de Mikaládze foi para os tolenses um fenômeno agradabilíssimo. O seu predecessor, capitão Patiféiv, embora não tivesse o chamado mau-caratismo “puro”, considerava-se um homem de convicções (em toda parte, em vez de convicção, o cronista coloca a palavra “teimosia”), e, nesse aspecto, sempre testava os tolenses para ver se reagiam com firmeza às desgraças. O resultado dessa atividade administrativa redobrada foi que, no final de sua governança, Tolóvia havia se transformado em um amontoado caótico de isbás enegrecidas e decrepitas, em meio às quais apenas a cela provisória, orgulhosa, elevava aos céus a sua torre de vigia. Não

²⁸⁸ N. da E.: Marco Antônio, general e político romano, envolveu-se com a rainha Cleópatra na época das campanhas no Egito e alimentou a imaginação de seus contemporâneos com as suas aventuras egípcias.

havia nem comida de verdade, nem roupas razoáveis. Os tolenses não sentiam mais vergonha, deixavam-se cobrir de pelos e chupavam sandálias de entrecasca.

– Mas como podem viver desta maneira? – perguntava-lhes Milakádze, surpreso.

– É assim que vivemos, vida de verdade não temos – respondiam os tolenses e, nesse momento, às vezes sorriam, às vezes choravam.

É compreensível que, em vista dessa perturbação moral, a principal preocupação do novo governante fosse dirigida para, antes de mais nada, apagar o temor dos tolenses. E é preciso reconhecer que ele, nesse aspecto, agiu com muita arte. Foi tomada uma série de medidas sequenciais voltadas exclusivamente para o objetivo recém-mencionado e cuja essência pode ser formulada do seguinte modo: 1) suspender temporariamente a instrução e as execuções a ela relacionadas; e 2) não criar leis. Os resultados obtidos mostraram-se, logo de início, estupendos. Não se passou nem um mês e os pelos, que os tolenses tinham deixado crescer, sumiram sem vestígios, e eles passaram a sentir vergonha da própria nudez. Depois de mais um mês, pararam de chupar sandálias; daí a seis meses, depois de muitos anos de mutismo em Tolóvia, fizeram a primeira dança de roda, à qual o governante compareceu pessoalmente e ofereceu ao sexo feminino pães-de-mel desenhados.

Com esses feitos pacíficos, celebrizou-se o negromano Mikaládze. Como toda expressão de atividades realmente frutíferas, a sua administração não foi nem gritante nem brilhante, não se distinguia nem por conquistas externas, nem por abalos internos, mas respondeu às necessidades do momento e alcançou por completo os objetivos modestos a que se propôs. Os fatos visíveis foram poucos, mas as suas consequências, inumeráveis. “Sábios deste mundo!”, exclama a esse respeito o cronista, “Pensai nisso assiduamente! E vereis se os vossos corações não se apertam diante do açoite e de outros instrumentos, nos quais, de acordo com a vossa elevadíssima opinião, encerram-se a força e a luz da instrução!”

Por todos esses motivos, o editor da presente história considera absolutamente natural que o cronista, ao descrever a atividade administrativa de Mikaládze, não seja assim tão generoso em detalhes. Esse governante é importante nem tanto como patente ativista quanto como o primeiro a trilhar o caminho pacífico, pelo qual, por muito pouco, não seguiu a civilização tolense. A força benfazeja de suas ações passa despercebida, pois ações como aperto de mão, sorriso amável e tratamento delicado em geral são sentidas apenas indiretamente e não deixam vestígios claros nem visíveis na história. Não provocam reviravoltas nem na situação econômica, nem na condição

intelectual do país, mas, se compararmos essas ações administrativas com outras, como, por exemplo, chamar os comandados de filhos de galinha ou açoitá-los sem cessar, então devemos reconhecer que a diferença aqui é enorme. Muitos, ao examinar a atividade de Mikaládze, descobrem que ela é irrepreensível não em em todos os aspectos. Dizem, por exemplo, que ele não tinha direito nenhum de interromper a instrução – isso é verdade. Mas, por outro lado, se, com à instrução estavam fatalmente ligadas as execuções, então não exigiria o bom senso que, inclusive nesse campo muito útil, fizessem breves intervalos de descanso? E dizem ainda que Mikaládze não tinha o direito de não criar leis – e isso também é verdade. Mas, por outro lado, não estamos vendo que os povos mais instruídos consideram-se especialmente felizes aos domingos e nos feriados, ou seja, quando os chefes julgam-se livres da redação de leis?

Não é possível menosprezar essas indicações da experiência. Que sofra o relato do cronista com a ausência de fatos claros e fundamentados – isso não deve impedir que reconheçamos que Mikaládze foi o primeiro, da série de governantes de Tolóvia, que abriu o mais caro de todos os precedentes administrativos – o precedente do louvor doce e puro. Admitamos que não há nesse precedente nada de particularmente sólido; admitamos que, na sequência, ele ficou exposto a muitos acasos mais ou menos cruéis; mas não podemos negar que, depois de introduzido, ele nunca mais morreu completamente, e, de tempos em tempos, de modo até bastante convincente, deu sinal da própria existência. Seria isso pouco?

Uma única fraqueza tinha esse venerável governante – certa inclinação incontrolável, quase febril pelo sexo feminino. O cronista se detém, com muitos detalhes, nessa particularidade do seu herói, mas o notável é que, em seu relato, não se vê nem amargura nem exasperação. Uma única vez ele se expressa assim: “Muitas foram as avarias dele às donzelas e mulheres de Tolóvia”, e, com isso, é como se desse a entender que, também na opinião do cronista, teria sido melhor, de qualquer modo, não haver tais avarias. Mas indignação direta ele não expressa em nenhuma parte e em nada. A propósito, não acompanharemos o cronista na exposição dessa fraqueza, uma vez que, quem quiser dela tomar conhecimento pode obter todo o necessário na composição anexa: “Sobre a aparência decente dos governantes”, escrita pelo próprio alto dignatário. A justiça nos obriga a dizer, entretanto, que, na composição, omite-se uma circunstância bastante significativa, lembrada nos anais. A saber: certa vez, à noite, Mikaládze meteu-se com a mulher do tesoureiro local, mas, mal tinha acabado de se livrar dos grilhões (assim o cronista chama o uniforme), quando foi apanhado de

surpresa pelo marido ciumento. Aconteceu uma batalha, durante a qual Mikaládze nem tanto bateu quanto apanhou. Porém, uma vez que, logo depois, ele se lavou, então, conclui-se que não restou nenhum vestígio da desonra. Parece que esse foi o único fracasso sofrido por ele nesse aspecto e, por isso, compreende-se que ele não o mencione na composição. Foi um detalhe tão insignificante na enorme série de seus dificultosos feitos nesse campo, que não despertou nele a necessidade de reflexões estratégicas, capazes de salvaguardar as suas campanhas futuras...

Mikaládze morreu em 1806 de esgotamento das forças.

Quando o solo já estava suficientemente lavrado com o tratamento cortês e o povo descansado da instrução, então, pela ordem natural, chegou a vez da demanda de legislação. Em resposta a essa demanda, surgiu o conselheiro de estado Feofilákt Irinárkhovitch Benevólenski, amigo e colega de Speranski no seminário²⁸⁹.

Desde a mais tenra juventude, Benevólenski sentia irreprimível inclinação para a legislatura. Sentado nos bancos do seminário, já esboçava algumas leis, entre as quais as mais notáveis eram as seguintes: “Todo ser humano terá um coração contrito”, “Toda alma palpitará” e “Todo macaco saberá qual é o seu galho”. Entretanto, quanto mais crescia o jovem talentoso, mais irreprimível tornava-se a paixão inata. Ninguém duvidava de que dele sairia, sem falta, um legislador; a questão era só de que tipo seria esse legislador, ou seja, lembraria ele a profundidade de pensamento e a sagacidade administrativa de um Licurgo²⁹⁰ ou seria simplesmente austero, como Drácon? Ele próprio sentia toda a importância dessa questão e, em carta a um “amigo famoso” (não se esconderia sob esse epíteto Speranski?), descreve do seguinte modo as suas indecisões a esse respeito.

“Fico aqui sentado”, escreve ele, “em desalentado recolhimento, e penso o tempo todo que leis são mais servem melhor ao uso. Há leis sábias que, embora estabeleçam a felicidade humana (são desse tipo, por exemplo, as leis sobre o

²⁸⁹ N. da E.: Como mencionado antes, a representação do conselheiro de estado Benevólenski em *História de uma cidade* em muito se parece com a descrição M. M. Speranski – importante ativista político do início do século XIX e um dos mais ativos participantes da comissão para estabelecimento de uma nova legislação.

²⁹⁰ N. da E.: Licurgo e Drácon são célebres legisladores da Grécia Antiga. O primeiro introduziu leis rigorosas em Esparta e posicionou-se contra o luxo e a riqueza; o segundo notabilizou-se pela austeridade, exigindo a pena de morte até para transgressões pouco significativas das normas do “comportamento social”.

abastecimento geral de todas as pessoas), mas, dependendo das circunstâncias, nem sempre são úteis; há leis obtusas, que não estabelecem nenhuma felicidade, mas que, de acordo com a circunstância, pode ser bem empregada (dessas não darei exemplos: todos conhecem!); e há, finalmente, leis medianas, não muito sábias, mas também não obtusas, daquelas que, não sendo úteis nem prejudiciais, são, no entanto, bem empregados no sentido do melhor preenchimento da vida humana. Por exemplo, quando perdemos o controle e começamos a nos considerar imortais, como atua sobre nós de modo revigorante essa simples expressão: *memento mori*²⁹¹! Aqui acontece o mesmo. Quando consideramos que a nossa felicidade não tem limites, que as leis sábias não foram escritas para nós, que não estamos inclinados a ações obtusas, então vêm em nossa salvação as leis medianas, cujo papel consiste em lembrar aos vivos que não há na terra um ser para o qual não tenha sido escrita, no devido tempo, pelo menos uma lei. E acredite, amigo, quanto mais eu reflito, mais me inclino a favor das leis medianas. Elas encantam a minha alma, pois nem chegam a ser leis, mas antes, podemos dizer, uma *penumbra* de lei. Penetrando em seu campo, percebe-se estar em contato com a legalidade, mas em que consiste esse contato – não se compreende. E tudo isso acontece afora qualquer reflexão; não se pensa em nada, não se vê nada determinado, porém, ao mesmo tempo, sente-se uma inquietação, que parece indeterminada por que não se baseia particularmente em nada. É, por assim dizer, uma carta apocalíptica, que só pode ser compreendida por aquele que a recebe. As leis medianas transmitem conforto, pois todos os que a leem dizem: “que tolice!”, entretanto, todos logo se apressam a cumpri-las sem falta. Se, por exemplo, promulgássemos a lei: “Pois todos comerão!”, então este seria um modelo de lei mediana, que todos se apressariam a cumprir sem nenhuma medida de força. Você perguntará, amigo: para que criar leis que, ainda sem isso, são cumpridas? Respondo a pergunta: o objetivo da promulgação de leis é duplo: algumas são promulgadas para convencer os povos e edificar as nações; outras, para que o legislador não fique estagnado, sem ter o que fazer.”

E assim por diante.

Desse modo, quando Benevólski chegou a Tolóvia, o seu olhar já estava voltado à legislatura e dirigia-se exatamente para a ideia que mais satisfazia as necessidades do momento. Pois o bem-estar dos tolenses, iniciado pelo negromano Mikaládze, não apenas não tinha se arruinado, como até se solidificara. Tolóvia

²⁹¹ N. do A.: Lembre-se da morte!

precisava justamente de uma “penumbra” de lei, ou seja, daquelas leis que, ocupando de modo útil o tempo livre do legislador, nada tinha a ver com gente de fora. Às vezes, essas leis são até chamadas de sábias e, na opinião de pessoas competentes, nesse nome não há nada de exagerado nem de imerecido.

Aqui, no entanto, surgiu uma circunstância imprevista. Mal Benevólski ocupou-se da criação da primeira lei, revelou-se que ele, como simples governante, não tinha o direito de promulgar as suas próprias leis. Quando o secretário informou sobre isso a Benevólski, ele, no início, nem acreditou. Começou a fuçar os decretos do senado, mas, apesar de ter percorrido todo o arquivo, não encontrou nenhum decreto que desse plenos poderes a Verrugóvkines, Galántov, Herkuliánoves, Benevólskis etc. para promulgar leis inventadas por eles.

– Sem lei, pode-se fazer o que quiser! – disse o secretário. – Apenas escrever leis, é proibido!

– Estranho! – pronunciou Benevólski e nesse mesmo minuto escreveu às autoridades sobre a dificuldade encontrada.

“Cheguei à cidade de Tolóvia” – escreveu ele – “e, embora tenha visto habitantes levados a um estado de prosperidade pelo meu antecessor, nas leis encontrei tão grande escassez, que os habitantes nem sabem qual é a diferença entre lei e natureza. E, portanto, sem nem um castiçalzinho, vagam pela noite escuríssima. Nessas condições, pergunto-me: se a algum desses que vagam acontecer tropeçar ou cair em um abismo, o que poderá protegê-los de tal queda? Embora no Estado Russo haja abundância de leis, todas elas dispersaram-se por assuntos diversos, sendo até extremamente provável que a maior parte delas tenha queimado em prévios incêndios. E por tudo isso surge real necessidade de talvez eu, como governante, promulgar leis de minha própria concepção, ainda que não de primeira classe (não ousou nem pensar nisso!), mas de segunda ou terceira. Dessa ideia ainda mais me convenço pelo fato de que a cidade de Tolóvia, por sua própria natureza, é, por assim dizer, uma região legislativa de segunda classe, para a qual nem há necessidade de leis assoberbadas nem complexas. Encontro-me, portanto, à espera de uma solução para este meu requerimento” e assim por diante.

A resposta a essa representação veio logo.

“À representação”, escreveram a Benevólski, “que considera a cidade de Tolóvia como uma região de legislativa de segunda classe, propõe-se para vossa reflexão o seguinte:

1) Se, nessas regiões em que os governantes começaram a redigir leis de segunda classe, surgiu uma quantidade considerável, não decorrerá disso algum dano para a arquitetura do Estado Russo?

2) Se for dado a governantes, na qualidade de governantes, redigir leis de segunda classe, não surgirão depois administradores regionais, na qualidade de administradores regionais, que proponham também redigir mesmas leis? E de que classe serão elas?

Benevólski compreendeu que essa interpelação encerrava uma recusa indireta e ficou profundamente pesaroso. Os contemporâneos explicam que ele sentiu essa amargura porque já tinha sido tocado pelo veneno do absolutismo; mas isso é muito improvável. Quando a pessoa, ainda sem leis, tem a possibilidade de fazer tudo que quiser, parece estranho suspeitar de ambição da parte dela na defesa de algo que, em vez de ampliar essa possibilidade, ao contrário, provocará a sua limitação. Pois a lei, seja ela qual for (até aquelas do tipo: “Pois todos comerão” ou “Pois toda alma palpitará”), de qualquer modo, possui uma força limitadora, que não agradam aos ambiciosos. Claro está que Benevólski não era tanto ambicioso, quanto um doutrinador de bom coração, ao qual parecia ser condenável até mesmo limpar o próprio nariz se, nas leis, não estivesse claramente formulado que “Todo aquele que tiver necessidade de limpar o nariz, que limpe”.

De qualquer modo, Benevólski ofendeu-se tanto com a recusa que se refugiou na casa de Raspopovaia, mulher de um comerciante (que ele considerava pela arte de assar pastelões com recheio), e, para dar vazão à sua sede de atividade intelectual, dedicou-se com enlevo à redação de sermões. O mês inteiro, em todas as igrejas da cidade, os popes liam esses sermões magistrais, e o mês inteiro os tolenses suspiraram enquanto os ouviam, tal era a sensibilidade com que foram escritos! O próprio governante ensinava os popes a pronunciá-los.

– O pregador – dizia ele – deve ter o coração contrito e, portanto, a cabeça levemente inclinada para o lado. Um olhar não afrontoso, mas lânguido, como se suplicante. Não deve agitar as mãos, mas, mantendo no início a mão direita próxima ao coração (esta é a verdadeira fonte de todas as súplicas), afastá-la gradualmente para fora e depois retornar ao ponto inicial. Nos pontos patéticos, não gritar; não criar palavras desnecessárias por conta própria, mas apenas respirar mais fundo.

Enquanto isso, os tolenses encorpavam mais e mais, e Benevólski não apenas se orgulhava disso, mas se alegrava. Nem uma vez teve a ideia: que tal sangrar essas

peessoas prósperas? Ao contrário, observando, da janela da casa de Raspopovaia, como os habitantes andavam de lá para cá, bamboleando, pelas ruas, ele até se perguntava: será que as pessoas não são assim tão prósperas porque nenhum tipo de lei as inquieta? Porém essa última frase era amarga demais, e o seu conteúdo aquietou-se dentro dele. Nem bem ele tirado os olhos dos tolenses em júbilo, e a saudade da legislatura de novo o dominava.

– Eu não estou em condições, minha honradíssima Marfa Terentievna, – dirigia-se ele a Raspopovaia, mulher de um comerciante – de desejar isso, como se fosse contra a atual prosperidade dessas pessoas, mas como eu gostaria de promulgar pelo menos uma lei por dia!

No final, ele não se conteve. Em uma noite escura, quando não apenas o guarda-barreira, mas até os cães dormiam, ele saiu para a rua às escondidas e distribuiu montes de folhetos em que estava escrita a primeira lei redigida por para Tolóvia. E embora ele compreendesse que essa via de publicação de leis era extremamente condenável, a paixão pela legislatura, longamente contida, gritava tão alto por satisfação que, na presença da sua voz, calaram-se até os argumentos do bom senso.

A lei, pelo visto, tinha sido escrita às pressas, pois se distinguiu pela extraordinária concisão. No dia seguinte, quando iam à loja, os tolenses pegaram do chão os papéis e leram o seguinte:

Lei primeira

“Posto que todo ser humano corre perigo; posto que o arrendatário pague impostos.”

E só. Mas o sentido da lei era claro, e o arrendatário já no outro dia foi procurar o governante. Aconteceram esclarecimentos; o arrendatário comprovou que ainda antes estava pronto, na medida das possibilidades. Benevólenki, por sua vez, pronunciou que não podia continuar na mesma situação de antes; que a expressão “na medida das possibilidades” não dizia nada nem à razão, nem ao coração, e que apenas uma coisa era clara – a lei. Concordaram com três mil rublos ao ano e decidiram considerar essa uma cifra legal, enquanto “circunstâncias de mudança da lei não surgissem”.

Ao contar esse fato, o cronista pergunta-se: essa lei teve alguma utilidade? E responde positivamente. “Lembrem-se do perigo de andar.”, disse ele, “Os moradores da cidade de Tolóvia não se preocupavam nem um pouco, pois, até aquele momento, por sua própria natureza, tinham a possibilidade de realizar grandiosa caminhada desse tipo e a todo momento praticavam-na. O arrendatário, por sua vez, sentiu a utilidade

dessa legalização de fato, pois, quando Prysch, sucessor de Benevólenski, em vez dos habituais três mil, exigiu duas vezes mais, então o primeiro respondeu com petulância: “Não posso, pois, pela lei, não posso assumir a obrigação de dar mais de três mil”. Prysch respondeu: “Esta lei também vamos mudar”. E mudou.

Estimulado pelo êxito da primeira lei, Benevólenski começou a se preparar ativamente para a publicação de uma segunda. Os frutos vieram logo e, pelas ruas da cidade, do mesmo modo misterioso, apareceu uma nova lei, agora mais ampla, que rezava o seguinte:

*Regulamento
sobre a devida cozedura de pastelões*

“1. Posto que todos devem assar pastelões aos domingos, sem criar obstáculos para a sua realização nem nos dias úteis;

2. Posto que todos usem recheios de acordo com a própria condição. A saber: pescou um peixe no rio – coloque; repicou com machado um bicho de chifre – coloque também; cortou repolho – também coloque. As pessoas necessitadas devem colocar tripas.

Observação: Fazer pastelão de lama, argila e materiais de construção está para sempre banido.

3. Na hora de colocar o recheio e adubá-lo são necessários manteiga e ovos em quantidade. Ponha o pastelão no forno e deixe à vontade, até corar.

4. Depois da retirada do forno, posto que todos peguem uma faca e, tirando uma parte do meio, tragam-na de presente.

5. Quem cumprir comerá.”

Os tolenses ainda mais rapidamente compreenderam o sentido dessa nova legalização, pois desde os tempos antigos estavam habituados a cortar parte do pastelão e levar de presente. Embora nos últimos tempos, durante o governo liberal de Mikaládze, esse hábito, por descuido, não fosse cumprido, mas eles não se queixaram da sua restauração, pois esperavam que ele estreitasse ainda mais as relações existentes entre os habitantes e o novo governante. Todos, sem exceção, iam correndo agradecer Benevólenski; cada um levava a melhor parte, enquanto outro entregavam até um pastelão inteiro.

A partir daí, a atividade legislativa na cidade de Tolóvia fervilhou. Não passava nem um dia sem que surgisse uma nova carta e sem que os tolenses se alegrassem com

alguma coisa. Chegou, finalmente, o momento em que Benevólenski começou até a pensar em uma constituição:

– A constituição, informo-lhe, minha honradíssima Marfa Terentievna, – dizia ele a Raspopovaia, mulher do comerciante – não é esse monstro que supõem as pessoas desprovidas de perspicácia. O sentido das constituições é o seguinte: posto que todos, em sua própria casa, vivam prosperamente! O que há nisso, perguntou-lhe, minha senhora, de estranho ou depreciativo?

E ele começou a considerar a própria intenção, mas, quanto mais pensava, mais se emaranhava em seus pensamentos. Mais do que tudo atormentava-o o fato de não poder dar um significado bem definido à palavra “direitos”. A palavra “obrigações” ele compreendia muito claramente, de modo que podia, a respeito desse objeto, escrever uma mão cheia de documentos, mas “direitos” – o que são os “direitos?” Seria suficiente defini-los, dizendo: “Posto que todos, em casa, descansem exitosamente”? Não ficaria assim breve demais? Mas, por outro lado, se deixasse levar por explicações, não ficaria assim extenso demais e não seria, para os próprios tolenses, uma sobrecarga?

Essas dúvidas foram resolvidas do seguinte modo: Benevólenski, na qualidade de medida temporária, publicou o “Regulamento sobre o bom coração adequado ao governante”, que, por sua abrangência, foi incluído entre os documentos comprobatórios.

– Eu sei – dizia ele, a esse respeito, a Raspopovaia, mulher do comerciante – que este documento ainda não consiste em uma verdadeira constituição, mas suplico-lhe, minha honradíssima, ter em mente que nenhuma edificação, ainda que seja um galinheiro, não se constrói de uma vez! Com o tempo, realizaremos o restante do nosso caro plano, mas, por enquanto, busquemos consolo em depositar esperanças no nosso Deus!

A propósito, não havia motivo para duvidarmos de que Benevólenski, cedo ou tarde, conseguiria concretizar as suas intenções, mas, naquela época, uma nuvem já se formava sobre ele. O culpado de tudo foi Bonaparte. Entrou o ano de 1811 e a relação da Rússia com Napoleão ficaram extraordinariamente tensas. No entanto, a glória dessa nova “praga divina” ainda não obscurecera e até chegara a Tolóvia. Lá, entre numerosos admiradores de Bonaparte (é de se notar que o sexo feminino distinguia-se por particular apego ao inimigo da humanidade), a que maior fanatismo expressava era Raspopova, mulher do comerciante.

– Ai, como eu queria esse Bonaparte! – dizia ela a Benevólenski – Acho que não teria pena de nada para poder dar pelo menos uma olhadinha nele.

No começo, Benevólenski ofendeu-se e até chamou a conversa de Raspopovaia de “doidicencia”, mas Marfa Teriéntievna não sossegava e cada vez mais importunava o governante: dá jeito de trazer Bonaparte, senão depois ele não aguenta. Então Benevólenski compreendeu que não era possível deixar de atender a exigência da “raça endoidecida” e, aos pouquinhos, até começou a achar que não tinha nada de condenável nisso.

– Não custa! Vamos deixar a raça endoidecida aproveitar! – dizia ele consigo mesmo, tentando se confortar – Quem vai perder com isso?

E então ele estabeleceu relações secretas com Napoleão...

Como ficaram sabendo dessas relações, só Deus sabe; mas parece que o próprio Napoleão bateu com a língua nos dentes e contou ao príncipe Kurakin na hora de um de seus *petits levés*²⁹². E eis que, em uma bela manhã, Tolóvia foi surpreendida com a notícia de que estava sendo dirigida não por um governante, mas por um traidor e que, da província, viria uma comissão especial para investigar a traição.

Então descobriram tudo: tanto o fato de Benevólenski ter convidado Napoleão secretamente, quanto de ter publicado as suas próprias leis. Para se defender, ele podia dizer apenas que nunca antes os tolenses tinham vivido uma situação tão próspera, como no seu governo, mas não aceitaram essa justificativa ou, melhor dizendo, responderam a ela do seguinte modo: “ele estaria mais certo se tivesse levado os tolenses ao completo definhamento, mas privando-se de publicar as suas linhazinhas disparatadas, que denomina de leis”.

A noite estava quente e enlurada, quando da casa do governante aproximou-se uma quibitca. Benevólenski, corajosamente, saiu ao terraço e estava pronto a fazer reverência aos quatro cantos, mas, com perturbação, viu que na rua não havia ninguém, a não ser os dois gendarmes. Como de hábito, os tolenses também desta vez surpreenderam o mundo com a sua ingratidão e, assim que souberam que a situação do governante era difícil, no mesmo instante, privaram-no da popularidade. Entretanto, por mais amargo que fosse esse cálice, Benevólenski tomou-o com espírito determinado. Com voz distinta e clara, exclamou: “Vagabundos!” e, entrando na quibitca, foi levado com êxito lá para onde Judas perdeu as botas.

²⁹² N. do A.: Recepções íntimas.

Assim terminaram as atividades administrativas do governante em que a paixão por leis encontrava-se em constante batalha com a paixão por pastelões. A propósito, as leis promulgadas por ele não vigoram atualmente.

Mas à felicidade dos tolenses, pelo visto, não se apresentava ainda um final iminente. O major Prysch veio substituir Benevólenski e trouxe consigo um sistema administraivo ainda mais simplificado.

Ele já não era jovem, mas estava extraordinariamente conservado. Espadaúdo, de compleição sólida, parecia dizer com a própria figura: não dê atenção aos meus cabelos brancos: eu posso! Eu ainda posso muito! Tinha as faces coradas, lábios fartos, atrás dos quais se via uma fileira de dentes brancos; o seu andar era determinado e arrojado; os gestos, rápidos. E tudo isso adornado com brilhantes dragonas de major, que tanto cintilavam sobre os ombros ao menor movimento.

De acordo com o costume, ele fez visitas de recomendação aos poderes municipais e aos nobres restantes de ambos os sexos e, nesse momento, explicou-se o seu programa.

– Sou um homem simples-s²⁹³ – dizia ele a alguns. – e não vim pra cá criar leis-s. A minha obrigação é cuidar para que as leis fiquem intactas e não se percam sobre as mesas-s. É claro que tenho um plano de campanha, mas esse plano é: descensem-s!

A outros ele falou assim:

– A minha situação, graças a Deus, é razoável. Comandei-s, portanto, não gastei, mas multipliquei. Consequentemente, as leis que existem a esse respeito, eu conheço, mas redigir novas, não quero. É claro que muitos, em meu lugar, se lançariam ao ataque e talvez até organizassem um bombardeio, mas eu sou homem simples e não busco-s conforto em ataques!

A terceiros assim se expressou:

– Não sou liberal e nunca fui liberal. Minhas ações são sempre diretas e, por isso, mantenho-me afastado até das leis. Em casos de dificuldade, ordeno uma busca, mas exijo o seguinte: que a lei seja antiga. Das novas eu não gosto. Muito se perde

²⁹³ N. da T.: Indicação da simplicidade do governante, uma vez que as pessoas das classes baixas acrescentavam um “s” no fim das palavras, quando falavam aos superiores hierárquicos e aos cidadãos abastados.

nelas, e do restante não se lembra de nada. Afirmando: afaste-se das leis novas, o restante espero cumprir integralmente!

Finalmente, a quartos ele se pintou com as seguintes tintas:

– De mim, posso dizer o seguinte: em combates não estive-s, mas em paradas da velha têmpera até acima da proporção. Novas ideias eu não entendo. Não compreendo nem mesmo porque é preciso compreendê-las.

E teve mais: no primeiro feriado, ele convocou uma assembléia geral dos tolenses e, diante dela, formalmente, confirmou as opiniões sobre administração:

– Pois bem, meus velhos, – disse ele aos habitantes – vamos viver em paz. Vocês não me incomodam, e eu não incomodo vocês. Plantem e colham, comam e bebam, abram fábricas e firmas – à vontade-s! Tudo isso lhes será útil-s! Por mim, podem até erigir monumentos, não criarei obstáculos a isso! Tenham mais cuidado apenas com o fogo, pelo amor de Deus, pois aqui tragédia é coisa fácil. Pode queimar os seus bens, e até vocês – não é nada bom!

Por mais que os tolenses tivessem sido mimados pelos dois últimos governantes, um liberalismo assim tão ilimitado obrigaram-nos a refletir: não haverá aqui algum ardid? Por isso, durante algum tempo, eles ficaram de olho, buscando informações, conversando aos cochichos e, em geral, “andavam perigosamente”. Parecia um pouco estranho que o governante, além de se desobrigar da intromissão na vida dos habitantes, ainda afirmasse que exatamente nessa não intromissão é que consiste a essência administrativa:

– E leis, não vai criar? – perguntaram-lhe, incrédulos.

– Não, não vou criar leis – vivam de acordo com Deus!

– Veja, veja! Então faça a gentileza, não crie! Veja o que aconteceu por causa do salafrário (assim chamavam Benevólski). Pois só faltava se meter nisso de novo, e você e nós teríamos de responder!

Mas Prysch era inteiramente sincero em seus comunicados e decidiu seguir sem desvio o caminho escolhido. Tendo interrompido todas as atividades, fazia visitas, frequentava almoços e bailes e até arranjou um punhado de ginetes e cães galgos, com os quais perseguia, no pasto municipal, coelhos e raposas, tendo, certa vez, caçado uma burguesinha muito das boas. Não sem ironia, opinava sobre o seu predecessor, que sofria na prisão.

– Filát Irinarkhovitch – dizia – no papel é que prometeu aos habitantes, que no seu governo, repousariam com prosperidade em suas casas, enquanto eu, na prática, apresento o mesmo, sim senhor-s!

E realmente era assim: embora os primeiros passos de Prysch tenham sido recebidos pelos tolenses com incredulidade, eles nem tiveram tempo de piscar e tudo ao seu redor já era uma ou duas vezes melhor do que antes. Os enxames cresciam extraordinariamente, de modo que mel e cera eram enviados a Bizâncio em enorme quantidade, quase como na época da princesa Olga. Embora não houvesse mortande de rebanho graúdo, havia couro em abundância, e, uma vez que os tolenses, apesar de tudo, achavam mais jeitoso ostentar sandálias de entrecasca do que sapatos, também todo o couro transportavam até Bizâncio e, por tudo, recebiam *assignatsias*. Uma vez que era fácil a todos produzir estrume, então as colheitas de cereais começaram a aumentar tanto que, além da venda, sobrou até para o próprio consumo. “Não era como nas outras cidades”, diz o cronista com amargura, “aonde as estradas de ferro²⁹⁴ não levam bens terrenos destinados à venda, onde os moradores definham por falta de comida. Em Tolóvia, nesse ano tão feliz, não apenas o proprietário, mas qualquer mercenário comia pão de verdade e não era raro serviam um prato quente.”

Prysch olhava essa prosperidade e alegrava-se. E não podia deixar de se alegrar, pois toda a abundância geral refletia também nele. Estava repleto de presentes de âmbar, dado pela natureza; em seus baús não cabiam mais ouro e prata; e as *assignatsias* simplesmente espalhavam-se chão afora.

Assim passou ainda mais um ano, no decorrer do qual, os tolenses tiveram de tudo não só duas vezes mais, nem três, mas quatro. Entretanto, à medida que a liberdade aumentava, crescia também um tradicional inimigo dela – a análise. Com o aumento do bem-estar material, conquistaram o lazer, e com a conquista do lazer surgiu a possibilidade de investigar e experimentar a natureza das coisas. Assim acontece sempre, porém os tolenses não aproveitaram essa “capacidade recém-surgida” para solificar a prosperidade, mas sim para arruiná-la.

Ainda fracos em termos de autogoverno, os tolenses começaram a atribuir esse fenômeno à mediação de alguma força desconhecida. E, uma vez que, no idioma deles, a força desconhecida levava o nome de “coisa do diabo”, então começaram a achar que a situação não estava muito clara e que, portanto, não restava dúvidas sobre a

²⁹⁴ Naquela época nem se pensava em estradas de ferro, mas esse é um dos anacronismos inofensivos que se encontra bastante nos “Anais”. *O editor*

participação do diabo no negócio. Passaram a vigiar Prysch e descobriram no seu comportamento algo duvidoso. Diziam, por exemplo, que, certa vez, alguém o pegou dormindo no sofá e que o seu corpo parecia cercado de ratoeiras. Outros iam mais além e afirmavam que Prysch, toda noite, saía de casa e dormia num buraco cavado na neve. Tudo isso revelava algo misterioso, e, apesar de ninguém se perguntar quem é que tinha alguma coisa a ver com o fato de o governante dormir no gelo e não em um quarto normal, todos se alarmavam. As suspeitas gerais aumentaram ainda mais quando os habitantes notaram que o decano da nobreza local, há certo tempo, encontrava-se em um estado de agitação nada natural e, toda vez que encontrava o governante, começava a se contorcer e a fazer movimentos corporais desajeitados.

Não se podia dizer que o decano tivesse qualidades especiais de inteligência e alma; mas ele tinha um estômago, no qual, assim como em um túmulo, desaparecia todo tipo de migalha. Esse dom da natureza, pouco intrincado, tornara-se para ele fonte dos mais vivos prazeres. Todos os dias, desde cedo, ele saía pela cidade, farejando cheiros que emanavam das cozinhas das casas. Em pouco tempo, o seu olfato ficou tão apurado que ele conseguia, sem erro, adivinhar a composição do recheio mais complexo.

Já no primeiro encontro com o governante, o decano sentiu que nesse alto funcionário escondia-se algo não muito comum, a saber: dele saía um cheiro de trufa. Longamente, o decano lutou contra a própria hipótese, tomando-a por delírio de uma imaginação inflamado pelos víveres ingeridos, mas, à medida que amiudavam os encontros, mais torturante tornava-se a dúvida. Finalmente, ele não se conteve e informou sobre suas suspeitas a Polovinkin, secretário da corporação dos nobres.

– Ele cheira a comida! – disse ele ao surpreso confidente. – Cheira! Como se fosse uma fábrica de salsichas!

– Quem sabe ele não unta a cabeça com pomada de trufa-c? – duvidou Polovinkin.

– Que nada, irmão! Depois dessa qualquer leitãozinho vai poder chegar na sua frente e mentir, dizendo que não é um leitãozinho, mas apenas passou perfume de leitão!

Da primeira vez, a conversa não teve outras consequências, mas a ideia do perfume de leitão calou fundo na alma do decano. Caindo em melancolia gastronômica, ele vagava pela cidade como um apaixonado e, quando via Prysch em algum lugar, do modo mais disparatado, lambia os beiços. Certa vez, na hora de uma reunião conjunta,

cujos assuntos eram a organização do comércio gastronômico na época da *máslenitsa*²⁹⁵, o decano, levado ao delírio pelo cheiro forte que emanava do governante, fora de si, saltou do lugar e gritou: “Vinagre e mostarda!” E, depois, lançando-se à cabeça do governante, pôs a cheirá-la.

O assombro das pessoas que presenciaram essa cena intrigante não teve limite. Parece estranho também o fato de o governante, embora entre dentes, mas de modo imprudente, ter dito:

– Adivinhou, canalha!

Mas, depois, contendo-se, com uma desenvoltura claramente simulada, acrescentou:

– Parece que o nosso digníssimo decano tomou a minha cabeça por um embutido... Rá, rá, rá!

Infelizmente, essa confissão indireta encerrava a mais amarga verdade!

O decano desfaleceu, dominou a agitação, mas não se esqueceu de nada e disso nada aprendeu. Aconteceram algumas cenas quase desagradáveis. O decano girava, contorcia-se e, finalmente, estando certa vez frente a frente com Prysch, tomou uma decisão.

– Um pedacinho! – gemeu ele diante do governante, acompanhando atentamente a expressão do olhar da vítima que elegera.

Ao ouvir o primeiro som desse pedido tão bem formulado, o governante estremeceu. A situação dele logo se desenhava com aquela clareza irreversível, diante da qual qualquer acordo torna-se inútil. Ele olhou timidamente para o seu ofensor e, encontrando um olhar repleto de determinação, de repente, caiu em um estado de imensa melancolia.

Ainda assim, ele esboçou, de qualquer modo, uma fraca tentativa de reação. Houve luta, mas o decano já entrara em estado de fúria e estava fora de si. Os seus olhos cintilavam, a pança roncava docemente. Ele suspirava, gemia, chamava o governante de “queridinha”, “pombinha” e outros nomes inadequados ao título da vítima; lambia-o, cheirava-o e assim por diante. Finalmente, com inaudito frenesi, o decano lançou-se sobre a vítima, cortou com a faca uma fatia da sua cabeça e engoliu de pronto...

À primeira fatia, seguiu-se uma segunda, depois uma terceira, até não restar nem mais uma migalha...

²⁹⁵ N. da T.: No calendário eslavo antigo, passagem do inverno à primavera, evento comemorado com a preparação de panquecas e festejos.

Então o governante, de repente, deu um salto e começou a limpar com as patinhas os lugares de seu corpo que o decano regara com vinagre. Depois, começou a girar no mesmo lugar e, de repente, todo o seu corpo desabou no chão.

No dia seguinte, os tolenses tiveram a notícia de que o seu governante tinha uma cabeça recheada...

Mas ninguém adivinhou que, graças exatamente a essa circunstância, a cidade fora levada a um tal estado de prosperidade, que nunca tinha sido descrito antes nos anais, desde a fundação de Tolóvia.

O culto a Mamona e o arrependimento

A vida humana é sonho, dizem os filósofos-espiritualistas, e se eles fossem de todo lógicos, então acrescentariam: a história também é sonho. Com certeza, tomadas no sentido absoluto, essas duas comparações são igualmente absurdas, no entanto, é impossível deixar de reconhecer que, na história, realmente encontram-se, em alguns pontos, uma espécie de abismo, diante do qual o pensamento humano se detém não sem perplexidade. É como se o fluxo da vida interrompesse o curso natural e formasse um redemoinho, que gira no mesmo ponto, espirra e cobre-se de uma espuma turva, através da qual não é possível distinguir nem traços típicos claros, nem mesmo fenômenos isolados. Acontecimentos confusos e incoerentes seguem-se um após o outro sem ligação e as pessoas, pelo visto, não perseguem nenhum outro objetivo a não ser defender o dia de hoje. Alternadamente, elas ora estremecem, ora celebram solenemente, e quanto maior é a força com que se percebe a humilhação, mais dura e austera torna-se a solenidade. A fonte, da qual saiu a inquietação, já se turvou; os princípios, em nome dos quais surgiu a luta, já se confundiram; resta a luta pela luta e a arte pela arte, que representa a tortura, a marcha sob a baqueta dos tambores e assim por diante.

É claro que essa inquietação concentra-se, de preferência, na superfície; no entanto, é praticamente impossível afirmar que lá no fundo, nesse momento, a situação seja boa. O que será que acontece nas camadas desse sorvedouro que se seguem diretamente à camada superior e, além delas, até o fundo? Será que se encontram calmas ou também nelas exerce a sua pressão aquela inquietação revelada na camada superior? – determinar isso com completa fidedignidade é impossível, uma vez que, em geral, entre nós ainda não existe o hábito de observar com atenção o que vai lá longe, no fundo. Mas dificilmente erraríamos ao afirmar que a pressão se faz sentir também lá. Em parte, ela se reflete em perdas e danos, mas principalmente na protelação mais ou menos prolongada do desenvolvimento da sociedade. E embora os resultados dessas privações manifestem-se com particular amargura apenas posteriormente, pode-se já adivinhar que também os contemporâneos, sem particular satisfação, relacionam-se com as pressões que pesam sobre eles.

Sem dúvida, Tolóvia passou por uma dessas épocas históricas difíceis, no tempo descrito pelo cronista. A verdadeira vida da cidade escondeu-se nas profundezas, enquanto na superfície surgiam emanações ruins, que dominaram por completo a arena

da história. Misturas artificiais enredaram Tolóvia de alto a baixo, e, se podemos dizer que, na economia geral da cidade, essa artificialidade não deixou de ser útil, com menos justiça pode-se garantir que as pessoas que viviam sob o seu jugo fossem pessoas felizes. Passar por Verrugóvkin para conhecer a utilidade de algumas plantas; passar por Ugus-Kugúch-Kildibáev para se familiarizar com a verdadeira bravura – que seja; mas tal sina não pode ser chamada nem de verdadeiramente normal, nem particularmente lisonjeiro, embora, por outro lado, não se possa negar que algumas plantas realmente são úteis e que a bravura, usada no lugar certo e na hora certa, também não faz mal.

Nessas circunstâncias, não se podia esperar que os habitantes apresentassem algum avanço no campo da comodidade e decência ou então obtivessem particular êxito no campo das artes e da ciências. Para eles, semelhantes épocas históricas são anos de aprendizado, durante os quais eles testam a si mesmos: até que ponto podem suportar. Justamente assim o cronista nos apresenta os seus conterrâneos. A partir do relato do cronista vê-se que os tolenses submetem-se aos caprichos da história sem objeção e não apresentam nenhum dado pelo qual se possa julgar o seu grau de maturidade em termos de autogoverno; que, ao contrário disso, eles se agitam de um lado ao outro, sem nenhum plano, como se acossados por um vago pavor. Ninguém vai negar que esse quadro não é lisonjeiro, e de outro jeito não poderia ser, porque o seu material é o homem que, com estupenda constância, bate a cabeça e que, por certo, não pode chegar a nenhum outro resultado, a não ser à perturbação. O cronista revela diante de nós a história dessas perturbações sem artifícios e com a verdade com que sempre se distinguem os relatos de cronistas e arquivistas. Na minha opinião, isso é tudo que temos direito de exigir dele. Não se nota nenhum escárnio premeditado no relato dele: ao contrário, em muitos pontos é visível até compaixão em relação aos pobres perturbados. Apenas o fato de que, apesar da batalha mortal, os tolenses ainda assim continuam a viver, testemunha bem a utilidade da resistência deles e desperta séria atenção por parte do historiador.

Não vamos esquecer que o cronista trata principalmente da assim chamada ralé, que até hoje se considera, de certo modo, fora dos limites da história. Por um lado, o seu olhar inteligente representa uma força que irrompe de longe e consegue organizar e se fortalecer, por outro, esparrama pelos cantos pessoinhas e órfãos pegos de surpresa. Será possível alguma dúvida em relação ao caráter das relações que podem surgir da combinação de elementos tão contraditórios?

Que a força tratada aqui não é de jeito nenhum inventada, isso se comprova pelo fato de que a sua representação até lançou as bases de toda uma escola histórica. Os representantes dessa escola professam muito sinceramente que, quanto mais se aniquila os habitantes, mais bem-sucedido eles serão e mais brilhante será a própria história. Obviamente, essa opinião não é muito inteligente, mas como provar isso a pessoas que confiam tanto em si mesmas que não ouvem nem aceitam nenhuma prova? Antes de começar a provar, há necessidade ainda de obrigar a ouvir, mas como fazer se o querelente não consegue nem se convencer direito de que não convém exterminá-lo? Eu digo: que motivo o senhor tem para brigar? Mas ele só entende de arrebentar dentes: aqui o motivo, ó! Aqui o motivo!

Essa é a única fórmula clara de interrelações possível em condições semelhantes. Não motivo para brigar, mas também há motivo para não brigar; em resultado disso, vê-se apenas uma pesadosa tautologia, em que o bofetão explica-se pelo bofetão. É claro que a tautologia se mantém por um fio, por um único fio, mas como arrebentar esse fio? Aí é que está toda a questão. E por si só surge a ideia: não seria melhor depositar as esperanças no futuro? Essa ideia também não é muito inteligente, mas, fazer o que?, se ainda não se elaborou nenhuma outra? Pois foi a ela que os tolenses se apegaram. Igualando-se a devedores, que se encontram sob o poder de eternos credores, eles concluíram que no mundo há diferentes credores: os sensatos e os insensatos. O credor sensato ajuda o devedor a sair de situações de aperto e, em recompensa por sua sensatez, recebe o que lhe é devido. O credor insensato manda o devedor para o cárcere ou o açoita incessantemente e, em recompensa, não recebe nada. Com esse raciocínio, os tolenses começaram a esperar: será que vai chegar em que todos os credores serão sensatos? E estão esperando até hoje.

Por isso eu não vejo nos relatos do cronista nada que pudesse atente contra os méritos dos habitantes da cidade de Tolóvia. São pessoas, como quaisquer outras, apenas com a ressalva de que suas características naturais criaram uma massa de átomos exóticos, através da qual não se vê nada. Por isso, não se pode falar de “características” verdadeiras, mas de átomos exóticos. Teria sido melhor ou até mais agradável se o cronista, em vez de descrever movimentos desordenados, tivesse mostrado em Tolóvia uma concentração ideal de leis e direitos? Por exemplo, naquele minuto em que Verrugóvkin exige a disseminação da mostarda por toda parte, teria sido mais agradável ao leitor se o cronista fizesse com que os habitantes não tremessem diante dele, mas,

com êxito, demonstrassem ao governante a extemporaneidade e despropósito de suas intenções?

Colocando a mão sobre o peito, eu garanto que semelhante deturpação dos hábitos tolenses seria não apenas inútil, mas também positivamente desagradável. E o motivo disso é muito simples: o relato do cronista, neste caso, ficaria em *desacordo com a verdade*.

O inesperado fatiamento da cabeça do major Prysch não afetou praticamente em nada a prosperidade dos habitantes. Durante algum tempo, por escassez de governantes, a cidade foi administrada por guardas de quarteirão; mas, uma vez que o liberalismo continuava a dar o tom da vida, também eles não se lançavam sobre os cidadãos, mas, cortesmente, passeavam pelo mercado e afetuosamente buscavam os pedaços mais gordurosos. Entretanto, até essas humildes caminhadas nem sempre eram acompanhadas de êxito, pois os habitantes haviam tomado tanta coragem que, de boa vontade, ofereciam apenas tripas.

A consequência dessa prosperidade foi que, durante todo o ano, em Tolóvia, aconteceu apenas uma conjuração e, ainda assim, não da parte dos habitantes contra os guardas de quarteirão (como acontece habitualmente), mas, o oposto, da parte dos guardas de quarteirão contra os habitantes (o que nunca acontece). A saber: os guardas de quarteirão, assolados pela fome, decidiram tocar todos os cães para a rua do comércio, a fim de ter, no horário noturno, acesso irrestrito às lojas. Felizmente, o atentado foi percebido bem a tempo, e a conjuração terminou com a decisão de que os conjurados seriam privados, por certo tempo, da estabelecida entrega de tripas.

Depois disso, chegou à Tolóvia o conselheiro estatal Ivanóv, mas ele tinha a estatura tão baixa, que não conseguia se envolver em nada espaçoso. Como se de propósito, isso aconteceu na mesma época em que a paixão pela legislatura adquirira, em nossa pátria, dimensões quase perigosas; os chanceleres produziam regulamentos como antes produzim leite e mel os rios dos contos maravilhosos, e cada regulamento pesava, sem falta, não menos de uma libra. Pois foi exatamente essa circunstância que ocasionou a morte de Ivanóv, cujo relato, a propósito, existe em duas versões completamente diferentes. Uma diz que Ivanóv morreu de susto, ao receber do senado um decreto amplo demais, que ele não nem esperava compreender. A outra versão

afirma que Ivanóv, na verdade, não morreu, mas foi afastado, pois, em sua cabeça, o cérebro começou a grudar (por falta de uso) e, conseqüentemente, voltou ao estado embrionário. Depois disso, ele ainda teria vivido muito tempo em sua propriedade particular, onde teria conseguido dar vida a indivíduos de cabeça pequena (microcéfalos), que vivem até hoje.

Qual dessas duas versões tem mais veracidade? É difícil julgar; mas, para fazer justiça, precisamos dizer que atrofia de órgão tão importante, como a cabeça, dificilmente poderia ter ocorrido em tão pouco tempo. Entretanto, por outro lado, não resta dúvida de que realmente existem microcéfalos e que o iniciador da lenda a respeito deles é justamente o conselheiro de estado Ivanóv. A propósito, para nós, essa questão é secundária; o importante é que os tolenses, também na época de Ivanóv, continuaram na prosperidade e que, conseqüentemente, o defeito de que ele fora dotado mostrou-se aos habitantes não danoso, mas útil.

Em 1815, para substituir Ivanóv, chegou a Tolóvia o visconde du Chariot, proveniente da França. Paris tinha sido ocupada; o inimigo da humanidade estava para sempre exilado na ilha de Santa Helena; “O diário de Moscou” informou que, com a humilhação sofrida pelo inimigo, a sua tarefa terminara e prometia deixar de existir; no dia seguinte, porém, voltou atrás em sua promessa e prometeu outra coisa: que se obrigava a deixar de existir apenas quando Paris fosse ocupada de novo. O júbilo foi geral, e juntamente com os outros também Tolóvia jubilou. Lembraram-se da mulher de comerciante Raspopovaia, como ela, junto com Benevólski, fizera intrigas a favor de Napoleão, arrastaram-na para a rua e deixaram que os meninos a provocassem. O dia todo os pequenos miseráveis insultaram a maldosa viúva, xingaram-na de Bonapartovnaia, amante do anticristo etc., até que, no final, ela caiu em delírio e começou a fazer predições. O sentido dessas predições foi esclarecido apenas posteriormente, quando Bravium-Rabujeiv chegou a Tolóvia e não deixou pedra sobre pedra na cidade.

Du Chariot estava feliz. Em primeiro lugar, o seu coração de imigrante alegrava-se porque Paris tinha sido ocupada; em seguida lugar, ele há tanto tempo ele não comia de verdade que os pastelões tolenses com recheio pareceram-lhe comida dos seus. Depois de comer até se fartar, ele exigiu que lhe mostrassem, sem demora, um lugar onde fosse possível *passer son temps à faire des bêtises*²⁹⁶, e ficou visivelmente

²⁹⁶ N. do A.: Passar o tempo alegremente.

satisfeito quando soube que, no subúrbio Soldados havia exatamente um lugar como esse que ele queria. Depois ele começou a falar e não parou enquanto não chegou a disposição das autoridades que o mandava de Tolóvia para o estrangeiro. Porém, uma vez que, de qualquer modo, ele era filho do século XVIII, então, em suas conversas, não raramente soprava o espírito da investigação, que podia gerar frutos muito amargos, se ele não tivesse sido, em certa medida, abrandado pelo espírito do livre pensamento. Assim, por exemplo, certa vez, ele começou a explicar aos tolenses os direitos do homem; mas, felizmente, terminou por explicar os direitos dos Bourbons. Outra vez, ele começou a convencer os habitantes a acreditar na deusa Razão, mas terminou pedindo que reconhecessem a impecabilidade do papa. Tudo isso, entretanto, era *façons de parler*²⁹⁷; e, em essência, o visconde estava sempre pronto a se posicionar a favor de qualquer ideia ou dogma desde que tivesse em vista que, por isso, lhe dariam mais uma dose.

Ele se divertia sem descanso, quase todo dia fazia mascaradas, vestia-se de *débordée*, dançava canção e gostava, especialmente, de intrigar os homens²⁹⁸. Cantava com mestria canções brejeiras e garantia que tinha aprendido essas canções com o conde d'Artua (posteriormente rei Carlos X da França), na época em que vivia em Riga. No início comia tudo o que aparecia, mas depois, enjoou, então começou a ingerir, principalmente, a assim chamada bicharia, dando preferência a rãs. Entretanto, não realizou nada e na administração não se metia.

Essa última circunstância prometia prolongar a prosperidade dos tolenses indefinidamente; mas eles próprios se esgotaram sob o peso dessa felicidade. Eles perderam o controle. Mimados por cinco governantes consecutivos, levados quase à obstinação pela adulação grosseira dos guardas de quartirão, eles, com orgulho demais, julgaram que a felicidade pertencia-lhes por direito e que ninguém teria condições de arrancá-la. A vitória sobre Napoleão deu-lhes ainda maior certeza disso e, praticamente nessa mesma época, surgiu o famoso dito: “Lancem os chapéus”, que posteriormente, por muito tempo, serviu de divisa para os feitos tolenses no campo do xingamento.

E eis que se seguiu uma série de acontecimentos lamentáveis, que o cronista denomina de “desavergonhada bestialidade tolense”, mas que é muito mais agradável chamar de breve travessura tolense.

²⁹⁷ N. do A.: Conversa fiada.

²⁹⁸ Não há nada de surpreendente nisso, pois o cronista testemunha que esse mesmo du Chariot foi, posteriormente, alvo de uma investigação e era, na verdade, uma mulher. *O editor*

Começaram por jogar pão debaixo da mesa e persignar-se de modo incomum. As denúncias dessa época está repleta das mais amargas indicações desse fato pesaroso. “Houve tempo”, os denunciante, “em que os tolenses humilhavam os antigos Platão e Sócrates em termos de religiosidade; hoje não apenas transformaram-se em Platões, mas são até piores, pois Platão lançava o pão divino na boca e não no chão, como atualmente é moda fazer”. Mas os tolenses não davam atenção às denúncias e diziam com petulância: “Que os porcos comam pão; nós comeremos os porcos – vai ser pão do mesmo jeito!” E du Chariot não apenas não proibia semelhantes respostas, mas até via nelas o surgimento de certo espírito de investigação.

Sentindo-se livres, os tolenses, com certa fúria, foram descendo rampa abaixo. Resolveram construir uma torre de tal altura que a sua extremidade obrigatoriamente chegasse aos céus. Porém, como não havia arquitetos entre eles, e os carpinteiros não tinham instrução e nem sempre estava sóbrios, então ergueram a torre até a metade e largaram-na; e assim, talvez graças a essa circunstância, evitaram a confusão das línguas.

Mas isso também parecia pouco. Os tolenses esqueceram-se do Deus verdadeiro e aderiram a ídolos. Lembraram-se de que, ainda na época de Vladímir, o Grande, alguns ídolos fora de uso tinham sido dados ao arquivo; foram para lá correndo e pegaram dois: Perun e Veles. Os ídolos, que há alguns séculos não viam restauração, encontravam-se em terrível abandono, e até tinham desenhado em Perun um bigode com carvão. Apesar disso, aos tolenses eles pareceram tão queridos, que de imediato foi convocada uma assembléia e decidiram assim: a nobreza de ambos os sexos adorariam Perun e os comuns fariam oferendas a Veles. Chamaram também os sacristãos e exigiram que se transformassem em feiticeiros; mas eles não deram resposta e, aflitos, apenas tremiam. Então se lembraram de que, no subúrbio Infantaria havia alguém, chamado “monge Kuzma” (aquele mesmo que, se lembrar o leitor, pensou em bandear para o lado dos cismáticos, na época de Verrugóvkin), e mandaram buscá-lo. Kuzma, nessa época, já estava completamente cego e surdo, mas assim que lhe deram uma moeda de um rublo para cheirar, no mesmo instante, ele concordou com tudo e começou a gritar algo parecido com os versos de Aviekiev, da ópera “Rogneda”.

Du Chariot olhou pela janela toda essa cerimônia e, com a mão na cintura, gritou: *Sont-ils bêtes! dieux des dieux! Sont-ils bêtes, ces moujiks de Gloupoff!*²⁹⁹

²⁹⁹ N. do A.: Como são bobos, Deus do céu! Que bobos são esses tolenses!

A depravação moral aumentava não a cada dia, mas a cada hora. Surgiram cocotes e *cocotesas*; os homens usavam coletes com inauditos recortes, que desnudavam inteiramente o peito; as mulheres, com pensamentos preformados, arranjavam enchimentos traseiros que despertavam nos transeuntes pensamentos atrevidos. Formou-se uma nova língua, semi-humana, semissímia, porém, de qualquer modo, inteiramente imprópria para a expressão de qualquer pensamento abstrato. As pessoas da nobreza andavam pela rua e cantavam: *A moi l’pompon* ou *La Vénus aux carottes*³⁰⁰; os comuns vagavam pelas tabernas e berravam canções populares. Pensavam que, nessa época de farras, os cereais cresceriam por si, e, por isso, pararam de cuidar dos campos. O respeito pelos mais velhos desapareceu; anunciavam a questão: será que não convinha, quando as pessoas atingissem certa idade, eliminá-las da vida, mas a cobiça falou mais alto, e decidiram que os velhos e velhas seriam vendidos como escravos. Para completar, limparam um picadeiro e montaram nele *A bela Helena*³⁰¹, tendo convidado, na qualidade de protagonista a diva Blanche Gandon³⁰².

E, por tudo isso, continuaram a se considerar o povo mais sábio do mundo.

Nessa situação, o conselheiro de estado Erast Andréievitch Tristílov encontrou os negócios de Tolóvia. Ele era um homem sensível e quando falava da relação mútua entre os dois sexos, enrubescia. Pouco antes, tinha composto uma novela com o título: “Saturno, que termina a sua corrida nos braços de Vênus”, em que, segundo expressão dos críticos daquela época, tinha conseguido combinar muito bem a ternura de Apuleio com a graciosidade de Parry. So o nome de Saturno, retratara a si mesmo; sob o nome de Vênus, uma conhecida beldade da época, chamada Natália Kirílovna de Pompadour. “Saturno”, escreveu ele, “estava sobrecarregado pelos anos, tinha uma aparência arqueada, mas ainda podia fazer certas coisas. Era preciso apenas que Vênus, notando essa particularidade, fitasse nele o seu olhar benevolente”...

Mas a aparência melancólica (prenúncio do futuro misticismo), escondia nele muitas inclinações indiscutivelmente viciosas. Assim, por exemplo, sabia-se que, encontrando-se no exército como responsável pelas provisões, com bastante

³⁰⁰ N. do A.: Venha cá, meu pomponzinho! ou Vênus com cenouras.

³⁰¹ N. da V. E.: Opereta muito popular do compositor alemão Jacques Offenbach (1819-1880).

³⁰² N. da V. E.: Cantora francesa de operetas, visitou Petersburgo várias vezes em turnê.

desenvoltura, distribuía os bens do erário e livrava-se do peso da consciência apenas quando, fitando os soldados que comiam pão bolorento, derramava lágrimas abundantes. Sabia-se também que, em relação à madame de Pompadour, envolvera-se com ela não com a ajuda de alguma “particularidade”, mas simplesmente com a ajuda de uma oferta em dinheiro e, com a interferência dela, livrou-se do tribunal e até recebeu uma indicação mais elevada do que a anterior. Já quando a Pompadour “pela fraqueza de não ter guardado um segredo” foi enviada a um mosteiro e tomou o hábito com o nome de monja Nimfodora, ele lançou-lhe a primeira pedra e escreveu uma “Novela sobre uma mulher de muitos amores”, em que fazia alusões muito claras a ex-benfeitora. Além disso, embora fosse tímido e enrubescesse na presença de mulheres, sob essa timidez escondia-se uma luxúria que gosta, preliminarmente, de exasperar-se e depois partir, sem esmorecimento, para cima do alvo escolhido. Exemplos dessa luxúria oculta, mas ardente contavam aos montes. Certa vez, vestido de cisne, ele nadou para perto de uma donzela que se banhava, filha de pais nobres, e cujo dote era a beleza, e enquanto ela acariciava a sua cabecinha, fez dela uma mulher infeliz para o resto da vida. Em resumo, estudava mitologia seriamente e, embora gostasse de fingir-se devoto, era, na verdade, um malvado adorador de ídolos.

A devassidão de Tolóvia estava bem ao gosto dele. Já na entrada da cidade, ele encontrou uma procissão, que logo o interessou. Seis donzelas, usando túnicas transparentes, carregavam em uma palanquim a imagem de Perun; à frente, em estado de êxtase, saltava a mulher do decado, coberta apenas com penas de avestruz; atrás, acompanhava uma multidão de nobres e filhos de nobres, entre os quais se via honrados representantes dos comerciantes de Tolóvia (nessa época, mujiques e burgueses veneravam mais pobremente Veles). Chegando à praça, a multidão parou. Colocaram Perun no alto, a mulher do decado ficou de joelhos e, com voz grossa, começou a recitar “Vítima noturna”, do senhor Boborykin.

– O que está acontecendo? – perguntou Tristílov, saltando da carruagem e dando uma olhada de esguelha nos trajes da esposa do decano.

– Comemoram o dia de Perun, vossa excelência! – responderam em uma só voz os guardas de quarteirão.

– E mocinhas... mocinhas... hein? – perguntou ele um tanto languidamente.

– Todas reunidas-s! – responderam os guardas de quarteirão, entreolhando-se com aprovação.

Tristílov suspirou e ordenou seguir em frente.

Pararam junto à residência governamental e, sabendo através do secretário, que não havia impostos atrasados, que o comércio estava florescente, que os proprietários de terra, a cada ano, mais se desenvolviam, ele pensou por um minuto, depois, titubeou, como se fizesse força para expressar um pensamento intrincado, e, finalmente, com voz um tanto insegura, perguntou:

– Tetraz, há por aqui?

– Claro-c, vossa excelência!

– Sabe, honradíssimo, às vezes, eu gosto... Às vezes, de dar uma boa olhada, como elas... como na natureza tudo é jubiloso...

E enrubesceu. O secretário, por um minuto, também se confundiu, mas logo se recobrou.

– Melhor ainda-s! – respondeu ele. – Apenas atrevo-me a informar a vossa excelência: entre nós, nesse campo, há até melhores espetáculos para se ver-s!

– Hum... é mesmo?

– Entre nós, vossa excelência, nesse lugarzinho, apareceram cocotes, de modo que no teatro popular, há um verdadeiro bando. Toda tarde reúnem-se, assobiam-s, troncam as pernas-s...

– Seria interessante ver! – pronunciou Tristílov e pôs-se a pensar docemente.

Naquela época, corria a ideia de que o governante é como o dono da casa, e os moradores, como se fossem os seus convidados. A diferença entre o “dono” no sentido geral dessa palavra e o “dono da cidade” resumia-se apenas ao fato de que esse último tinha o direito de açoitar os seus convidados, o que, em relação ao dono normal, a etiqueta não permitia. Tristílov lembrou-se desse direito e teve pensamentos ainda mais doces.

– E açoites, são frequentes? – perguntou ele ao secretário, sem levantar os olhos.

– Entre nós, vossa excelência, essa moda permanece-s. Na época de Onufrii Iványtch, senhor Patiféiv, não havia nem exemplos. Tudo era carinho-s...

– Pois-s eu, eu açoitarei... as meninas! – acrescentou ele, enrubescendo de repente.

Desse modo, o caráter da política foi determinado com clareza. Propunha-se continuar a ação dos cinco últimos governantes, aprofundando apenas o elemento da malícia, introduzido pelo visconde du Chariot, e temperando-o com o conhecido colorido do sentimentalismo. A influência do breve acampamento em Paris disseminou-se por toda parte. Os vencedores, tomando às pressas a hidra do despotismo pela hidra

da revolução e subjugando-a, foram, por sua vez, subjugados e vencidos. A enorme selvageria dos tempos prévios, desapareceu sem deixar vestígios; no lugar de gigantes, que quebram ferraduras e dobram o rublo, apareceram pessoas afeminadas, que pensavam apenas em doces obscenidades. Para essas obscenidades, havia uma língua específica. O encontro de amor entre homens e mulheres chamava-se “passeio na ilha do amor”; a terminologia grosseira da anatomia foi substituída por outra mais refinada; surgiram expressões do tipo: “travesso misantropo”, “doce ermitão” e assim por diante.

Além disso, em termos comparativos, apesar de tudo, era fácil viver, e essa facilidade chegou, particularmente, ao meio dos assim chamados comuns. Lançados ao politeísmo, enredados na malícia, os representantes da *intelligentsia* tolense tornaram-se indiferentes a tudo que acontecia no interior das esferas privadas do “passeio na ilha do amor”. Sentiam-se felizes e satisfeitos e, nesse aspecto, não queriam colocar obstáculos à felicidade nem à satisfação de outros. Na época de Verrugóvkins, Patiféivs etc., por exemplo, teria parecido uma imperdoável insolência se os comuns colocassem manteiga no mingau. Era insolência não porque isso causasse perdas a alguém, mas porque pessoas como Patiféiv são sempre teóricos inveterados e pressupõem nos comuns uma única capacidade: a de ser resistente a desgraças. Por isso, eles pegavam o mingau dos comuns e jogavam aos cães. Agora esse ponto de vista tinha mudado significativamente, o que, é claro, contribuiu para o amolecimento dos cérebros – doença comum na época. Os comuns valiam-se disso e encham o estômago com mingau com manteiga até o limite. Era-lhes ainda desconhecida a notícia de que o ser humano não vive só de mingau, e, por isso, eles pensavam que, se os estômagos estavam cheios, então isso queria dizer que eles próprios viviam na prosperidade. Também por esse motivo eles tinham aderido ao politeísmo com tanta vontade: parecia-lhes que era mais conveniente do que o monoteísmo. Com mais vontade reverenciavam Veles ou Yarilo, porém, ao mesmo tempo, ficavam de olho – se ficasse muito tempo sem chover ou se as chuvas fossem muito prolongadas, então podiam esculpir os seus deuses preferidos, lambuzá-los de excrementos e, em geral, descontar neles a irritação. E, embora fosse visível que materialismo tão grosseiro não podia alimentar por muito tempo uma sociedade, na qualidade de novidade, ele agradava e até inebriava.

Tudo se apressava para a vida e o prazer; e Tristílov também. Ele abandonou por completo a administração da cidade e limitou a sua atividade administrativa a duplicar os rendimentos estabelecidos por seus antecessores e exigiu que eles fossem pagos sem atraso nos prazos indicados. Todo o tempo restante ele dedicava à adoração de Afrodite

em suas inauditas e diversas formas elaboradas pela civilização daquela época. Essa relação leviana com as obrigações funcionais foi, da parte de Tristílov, um grande erro.

Apesar do fato de Tristílov, na época em que foi responsável pelas provisões no exército, ter subtraído bastante habilmente o dinheiro do erário, a sua experiência administrativa não era nem profunda nem ampla. Muitos pensam que, se a pessoa consegue arrancar o lenço do bolso de seu vizinho sem que isso seja notado, então isso já seria bastante para que ela ganhasse a reputação de político ou de bom entendedor do coração humano. No entanto, isso é um erro. Ladrões que entendem bem o coração humano são extremamente raros; com mais frequência acontece que o trapaceiro, até o mais grandioso, mostra-se notável apenas nessa esfera, já fora de seus limites, não manifesta nenhuma capacidade. Para roubar com êxito, é preciso possuir apenas agilidade e cobiça. Em particular, é necessária a cobiça, porque, por um pequeno roubo, o indivíduo pode ir parar no tribunal. Mas, seja qual for o nome que se dê ao roubo para encobri-lo, de qualquer forma, a esfera do ladrão continua sendo inteiramente outra, diferente da esfera do bom entendedor do coração humano, pois o último pega pessoas, enquanto o primeiro pega apenas as carteiras e lenços que a elas pertencem. Consequentemente, se o homem, que expropria em causa própria uma soma de alguns milhões de rublos, depois se torna um mecenas e constrói um palácio de mármore, onde se concentram todas as maravilhas da ciência e da arte, ainda assim, de qualquer modo, ele não pode ser chamado de mestre do ativismo social, mas convém chamá-lo apenas de mestre da ladroagem.

Porém, naquela época, essas verdades ainda não eram conhecidas, e Tristílov granjeou a reputação de bom conhecedor da alma humana sem dificuldade. Entretanto, no fundo, não era assim. Se Tristílov realmente estivesse no alto de sua posição, ele entenderia que os seus antecessores, que introduziram o parasitismo como princípio administrativo, incidiram em grande erro e que o parasitismo, como princípio da vida, apenas aí pode ser considerado como algo que alcança objetivos úteis, quando se concentra em limites determinados. Se existe o parasitismo, pressupõe-se, portanto, que existe também, ao seu lado, o amor ao trabalho – nisso está fundamentada toda a ciência da economia política. O amor ao trabalho alimenta o parasitismo; o parasitismo, por sua vez, fecunda o parasitismo – eis aí a única fórmula que, do ponto de vista da ciência, pode servir livremente a qualquer fenômeno da vida. Tristílov não entendia nada disso. Ele pensava que todos, sem exceção, podem parasitar e que as forças produtivas do país

não apenas não se exaurem por causa disso, mas até aumentam. Esse foi o primeiro erro grosseiro de Tristílov.

O segundo consistia em que ele se entusiasmou demais pelo aspecto brilhante da política interna de seus antecessores. Dando atenção a relatos sobre a propensão à inatividade do major Prysch, ele se deixou confundir pelo quadro de júbilo geral, resultado dessa inatividade. Porém, por outro lado, desconsiderou que, em primeiro lugar, os povos, inclusive os mais maduros, não podem prosperar por tempo prolongado demais sem correr o risco de cair no materialismo cruel, e, em segundo lugar, que especialmente em Tolóvia, graças ao espírito do livre pensamento importado de Paris, a prosperidade foi complicada, em medida significativa, pelo escândalo. Não se discute que é possível e até preciso dar ao povo oportunidade de provar do fruto do bem e do mal, mas se faz necessário segurar esse fruto com mão firme e, além disso, de modo que se possa, a qualquer momento, retirá-lo de bocas ávidas demais.

As consequências desses erros surgiram logo. Já em 1815, em Tolóvia, as colheitas foram péssimas; no ano seguinte, não nasceu absolutamente nada, pois os habitantes, depravados pelas farra constante, tinham tanta certeza da própria sorte, que, sem preparar a terra, em vão lançaram sementes por todo lado.

– Agora, peste, cresça! – diziam eles inebriados pelo orgulho.

As suas esperanças, porém, não se concretizaram, e, quando, na primavera, os campos ficaram livres do gelo, então os tolenses viram, não sem surpresa, que estavam completamente sem nada. Como de hábito, esse fenômeno foi atribuído à ação de forças inimigas e culparam os deuses pelo fato de não terem providenciado aos habitantes a devida defesa. Puseram-se a açoitar Veles, que suportava o castigo com estoicismo, depois passaram a Yarilo e diziam, em seus olhos, parecia que brotavam lágrimas. Os tolenses, apavorados, enfiaram-se às pressas nas tavernas e começaram a esperar, o que ia acontecer. Mas não aconteceu nada de especial. Houve chuva e fez bom tempo, mas não apareceram cereais úteis nos campos não semeados.

Tristílov estava em um baile à fantasia (nessa época, entre os tolenses, todo dia havia *máslenitsa*), quando chegou a notícia da desgraça, que ameaçava Tolóvia, chegou até ele. Pelo, o governante não suspeitava de nada. Gracejava alegremente com a mulher do decano, contava-lhe que se esperava em breve um molde tal de vestidos femininos, que, em linha reta, permitia ver o assoalho, em que pisa a mulher. Depois emendou uma conversa sobre os encantos da vida reclusa e, de passagem, informou que também gostaria de, algum dia, encontrar repouso entre as paredes de um mosteiro.

– Obviamente, feminino? – perguntou a mulher do decano, sorrindo com malícia.

– Se a senhora quiser servir nele como abadessa, então agora mesmo estou pronto a fazer o voto solene. – responde Tristílov com galanteria.

Entretanto, nessa noite, seria traçado um profundo sinal demarcativo na política interna de Tristílov. O baile pegou fogo; os dançarinos giravam freneticamente; no turbilhão de vestidos e madeixas esvoaçantes luziam ombros nus, alvos e perfumados. Desencadeando-se gradualmente, a fantasia de Tristílov voava finalmente ao mundo além das estrelas, para onde ele, se transferia junto com todas essas deusas seminuas, cujos bustos tocavam profundamente o seu coração. Logo, no entanto, também no mundo além das estrelas, tornou-se abafado; então ele se afastou para um cômodo isolado e, sentando-se no meio da vegetação de laranjeiras e mirtos, caiu no esquecimento.

Nesse mesmo minuto, diante dele, surgiu uma máscara e colocou a mão em seu ombro. Ele logo compreender que era *ela*. Ela se aproximara tão silenciosamente, como se, sob o dominó de cetim, que, a propósito revelava muito claramente as suas formas vaporosas, estivesse escondida uma mulher, uma sílfide. Pelos ombros, espalhavam-se madeixas acastanhadas, quase cor de cinza, sob a máscara, dois olhos azuis, enquanto o queixo descoberto revelava a existência de covinhas, em que o *amour* parecia ter feito o seu ninho. Tudo nela estava cheio de uma elegância modesta e ao mesmo tempo incalculável, começando pelo perfume *violettes de Parme*, com o qual tinha sido borrifado o seu xale, e terminando pela luva requintada, colada à sua pequena mãozinha aristocrática. Era muito evidente, no entanto, que ela estava aflita, pois o seu peito erguia-se agitado e a voz, que lembrava música dos céus, tremia um pouco.

– Acorde, irmão caído! – disse ela a Tristílov.

Tristílov não entendeu; eu pensei que ela julgara que ele estava dormindo e, para mostrar-lhe o erro, começou a estender o braço.

– Não é do corpo, mas da alma que estou falando! – continuou a máscara com tristeza. – não é o corpo, mas a alma que está dormindo... dormindo profundamente!

Apenas então Tristílov compreendeu de que se tratava, mas, uma vez que a sua alma afundara-se na adoração a ídolos, então a palavra da verdade, é claro, não conseguia se revelar de imediato a ela! No primeiro minuto, ele até chegou a suspeitar de que, sob a máscara, escondia-se a *iuródvaia* Aksiniuchka, aquela mesm que, ainda na época de Ferdýschenko, previra o grande incêndio em Tolóvia e que, no período em que

os tolenses caíram na adoração aos ídolos, foi a única a continuar fiel ao verdadeiro Deus.

– Não, eu não sou essa que você está pensando – continuava, enquanto isso, a desconhecida misteriosa, como se adivinhasse os pensamentos dele. – Não sou Aksiniuchka, pois não sou digna de beijar nem o pó de seus pés. Sou simplesmente uma pecadora, como você!

Com essas palavras, tirou a máscara do rosto.

Tristílov ficou perplexo. Diante dele estava o rostinho feminino mais encantador que já lhe acontecera ver. É verdade que ele tinha encontrado um parecido, na libertina cidade de Hamburgo, mas isso acontecera há tanto tempo que o passado parecia encoberto por uma cortina. Realmente, eram as mesmas covinhas, a mesma alvura pálida do rosto, os mesmos olhos azuis, o mesmo busto pleno e agitado; mas como tudo isso tomava uma outra forma, como se manifestavam bem os seus melhores e mais interessantes traços! Entretanto, o que mais impressionava Tristílov era o fato de a desconhecida ter adivinhado com tanta clarividência o seu pensamento sobre Aksiniuchka...

– Eu sou a sua palavra interior! Fui enviada para lhe mostrar a luz de Tabor, que você procura, apesar de não saber disso! – continuou, enquanto isso, a desconhecida. – Mas não me pergunte quem me enviou, porque eu mesma não seria capaz de lhe informar sobre isso!

– Mas quem é você? – gritou Tristílov, alarmado.

– Sou aquela mesma *iuródvaia* que você viu na libertina cidade de Hamburgo, com um castiçal apagado! Passei longamente por um estado de tormento, longamente sem êxito busquei a luz, mas o príncipe das trevas é ardiloso demais para soltar logo uma vítima! No entanto, o meu caminho já estava traçado *lá!* Apareceu Pfeifer, o farmacêutico local, e, casando-se comigo, trouxe-me para Tolóvia; aqui eu conheci Aksiniuchka, e a missão da iluminação revelou-se à minha frente com tanta clareza que o êxtase tomou todo o meu ser. Mas se você soubesse, como foi atroz a luta!

Ela parou, esmagada por lembranças dolorosas; ele estendeu a mão, avidamente, como se quisesse apalpar aquele ser inconcebível.

– Segure as mãos! – disse ela docilmente. – Não com o tato, mas com o pensamento você deve me compreender, para ouvir aquilo que eu devo lhe revelar!

– Mas, não seria melhor se nós ficamos em um cômodo afastado, sozinhos? – perguntou ele timidamente, como se duvidasse da decência da própria pergunta.

Entretanto, ela concordou, e eles foram para um dos refúgios encantados, que, na época de Mikaládze, haviam construído para os governantes em todas as casas ainda que um pouco arrumadas da cidade de Tolóvia. O que aconteceu entre eles, isso permaneceu um mistério para todos; ele, porém, saiu do refúgio desolado e com olhos de choro. A *palavra interior* agiu tão fortemente que ele nem se dignou a acompanhar com o olhar os dançarins e foi direto para casa.

Esse acontecimento causou forte impressão nos tolenses. Eles começaram a investigar como Pfeifercha tinha aparecido. Alguns diziam que ela não passava de uma intrigante, que, com conhecimento do marido, planejava dominar Tristílov para expulsar da cidade a farmacêutica Zaltsficha, forte concorrente de Pfeifer. Outros afirmavam que Pfeifercha, ainda na libertina cidade de Hamburgo, tinha se apaixonado por Tristílov por causa de seu jeito melancólico e casara-se com Pfeifer com a única intenção de juntar-se a Tristílov e concentrar em si aquela sensibilidade que ele gastava em espetáculos vazios, como o galanteio entre tetrazes e cocotes.

Seja como for, não é possível negar que essa era uma mulher nem um pouco comum. Das correspondências deixadas por ela, vê-se que mantinha relações com todos os mais famosos místicos e pietistas daquela época e que Labzin³⁰³, por exemplo, enviava-lhe textos seus, selecionados, que não se destinavam à publicação. Acima de tudo, ela escrevera alguns romances, dentre eles, um com o título “A andarilha Dorotéia”, em que descreveu a si mesma sob a melhor luz. “Era de aparência atraente”, escreveu sobre a heroína nesse romance, “mas, embora muitos homens quisessem os seus carinhos, permanecia fria e um tanto enigmática. Enquanto isso, a sua alma estava constantemente sequiosa e, quando, em suas buscas, encontrou um químico famoso (assim ela chamava Pfeifer), então juntara-se a ele para sempre. Porém, já na primeira sensação terrena, ela entendeu que a sua sede não se satisfazia”... e assim por diante.

Ao voltar para casa, Tristílov chorou a noite toda. A sua imaginação desenhava o abismo do pecado, no fundo do qual azafamavam-se diabos. Também lá havia cocotes, e cocodesas, e até tetrazes – e todas fogosas. Um dos diabos esgueirou-se do abismo e serviu-lhe a sua comida predileta, porém, assim que ele a tocou com os lábios, espalhou-se no cômodo uma fedentina. Entretanto, o que mais o apavorou foi a própria certeza de que ele próprio estava enlameado, mas que, na pessoa dele, enlameava-se Tolóvia inteira.

³⁰³ N. da T.: Aleksandr Fiodorovitch Labzin (1766-1825). Místico russo famoso.

– Responder por todos ou salvar todos! – gritava ele, entorpecido de pavor.

E, no final, decidiu salvar.

No dia seguinte, logo cedo, os tolenses ficaram surpresos ao ouvir o som rítmico do sino, chamando os moradores para as matinas. Há muito, muito tempo o sino não tocava, de modo que os tolenses tinham até se esquecido dele. Muitos pensaram até que havia algum incêndio; porém, em vez de fogo viram um espetáculo mais enternecedor. Sem chapéu, de uniforme rasgado, com a cabeça pendendo ao chão e batendo-se no peito, caminhava Tristílov, à frente de uma procissão, composta, aliás, apenas de graduados da polícia e do corpo de bombeiros. Atrás da procissão, seguia Pfeifercha, sem crinolina; de um lado, Aksiniuchka a escoltava; do outro, o famoso *iuródvyyi* Paramocha, que substituíra, no coração dos tolenses, o não menos famoso Arkhípuchko, queimado daquela forma trágica no incêndio geral (veja “A cidade de palha”).

Depois de assistir às matinas, Tristílov saiu da igreja fortalecido e, apontado a Pfeifercha os soldados da polícia e os bombeiros perfilados (“aqueles que, na época da devassidão tolense continuaram fiéis a Deus em segredo”, acrescenta o cronista), disse:

– Vendo o zelo inesperado dessas pessoas, descobri precisamente como é rápida a ação dessa coisa, que a senhora denomina corretamente de palavra interior.

E depois, dirigindo-se aos guardas de quarteirão, acrescentou:

– Dê a essas pessoas, por seu zelo, uma moeda de dez copeques!

– Prazer em servir, vossa excelência! – gritaram os policiais em uma só voz e, a passos rápidos, dirigiram-se à taverna.

Essa foi a primeira ação de Tristílov após o súbito renascimento. Depois ele se dirigiu à casa de Aksiniuchka, uma vez que sem o seu apoio moral não seria possível esperar nenhum êxito no futuro rumo das coisas. Aksiniuchka morava bem no extremo da cidade, em uma trincheira, que parecia mais uma toca de toupeira do que uma habitação humana. Com ela, em coabitação moral, encontrava-se também o beato Paramocha. Acompanhado de Pfeifercha, Tristílov desceu por uma escada escura às apalpadelas e mal conseguia distinguir a porta. O espetáculo que se apresentou aos seus olhos era impressionante. No chão de argila nu, estavam jogados dois esqueletos humanos semidesnudos (os mais beatificados, depois de retornar da missa), que papeavam e gritavam umas palavras desconexas e, ao mesmo tempo, estremeciam, faziam caretas e crispavam-se, como se estivessem febris. Uma luz baça entrava na toca através de uma única janelinha minúscula, coberta por uma camada de poeira e teias de aranha; nas paredes acumulavam-se umidade e mofo. O cheiro era tão detestável que

Tristílov, no primeiro minuto, atrapalhou-se e tapou o nariz. Perspicaz, a velhinha notou isso.

– Perfumes dos czares! Perfumes do paraíso! – começou a cantar ela, com voz estridente. – Alguém precisa de perfume?

E fez, nesse instante, tal movimento que Tristílov provavelmente teria se desequilibrado, caso Pfeifercha não o apoiasse.

– A alma sua está dormindo... dormindo profundamente! – disse ela com severidade. – E ainda há pouco você exibia o seu vigor!

– Dorme, alminha, no travesseiro... dorme alminha na almofadinha... e deuzinho toc, toc! também na cabeça, toc-toc! no escurão, toc-toc! – gania a beata, lançando em Tristílov lascas, terra e ciscos.

Paramocha uivava como os cães e gritava como galinhos.

– Chispa, satanás! O galo cantou! – murmurava ela, a intervalos.

– Tem pouca fé! Lembre-se da palavra interior! – incentiva Pfeifercha, por sua vez.

Tristílov tomou ânimo.

– Mãe Aksinia Egorovna! Permita-me libertar! – disse ele com voz firme.

– Eu sou Egorovna, eu sou metralhadora! Yarilo – indecente! Veles – sem cabelos! Perun – velho... Paramon – esse é inteligente! – ganiu a beata, crispou-se e caiu em silêncio.

Tristílov olhou aor redor, perplexo.

– Significa que é preciso reverenciar Paramon Melentitch! – disse Pfeifercha.

– Paizinho Paramon Melentitch! Permita-me libertar! – disse Tristílov, inclinando-se.

Mas Paramocha, por algum tempo, apenas crispava-se e soluçava.

– Mais! Incline-se mais! – comandava a beata. – Não tenha pena da espinha! Não é sua a espinha – é de Deus!

– Permita-me, paizinho, libertar! – repetiu Tristílov inclinando-se mais.

– *Biez prantsy ne bendy kololach*³⁰⁴! – murmurou o beato com voz selvagem e, de repente, deu um salto.

³⁰⁴ N. da E.: Corruptela de um provérbio polonês (se quiser comer pão, não sente no fogão), muito conhecido em Moscou por causa do *iuródvyi* “vidente” I. Ia. Koreiche, resolvendo com essa frase a dúvida de um de seus frequentes correspondentes: casar ou não casar com X? (ver “26 falsos profetas, falsos *iuródvyi*, parvos e bobos de Moscou”, Moscou, 1865, p. 17)

Logo depois dele saltou também Aksiniuchka, e os dois começaram a girar. Primeiro giravam lentamente e soluçavam devagarinho; depois os giros passaram a ser feitos mais e mais rapidamente até que, finalmente, entraram em verdadeiro turbilhão. Ouviam-se gargalhadas, ganidos, coaxos similares aos que podemos ouvir apenas na primavera, perto do taque que dá abrigo a uma miríade de rãs.

Por algum tempo, Tristílov e Pfeifercha ficaram parados de pavor, mas, finalmente, não se contiveram. No início, tremiam e coxeavam, depois, aos poucos, começaram a girar e, de repente, entraram no turbilhão e começaram a gargalhar. Isso significava que a inspiração divina viera e que a libertação pedida tinha sido concedida.

Tristílov voltou para casa extremamente esgotado; no entanto, ainda encontrou em si forças suficientes para assinar uma disposição sobre a deportação da farmacêutica Zaltsficha da cidade. Os fiéis jubilaram, enquanto os sacristãos, que, durante muitos anos, haviam se alimentado apenas de cereais impróprios, mataram um carneiro e, além de comê-lo inteiro, sem poupar nem os cascos, e, ainda por muito tempo, rasparam com faca a mesa onde ficara a carne e comeram avidamente as raspas, com medo de um átomo de substância comestível que fosse. Nesse mesmo dia, Tristílov vestiu cadeias³⁰⁵ (posteriormente, revelou-se que eram simples suspensórios, que naquela época ainda não estavam em uso em Tolóvia) e submetia o próprio corpo à flagelação.

“Hoje pela primeira vez entendi”, escreveu ele a Pfeirfecha sobre o acontecido, “o que significam as palavras: *a doçura do meu toque*, que a senhora me disse no primeiro encontro, minha querida irmão de alma! No começo, eu me flagelava com certa reticência, mas me inflamando aos poucos, acabei por chamar o ordenança e disse-lhe: “Açoite!” Mas e daí? Até isso parecia insuficiente, de modo que eu julguei necessário abrir uma ferida em alguma parte não exposta, porém, também não sofri por causa disso e até encontrei encantamento. Longe de doer! Tanto isso me surpreendeu que até hoje me pergunto: basta, será isso um sofrimento ou se esconde aqui algum tipo especial de satisfação da carne e autoexaltação? Espero a senhora, minha querida irmã de alma, para resolver essa questão num exame conjunto.”

Pode parecer estranho o modo como Tristílov, sendo um dos mais maliciosos admiradores de Mamona, tão rapidamente tornou-se asceta. A esse respeito posso dizer apenas uma coisa: quem não crês na transformação mágica, que não leia os anais de Tolóvia. Maravilhas desse tipo podem ser encontradas aqui até mais do que são

³⁰⁵ N. da T.: Para mortificação do corpo.

necessárias. Assim, por exemplo, um governante cuspiu no olho do subordinado, e este voltou a enxergar. Outro governante começou a açoitar um mau pagador, com intenção de atingir, nesse caso, apenas um objetivo educativo, mas, de modo bem inesperado, descobriu que nas costas do açoitado estava escondido um tesouro.³⁰⁶ Se fatos tão bárbaros não despertam desconfiança em ninguém, então por que se surpreender com uma conversão tão comum como essa, que aconteceu com Tristílov?

Entretanto, por outro lado, esse fato explica-se também por outra via, mais natural. Há indicações que nos levam a pensar que o ascetismo de Tristílov não era assim tão severo como se podia pressupor à primeira vista. Nós já vimos que as assim chamadas cadeias não passavam de suspensórios; das posteriores explicações do cronista, descobrimos que também os outros feitos foram extremamente exagerados por Tristílov e que eles, em grau significativo, estavam temperados pelo amor espiritual. O açoite, com que ele se batia, era de veludo (encontra-se até hoje no arquivo de Tolóvia); o jejum, por sua vez, consistia em acrescentar ao que comia antes o peixe *rodaballo*, que importava da França às custas dos habitantes. O que pode haver de surpreendente, então, no fato de o açoitamento levá-lo ao êxtase e as chagas parecerem adoráveis?

Enquanto isso, o sino continuava a chamar para a missa na hora habitual, e o número de fieis crescia a cada dia. No início, iam apenas os policiais, mas, depois, vendo o exemplo deles, começaram a aparecer também forasteiros. Tristílov, por sua vez, dava um exemplo de verdadeira devoção, cusbindo no templo de Perun toda vez que passava à sua frente. Talvez assim esse negócio tivesse se resolvido pouco a pouco, se a sua solução pacífica não fosse prejudicada pelas ideias de alguns ambiciosos irrequietos que, já naquela época, eram conhecidos pelo nome de “extremistas”.

Na direção do partido estavam os mesmos Aksiniuchka e Paramocha, tendo atrás de si uma multidão de mendigos e aleijados. Entre os mendigos, a única fonte de alimentação era pedir esmolas no adro das igrejas; porém, uma vez que a antiga devoção em Tolóvia tinha sido interrompida por algum tempo, naturalmente, essa fonte escasseara significativamente. As reformas, idealizadas por Tristílov, foram recebidas da parte deles com enorme simpatia; em uma densa multidão, pessoas miseráveis enchiam o pátio da casa do governante; algumas claudicavam em muletas, outras arrastavam-se de quatro. Todos davam glórias, mas, naquela época já exigiam unanimemente que o renascimento acontecesse naquele minuto e que o

³⁰⁶ N. do A.: A verdade desse relato confirma-se pelo fato de que, a partir dessa época, o açoitamento passou a ser considerado como o melhor meio de cobrar impostos. *O editor*

acompanhamento dessa questão fosse conferido a eles. E aqui, como sempre, a fome mostrou-se péssimo conselheiro, e as ações lentas, mas firmes e previdentes do governante foram submetidas a interpretações deturpadas. Em vão Tristílov alimentava a paixão dos aleijados, mandando-lhes sobras do seu repasto abundante; em vão explicava a escolhidos dentre os miseráveis que a moderação não é condescendência, mas apenas a consolidação do projeto planejado – os aleijados não queriam ouvir nada. Eles brandiam as muletas furiosamente e bradavam ameaças de levantar a bandeira da revolta.

O perigo parecia sério, pois, para pacificar os miseráveis, era preciso ter muito mais reserva de coragem do que para abrir fogo contra pessoas sem nenhuma invalidez. Tristílov sabia disso. Além disso, ele também, por esta razão, sentia-se indefeso diante dos demagogos, que, por assim dizer, consideravam-no criação própria, e, pensando assim, agiam de modo bastante hábil. Em primeiro lugar, cercaram-se de uma rede completa de delações, por meio das quais qualquer boato, antes da comunicação a Tristílov, chegava qualquer boato relacionado a opróbrios sobre a sua honra; em segundo lugar, eles conquistaram Pfeifercha para a sua causa, prometendo-lhe parte da chamada coleta negra (com essa coleta paramentava-se cada alforje de mendigo; posteriormente ela serviu de base para o sistema financeiro da cidade de Tolóvia).

Pfeifercha dia e noite perseguia Tristílov, importunando-o particularmente com cartas, que, apesar do pouco tempo, consistiam em um volume bastante grande. A base de suas cartas compunha-se de visões, cujo conteúdo mudava de acordo com o seu grau de satisfação em relação ao seu “amigo de alma”. Em uma carta, ela o vê “andando sobre uma nuvem” e afirma que, não apenas ela, mas também Pfeifer tiveram essa visão; em outra enxerga-no no fogo dos infernos, em conversas com diabos de todas as denominações possíveis. Em uma carta, ela desenvolve a ideia de que os governantes, em geral, têm o direito a uma inaudita beatitude na vida pós túmulo, pelo simples fato de serem governantes; em outra garante os governantes devem dar especial atenção ao próprio comportamento, uma vez que, na vida pós túmulo, em comparação com todos os outros, serão torturados duas ou três vezes mais. Tanto faz se foi papa ou rei.

Nesse caso, as cartas não tinham um caráter ameaçador. “Apresso-me a informar-lhe”, escreveu ela em uma das cartas, “o que vi em sonho nessa noite. O senhor estava em um local escuro e sombrio, amarrado a um poste; as amarras eram feitas de serpentes e no peito (do senhor) havia uma tabuleta com a inscrição; este é o conhecido protetor dos desonestos e dos maometano (sic). E os demônios, reunidos,

alegravam-se, enquanto os justos estavam à distância e, fitando o senhor, derramavam lágrimas. Faça a gentileza de examinar – não se vê aqui algum presságio em nada vantajoso para o senhor?”

Lendo essas cartas, Tristílov entrou em extraordinária agitação. De um lado, a inclinação natural para a apatia; do outro, o medo dos diabos – tudo isso produziu na cabeça dele inaudita bagunça, no meio da qual ele se enredava em atitudes e proposições contraditórias. Uma coisa parecia clara: que ele seria bem-sucedido apenas quando todos os tolenses, sem exceção, frequentassem as vésperas e quando Paramocha fosse indicado inspetor e chefe de todos os estabelecimentos de ensino de Tolóvia.

Essa última condição era particularmente importante, e os miseráveis a apresentavam com muita insistência. A deturpação da moral chegou a tal ponto, que os tolenses começaram a penetrar no segredo da criação dos mundos e abertamente aplaudiram o professor de caligrafia, que, saindo dos limites de sua especialidade, que pregou, da cátedra, que o mundo não podia ser criado em seis dias. Os miseráveis, com muito fundamento, calcularam que, se essa opinião se confirmasse, então ruiria toda a concepção de mundo tolense em geral. Todas as partes dessa concepção de mundo estavam tão ligadas uma à outra, que era impossível prejudicar uma, sem arruinar todo o resto. O importante aqui não era a questão da criação do mundo, mas sim o fato de que, juntamente com essa questão, podia intervir na vida algum princípio de todo novo, que, provavelmente, estragaria todo o mingau. Os viajantes daquela época, testemunharam com unanimidade, que a vida em Tolóvia impressionou-os por sua completude e, com justiça, atribuem isso à feliz do espírito de investigação. Se os tolenses, com resistência suportaram as desgraças mais terríveis, se eles até depois disso continuaram a viver, então então deviam isso apenas ao fato de que, em geral, toda desgraça parecia ser algo que não dependia deles em nada e por isso inevitável. O mais extremo, que se permitia diante de uma desgraça iminente, era afastar-se um pouco para o lado, prender a respiração e sumir durante todo o tempo em que a desgraça se desenvolver e perturbar. E isso já se considerava rebeldia; lutar contra a desgraça ou sair do seu caminho – livre-nos Deus! Portanto, se deixassem os próprios tolenses fazerem os seus julgamentos, então, diziam, eles chegariam a questões do tipo: existe realmente essa predeterminação de suportar, obrigatoriamente, todas as desgraças, até, por exemplo, a governança breve, mas completamente despropositada de Brudastyi (veja a história “O órgãozinho”)? Uma vez que essa questão é longa, e eles têm braços curtos, então, evidentemente, o

surgimento da questão só abalaria a sua resistência às desgraças, enquanto alguma melhoria essencial não haveria.

Entretanto, como Tristílov hesitava, os miseráveis resolveram agir por conta própria. Eles arrombaram a casa do professor de caligrafia Linkin, deram uma busca e encontraram o livro: “Meios de extermínio de pulgas, percevejos e outros insetos”. Solenemente arrastaram Linkin até a rua e, fazendo tremer o ar com exclamações de alegria, levaram-no ao pátio da residência governamental. Tristílov, de início, desconcertou-se e, depois de examinar o livro, começou a explicar que não encerrava nada contra a religião, nem contra a moral, nem mesmo contra a tranquilidade social. Mas os mendigos já não ouviam mais nada.

– Você não leu direito! – gritaram eles com insolência ao governador e levantaram um tal berreiro, que Tristílov assustou-se e concluiu que o bom senso mandava ceder às exigências da opinião pública.

– Foi você, hein, bicho danoso, que escreveu esse livro? E se não foi, então quem foi o notório bandido e verdadeiro ladrão que escreveu uma nocividade dessas? E como você manteve contato com um ladrão desses? E por que recebeu dele esse livrinho? E se foi dele, então por que não explicou a quem se deve e, ao contrário, sem nenhuma consciência, por que consentiu numa devassidão dessas e ainda a imitou? – assim começou Tristílov o inquérito de Linkin.

– Não fui eu que escrevi aquele livrinho, e nunca pus os olhos no seu autor. Ele foi publicado na capital, na cidade de Moscou, na tipografia da universidade, mantida pelos livreiros Manykhiny! – respondeu Linkin com firmeza.

Essa resposta não agradou à multidão, e em geral não era isso que esperavam. A multidão achava que Tristílov, assim que lhe trouxessem Linkin, desceria-lhe o machado – e pronto! Mas ele, em vez disso, ficava conversando! Por isso, mal o governante abria a boca para pronunciar o segundo ponto de questionamento, a multidão berrou:

– Pra ficar de papo com ele! Ele não acredita em Deus!

Então Tristílov, apavorado, rasgou o próprio uniforme.

– É verdade que você não crê em Deus? – partiu ele para cima de Linkin e, pela importância da acusação, sem esperar resposta, bateu levemente na sua face, na qualidade de aviso.

– Eu nunca disse isso a ninguém – esquivou-se Linkin de uma resposta direta.

– Há testemunhas! Testemunhas! – trovejou a multidão.

Apresentaram-se duas testemunhas: o soldado aposentado Karapuzov e a ceguinha e mendiga Maremianuchka. “E foi dada a essas testemunhas pela mentira uma moeda de cinco copeques”, diz o cronista, que, nesse caso, posiciona-se claramente a favor do oprimido Linkin.

– Foi nesses dias, mas quando, exatamente, não lembro. – testemunhou Karapuzov. – Eu estava sentado na taverna, tomando vinho, e bem perto de mim sentou-se esse professor aí e também ficou tomando vinho. E depois de beber à vontade do vinho, ele disse: todos nós, seja homem, seja gado, somos todos iguais; todos morreremos e todos iremos para o quinto dos infernos!

– Mas quando... – começou Linkin.

– Pare! Espere antes de abrir essa goela! Deixe a testemunha falar primeiro! – gritou com ele a multidão.

– E tendo sido levado ao engano pelas palavras dele – continuou Karapuzov – disse-lhe com jeito: “Como assim, vossa excelência? Será que tanto faz – homem, gado? E por que é que o senhor profetiza essas coisas, que outro lugar pra nós além do quinto dos infernos não vão achar? Paizinho, os nossos popes, não foi assim que eles ensinaram – pois bem! Então ele olhou pra mim meio de lado: “Você, por acaso, sem perna, (eu, vossa excelência, na batalha perdi a perna), trabalha na polícia?” Então pegou o chapéu e foi embora da taverna.

Linkin escancarou a boca, mas isso ainda mais irritou a multidão.

– Feche a goela dele! – gritaram a Tristílov. – Que falador saiu, hein!

Maremianuchka substituiu Karapuzov.

– Estava sentada, um dia desses, no galinheiro – testemunhou ela. – e me deu um enjoo; a ceguinha aqui estava sentada, pensando: como é que o povo, diferente de antes, agora está vaidoso! Esqueceu de Deus, no jejum come o que não pode, num reparte nada com os pobres; veja só, daqui a pouco vão começar a olhar direto pro solzinho! Verdade. Então chegou perto de mim esse rapaz aí: “É cega, vovozinha?” – perguntou. “Ceguinha sou, vossa excelência!” – “E é cega de que?” – “De Deus, vossa excelência”, eu disse. – “O que Deus tem com isso! Foi baríola, né?” – isso ele é que falou. – “Mas baríola”, eu disse, “de quê então?” – “Ah, que seja, de Deus, espera sentado! Então a senhora vai dizer que está metida na orfandade, na imundice, e Deus é o culpado!”

Maremianuchka calou-se e começou a chorar.

– E isso me ofendeu demais, – continuou ela, suspirando. – nem sei quanto! “Por que que é, hein, que você ofendeu Deus?” – disse eu a ele. Mas ele, nem aí, cuspiu direto no meu olho: “Limpe”, disse, “quem sabe não vai enxergar”, e foi assim.

As circunstâncias do negócio foram inteiramente esclarecidas; entretanto, uma vez que Linkin exigiu, sem falta, que fosse ouvida a fala de seu defensor, então, a contragosto, Tristílov teve de atender a exigência. E com efeito: saiu da multidão um escrivão aposentado e começou a falar. No início, falou de modo muito inarticulado, mas depois entrou no tema e, para surpresa geral, em vez de defender, começou a acusar. O que mais afetou Linkin foi que ele agora não apenas de tal forma que ele, no mesmo instante, não apenas reconhecia tudo, mas até acrescentava muito daquilo que nunca tinha acontecido.

– Certa vez estava eu olhando uns sapos no tanque – disse ele, – quando fui atentado pelo diabo. E fiquei me perguntando umas coisas de gente à toa, se é verdade que só homem tem alma e se não há uma dessas também nos anfíbios da Terra! Peguei um sapo e fiquei investigando.³⁰⁷ E pela pesquisa descobri: têm sim, os sapos também têm alma, tão somente pequena na aparência e não imortal.

Então Tristílov dirigiu-se aos miseráveis e perguntou:

– Estão vendo? – e ordenou conduzírem Linkin à seção de polícia.

Infelizmente, o cronista não conta os detalhes subsequentes dessa história. E na correspondência de Pfeifercha conservaram-se somente as seguintes linhas sobre o assunto: “Vocês, homens, são muito afortunados; conseguem se manter firmes; mas a mim o espetáculo de ontem afetou tanto que Pfeifer ficou realmente alarmado e deu-me às pressas umas gotas calmantes”. Só isso.

Esse acontecimento porém foi importante no sentido de que, se antes Tristílov ainda tinha dúvidas sobre como agir no futuro, a partir daquele momento, as dúvidas desapareceram por completo. Na noite do mesmo dia, ele nomeou Paramocha inspetor dos estabelecimentos de ensino tolenses, enquanto a um outro *iuródvyi*, Iáchenka, ofereceu a cátedra de filosofia, criada especialmente para ele na escola distrital. E entregou-se com afinco à redação do tratado “Sobre os maravilhamentos de uma alma devota”.

No mais curto tempo, a fisionomia da cidade mudou tanto que se tornou praticamente irreconhecível. Em lugar dos prévios excessos e danças, baixara um

³⁰⁷ N. da E.: Trata-se do interesse da juventude democrática russa por “rãs”, ou seja, pelas ciências naturais, em muitas obras da década de 1860.

silêncio tumular, interrompido apenas pelo som de sinos, tocados de todas as maneiras: todos juntos, cada um sozinho e com repique. Os templos pagãos esvaziaram-se; os ídolos foram afundados no rio; o picadeiro onde a diva Blanche Gandon fazia apresentações foi queimado. Depois encheram todas as ruas com fumaça de mirra e incenso e só então se asseguraram de que a força inimiga tinha sido exposta ao opróbrio.

Entretanto nem assim cresciam cereais nos campos, pois os tolenses haviam passado da inatividade animada e escandalosa à inatividade sombria. Em vão alçavam as mãos, em vão sujeitavam-se a prostrações, faziam promessas, jejuavam, organizavam procissões – Deus não atendia as suas súplicas. Alguém mencionou que “apesar dos pesares, é preciso passar o arado no campo”, mas por pouco não mataram o atrevido a pedradas e em resposta à sua proposta triplicaram o fervor.

Enquanto isso, Paramocha e Iáchenka cuidavam de todo o negócio nas escolas.³⁰⁸ Era impossível reconhecer Paramocha: penteava os cabelos, usava uma *podiovka*³⁰⁹ de veludo, perfumava-se, lavava bem as mãos e, com essa aparência, andava pelas escolas e fulminava aqueles que depositavam suas esperanças no rei deste mundo. Escarnecia amargamente dos fúteis, dos orgulhosos, dos sabichões, que se preocupavam com o alimento do corpo, mas negligenciavam o do espírito, e conclamava todos a se retirarem ao deserto. Iáchenka, por sua vez, ensinava que este mundo, que pensamos ver com nossos próprios olhos, são sonhos enviados a nós pelo inimigo da humanidade, que nós próprios não passamos de peregrinos saídos do seio do Pai ao qual retornaremos. Segundo ele, as almas humanas, como centeio espiritual, ficam armazenadas em um celeiro e, de lá, conforme a necessidade, descem ao vale para um sonho breve e estranho e, em pouco tempo, retornam voando ao ansiado celeiro. Os principais resultados desse ensinamento resumiam-se a: 1) não é preciso trabalhar; 2) menos ainda é preciso prover, preocupar-se, esforçar-se; e 3) só é preciso ter esperanças e contemplar – nada mais. Paramocha indicava até como era preciso contemplar. “Para isso”, dizia ele, “retire-se ao canto mais afastado do cômodo, sente-se, cruze as mãos sobre o peito e concentre o olhar no umbigo”.³¹⁰

³⁰⁸ N. da E.: “O crítico deve ser perspicaz”, esclareceu Saltykov-Schedrin a A. N. Pypin, “e fazer deduções não apenas para si, mas também para convencer os outros de que Paramocha não é somente Magnítski, mas, junto com ele, também o conde D. A. Tolstói [Dmitri Andréievitch (1823-1889), publicista, compositor, crítico musical e dramaturgo, membro da Secretaria de Assuntos da Imprensa.]. E também não só o conde D. A. Tolstói, mas em geral todas as pessoas de certa facção, que não se empenham em nada.”

³⁰⁹ N. da T.: Ver nota 196.

³¹⁰ N. da E.: Cf. com o seguinte trecho de uma carta de M. M. Speranski [ver nota 284] a Tseier [Frants Ivánovitch (1780-1835), amigo e correspondente de Speranski]: “Para a verdadeira resignação é útil e

Akssíniuchka também não fraquejava, vivia incansavelmente na boa vida. Andava pelas casas e contava como certa vez o diabo a fizera passar por provas, como ela no início o tomara por um peregrino, mas depois desconfiara e lutara com ele. Os princípios básicos do seu ensinamento eram os mesmos de Paramocha e de Iáchenka, ou seja, não precisamos trabalhar, o importante é ficar em contemplação. “E, mais importante, dar esmolas aos mendigos, pois os mendigos se ocupam não de Mamon, mas da salvação da própria alma”, acrescentava ela, estendendo nesse momento a mão. A prédica era tão bem-sucedida que os copeques dos tolenses choviam nos bolsos de Akssíniuchka e em pouco tempo ela conseguiu acumular um capital bastante significativo. Também não lhe dar esmolas era impossível, pois ela, sem cerimônia, cuspiam nos olhos de todos os que negavam e em lugar de desculpas dizia apenas: “não leve a mal!”

Porém nem esse ambiente severo satisfazia os representantes da *intelligentsia* local. Satisfazia-os somente de modo aparente, mas não lhes abria uma verdadeira chaga. É claro que eles não manifestavam nada disso em público e até cumpriam com precisão o lado ritualístico da vida, mas tudo era só aparência, com ajuda da qual alimentavam as paixões do povo. Ao andarem pelas ruas de olhos baixos, ao se aproximarem do átrio das igrejas com devoção, era como se dissessem aos campônios: “Vejam! Nem temos nojo de conviver com vocês!”; mas, na realidade o pensamento deles estava longe. Corrompidos pelos recentes bacanais do politeísmo e fartos das especiarias da civilização, simplesmente não se contentavam com a fé, buscavam algum outro tipo de “maravilhamento”. Infelizmente Tristílov foi o primeiro a tomar esse caminho nocivo e atraiu os restantes. Tendo notado bem na saída da cidade uma edificação semi-arruinada, onde certa época alojara-se a tropa de inválidos, passou a organizar ali assembléias, que reuniam à noite o chamado *beau monde* tolense. Para começar, liam artigos críticos do senhor N. Strákhov³¹¹, mas, como estes eram tolos, logo passavam a outras atividades. O presidente levantava-se do lugar e começava a se contorcer; os outros seguiam o seu exemplo; depois, pouco a pouco, todos começavam a

digno seguir, não apenas na essência, mas também na forma, a boa prática e a tradição sadia de nossos pais espirituais... Lembro ao senhor essa forma em poucas palavras: 1) Para entrar em contemplação, eles buscam o isolamento, ou seja, o canto mais isolado do cômodo; 2) Lá se colocam na posição mais cômoda, ou seja, simplesmente se sentam, cruzam as mãos sobre o peito e concentram o olhar em alguma parte do corpo ou mais exatamente no umbigo... A experiência mostrou-lhes todas as vantagens dessa posição, que os protege ao mesmo tempo do sono e da distração da luz externa, por isso evitam fechar os olhos e permanecem imóveis”, e assim por diante. (*Русский Архив* [Arquivo Russo], 1870, n. 1, p. 194).

³¹¹ N. da T.: De 1868 a 1869, foram publicados artigos programáticos do crítico e filósofo N. N. Strákhov (1826-1896), repletos de termos místicos e de ideias antidemocráticas.

pular, rodar, cantar e gritar e continuavam nesse frenesi até caírem no chão completamente exaustos. Esse momento em particular era chamado de “maravilhamento”.

Podia essa vida continuar assim? Por quanto tempo? Seria bem difícil dar uma resposta definitiva a essas perguntas. O principal obstáculo à sua continuidade foi certamente a falta de gêneros alimentícios, como consequência direta do ascetismo reinante na época; por outro lado, a história de Tolóvia, com exemplos de todo positivos, assegura-nos que gêneros alimentícios não são tão necessários para a felicidade dos povos quanto pode parecer à primeira vista. Se o homem tem à mão carne de boi, é claro que com mais vontade se alimentará dela do que de outras substâncias menos nutritivas; mas se não houver carne, com igual vontade se alimentará de pão; se também o pão não for suficiente, então de folhas. Portanto, essa questão ainda é discutível. Seja como for, o repugnante empreendimento tolense acabou muito subitamente e não por causa dos motivos que se podia considerar mais naturais.

Acontece que em Tolóvia vivia um oficial superior sem ocupações específicas, menosprezado certa vez por simples acaso. A saber: ainda na época do politeísmo, em uma festa de aniversário na casa de Tristílov, a todos os melhores convidados serviram sopa de acipênses, enquanto ao oficial superior, decerto sem o conhecimento do anfitrião, coube sopa de perca. O convidado engoliu a ofensa (“apenas a colher tremia em sua mão”, diz o cronista), mas jurou vingança em silêncio. Iniciaram-se altercações; no início era uma guerra surda, mas depois, quanto mais ela avançava, mais e mais se inflamava. A questão da sopa foi esquecida e substituída por outras, de caráter político e teológico, de modo que, quando propuseram ao oficial superior, por cortesia, participar dos “maravilhamentos”, ele se recusou categoricamente.

E esse oficial era um delator...

Embora não aparecesse nas reuniões pessoalmente, vigiava com atenção tudo o que acontecia. Os pulos, os giros, a leitura dos artigos de Strákhov – nada passava despercebido à sua perspicácia. Porém, nem com palavras, nem com ações, expressava reprovar ou aprovar nenhuma dessas atividades, só esperava, a sangue-frio, enquanto o abscesso crescia. E eis que o momento ansiado finalmente chegou: caiu-lhe nas mãos um exemplar do livro de Tristílov: “Sobre os maravilhamentos da alma devota”...

À noite, os cavalheiros e damas tolenses, como de costume, reuniram-se na ex-residência da tropa de inválidos. A leitura dos artigos de Strákhov já terminara, e os presentes começavam aos poucos a estremecer; porém, mal Tristílov, na qualidade de

presidente da assembléia, começou a se agachar e a realizar as ações preliminares gerais que conduziam ao maravilhamento da alma, ouviu-se um barulho do lado de fora. Apavorados, os sectários lançaram-se às saídas, esquecidos de apagar as luzes e de eliminar as provas materiais... Porém, já era tarde.

Bem na entrada principal, postara-se Bravium-Rabujeiv, fitando a multidão com um olhar petrificante...

Mas que olhar era aquele... Ó, Deus! Que olhar era aquele!...

Nicolau I, imperador da Rússia. (Consulta feita em outubro de 2010
<http://www.bibliotekar.ru/rusRomanov/13.files/image001.jpg>)

Confirmação do arrependimento. Conclusão^{312 313}

Ele era terrível.

Mas reconhecia isso apenas em certo grau e com modéstia um tanto rude advertia: “Virá alguém depois de mim”, dizia ele, “ainda mais terrível do que eu”.

Ele era terrível; além disso era lacônico e combinava uma admirável mediocridade com uma inflexibilidade quase no limiar da idiotice. Ninguém podia acusá-lo de inclinação para atividades militares, como acusavam, por exemplo, Verrugóvkin, nem de acessos de fúria insana, a que estavam sujeitos Brudástyi, Patiféiv e muitos outros. A paixão fora riscada da série de elementos constituintes de sua natureza e substituída por uma inflexibilidade que atuava regularmente, como um mecanismo de precisão. Ele não gesticulava, não levantava a voz, não rangia os dentes, não gargalhava, não batia o pé, não se inundava daquele riso cáustico de chefe; parecia até que nem suspeitava da necessidade de manifestações administrativas desse tipo. Num tom de voz surdo, expressava as suas demandas e sublinhava a obrigatoriedade da execução com o rigor do olhar, em que se manifestava certo descaramento sentencioso. O homem em que se detia esse olhar não conseguia suportá-lo. Surgia nele uma sensação de todo especial, em que o significado primeiro pertencia nem tanto ao instinto pessoal de autopreservação, quanto ao receio pela natureza humana em geral. Nesse vago receio, encontrava-se submerso todo tipo de pressentimento possível sobre ameaças misteriosas e insuperáveis. Pensava-se que o céu desabaria, que a terra racharia sob os pés, que despencaria não se sabe de onde uma tromba-d’água e tragaría tudo de uma só vez... Esse olhar era luzente como o aço, um olhar de todo livre de pensamentos e, por isso, incapaz de revelar nuances ou hesitações. Pura determinação – e mais nada.

Como homem limitado, ele não perseguia nada além da retidão das formações. A linha reta, a inexistência de variedade, a simplicidade levada até a nudez – eis os ideais que ele conhecia e que se esforçava por atingir. O modo como compreendia o

³¹² N. da T.: Capítulo publicado pela primeira vez na revista *Anais da Pátria* em 4 de setembro de 1870 (p. 99-130).

³¹³ N. da E.: Este capítulo faz um balanço geral do desenvolvimento da “história” tolense-russa e portanto da “tocante correlação” entre os onipotentes governantes e a “dócil plebe”, citada pelo cronista em seu “Ao leitor”. Se, por um lado, de modo lógico, o curso da “história” tolense leva Bravium-Rabujeiv a tentar “controlar a natureza” e sem aquele “habitante” tolense bastante pasmo e despersonalizado, por outro, esse mesmo atentado contra a “natureza”, de modo não menos lógico e normal, leva os tolenses, despertos, à defesa da vida, à luta contra as tentativas do “velhaco” de enquadrar o vigor da vida nos limites de um estatuto prisional. Não surpreende que a luta pela vida seja a derradeira página do trágico “martirólogo tolense”, que testemunha a profunda crença do escritor na inevitável morte histórica de Tolóvia.

“dever” não ia além da igualdade universal diante da chibata; a sua noção de “simplicidade” não ultrapassava a simplicidade animal, que revelava a completa nudez de suas necessidades. A razão ele simplesmente não levava em conta e até a considerava o mais terrível dos inimigos, capaz de envolver o ser humano em uma rede de seduções e de caprichos perigosos. Diante de tudo o que lembrava alegria ou apenas divertimento ele se quedava perplexo. Não se pode dizer que essas manifestações comuns à natureza humana deixassem-no indignado; não, ele pura e simplesmente não as compreendia. Nunca se enfurecia, nunca explodia, não se vingava nem promovia perseguições, mas, à semelhança de qualquer outra força da natureza que age inconscientemente, seguia adiante, varrendo da face da terra tudo que não conseguia abrir-lhe caminho a tempo. “Para quê?” – eis aqui a única expressão com a qual expressava os movimentos da própria alma.

Abrir caminho na hora certa – bastava isso. O campo de visão desse idiota era muito estreito; fora desse campo, era permitido gesticular e falar alto, respirar e até se exceder; ele não notava nada; dentro dele, no entanto, só era permitido marchar. Se os tolenses tivessem compreendido isso a tempo, ter-lhes-ia bastado afastar-se um pouco e esperar. Mas eles perceberam isso tarde demais e, no início, a exemplo de todos os povos que amam os seus governantes, enfiavam-se debaixo do nariz dele como se de propósito. Daí a enorme quantidade de suplícios voluntários, que, como uma rede, envolveram a existência dos habitantes; daí também a denominação nem um pouco merecida de “satanás”³¹⁴, que a boataria popular atribuiu a Bravium-Rabujeiv. Quando perguntavam aos tolenses o que havia servido de motivo para um epíteto tão incomum, eles não explicavam nada direito, apenas tremiam. Calados, apontavam as próprias casas enfileiradas, as cercas destruídas na frente dessas casas, os *kazakins*³¹⁵ militares, em que estavam fardados todos os moradores, sem exceção, e então os seus lábios trêmulos murmuravam: satanás!

O próprio cronista, em geral bastante inclinado a favor dos governantes, não consegue esconder um vago sentimento de pavor quando se põe a descrever as ações de Bravium-Rabujeiv. “Havia naquela época”, assim ele começa o relato, “em uma das igrejas municipais, um quadro que retratava os suplícios dos pecadores na presença do

³¹⁴ N. da E.: “O que é satanás?”, escreve o satírico no romance *Idílio contemporâneo* [romance, 1877-1883], “é um grandiosíssimo patife, o mais desprezível, o mais abjeto, incapaz de distinguir o bem e o mal, a verdade e a mentira, o geral e o particular, ciente apenas dos interesses mais próximos e pessoais. Por isso o denominam de inimigo do gênero humano, de imundo, de caluniador”.

³¹⁵ N. da T.: Traje acinturado, franzido atrás, fechado com colchetes e de gola reta.

inimigo do gênero humano. Satanás estava representado de pé, no patamar do trono do inferno, com o braço estendido em posição imperiosa e um olhar turvo, dirigido ao espaço. Nem na figura, nem mesmo no rosto do inimigo do homem não se notava especial paixão pelo suplício, via-se apenas a premeditada supressão da natureza. Essa supressão havia produzido só uma ação evidente: o gesto imperioso e depois, concentrando-se em si mesma, passara à petrificação. E ainda o mais digno de nota: por mais terríveis que fossem as torturas e os suplícios distribuídos em abundância por todo o quadro, por mais que desalentassem a alma os espasmos e convulsões dos malfeitores, para os quais tinham sido preparados esses sofrimentos, qualquer observador admitia sem falta que até esses padecimentos eram menos angustiantes do que os sofrimentos daquele autêntico verdugo, que havia superando a própria essência a ponto de ser capaz de lançar àquelas torturas inauditas um olhar de frieza e incompreensão.” Assim é o início do relato do cronista e, embora adiante seja feita uma pausa e ele já não volte mais à lembrança do quadro, não podemos deixar de supor que essa lembrança foi lançada aqui não por acaso.

No arquivo municipal, conserva-se até hoje o retrato de Bravium-Rabujeiv³¹⁶. Era um homem de estatura mediana e rosto um tanto lenhoso, pelo visto nunca iluminado por um sorriso. Os cabelos bastos, negros como azeviche, cortados rente, cobriam o crânio cônico e emolduravam fartamente, como um solidéu, a testa estreita e inclinada. Seus olhos eram cinzentos, encovados, ensombreados por pálpebras um tanto inchadas; o olhar nítido, sem hesitações; o nariz fino descia da testa praticamente em linha reta; os lábios estreitos, pálidos, cobertos pelas cerdas aparadas do bigode; maxilares desenvolvidos, mas sem destacada expressão de voracidade carnívora, embora com certo toque inexplicável de prontidão para desmembrar ou dimidiar com os dentes. Uma figura toda seca, de ombros estreitos, apontados para cima, peito artificialmente inflado para frente e braços longos e musculosos. Vestido de sobrecasa de corte militar, abotoada de cima a baixo, ele leva na mão direita o “Estatuto do

³¹⁶ N. da E.: Saltykov-Schedrin escolheu um sobrenome que lembra sonoramente Arakéiev [*Угрюм-Бурчеев*, *ugrium burtchéiev*], deu ao personagem um modo de vida semelhante ao príncipe Sviatoslav Ígorievitch [945-972, príncipe da Rus kievana] e fez o seu retrato parecido ao de Nikolai I, o que mais uma vez confirma o caráter generalizador e abrangente de sua sátira. “Ele era bonito”, escreve Guiértsen sobre Nikolai, “mas a sua beleza estava envolta em frieza; não havia rosto que revelasse de modo tão implacável o caráter da pessoa como o dele. A testa, com acentuada inclinação para trás, e o maxilar inferior, desenvolvido às custas do crânio, expressavam uma força de vontade inflexível e um raciocínio fraco, mais crueldade do que sensibilidade. O mais importante porém eram os olhos, sem nenhum calor, sem nenhuma misericórdia, olhos de inverno” (A. I. Guiértsen. *Obras reunidas em 30 volumes*, t. VI, Moscou, AN URSS, 1955, p. 62).

constante açoitamento”, escrito por Verrugóvkin, mas pelo visto não o lê e apenas se surpreende de que haja no mundo pessoas que julguem necessário garantir essa constância por meio de algum estatuto. Ao redor, a paisagem – um deserto, no meio dele uma prisão; em cima, em vez de céu, paira um capote cinza de soldado...

Esse retrato produz uma impressão muito carregada. Diante dos olhos do observador avulta-se o tipo mais puro de idiota, que acabou de tomar uma decisão sinistra e de prometer a si mesmo cumpri-la. Os idiotas em geral são muito perigosos, e não por serem infalivelmente maldosos (no idiota, maldade e bondade são características que não se distinguem), mas porque lhes são estranhas quaisquer reflexões e eles sempre seguem reto, como se o caminho em que se encontram pertencesse a eles com exclusividade. De longe pode parecer tratar-se de pessoas de convicções rígidas, mas bem-determinadas, que se esforçam de modo racional para atingir um objetivo traçado com exatidão. Entretanto, isso é ilusão de ótica, pela qual não convém, de modo algum, deixar-se arrebatar. Esses seres são simplesmente tapados de modo hermético e de todos os lados, atiram-se pelo caminho reto porque não estão em condições de tomar uma posição diante de nenhuma nova ordem dos acontecimentos...

Contra idiotas normalmente se tomam certas medidas a fim de que eles, em sua insensata impetuosidade, não derrubem tudo que encontram pelo caminho. No entanto, quase sempre, essas medidas servem somente para idiotas *comuns*; quando o despotismo é um apêndice da idiotice, a questão da proteção da sociedade complica-se de modo significativo. Nesse caso, a ameaça de perigo aumenta por causa do estado de abandono a que se se vê fadada a própria vida em certos momentos históricos. Lá, onde o idiota comum arrebenta a própria cabeça ou topa com uma estaca, o idiota déspota parte ao meio todas as mais variadas estacas e comete, podemos dizer, as suas insensatas malfeitorias sem nenhum obstáculo. Nem mesmo do dano mais infrutífero ou evidente, causado por essas malfeitorias, tira ele algum ensinamento. Não se importa nem um pouco com os resultados, pois os resultados estarão patentes não nele (ele já se desumanizou demais, e nele já não se pode refletir mais nada), mas em alguma outra coisa, com a qual ele não tem relação orgânica alguma. Se, em consequência da intensificação da atividade do idiota, o mundo inteiro se transformasse em deserto, nem mesmo esse resultado seria capaz de assustá-lo. Quem sabe, talvez o deserto seja, aos olhos do idiota, exatamente o cenário ideal para alojar o ser humano.

Pois é justamente essa idiotice, cristalizada e de todo em paz consigo mesma, que impressiona quem olha o retrato de Bravium-Rabujeiv. Em seu rosto não se vê nenhuma questão; ao contrário, em todos os traços distingue-se a certeza militar imperturbável de que todas as questões há muito foram solucionadas. Que questões eram essas? Como foram solucionadas? Isso é um enigma tão torturante que se corre o risco de repassar as mais variadas questões e soluções e não se deparar justamente com aquelas referidas. Talvez a questão solucionada trate do extermínio geral, talvez apenas do fato de que todas as pessoas devem inflar o peito para frente, à semelhança de uma roda. Não se sabe. Sabe-se apenas que a solução dessa questão desconhecida, seja como for, será colocada em prática. E uma vez que a identificação antinatural do conhecido com o desconhecido provoca ainda mais confusão, a consequência só pode ser uma: pânico e pavor geral.

O modo de vida de Bravium-Rabujeiv era tal que ainda mais aprofundava o terror difundido por sua aparência. Ele dormia no chão duro³¹⁷ e, somente em dias muito frios, permitia-se o abrigo do depósito do corpo de bombeiros; em lugar do travesseiro, colocava uma pedra sob a cabeça; levantava-se ao alvorecer, vestia o uniforme e logo batia o tambor; fumava um cigarro barato, a tal ponto fedorento que até os policiais, até eles, ficavam vermelhos quando aquele cheiro lhes chegava ao olfato; comia carne de cavalo e mascava tendão de boi à vontade. Para completar, três horas por dia marchava no pátio da residência governamental, sozinho, sem os companheiros, pronunciando brados de comando de si para si e suportando, por conta própria, sanções disciplinares e até açoites (“a propósito, batia em si próprio não de modo dissimulado, como seu antecessor, Tristílov, mas de acordo com a lei”, acrescenta o cronista).

Ele tinha família; mas, durante o tempo em que governou, nenhum dos habitantes viu nem a sua esposa, nem os seus filhos. Corria o boato de que os entes penavam em algum lugar do porão da sede governamental e que ele, pessoalmente, entregava-lhes pão e água uma vez por dia através de uma grade de ferro. E realmente, em seguida ao seu desaparecimento administrativo, foram encontrados no porão uns seres nus e completamente selvagens, que mordiam, ganiam, cravavam as garras uns

³¹⁷ N. da E.: Cf. com a caracterização do príncipe Sviatoslav Ígorevitch feita por Karamzin: “a vida rigorosa que levava fortalecia-o para os trabalhos militares, não tinha nem acampamento nem comboio; comia carne de cavalo ou de animais selvagens e ele próprio os cozinhava sobre carvão; desafiava o frio e as intempéries do clima do norte; não conhecia tenda e dormia a céu aberto; a albarda servia-lhe de leito macio, a sela, de cabeceira” (N. M. Karamzin. *História do Estado Russo*. T. 1, São Petersburgo, 1851, p. 172). Disso se depreende porque Bravium-Rabujeiv, inesperadamente, mudou o nome da cidade para *Rigidisk*, “em homenagem ao grande príncipe Sviatoslav Ígorevitch, eternamente digno de lembrança”.

nos outros e rosnavam para quem se aproximava. Levaram-nos ao ar livre e deram-lhes *schi*³¹⁸ quente; de início, quando viram o vapor, puseram-se a fungar e demonstraram um pavor supersticioso, depois se acostumaram e lançaram-se à comida com avidez tão selvagem que num instante deram cabo de tudo e... soltaram o último suspiro.

Contavam que Bravium-Rabujeiv devia a sua ascensão a um fato inteiramente singular. Houve certa vez neste mundo um chefe que foi assaltado de repente pela ideia de que nenhum de seus subordinados o amava.

– Amamos, 'sselência³¹⁹! – garantiram os subordinados.

– Vocês todos falam assim na hora do descanso – insistiu no seu ponto o chefe, – mas se tiverem de fazer um esforço, então ninguém será capaz de sacrificar nem um dedo por mim.

Pouco a pouco, apesar dos protestos, essa ideia ganhou tanta força na cabeça do chefe ciumento, que ele decidiu testar os subordinados e fez um apelo:

– Quem quiser provar que me ama – anunciou ele, – que corte fora o dedo indicador da mão direita!

Ninguém se apressou a atender o apelo; alguns não se apresentaram porque eram mimados e sabiam que o decepamento de um dedo vinha acompanhado de dor; outros não se apresentaram por um mal-entendido: não atentaram para a pergunta e pensaram que o chefe queria saber se todos estavam satisfeitos e, receando serem tomados por revoltosos, como de costume, gritaram a toda voz: “Prazer em servir, 'sse-lê-eência!”

– Quem quer provar? Apresente-se! Não tenha medo! – repetiu seu apelo o chefe ciumento.

Mas também dessa vez a resposta foi o silêncio ou então aqueles gritos que em nada satisfaziam a pergunta. O rosto do chefe começou a enrubescer, mas logo murchou de desânimo e tristeza.

– Por...³²⁰

Porém, antes que ele terminasse, saiu das fileiras um velhaco³²¹ ordinário, esgotado de açoites, e altissonante³²² pôs-se a clamar:

– Eu quero provar!

³¹⁸ N. da T.: Sopa típica russa, cujo ingrediente principal é o repolho.

³¹⁹ N. da T.: *Ваиество* [váchestvo], corruptela de *ваие превосходительство* [vache prevoskhodítelstvo], vossa excelência.

³²⁰ N. da T.: *Сви...* [svi]. Supõe-se *свиньи* [svínii], porcos.

³²¹ N. da E.: *Прохвост* [prokhvost]. Velhaco, biltre. Na caracterização de Bravium-Rabujeiv, o escritor tem em vista também um significado antigo dessa palavra, corruptela de *профос* [profos], do alemão *profoss* – carcereiro, carrasco ou soldado responsável por retirar das celas os baldes com excrementos.

³²² N. da T.: *Велий* [velii], forma arcaica de *большой* [bolchoi], grande.

Disse essas palavras, colocou o dedo sobre uma barra e, com uma machadinha cega, arrancou-o fora.

Depois disso, sorriu. Foi essa a única vez, em toda a sua vida de multiespancamentos, que algo humano perpassou em seu rosto.

Muitos pensaram que ele realizara aquela façanha apenas para livrar as próprias costas da vara; mas não, esse velhaco tinha amadurecido uma outra ideia...

Diante da visão do dedo decepado caído aos seus pés, o chefe no início se admirou, depois foi levado à comoção.

– Você provou que me ama – exclamou ele, – e eu provarei cem vezes mais o meu amor!

E enviou-o a Tolóvia.

Nessa época ainda não se sabia nada concreto nem sobre comunistas, nem sobre socialistas, nem sobre os chamados *niveaullators*³²³ em geral. Apesar disso, o *niveaullatorismo* existia e nas mais amplas dimensões. Havia *niveaullators* “de andar perfilado”, *niveaullators* “de chifre de carneiro”³²⁴, *niveaullators* “de luvas de ouriço”³²⁵, etc. etc. Porém ninguém via nisso nada que pudesse ameaçar a sociedade nem abalar as suas bases. Parecia que, se tiravam a vida de um homem a fim de o igualar a seus coetâneos, embora para ele pessoalmente isso talvez não trouxesse nenhuma vantagem, para preservar a harmonia da sociedade entretanto era coisa útil e até necessária. Os próprios *niveaullators* nem suspeitavam de que eram *niveaullators*, mas se autodenominavam organizadores e curadores benevolentes, capazes de arbitrar sobre a felicidade dos indivíduos a eles subordinados e deles dependentes...

Tal era a simplicidade dos costumes desse tempo ao qual nós, testemunhas de uma época posterior, mal conseguimos nos transportar ainda que em pensamento, um tempo em que cada comandante de esquadrão, sem se denominar comunista, impunha-se, no entanto, por honra e obrigação, o dever de ser um deles da cabeça aos pés.

Bravium-Rabujeiv pertencia ao grupo dos *niveaullators* mais fanáticos dessa escola³²⁶. Tendo traçado uma linha reta, planejou meter nela todo o mundo visível e

³²³ N. da E.: Do francês *niveau*, nível. Partidário do nivelamento, do estabelecimento de um único nível social.

³²⁴ N. da T.: Referência ao dito *segurar no chifre de carneiro de alguém*, correspondente a *fazer dobrar a cerviz de alguém*.

³²⁵ N. da T.: Referência ao dito *segurar alguém com luvas de ouriço*, correspondente a *tratar alguém com punho de ferro*.

³²⁶ N. da E.: Como o próprio escritor esclareceu, o modo como Bravium-Rabujeiv compreendia o “dever” não ia além da igualdade universal diante da chibata. Por isso, o “comunismo” do governante de Tolóvia, ou o seu *niveaullatorismo* mortificador, consiste essencialmente na tentativa de estabelecer na cidade uma

invisível e, além disso, com cálculos tão infalíveis que não fosse possível tomar outro rumo – nem para trás, nem para frente, nem à direita, nem à esquerda. Nesse caso, será que ele se propunha como benfeitor da humanidade? Difícil responder essa pergunta em definitivo. Poderíamos antes pensar que, em sua mente, não havia nenhuma proposição a respeito de nada. Apenas em épocas posteriores (quase sob nossos olhos), a noção de combinar a ideia da linha reta com as ideias de promoção da felicidade geral foi introduzida na bastante complexa teoria administrativa, que não está livre de artifícios ideológicos; os *niveaullators* da velha guarda, porém, assim como Bravium-Rabujeiv, agiam com simplicidade de alma, unicamente pela repulsa instintiva à linha curva e a todo tipo de zigue-zagues e sinuosidades. Bravium-Rabujeiv era um velhaco no pleno sentido dessa palavra. Não apenas porque detinha essa posição no regimento, era um velhaco com todo o seu ser, com todos os seus desígnios. A linha reta encantava-o não pelo fato de, já naquela época, ser a mais curta – ele não estava interessado no economizar no tamanho – mas sim porque se podia marchar nela um século inteiro sem chegar a lugar nenhum. O virtuosismo da linha reta fincara-se em sua cabeça aflita como uma estaca de salgueiro e lá lançara toda uma rede indevassável de raízes e ramificações. Era como um bosque misterioso, repleto de sonhos mágicos. Sombras misteriosas passavam uma após a outra, em fila indiana, perfiladas, tosquiadas, em passo uniforme, em roupas uniformes, passavam, passavam... Todas elas dotadas de fisionomias iguais, todas elas calavam-se igualmente, todas elas desapareciam igualmente não se sabe para onde. Para onde? Parecia que, além desse mundo fantástico de sonho, havia um abismo ainda mais fantástico, que resolvia todas as dificuldades pelo fato de que nele tudo sumia, sem deixar vestígios. Quando o abismo fantástico engolia quantidades suficientes de sombras fantásticas, Bravium-Rabujeiv, se assim podemos nos expressar, virava para o outro lado, e mais uma vez começava outro sonho do mesmo tipo. De novo passavam sombras em fila indiana, uma após a outra, passavam, passavam...

Ainda muito antes de chegar a Tolóvia, ele já tinha composto em sua cabeça todo um delírio sistemático, em que, até a última minúcia, estavam ajustados todos os detalhes do futuro regime desse malfadado município. Com base nesse delírio, eis como se apresentava aproximadamente a cidade que ele tencionava erigir em grau modelar.

ordem comum (do latim *communis*), em que a ninguém fosse permitido virar “nem para trás, nem para frente, nem à direita, nem à esquerda”. Sobre o “*niveaullatorismo-comunismo*” de vários governantes de Tolóvia, veja também o uso irônico da palavra “falanstério” pelo escritor (capítulo “Guerras pela instrução”, p.128).

No meio – uma praça, da qual, dispostas em raio e em todas as direções, partem ruas ou companhias, como ele as chamava mentalmente. À medida que se afastam do centro, as rotas são atravessadas por bulevares, que, em dois pontos, circundam a cidade e, ao mesmo tempo, constituem em defesa contra inimigos externos. Depois um forte, uma vala de trincheira e uma cortina escura, ou seja, o fim do mundo. Nem rio, nem riacho, nem barranco, nem colina – em resumo, ele não previra nada daquilo que pode servir de obstáculo à marcha militar. Cada companhia tem três braças de largura, nem mais nem menos; cada casa, três janelas, voltadas para um jardim, onde crescem: *arrogância de nobre*³²⁷, *madeixas de czar*³²⁸, *buraki*³²⁹ e *sabão de tártaro*³³⁰. Todas as casas são pintadas de cinza claro e, embora na realidade um lado da rua esteja sempre voltado para o norte ou leste e o outro sempre para o sul ou oeste, até isso ele tinha perdido de vista, propondo que tanto o sol quanto a lua iluminassem igualmente de todos os lados e em todas as horas do dia e da noite.

Em cada casa moram um par de anciãos, um par de adultos, um par de adolescentes e um par de pequenos; além disso, os indivíduos de sexos diferentes não se envergonham uns dos outros. A uniformidade de idade conjuga-se à uniformidade de altura. Em algumas companhias, moram exclusivamente altões; em outras, exclusivamente baixotes ou pioneiros. As crianças que, já no nascimento, demonstram serem pouco resistentes a desgraças, são exterminadas; as pessoas extremamente velhas e inúteis para o trabalho também podem ser exterminadas, mas somente quando, segundo análise dos guardas distritais, há excedente de forças na economia geral da cidade. Em todas as casas, encontra-se um espécime de cada animal útil, do sexo masculino e feminino; são eles obrigados, em primeiro lugar, a realizar o trabalho que lhes é próprio e, em segundo lugar, a se multiplicarem. Na praça, concentram-se edificações de pedra, onde estão instaladas instituições sociais, como repartições públicas e todo tipo de praça: para prática de ginástica, esgrima e formação da infantaria, para distribuição de alimentos, para genuflexão etc. As repartições públicas chamam-se estados-maiores; os seus funcionários, escrivãos. Não há escolas, não está prevista formação escolar; a ciência numérica é ensinada nos dedos. Não há passado nem futuro, por isso foi eliminada a cronologia. Os feriados são dois: o primeiro, da primavera, em seguida ao degelo da neve, chamado “feriado da constância”, serve de

³²⁷ N. da T.: *Барская спесь* [barskai spies], *Lychnis chalcedonica*.

³²⁸ N. da T.: *Царские кудри* [tsarskie kudri], *Lilium martagon*.

³²⁹ N. da T.: Termo regional, o mesmo que *свёкла* [sviokla], beterraba.

³³⁰ N. da T. Outro nome popular da *Lychnis chalcedonica*.

preparação para desgraças iminentes; o outro, chamado “feriado dos poderes constituídos”, destina-se a lembrar as desgraças já experimentadas. Dos dias úteis esses feriados distinguem-se somente pelo incremento dos exercícios de marcha.

Tal era a forma externa do delírio. Em seguida, fazia-se necessário regular o ambiente interno dos seres vivos nele conquistados. Nesse aspecto, a fantasia de Bravium-Rabujeiv atingia precisão verdadeiramente estupenda.

Cada casa não é outra coisa senão uma *unidade povoada*, com o seu comandante e o seu espião (ele insistia particularmente no espião), e pertence a um conjunto de dez, chamado *pelotão*. O pelotão, por sua vez, também tem o seu comandante e o seu espião; cinco pelotões formam uma companhia; cinco companhias, um regimento. Ao todo são quatro regimentos, que formam, em primeiro lugar, duas brigadas e, em segundo lugar, uma divisão; em cada uma dessas subdivisões há um comandante e um espião. Depois vem a *Cidade* propriamente dita, que, de Tolóvia, passou a se chamar “*Rigidisk*”³³¹ em homenagem ao grande príncipe Sviatoslav Ígorevitch, eternamente digno de lembrança”. Sobre a cidade paira o governante envolto em uma nuvem ou, de outro modo, o comandante em chefe das forças terrestres e marítimas da cidade de Rigidisk, que com todos entra em contendas e a todos faz sentir o seu poder. Perto dele... um espião!

Em cada unidade povoada, o tempo é distribuído do modo mais rigoroso.³³² Ao nascer do sol, todos se levantam; os adultos e os adolescentes envergam roupas uniformizadas (segundo desenho específico, aprovado pelo governante), limpam-se e colocam um cinto. Os de pouca idade sugam às pressas o seio da mãe; os anciãos pronunciam um breve sermão, que termina invariavelmente com uma palavra

³³¹ N. da T.: *Непреклонск* [nepreklonsk], de *непреклонный* [nepreklonnyi], inflexível, + *ск* [sk], sufixo comum em nomes de cidades russas, como Smoliénsk, Novossibirsk, Tcheliábinsk.

³³² N. da E.: “Alguns milhares de camponeses foram convertidos em colonos militares”, escreveu N. I. Gretch [Nikolai Ivánovitch, 1787-1867, editor, redator, jornalista e tradutor] sobre as “vilas militares” da época de Alexandre I, “os velhos eram chamados de inválidos, as crianças de *cantonistas* [ver nota 27], os adultos de soldados. Toda a sua vida, todas as suas atividades, todo o seu cotidiano baseavam-se em princípios militares. Casavam-nos por sorteio, cada um ficava com quem caía, ensinavam-lhes a usar armas, vestiam-nos e alimentavam-nos à moda militar. Em lugar das isbás camponesas amplas, porém desajeitadas, surgiram casas bonitinhas, nem um pouco cômodas, frias, onde os moradores deviam andar, sentar-se e deitar-se de acordo com o regulamento. Por exemplo: “Para a janela n. 4 está prevista uma cortina, que será puxada quando as crianças do sexo feminino forem trocar de roupa” e assim por diante. (N. I. Gretch. *Notas de minha vida*. Moscou, Leningrado, 1930, p. 555-556). Segundo observou I. T. Ischenko (“Notas científicas”, t. XVI, *Seria Filologuitchna*. Lvivskii Derj. Ped. Institut, 1960), certos aspectos do “delírio” de Bravium-Rabujeiv lembram uma das instruções policiais sobre a organização do dia dos detidos: “na fortaleza prisional, os detidos levantam-se às seis horas da manhã. Cada um deles, assim que se levanta, deve se lavar, pentear os cabelos, vestir-se... Depois que as câmeras são varridas e arrumadas, os detentos fazem as orações matinais... Após o término das orações, serve-se o café da manhã” (quinta seção do tomo XIV do “Código de leis do Império Russo”).

impublicável; os espiões apressam-se com os relatórios. Meia hora depois, estão em casa só os anciãos e as pequenos, pois os restantes já foram cumprir as devidas obrigações. Inicialmente, eles se apresentam na “praça de genuflexão”, onde, bem rápido, fazem orações; depois se dirigem à “praça de exercícios corporais”, onde fortalecem o organismo por meio da esgrima e da ginástica; finalmente, vão à “praça de distribuição de alimentos”, onde recebem um pedaço de pão preto salpicado de sal. Para receber o alimento, alinham-se na formação em quadrado e, de lá, sob as ordens dos comandantes, por pelotão, seguem para os respectivos trabalhos sociais. Os trabalhos realizam-se a um só tempo. Os habitantes, todos juntos, inclinam-se e aprumam-se; as lâminas das gadanhas cintilam, os ancinhos se erguem, as pás batem, os arados sulcam a terra – tudo a um só tempo. Lavram a terra, tentando traçar com as charruas monogramas que representam as letras iniciais dos nomes das personalidades históricas que mais se glorificaram pela rigidez. Perto de cada pelotão, a passo regular, caminha um soldado com uma espingarda e, de cinco em cinco minutos, atira no sol. No meio dessas movimentações, inclinações e aprumos, passa em linha reta o próprio Bravium-Rabujeiv, todo coberto de suor, todo impregnado do cheiro da caserna, e incita:

Um – dois! Três – quatro!

e logo depois dele todos os trabalhadores secundam:

Cantamos!

Porretinho, cantamos!

Mas eis que o sol alcança o zênite, e Bravium-Rabujeiv grita: “Basta!” De novo os habitantes organizam-se em pelotão e dirigem-se de volta à cidade, onde, em marcha cerimonial, passam pela “praça de distribuição de alimentos” e recebem um pedaço de pão preto com sal. Depois de curto descanso, consistindo em uma marcha, as pessoas de novo entram em formação e, na mesma ordem de antes, dirigem-se ao trabalho, onde ficam até o pôr do sol. Na hora do poente, cada um recebe outro pedaço de pão e vai logo para casa dormir. À noite, sobre Rigidisk, paira o espírito de Bravium-Rabujeiv, que vigilante, guarda o sono dos habitantes...

Nem Deus, nem ídolo – nada...

Nesse mundo fantástico, não há paixões, nem distrações, nem afeições. Todos vivem cada minuto juntos, e todos se sentem solitários. A vida nem por um instante se desvia do cumprimento de uma quantidade infinita de obrigações estúpidas, cada uma delas calculada com antecedência e lançada sobre cada pessoa como uma fatalidade. As mulheres têm direito de dar à luz apenas no inverno, porque infringir essa regra pode

obstar o bom curso dos trabalhos de verão. As uniões entre os jovens são arrançadas não de outro modo senão de acordo com a altura e a compleição física, uma vez que isso satisfaz as exigências de uma frente de batalha correta e bela. *Niveaullatorismo*, simplificado até a entrega específica de pão preto, eis a essência dessa fantasia *cantonista*³³³.

Apesar disso, quando Bravium-Rabujeiv expôs o seu delírio às autoridades, estas, além de não se alarmarem por conta dele, com surpresa elevada quase à veneração, ficaram olhando para o obscuro velhaco, que sonhava em capturar o universo. A terrível massa de exatidão, agindo na figura de um único homem, impressionava a imaginação. O mundo inteiro apresentava-se salpicado de pontos pretos, onde, sob o toque do tambor, as pessoas se movimentavam em linha reta, marchando o tempo todo, marchando o tempo todo. Aquelas unidades povoadas, aqueles pelotões, companhias e regimentos – tudo aquilo, tomado em conjunto, será que não aludia a algum horizonte esplendoroso, que, por enquanto, ainda estava enconbertado pela névoa, mas, que com o tempo, assim que a névoa se dissipasse e o horizonte se abrisse... Mas que horizonte era aquele? O que ele escondia?

– Casernas! – evocou com clareza a imaginação exaltada até o heroísmo.

– Casernas! – repetiu por sua vez, como um eco, o velhaco ranzinza e, nessa hora, fez um juramento tão disparatado que as autoridades sentiram-se como que queimadas por algum fogo misterioso...

Depois de dar cabo de Tristílov e de dissolver a assembléia enlouquecida, Bravium-Rabujeiv iniciou prontamente a concretização de seu delírio.

Porém, do modo como se apresentara aos seus olhos, Tolóvia estava longe de corresponder aos seus ideais. Era antes um amontoado desordenado de cabanas do que uma cidade. E não tinha um ponto central evidente; as ruas espalhavam-se a esmo; as casas amontoavam-se de qualquer jeito, sem nenhuma simetria, apertando-se em alguns pontos, deixando enormes desertos em outros. Consequentemente fazia-se necessário não melhorar, mas recriar. Mas o que pode significar a palavra “recriar” no

³³³ N. da T.: *Кантонистский* [kantonistskii], de *кантонист* [kantonist], filho de soldado, registrado desde o momento do nascimento em uma organização militar e preparado para o serviço em uma escola especial, na Rússia da primeira metade do século XIX.

entendimento de uma pessoa que, desde os anos da juventude, temperou-se na função de velhaco? “Recriar” – significa imaginar-se em um bosque espesso; significa tomar do machado e, agitando esse instrumento com arte à direita e à esquerda, seguir adiante, com firmeza, até onde a vista alcança. Pois foi justamente assim que agiu Bravium-Rabujeiv.

No dia seguinte à sua chegada, ele percorreu toda a cidade. Nem a sinuosidade das ruas, nem a enorme quantidade de vielas, nem a dispersão das cabanas dos habitantes – nada o detinha. Ele tinha clareza de uma única coisa: diante dos seus olhos havia um bosque espesso e fazia-se necessário pôr ordem nesse bosque. Ao se deparar com alguma irregularidade, Bravium-Rabujeiv fixava nela um olhar atônito, mas, no mesmo instante, saía daquela pasmaceira e, em silêncio, apontava para a frente, como se projetasse uma linha reta. Assim caminhou longamente, o tempo todo estendendo o braço e projetando, e, apenas quando seus olhos viram o rio, ele sentiu acontecer a si próprio algo extraordinário.

Ele tinha esquecido... não tinha previsto nada semelhante... Até então a sua fantasia seguia o tempo todo por um trajeto regular. Ela destruía, cortava e erigia num instante, sem conhecer obstáculos, alimentando-se exclusivamente de seu próprio conteúdo. Mas de repente... A radiante faixa de aço líquido cintilava aos seus olhos, reluzia e não só não desaparecia como nem se petrificava diante do olhar desse basilisco administrativo. Ela continuava a se movimentar, a se agitar e a produzir uns sons singulares, mas sem dúvida vivos. Ela vivia.

– Quem está aí? – perguntou ele, apavorado.

Mas o rio prosseguia no seu murmúrio e, nesse murmúrio, ouvia-se algo tentador, quase lúgubre. Parecia que esses sons diziam: “Bem esperto o seu delírio, velhaco, mas há ainda outro delírio e, dizem, mais esperto do que o seu”. Sim, esse também era um delírio, ou, melhor dizendo, aqui enfrentavam-se, um diante do outro, dois delírios: um criado pessoalmente por Bravium-Rabujeiv e outro que escapara de algum lugar à parte e anunciava a própria e total independência em relação ao primeiro.

– Para quê? – perguntou Bravium-Rabujeiv, apontando o rio com os olhos, aos guardas de quartirão que o acompanhavam, assim que passou o primeiro momento de pasmo.

Os guardas não entenderam; entretanto, no olhar do governante havia algo que afastava tão inteiramente qualquer possibilidade de se negar uma explicação, que eles resolveram responder mesmo sem ter entendido a pergunta.

– O rio-s... o estrume-s... – murmuraram como podiam.

– Para quê? – repetiu o governante assustado e, de repente, como se tivesse medo de se aprofundar em indagações, girou bruscamente para a esquerda e voltou para trás.

A passos espasmódicos, ele voltou para casa, murmurando baixinho consigo:

– Vou domá-lo! Eu vou domá-lo!

Em casa, num minuto, chegou à essência do negócio. Duas façanhas igualmente grandiosas apresentavam-se a ele: desmantelar a cidade e eliminar o rio. Os meios para realização da primeira façanha tinham sido considerados com antecedência; os meios para realização da segunda mostravam-se vagos e incertos. Entretanto, como não havia na natureza força capaz de convencer o velhaco do que quer que fosse, então, nesse caso, a ignorância não só era comparável ao conhecimento, como podia até ser mais sólida do que ele.

Ele não um técnico nem engenheiro, mas era um velhaco de espírito forte, e isso também era um tipo de força, cujo uso podia subjugar o mundo. Nada sabia sobre o processo de formação dos rios, nem sobre as leis que regem o modo de eles correrem para baixo e não para cima, mas estava convencido de que bastava apontar: daqui para lá – e na extensão espacial medida provavelmente surgiria um continente e, depois, como antes, à direita e à esquerda, o rio prosseguiria o seu curso.

Detendo-se nessa ideia, começou a se preparar.

Em estado meditativo, vagava pelas ruas, com as mãos cruzadas nas costas, murmurando baixinho palavras incompreensíveis. Pelo caminho, cruzavam com ele habitantes vestidos nos mais variados trapos e faziam reverências profundas. Diante de alguns, ele parava, fixava neles um olhar de incompreensão e pronunciava:

– Para quê?

E, caindo de novo em meditação, seguia adiante.

Os minutos dessa meditação eram os mais difíceis para os tolenses.

Eles ficavam imóveis diante do governante, apalermados, sem forças para despregar os olhos daquele olhar reluzente como aço. Algum segredo inconfessável escondia-se naquele olhar, e esse segredo pairava pesado, quase como uma cortina de chumbo, sobre a cidade inteira.

A cidade se curvava; sentia-se um ar viciado e sufocante.

Ele ainda não fizera nenhuma declaração, ainda não expressara nenhuma ideia, não informara sobre os seus planos, mas todos já tinham entendido que chegaria o *fim*.

Isso confirmava o incessante deslocamento do idiota que guardava dentro de si o segredo; confirmava isso o murmurinho que saía de suas entranhas. Invisível para todos, penetrava no meio dos habitantes um terror obscuro, que dominava todas as pessoas por inteiro. Todas as forças do pensamento concentravam-se no misterioso idiota e, inquietas e martirizadas, volteavam em um único círculo mágico, cujo centro era *ele*. As pessoas esqueceram-se do passado e não pensavam no futuro. Sem vontade realizavam as necessárias atividades cotidianas, sem vontade encontravam-se uns com os outros, sem vontade viviam dia após dia. Para quê? Eis a única pergunta que se apresentava claramente a cada um que via o idiota de longe. Para que viver, se a vida estava para sempre envenenada pela presença do idiota? Para que viver se não havia meios de se proteger do olhar daquela terrível onipresença? Os tolenses esqueciam até das desavenças mútuas e escondiam-se pelos cantos em melancólica espera...

Acontece que ele próprio compreendeu que chegara o fim. Não se ocupava de nenhum negócio vigente e nem passava os olhos nas coisas da administração. Chegou à conclusão, em definitivo, que a vida antiga caíra no esquecimento para sempre e que, portanto, não havia porque perturbar esses trastes sem relação alguma com o futuro. Os guardas de quarteirão torturavam-se moral e fisicamente; em posição de sentido e com a respiração presa, permaneciam em fileiras, pelas quais ele passava, e esperavam alguma ordem; mas nenhuma ordem era dada. Ele passava direto, em silêncio, e não se dignava a lhes dirigir sequer um olhar. Não restou em Tolóvia nem um tribunal: nem com benevolência, nem sem benevolência; nem de urgência, nem sem urgência. No início, por hábito antigo, os tolenses resolveram se dirigir ao governante com pretensões e queixas de uns contra os outros, mas ele nem mesmo entendeu o que queriam dele.

– Para quê? – dizia com brutal perplexidade, medindo o requerente da cabeça aos pés.

Confusos, os tolenses olharam para trás e viam, com pavor, que atrás realmente não havia nada.

Finalmente, chegou o terrível momento. Após breves hesitações, ele decidiu assim: primeiro arrasar a cidade e só depois atacar o rio. Pelo visto, esperava que o rio caísse por conta própria.

Uma semana antes do feriado de São Pedro³³⁴, ele emitiu uma ordem: todos deviam jejuar. Embora os tolenses sempre tivessem jejuado com boa disposição, ao

³³⁴ N. da T.: Ver nota 221.

ouvirem a súbita ordem de Bravium-Rabujeiv, perturbaram-se. Quer dizer que, realmente, vinha vindo pela frente algo decisivo, uma vez que, para sancionar essa decisão, exigiam-se preparações desse tipo? Essa pergunta produzia um aperto de aflição nos corações. Pensaram no começo que ele fosse atirar, mas, deram uma olhada ao pátio governamental, onde ficava o equipamento canhoneiro habitualmente usado para abrir fogo contra os habitantes e viram que os canhões estavam sem carga. Depois cismaram que seria promovido um “confisco” em toda parte e começaram a se preparar para ele: esconderam livros, cartas, fragmentos de documentos, dinheiro e até ícones – em resumo, tudo que pudesse ser visto como algum tipo de “verificação”.

– Quem é que sabe qual é a crença dele? – murmuravam entre si os tolenses. – E se ele for um *farmazon*³³⁵?

E *ele* o tempo todo marchava em linha reta, com as mãos cruzadas às costas e não informava o seu segredo a ninguém.

No dia de São Pedro, todos comungaram, e muitos até pediram a extrema-unção na véspera. Quando todos começaram a entoar o canto da comunhão, na igreja explodiram soluços, “mais do que todos berraram o chefe e o dirigente, temendo por suas muitas propriedades”. Depois, na volta da comunhão, passando em frente ao governante, fizeram reverência e cumprimentaram-no; mas ele permaneceu ali parado e, com arrogância, nem mesmo fez um aceno com a cabeça a ninguém. O dia transcorreu em um silêncio inimaginável. As pessoas tentavam desjejuar, mas não conseguiam fazer nada passar pela garganta, e todos punham-se de novo a chorar. Entretanto, quando o governante passava por eles (nesse dia ele caminhou em marcha forçada), às pressas enxugavam as lágrimas e esforçavam-se para dar ao rosto uma expressão despreocupada e confiante. A esperança ainda não desaparecera de todo. Pensavam: os chefes vão ver a nossa inocência e vão perdoar...

Mas Bravium-Rabujeiv não via nada e não perdoava nada.

“Em 30 de junho”, relata o cronista, “um dia após as comemorações dos santos e apóstolos Pedro e Paulo, fizeram o primeiro ataque de demolição da cidade”. O governante, com o machado na mão, foi o primeiro a sair de casa e, como um iluminado, lançou-se à administração municipal. Os habitantes seguiram o seu exemplo. Divididos em destacamentos (para cada um, ainda na véspera, tinha sido indicado um policial e um espião), começaram logo a demolição, de uma só vez em todos os pontos.

³³⁵ N. da T.: Ver nota 131.

Ouviu-se o baque do machado e o ganido do serrote; o ar encheu-se de gritos dos trabalhadores e dos estrondos dos troncos; a poeira, numa nuvem densa, pairava sobre a cidade e obscurecia a luz do sol. Todos estavam presentes, sem exceção; os adultos e os fortes derrubavam e quebravam; os pequenos e os fracos amontoavam o lixo e levavam-no até o rio. De sol a sol, as pessoas perseguiram o objetivo de arrasar as próprias moradias, enquanto à noite abrigavam-se em barracas montadas no pasto, para onde tinham sido levados os seus bens. Eles próprios não compreendiam o que faziam e nem se perguntavam se aquilo estava realmente acontecendo. Tinham consciência apenas de uma coisa: chegara o fim e atrás deles, por toda, toda parte, seguia aquele olhar de incompreensão do idiota ranzinza. De passagem, como em um sonho, vinham à lembrança de alguns moradores exemplos da história, principalmente da época da governança de Verrugóvkin, que lançou soldadinhos de chumbo sobre a cidade e, certa vez, em um minuto de bravura enlouquecida, deu-lhes o comando: “Pra cima!” Daquela vez, entretanto, de qualquer modo havia uma guerra, enquanto agora... sem nenhum motivo... em meio à mais profunda paz terrestre...

Bravium-Rabujeiv, com passos cadenciados, caminhava pela devastação, e em seus lábios brincava aquele mesmo sorriso, que iluminara o seu rosto no momento em que ele, num impulso de amor ao governante, cortara fora o o dedo indicador da mão direita. Estava satisfeito e até sonhava. Em pensamento ia já além da simples destruição. Distribuía os moradores de acordo com a altura e a compleição física; separava os maridos de suas esposas oficiais e unia-os a estranhas; reformulava as famílias, distribuindo as crianças entre elas de acordo com a condição de cada lar; nomeava comandantes de pelotão e de outras divisões; elegia espiões etc. Metade do juramento feito às autoridades já estava cumprido. Todos de prontidão, todos atarefados, tudo pronto para emergir com todas as armas; restavam detalhes, mas também eles tinham sido previstos e decididos há muito tempo. Um doce êxtase percorria todo o ser do velhaco ranzinza e levava-o longe, longe.

No arrebatamento do orgulho, ele fixava os olhos no céu, olhava o astro das alturas, e esse espetáculo costumava levá-lo à perplexidade.

– Para quê? – murmurava ele muito baixinho e ficava pensando longamente e imaginando coisas.

O que exatamente?

Depois de um mês e meio ou dois, não restava mais pedra sobre pedra. Entretanto, à medida que o trabalho de devastação aproximava-se da margem do rio, a

fronte de Bravium-Rabujeiv ensombrecia. Desmoronou a última casa, a mais próxima do rio; pela última vez retiniu o golpe do machado, mas o rio não sossegava. Como antes, corria, respirava, rumorejava e serpenteava; como antes, uma de suas margens era escarpada, enquanto a outra apresentava-se como uma baixada de várzea, coberta de água em grande extensão na época da primavera. O delírio continuava.

Enormes montes de lixo, estrume e palha já tinham sido depositados nas margens e esperavam só o delírio para desaparecer nas profundezas do rio. O idiota carrancudo vagava entre os amontoados e contava-os, como se tivesse receio de que alguém se apropriasse do valioso material. De tempos em tempos, seguro de si, murmurava:

– Vou domá-lo! Eu vou domá-lo!

E eis que chegou o minuto ardentemente desejado. Numa bela manhã, ele convocou os guarda-barreiras, levou-os à margem do rio, mediu o espaço com passadas, apontou com os olhos o curso do rio e pronunciou com voz clara:

– Daqui para lá!

Por mais que estivessem embrutecidos, também os habitantes ficaram tocados. Até aquele momento tinham arrasado apenas obras de mãos humanas, agora chegara a hora de algo perene, que não fora criado pelo homem. Muitos escancararam a boca para exprimir descontentamento, mas ele nem notou essa hesitação e apenas pareceu surpreso: por que protelavam o negócio?

– Empurrem! – ordenou ele aos guarda-fronteiras, alçando os olhos à população ondeante.

A luta com a natureza experimentava o seu início.

A massa, que destruía as próprias casas com secretos suspiros, também com secretos suspiros fervilhava na água. Parecia que as forças trabalhadoras de Tolóvia tinham se tornado inesgotáveis e que, quanto mais se manifestava o descaramento de suas pretensões, mais expansível se tornava a soma dos instrumentos a cargo de sua exploração.

Muitos foram os de fora que arrasaram Tolóvia; uns por brincadeira, outros em um momento de tristeza, arrebatamento ou animação; mas Bravium-Rabujeiv foi o primeiro a planejar seriamente a destruição de Tolóvia. De sol a sol, havia um fervilhar de gente na água, metendo estacas no leito do rio e entulhando com lixo e estrume a cavidade que parecia sem fundo. Mas o elemento cego rompia e destroçava, brincando, os trastes carregados à custa de esforços sobre-humanos e, a cada vez, mais e mais

profundamente abria o próprio leito. Lascas, estrume, palha, lixo – tudo era levado pela corredeira para um lugar distante, e Bravium-Rabujeiv, com uma surpresa que beirava o pavor, acompanhava com olhos “de incompreensão” esse desaparecimento quase mágico de suas esperanças e intenções.

Finalmente, esgotaram-se as forças de todos, e as pessoas começaram a adoecer. Impassível, Bravium-Rabujeiv ouvia diariamente os relatos dos capatazes sobre o número de trabalhadores que deixava as fileiras e, sem mover nem um músculo, comandava:

– Empurrem!

Apareceram novos grupos de trabalhadores que, como broto de pteridófitas³³⁶, surgiam misteriosamente e, sem demora, desapareciam no turbilhão do sorvedouro. Finalmente, trouxeram também o dirigente, único que na cidade inteira se considerava dispensado dos trabalhos, e começaram a empurrá-lo na direção do rio. O dirigente, no entanto, não foi de vez, mas começou a protestar e a invocar certos direitos.

– Empurrem! – comandou Bravium-Rabujeiv.

A multidão gargalhou. Viram que o dirigente, enrubescendo de vergonha, arregaçava as calças, então animaram-se e redobram os esforços.

Aqui, porém, encontraram nova dificuldade: os amontoados de lixo minguavam à vista de todos, de modo que logo não havia mais o que jogar no rio. Puseram-se a cuidar do último amontoado, em que Bravium-Rabujeiv depositava todas as suas esperanças. O rio hesitou, alvoroçou o fundo, mas, um instante depois, começou a correr mais animado do que antes.

Uma vez, porém, a sorte sorriu ao governante. Tendo reunido os últimos esforços e esgotado toda a reserva de lixo, os moradores passaram aos materiais de construção e, de uma só vez, empurraram para o rio um amontoado inteiro deles. Depois, multidões ululantes lançaram-se à água e puseram-se a levar o material para o fundo. O rio, com todo o seu volume de água, arquejou diante desse novo obstáculo e, de repente, retorceu-se no mesmo lugar. Soou um estalido, um silvo e um enorme borbulhar, como se milhões de répteis misteriosos, de uma só vez, soltassem um chiado no lodaçal das águas. Em seguida, tudo caiu no silêncio; por um minuto o rio parou e começou a transbordar aos pouquinhos na direção da várzea.

³³⁶ N. da T.: *Папоротник* [paporotnik], feto (design. comum a todas as pteridófitas da classe das filicópsidas; fêntão, fento, fêvão, feito), samambaia. As pteridófitas desenvolvem-se sem produzir sementes.

No final da tarde, o transbordamento era tão enorme que não se viam mais os seus limites, e ainda assim a água continuava a subir, a subir. De algum ponto, ouviu-se um ronco; parecia que longe desmoronavam aldeias inteiras e de lá soavam berros, gemidos e maldições. Pela água desciam feixes de feno, troncos, jangadas, restos de isbás e, ao atingirem a represa, com estalos chocavam-se uns com os outros, afundavam, de novo vinham à tona e perdiam-se no monte, em um mesmo lugar. De certo Bravium-Rabujeiv não previra nada disso, mas, olhando a enorme massa de água, desanuviava-se a tal ponto que até adquiria o dom da palavra e começava a se gabar.

– Assim eles verão³³⁷! – disse ele, pensando em seguir o tom de Foti-Araktchéiev³³⁸, dominante na época, mas, depois, lembrando-se de que não passava de um velhaco, dirigiu-se aos guarda-fronteiras e ordenou que expulsassem os popes da cidade:

– Expulsem!

Não há nada mais perigoso do que a imaginação de um velhaco, ao qual ninguém põe freio e que não é ameaçado pela ideia constante da ameaça de castigos corporais. Uma vez despertada, ela sacode qualquer jugo da realidade e começa a desenhar ao seu proprietário os empreendimentos mais grandiosos. Apagar o sol, perfurar um buraco na terra através do qual seja possível observar o que se faz no inferno – eis os únicos objetivos que um autêntico velhaco considera dignos de seus esforços. A cabeça dele assemelha-se a um deserto selvagem, e, em todos os seus recantos, erguem-se obras da mais caprichosa demonologia. Tudo isso se confunde, zumbe, ulula e, agitando suas asas invisíveis, precipita-se na direção de um infinito escuro e sem alvorecer.

Isso também aconteceu com Bravium-Rabujeiv. Nem bem tinha visto a massa de água e, em sua cabeça, já se fortalecia a ideia de ter um mar particular. E, uma vez que por causa dessa ideia ninguém o ameaçara com a chibata, ele começou a desenvolvê-la mais e mais. Se há mar, então há também uma frota: em primeiro lugar, é claro, militar, depois comercial. A frota militar tem a tarefa de bombardear; a comercial, de transportar cargas valiosas. Entretanto, uma vez que Tolóvia tem abundância de tudo e

³³⁷ N. da T.: *Тако да видят людие* [tako da vidiat liudie]. *Тако* [tako], o mesmo que *так* [tak], assim; termo literário e arcaico, de uso religioso. *Да* [da], partícula enfática. *Людие* [liudie], o mesmo que *люди* [liudi], pessoas; do eslavo antigo, é encontrado hoje em textos e orações da igreja ortodoxa.

³³⁸ N. da V. E.: Os nomes de Alekséi Andréievitch Araktchéiev (1769-1834) e do arximandrita Fotii Spasskii (1792-1838) são sempre lembrados em conjunto, como correligionários de Alexandre I. As prédicas e cartas acusatórias de Fotii distinguem-se pela combinação de esclavismos de estilo elevado e citações da Escritura Sagrada com xingamentos e pregações intermináveis.

não consome mais nada a não ser varas e medidas administrativas, e os outros países, ou seja, o povoado Subnutrido, a aldeia Passa Fome etc. são verdadeiramente famintos e, além disso, extremamente gulosos, é natural que a balança comercial fique sempre a favor de Tolóvia. Há enorme abundância de moeda sonante, que, no entanto, os tolenses desprezam e jogam no estrume, enquanto, no estrume, às escondidas, os judeus desenterram-nas e utilizam-nas para obter concessões de estradas de ferro.

Mas que nada! Todos esses sonhos desmoronaram já na manhã seguinte. Por mais zelosamente que os tolenses tivessem socado com os pés a represa recém-criada, por mais que tivessem protegido a integridade dela no decorrer de toda a noite, a traição conseguira se infiltrar em suas fileiras.³³⁹

Assim que abriu os olhos, Bravium-Rabujeiv foi logo admirar a obra de sua genialidade, mas, ao se aproximar do rio, petrificou-se. Acontecera um novo delírio. As várzeas estavam descobertas; os restos da represa monumental boiavam desordenadamente corrente abaixo, enquanto o rio rumorejava e corria dentro das margens, igualzinho ao dia anterior.

Bravium-Rabujeiv calou-se por algum tempo. Com estranha curiosidade, ficou observando como uma onda seguia a outra, primeiro uma, depois outra, e mais uma, e mais uma... E todas corriam não se sabe para onde e em algum lugar, provavelmente, desapareciam...

De repente, soltou um mugido agudo e, num ímpeto, deu meia-volta.

– Direita, volver! Sigam-me! – ouviu-se o comando.

Tomara uma decisão. Já que o rio não queria ir embora, ele abandonaria o rio. O lugar onde se localizava a antiga Tolóvia deixara-o farto. Ali os elementos não obedeciam; barrancos e ribanceiras, a cada passo, atrapalhavam a corrida impetuosa; ali, bem à vista, aconteciam magias não mencionadas nem nos regulamentos nem em disposições anexas emitidas pelas autoridades. Fazia-se necessário debandar!

A passos rápidos, foi se afastando da cidade e, atrás dele, de cabeça baixa e mal conseguindo acompanhá-lo, seguiam os habitantes. Finalmente, no final da tarde, chegaram. Diante de seus olhos, estendia-se uma baixada inteiramente plana, em cuja

³³⁹ N. da E.: “Em vez de se enfiar na poeira dos arquivos”, escreveu Saltykov-Schedrin em *Sátiras em prosa*, “em vez de afligir o próprio intelecto com observações de fenômenos da vida, o historiador e o etnógrafo devem apenas olhar a superfície plana de nosso glorioso rio, e todo tipo de cortina, ainda que a mais grossa, de imediato cairá diante de seus olhos. Tolóvia e o seu rio são irmãos gêmeos, em cuja inseparabilidade mútua há algo de tocante, de enternecedor” (*Obras completas*, 1969, t. 3, p. 482). Em *História de uma cidade*, o escritor também mostra o caráter indissolúvel das “traições” dos tolenses e da “revolta” tolense.

superfície não se notava nem um único morrinho, nem uma cavidade. Não importava a direção em que se olhasse – por toda parte superfícies planas, como uma toalha estendida, pela qual se pode marchar infinitamente. Esse também era um delírio, mas um delírio igualzinho àquele que se aninhara em sua mente...

– Aqui! – gritou ele com voz uniforme e surda.

Construíram a nova cidade no novo local, mas, ao mesmo tempo, junto com ela, rastejava-se pela terra algo para o qual, naquela época, ainda não havia sido inventado um nome e que apenas posteriormente tornou-se conhecido pela denominação bastante específica de “paixões nocivas” e “elementos suspeitos”. Aliás, também não seria correto pressupor que esse “algo” aparecia agora pela primeira vez; não, na verdade ele já tinha história...

Ainda na época de Verrugóvkin, o cronista menciona um certo Ionka Kózyr, que, após prolongadas peregrinações por mares quentes e costas maravilhosas, voltou para a cidade natal e trouxe consigo um livro, de redação própria, intitulado: “Cartas a um amigo sobre o estabelecimento da virtude na terra”. E já que a biografia desse Ionka é material valioso para a história do liberalismo russo, o leitor, é claro, não ficará desgostoso se a contarmos aqui com alguns detalhes.

O pope Ionka, Semion Kózyr³⁴⁰, era um simples lixeiro, que, aproveitando-se dos períodos de revoltas, acumulara significativa fortuna. No curto tempo da anarquia (veja “A saga das seis governantes”), quando no decorrer de sete dias seis governantes arrancaram uma da outra o leme do governo, ele, com esperteza impressionante para um tolense, transferiu-se de um partido a outro e, aliás, apagou as próprias pegadas com tanta habilidade que o poder constituído nem por um minuto duvidava de que Kózyr tinha sido sempre o seu melhor e mais sólido sustentáculo. Valendo-se dessa cegueira, primeiro abasteceu o exército de Iraídka, depois de Klementinka, de Amalka e de Nelka e, finalmente, alimentou Dunka-balofa e Matrionka-venta com petiscos do campo. Por tudo isso, recebeu um pagamento a preço de mercado, estabelecido por ele próprio, e, uma vez que para Malka, Nelka e as outras o tempo estava quente e não sobrava nem um minuto para contar o dinheiro, então os acertos terminavam assim: ele metia a mão no saco e afanava aos punhados.

³⁴⁰ N. da E.: No dicionário Dal, “kózyr” é um “homem desenvolto, despachado, corajoso; jovem, espertalhão”. (*Толковый словарь живого великорусского языка* [Dicionário da língua russa viva], t. 2, Moscou, 1955, p. 133).

Nem o assessor do governante, nem o intrépido oficial superior – ninguém sabia nada a respeito das intrigas de Kózyr, de modo que, quando Galántov, o verdadeiro governante, chegou a Tolóvia e teve início o desmonte daquela “confusão tolense disparatada e digna de riso”, a respeito de Semion Kózyr não apenas não foi encontrado nem um mínimo sinal de culpa, como, ao contrário, descobriu-se que esse “cidadão digníssimo tinha se dedicado verdadeiramente a esmagar de pronto a revolução”.

Galántov gostou logo de Semion Kózyr por muitos motivos. Em primeiro lugar, porque a esposa de Kózyr, Anna, assava os mais magníficos pastelões; em segundo lugar, porque Semion, simpático aos feitos ilustrados do governante, abriu em Tolóvia uma fábrica de cerveja e sacrificou cem rublos para a fundação de uma academia na cidade; em terceiro lugar, finalmente, pelo fato de que Kózyr não apenas não se esquecia de Simeão, o Justo³⁴¹, nem de Glikéria de Nóvgorod³⁴² (santos do dia de nascimento do governante e de sua esposa), mas até celebrava-os duas vezes no ano.

Por muito tempo foi lembrado o decreto com que Galántov anunciou aos habitantes a abertura da cervejaria e esclareceu sobre os danos da vodca e os benefícios da cerveja. “A vodca”, dizia no decreto, “não tão só não instila o temperamento alegre, como muitos supõem, mas, se bastante consumida, até amove do estado mencionado e engendra atração pelo suicídio. Já a cerveja podemos beber à vontade e sem nenhum receio, pois ela não incute pensamentos pesarosos, mas tão só ideias boas e alegres. Por conseguinte, aconselhamos e ordenamos: beber vodca apenas antes do almoço e ainda assim um cálice pequeno; no restante do tempo, não há perigo em beber cerveja, que atualmente jorra, em quantidade extremamente magnífica e por preços não muito altos, das fábricas da primeira corporação do comerciante Semion Kózyr.” Para Kózyr, as consequências desse decreto foram inumeráveis. Em pouco tempo, ele progrediu tanto que começou até a pensar que Tolóvia estava pequena para os seus negócios: “eu, Kózyr, estou precisando viajar em breve a Petersburgo e lá me apresentar à sociedade”.

Durante a governança de Ferdýschenko, Kózyr teve ainda mais sorte graças à influência da esposa de cocheiro Alionka, que acontecia ser sua prima. No começo de 1766, ele previu que haveria fome e começou a estocar grãos com antecedência. Incitou Ferdýschenko a colocar policiais em todas as barreiras a fim de parar as carroças de cereais e tocá-las diretamente para o pátio do revendedor. Lá Kózyr informava que

³⁴¹ N. da T.: Na Rússia, comemora-se o dia de São Simeão em 03 de fevereiro.

³⁴² N. da T.: Na Rússia, comemora-se o dia de Santa Glikéria em 13 de maio e 22 de outubro.

pagava pelos grãos segundo a “taixa³⁴³” e, quando surgia alguma dúvida entre os vendedores, entregava os desorientados à unidade policial.

Mas essa riqueza fabulosa, assim como veio, se evaporou. Em primeiro lugar, Kózyr não se entendeu com a mulher de infante Domachka, que ocupara o lugar de Alionka. Em segundo lugar, nas visitas a Petersburgo, começou a se gabar; chamava o príncipe Orlov³⁴⁴ de Gricha³⁴⁵, disse a Mamonov³⁴⁶ e a Ermolov³⁴⁷ que ambos tinham inteligência curta, que ele, Kózyr “muito lhes ensinava a respeito da política nacional, mas eles pouco compreendiam”.

Em uma linda manhã, sem mais nem menos, Ferdýschenko mandou chamar Kózyr e teve com ele a seguinte conversa:

– É verdade – disse ele – que você, Semion, chamou de Gricha o príncipe Grigorii Grigórievitch Orlov, o mais brilhante do Império Romano, e ao andar pelas tavernas, quando encontrava qualquer pessoa de bom título, fazia-se passar por colega dela?

Kózyr titubeou.

– E disso tenho testemunhas – continuou Ferdýschenko, num tom que não permitia duvidar de que ele sabia realmente do que estava falando.

Kózyr empalideceu.

– Mas eu, por benevolência, perdoo esse seu comportamento ordinário! – retomou Ferdýschenko. – Porém os bens que você roubou, esses bens eu, brigadeiro, transfiro para mim mesmo. Vá embora e reze a Deus.

E assim fez: no mesmo dia o brigadeiro transferiu para si os bens móveis e os bens imóveis de Kózyr, presenteando, entretanto, o culpado com uma cabana na periferia da cidade, para que ele tivesse onde cuidar da alma e se alimentar.

Doente, exasperado, esquecido por todos, Kózyr viveu sua vida e no crepúsculo de seus dias, de repente, sentiu uma onda de “paixões nocivas” e “elementos suspeitos”. Começou a profetizar que a propriedade é um sonho, que apenas os pobres e os jejuadores entrarão no reino dos céus, enquanto os ricos e os farristas lamberão frigideiras encandescentes e arderão em breu. Além disso, dirigindo-se a Ferdýschenko

³⁴³ N. da T.: *Такция* [taksia], corruptela de *такса* [taksa], taxa (cotação).

³⁴⁴ N. da V. E.: G. G. Orlov (1734-1783), um dos participantes mais ativos do movimento que levou Catarina II ao trono em 1762.

³⁴⁵ N. da T.: Hiporístico de Grigorii.

³⁴⁶ N. da V. E.: A. M. Dmitriev-Mamonov (1758-1803), conde e general, protegido de Catarina II.

³⁴⁷ N. da V. E.: A. P. Ermolov (1754-1836), general, protegido de Catarina II.

(naquela época o costume era simples: roubavam, mas ouviam a verdade com benevolência), acrescentava:

– E você, cortejador de demônios, fará um banquete de brasas no inferno, com o seu irmão satanás, enquanto eu, Semion, nessa hora, estarei repousando no seio de Abraão.

Tal foi o primeiro demagogo tolense.

Ióna Kózyr não estava em Tolóvia no momento em que o seu pai foi atingido pela terrível catástrofe. Na sua volta para casa, todos esperavam que a conduta de Ferdýschenko o levasse, no mínimo, à indignação; mas ele recebeu a má notícia com tranquilidade, sem expressar nem mágoa, nem surpresa. Tinha uma natureza bastante desenvolvida, mas inteiramente sonhadora, que tratava com boa indiferença fatos já acontecidos e preenchia essa indiferença com grande dose de utopismo. Na cabeça dele perpassava um paraíso, em que viviam pessoas virtuosas, que faziam coisas virtuosas e atingiam resultados virtuosos. Mas tudo isso, de fato, apenas perpassava, não se arranjava em formas definidas e não ia além de aforismos simples e bastante imprecisos. Até o livro “Sobre o estabelecimento da virtude na terra” não era senão uma coletânea de semelhantes aforismos, que não indicavam utilizações práticas, nem tinham esse objetivo. Iona gostava de se ter na conta de virtuoso, mas, é claro, seria ainda mais agradável se também os outros se considerassem virtuosos. Essa era uma exigência de sua natureza branda e sonhadora; para ele, isso impunha também a necessidade de propaganda. A convivência de virtuosos com virtuosos, a ausência de inveja, amarguras e preocupações, a conversa mansa, o silêncio, a moderação – eis os ideais que ele professava, sem nada saber a respeito de meios para concretizá-los.

Apesar de sua imprecisão, o ensinamento de Kózyr conquistou tantos prosélitos em Tolóvia, que o governante Verrugóvkin julgou não ser demais cuidar desse assunto. De início, exigiu que lhe trouxessem o livro “Sobre o estabelecimento da virtude na terra” e examinou-o; depois exigiu que lhe trouxessem para exame o próprio autor.

– Li o seu livro, Ionkina – disse ele, – e senti até enjoo de tanta malfeitoria escrita ali.

Ionka parecia admirado. Verrugóvkin continuou:

– Você cismou em fazer de todas as pessoas virtuosos, mas esqueceu que a virtude vem não de você, mas de Deus, e a Deus também cabe indicar a cada um o lugar correto.

Ionka admirava-se cada vez mais e mais com esse ataque e esperava, nem tanto com pavor, mas com curiosidade, a que conclusões chegaria Verrugóvkin.

– Se há no mundo caluniadores, meliantes, malfeitores e fascínoras (sobre o que até em decretos publica-se insistentemente) – continuou o governante, – então porque você, Ionka, inventou de meter na cabeça que eles não existem? E quem deu a você esse poder de afastar todas essas pessoas de seu papel natural e de incluí-las, juntamente com as pessoas virtuosas, nesse lugar digno de riso, que você chama com petulância de “paraíso”?

Ionka escancarou a boca para dar algumas explicações, mas Verrugóvkin o interrompeu.

– Espere. E se, “no paraíso”, todas as pessoas passarem o tempo todo em cânticos e danças, então, Ionkina, quem é que você acha que vai arar a terra? E depois de arar, semear? E depois de semear, ceifar? E, depois de recolhidos os frutos, com eles satisfazer e alimentar os nobres e as outras pessoas tituladas?

De novo Ionka escancarou a boca e de novo Verrugóvkin conteve o seu impulso.

– Espere. E por todos esses seus discursos vergonhosos, levei a questão a um tribunal sumário e julgaram o seguinte: pegar e rasgar o seu livro, depois pisoteá-lo (ao falar isso, Verrugóvkin o rasgou e pisoteou); com você, como quem corrompe os bons costumes, depois de expor à vexação preliminar, proceder do modo que a mim, governante, melhor parecer.

Assim, com Iona Kózyr teve início o martirológio do liberalismo tolense.

Essa conversa aconteceu pela manhã, em um feriado; ao meio dia, levaram Ionka para a feira e, a fim de deixar a sua aparência ainda mais asquerosa, vestiram-lhe um *sarafan*³⁴⁸ (uma vez que, entre os seguidores do ensinamento de Kózyr, havia muitas mulheres), e em seu peito penduraram uma tabuinha com a inscrição: *mulherengo e adúltero*. Para completar, os guardas de quarteirão convidaram as pessoas do comércio a cuspir no criminoso, e assim foi feito. À noite não havia mais Ionka.

Tal foi o *début* do liberalismo russo. Entretanto, apesar do fracasso, “as paixões nocivas” não morreram, mas sim formaram uma tradição, transmitida sucessivamente de geração a geração, durante todos os governos seguintes. Infelizmente, os cronistas não previram a terrível disseminação desse mal no futuro e, por isso, não dedicaram a devida atenção as fatos que aconteciam à sua vista e incluíram-nos em seus caderninhos

³⁴⁸ N. da T.: Ver nota 225.

com lamentável brevidade. Assim, por exemplo, na época de Patiféiv, menciona-se o filho de um nobre, Ivachka Farafontiev, acorrentado por ter pronunciado palavras blasfematórias, sendo que essas palavras consistiam no seguinte: “dizem aí que no inferno todas as pessoas têm igual precisão, então quem come muito, dizem, que divida com quem come pouco”. “Preso e acorrentado, morreu Ivachka”, acrescenta o cronista. Outro exemplo aconteceu na época de Mikaládze, que, embora fosse ele próprio um liberal, pela exaltação de sua natureza, assim como pela novidade da coisa, nem sempre conseguia evitar um puxão de orelha. Na época em que dirigiu a cidade, trinta e três filósofos foram varridos da face da terra porque “diziam coisas fora de propósito: alimento a quem trabalha; quem não trabalha que coma os frutos do seu ócio”³⁴⁹. O terceiro exemplo é da época de Benevólenski, quando foi “abatido com discursos interrogatórios” o filho da nobreza Aliocha Bespiatov, por ter, em reprimenda ao governante, que gostava de se ocupar da legislatura, afirmado: “ruins, dizem, são aquelas leis que precisam ser escritas; já as boas leis, inclusive não redigidas, encontram-se escritas naturalmente em cada um e não são obra do homem”. E também ele “nos discursos interrogatórios morreu de medo e de dor”. Depois de Bespiatov, o martirológio liberal interrompeu-se por algum tempo. Espinha e Ivanóv eram tolos; du Chariot também era tolo e, além disso, ele próprio foi contagiado pelo liberalismo. Tristílov, na primeira metade de sua governança, não apenas não obstaculizou como até patrocinou o liberalismo, porque o confundia com a atitude libertina, para a qual tinha invencível inclinação. Só posteriormente, quando o beato Paramocha e a *iuródvaia*³⁵⁰ Akssíniuchka tomaram as rédeas do governo, o martirológio liberal retomou o seu curso, na pessoa do professor de caligrafia Linkin, cuja doutrina, como se sabe, consistia em que “todos nós, seja homem, seja gado, somos todos iguais; todos morreremos e todos iremos para o quinto dos infernos”. Junto com Linkin, por pouco não deram um passo em falso os dois filósofos mais famosos daquela época, Funitch e Merzitskii³⁵¹; estes porém recuperaram o bom senso a tempo e, junto com Tristílov, puseram-se a presenciar os “encantamentos” (veja “O culto a Manon e o arrependimento”). A reviravolta de Tristílov deu ao liberalismo uma nova direção, que

³⁴⁹ N. da E.: Afirmação amplamente divulgada pelos partidários do “socialismo utópico” e, em parte, por Charles Fourier. Em seu fundamento, remonta à Primeira Epístola de São Paulo aos Tessalonicenses: “Quando estávamos entre vós, já vos demos esta regra: quem não quer trabalhar também não há de comer” (BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalem**. Tradução (2ª aos Tessalonicenses) de Gilberto da Silva Gorgulho. São Paulo: Paulus, 2002, p. 2068.)

³⁵⁰ N. da T.: Ver nota 228.

³⁵¹ N. da E.: Menção a dois funcionários importantes no sistema de “ilustração do povo” de Alexandre I, que se esforçavam para submeter inteiramente a ciência à religião.

se pode chamar de centrípeta-centrífuga-falsa-insensata. Todavia isso ainda era liberalismo, mas, de qualquer modo, nem ele podia ter êxito ou então chegara a época em que não se precisava mais de liberalismo. Não se precisava mais dele em nenhuma forma e em nenhum tipo, nem mesmo na forma de absurdos, nem mesmo na forma de encantamento da autoridade.

Encantar a autoridade! O que significa encantar a autoridade? Significa oferecer um encantamento que, ao mesmo tempo, permita e possibilite o *não*-encantamento! E daí à revolução – é um passo!

Ao assumir o seu posto, o governante Bravium-Rabujeiv pôs definitivamente um fim ao liberalismo em Tolóvia³⁵², e por isso o martirológio não foi retomado. “Estando altamente sobrecarregados de exercícios corporais”, escreve o cronista, “os tolenses, de fadiga, não queriam nem pensar em mais nada, a não ser no endireitamento do próprio corpanzil arqueado pelos trabalhos”. E assim continuou durante todo o tempo em que Bravium-Rabujeiv arruinou a cidade antiga e lutou com o rio. Porém, à medida que a cidade nova ia ficando pronta, os exercícios corporais iam se reduzindo, e junto com o repouso, de debaixo das cinzas, surgiu a chama da traição...

Acontece que, logo depois da construção da cidade, houve uma série completa de comemorações. Em primeiro lugar, foi designado um feriado para celebrar a mudança do nome da cidade de Tolóvia para Rigidisk; em segundo, veio um feriado para lembrar a vitória alcançada pelos ex-governantes contra os habitantes; e em terceiro, por causa da entrada do outono, chegou naturalmente o feriado “dos poderes constituídos”. Embora, de acordo com o projeto inicial de Bravium-Rabujeiv, os feriados devessem se distinguir dos dias úteis somente pelo fato de que neles, em vez de trabalhar, os moradores eram obrigados a se ocupar de uma marcha forçada, dessa vez o meticuloso governante falhou. A caminhada insone em linha reta a tal ponto arruinou os seus nervos de ferro, que, quando sossegou o último golpe de machado, ele mal

³⁵² N. da E.: Ao contar no romance a história do “liberalismo” tolense, o escritor sublinha a sua trágica impotência, a sua limitação a um mundo de idéias e concepções humanitárias abstratas, visivelmente mostradas no exemplo do livro de Iona Kozyr “Sobre o estabelecimento da virtude na terra”, e também o declarado pavor por parte dos administradores de Tolóvia, que compreendiam o perigo político da simples colocação da questão do estabelecimento na terra de algum tipo de “paraíso” geral; não por acaso, mais tarde, no conto maravilhoso “A carpa idealista”, à pergunta do lúcio “hoje em dia como são chamados esses discursos?”, o peixe dourado, sem mais reflexões, respondeu: “sicialismo, vossa excelência!”. Além disso, na história do liberalismo tolense, o autor faz menções mais veladas à atividade dos russos ilustrados do final do século XVIII, dos membros do grupo de Petrachievski (“trinta e três filósofos”) e, no texto publicado na revista “Anais da Pátria” e na primeira edição em separado, também aos decabristas (“jovens tolenses”).

conseguiu gritar “basta!” e, no mesmo instante, despencou no chão, pondo-se a roncar, antes mesmo de dispor sobre a designação de novos espiões.

Os tolenses, estafados, injuriados, humilhados, após longo intervalo, suspiraram livremente pela primeira vez. Olharam então um para o outro e, de repente, sentiram vergonha. Não compreendiam o que exatamente havia acontecido ao redor deles, mas sentiam que o ar estava repleto de indecência e que era impossível continuar respirando esse ar. Será que eles tinham uma história? Será que, nessa história, teria havido algum momento em que eles podiam ter manifestado alguma independência? Não conseguiam se lembrar de nada. Lembravam-se somente de que houvera entre eles Urus-Kuguch-Kildibaevs, Patiféivs, Verrugóvkins e, para completar a vergonha, esse terrível, esse inglório velhaco! E tudo isso sufocava, atormentava, estraçalhava a dentadas – em nome de que? O peito enchia-se de sangue, a respiração ficava suspensa, o rosto contorcia-se convulsivamente de fúria diante da lembrança daquele inglório idiota, que, de machado em punho, viera não se sabe de onde e, com inconfessável atrevimento, proferira a sentença mortal ao passado, ao presente e ao futuro...

Ele, porém, enquanto isso, jazia ali deitado, imóvel, sob o sol, roncando pesadamente. Agora estava à vista de todos, qualquer um podia observá-lo à vontade e convencer-se de que era um verdadeiro idiota – e nada mais.

Quando ele destruía tudo, lutava com os elementos, impunha-se a ferro e fogo, ainda podia parecer que encarnava algo enorme, uma força que a tudo pune, que independentemente de seu conteúdo pode impressionar a imaginação; mas agora, no chão, tombado e prostrado, sem pressionar ninguém, coberto de despudor, deixava claro que aquela coisa “enorme”, que a tudo pune, não passava de uma idiotice que não via fronteiras.

Por mais que as mentes estivessem aterrorizadas, a necessidade de libertar a alma da obrigação de examinar o significado oculto da expressão “filho de uma galinha” era tão forte, que mudava até o próprio modo de ver Bravium-Rabujeiv. Esse já era um grande passo à frente na questão do êxito dos “elementos suspeitos”. O velhaco despertou, mas o olhar dele já não provocava a mesma impressão. Causava irritação, mas não assustava. A convicção de que esse não era um malfeitor, mas um simples idiota, que marcha o tempo todo em linha reta e não vê nada do que acontece ao redor, adquiria mais e mais fundamento a cada dia. E isso provocava ainda mais irritação. O pensamento de que a marcha era permanente e de que no idiota encerrava-se alguma força entorpecedora da razão tornava-se insuportável. Ninguém propunha a ideia de que

o idiota pudesse sossegar ou converter-se a melhores sentimentos e que, diante de tal reviravolta, a vida pudesse se tornar possível e até, quem sabe, tranquila. Não apenas a tranquilidade, mas inclusive a felicidade, parecia ofensiva e humilhante diante desse velhaco, que, sozinho, arrasara uma massa inteira de seres pensantes.

“Ele” traria alguma felicidade! “Ele” diria: eu os destruí e sufoquei, mas agora permitirei que sejam felizes! E eles ouviriam esse discurso com indiferença! Eles fariam uso da permissão e seriam felizes! Que vergonha!!...

Enquanto isso, Bravium-Rabujeiv só marchava e todo o tempo olhava para frente, longe de suspeitar que, sob o seu próprio nariz, fervilhavam paixões nocivas, e os elementos novos emergiam à superfície e por pouco ainda não se mostravam. A exemplo de todos os organizadores e curadores benevolentes, ele via apenas uma coisa: que a ideia, há tanto tempo amadurecida em sua cabeça dura, finalmente se concretizara, que ele realmente dominava a linha reta e podia marchar por ela à vontade. Se, além disso, havia nessa linha algo vivo e se esse algo “vivo” sentia, pensava, alegrava-se, sofria, se seria capaz, no final, de se transformar de “confiável” em “desconfiável” – para ele, nada disso nem entrava em questão...

A irritação crescia ainda mais porque os tolenses, de qualquer modo, eram obrigados a cumprir todas as intrincadas formalidades introduzidas por Bravium-Rabujeiv. Limpar-se, apurar-se, passar por todas as praças, fazer formação em quadrado, dirigir-se ao trabalho etc. Todo minuto parecia adequado para se libertar, mas também todo minuto parecia prematuro. Aconteciam constantes assembleias à noite; aqui e ali irrompiam casos isolados de quebra da disciplina; mas tudo isso era tão desirmanado, que, no final das contas, pelo mais lento processo, podia despertar suspeita até em um idiota inveterado como Bravium-Rabujeiv.

E então ele começou a suspeitar de algo. Impressionava-o o silêncio durante o dia e o rumor durante a noite. Ele percebia que, mal caía o crepúsculo, algumas sombras vagavam pela cidade e escondiam-se não se sabe onde e, assim que raiava o dia, essas mesmas sombras de novo surgiam na cidade e dispersavam-se pelas casas. Alguns dias em seguida, repetiu-se esse fenômeno, e toda vez ele tinha ímpetos de sair correndo de casa para investigar pessoalmente o motivo do rebuliço noturno, mas um pavor supersticioso o continha. Como verdadeiro velhaco, temia demônios e bruxas.

Mas eis que, certa vez, apareceu em todas as unidades residenciais uma ordem, informando sobre a designação de espiões. Essa foi a gota d'água no copo já cheio...

Aqui, porém, devo confessar que os caderninhos, em que se encerravam os detalhes desse assunto, perderam-se não se sabe onde. Por isso, sou obrigado a me limitar apenas a transmitir o desenlace da história, e isso graças ao fato de que a folhinha, onde ela foi escrita, por acaso permaneceu intacta.

“Uma semana depois” (depois de que?), escreve o cronista, “um espetáculo surpreendeu os tolenses. O norte começou a escurecer e cobriu-se de nuvens; dessas nuvens, algo se alastrou sobre a cidade: nem bem uma pancada de chuva, nem bem uma tromba d’água. Repleto de fúria, esse algo foi se alastrando, perfurando a terra, retumbando, uivando e gemendo e, de tempos em tempos, vomitando de si uns sons surdos, como grasnidos. Embora esse algo ainda não estivesse próximo, a atmosfera da cidade começou a oscilar, os sinos, por si só, começaram a badalar, as árvores se eriçaram, os animais enlouqueceram e vagavam pelo campo sem conseguir encontrar o caminho para a cidade. Esse algo se aproximava e, à medida que se aproximava, o tempo deixava de correr. Finalmente a terra estremeceu, o sol perdeu o brilho... os tolenses prosternaram-se. Um terror inconfessável aflorou em cada rosto, tomou cada coração.

O algo estava chegando...

Nesse minuto célebre, Bravium-Rabujeiv voltou o corpo inteiro na direção da multidão petrificada e pronunciou em voz clara:

– Virá...

Porém, não conseguiu terminar de falar, pois se ouviu um estrondo e o ex-velhaco desapareceu de súbito, como se tivesse desmanchado no ar.

A história interrompeu o seu curso.”

FIM

Documentos comprobatórios

I. Reflexões sobre a unanimidade de pensamento dos governantes, assim como sobre a unanimidade de ação dos governantes etc.^{353 354}

*Redigido pelo governante de Tolóvia Vassilisk Verrugóvkin*³⁵⁵

Necessário é que entre os governantes reine a unanimidade de pensamento.³⁵⁶ Que eles, por assim dizer, sobre toda a face da terra falem pelos mesmos lábios. À nocividade da pluralidade de pensamento entre os governantes refiro-me sucintamente. Quais são os direitos e obrigações dos governantes? – Os direitos são: que os malfeitores tremam e que os restantes obedeçam. As obrigações são: que se empreguem medidas de docilidade, mas sem perder de vista as medidas de severidade. Acima de tudo, incentivar as ciências. Nesses sucintos traços, resume-se a breve, mas não leve, ciência da governança. Ponderemos sucintamente: o que disso pode resultar?

“Que os malfeitores tremam” – Excelente! Mas quem são esses malfeitores? Evidentemente a pluralidade de pensamento a respeito desse objeto pode levar a uma enorme balbúrdia de ações. O malfeitor pode ser um ladrão, mas esse, por assim dizer, é um facínora de terceira categoria; de malfeitor chama-se o assassino, mas esse é um malfeitor apenas de segunda categoria; finalmente malfeitor pode ser um livre-pensador – esse sim é o verdadeiro malfeitor e, ademais, inveterado e impenitente. Dessas três categorias de malfeitores, todos devem tremer, é claro, mas será que em igual medida? Não, não em igual medida. O ladrão deve tremer menos do que o assassino; já o

³⁵³ N. da E.: Publicado pela primeira vez em 12 de janeiro de 1869, nos “Anais da Pátria”, n. 1, p. 314-318.

³⁵⁴ N. da E.: Esse tema tinha sido desenvolvido por Schedrin já no romance *Os pompadours*, como “compêndio de administração” do velho Pompadour, no capítulo “O velho gato em repouso” (1868).

³⁵⁵ Esta obra consiste em um caderno infantil in-quarto; ler o manuscrito é muito difícil, pois a sua grafia é puramente bárbara. Por exemplo, a palavra “tchtob” [para que] é escrita “chtob” e até “chtop” [trata-se aqui de escrever como se pronuncia, sem respeitar as normas ortográficas]; a palavra “kogda” se escreve “kakhda” [trata-se aqui de uma pronúncia regional e “inculta” da letra *z* (gue)] etc. Mas é isso que torna o manuscrito precioso, pois prova que ele saiu, indiscutível e diretamente, da pena de um administrador compenetrado e nem foi submetido à apreciação de seu secretário. Isso prova também que, nos tempos antigos, exigiam dos governantes nem tanto uma grafia brilhante, quanto compenetração e inclinação natural para exercícios filosóficos. *O editor*

³⁵⁶ N. da E.: “O projeto de introduzir a unanimidade de pensamento na Rússia”, que indiscutivelmente influenciou as “Reflexões” de Verrugovkin, foi publicado em 1863 no “Contemporâneo” por um “administrador” famoso – Kozmá Prutkóv. [Na tradução de *Notas de inverno sobre impressões de verão*, Boris Schnaiderman esclarece que Kozmá Prutkóv é o pseudônimo coletivo dos escritores A. K. Tolstói e irmãos A. M. e V. M. Jemtchújnikov, que publicaram, nas décadas de 1850 e 1860, versos, fábulas, paródias e outros escritos de cunho satírico.]

assassino, menos do que o livre-pensador intente. Este último deve ter sempre diante de si o olhar penetrante do governante e por causa disso tremer sem cessar. Agora se permitirmos a pluralidade de pensamento entre os governantes no que diz respeito a essa matéria, então fica evidente que muito acontecerá às avessas; por exemplo: intementes tremerão moderadamente, enquanto ladrões e assassinos, a todo minuto e demais. E desse modo aniquilar-se-á a saudável economia administrativa e arruinar-se-á a grandiosa boa disposição administrativa!

Mas sigamos adiante. Foi supracitado: “que os restantes obedeçam”; mas quem são esses “restantes”? Evidentemente aqui se subentende os habitantes em geral; entretanto, ainda nessa denominação geral, é preciso distinguir: em primeiro lugar, os distintos nobres; em segundo lugar, os respeitáveis comerciantes; em terceiro lugar, os lavradores e a plebe restante. Embora seja indiscutível que cada um desses três tipos de habitantes deve obedecer, não se pode negar ainda o fato de que a cada um deles se permite uma maneira particular e específica. Por exemplo, o nobre obedece com distinção e, de passagem, apresenta um motivo; o comerciante obedece com prontidão e oferta pão e sal; finalmente, a plebe obedece com simplicidade e, sentindo-se culpada, arrepende-se e pede perdão. O que acontecerá se o governante não penetrar nessas nuances e preferencialmente conceder à plebe o direito de apresentar motivos? É temeroso dizer isso, mas receio que, nesse caso, a pluralidade de pensamento dos governantes pode ter consequências não apenas danosas, mas também dificilmente remediáveis!

Contam o seguinte. Um governante atarefado entrou em um bar e pediu um cálice de vodca; tendo recebido o que desejava juntamente com uma moeda de cobre de troco, engoliu a moeda e despejou a vodca no bolso. Acredito piamente nessa história, pois, dado o atarefamento do governante, confusões nefastas similares podem muito bem acontecer. Mas, diante disso, não posso deixar de dizer: eis porque os governantes devem ser cuidadosos na observação de suas próprias ações!

Sigamos ainda mais adiante. Lembrei anteriormente que os governantes, além de direitos, têm também obrigações. “Obrigações!” – oh, quão amarga é essa palavra para muitos governantes! Mas, entretanto, não sejamos precipitados, queridos senhores colegas meus! Reflitamos com maturidade e talvez possamos ver que, quando empregadas com bom senso, até as substâncias mais amargas podem facilmente se tornar doces! As obrigações da governança, como já foi dito, consistem na utilização de medidas de docilidade, sem menosprezo porém das medidas de severidade. Em que se

traduzem as medidas de docilidade? Essas medidas traduzem-se, de preferência, em saudações e votos. Os habitantes, e em especial a plebe, são excelentes apreciadores dessa prática; mas, nesses casos, é imprescindível que o governador esteja de uniforme e mantenha uma fisionomia aberta e olhar benévolo. Não é demais também que, no seu rosto, brinque um sorriso. A mim mais de uma vez aconteceu aparecer diante de multidões de habitantes com esse aspecto triunfal e, quando eu exclamava em voz alta e agradável: “Salve, rapaziada!”, posso garantir, honestamente, que se encontraria poucos daqueles que não teriam concordado em, diante do meu primeiro sinal de saudação, lançar-se às águas e morrer afogado apenas para granjear minha benevolente simpatia. É claro que eu nunca exigia uma coisa dessas, mas reconheço que aquela prontidão observada em todos os rostos sempre me alegrava. Essas são as medidas de docilidade. No que se refere às medidas de severidade, essas são conhecidas de todos, inclusive daqueles que não estiveram na escola de cadetes. Portanto não me estenderei a respeito delas, mas passarei diretamente à descrição das formas de aplicação de umas e de outras providências.

Antes de mais nada observo que o governante nunca deve agir de outro modo a não ser por intermédio de providências. Qualquer ação sua não é uma ação, mas uma providência. O ar receptivo e o olhar benévolo também são medidas de política interna, assim como os castigos corporais. O habitante *sempre* é culpado de alguma coisa, e, por isso, faz-se necessário agir *sempre* sobre a sua vontade degradada. Nesse sentido, a primeira medida de atuação deve ser de docilidade. Pois, se o governante, ao sair de casa, começar logo a abrir fogo, alcançara somente o seguinte resultado: após abrir fogo contra todos os habitantes, assim como o velho Mario³⁵⁷, quedará sozinho em meio aos escombros com o seu ajudante de ordens. Dessa forma, depois de tomar a primeira medida de docilidade, o governante deve observar zelosamente se ela deu um fruto condigno; quando se convencer de que deu, poderá voltar para casa; entretanto, se vir que não houve fruto, será obrigado a tomar medidas subsequentes sem a menor demora. A primeira medida nesse sentido deve ser uma expressão austera, em função da qual os habitantes caíam imediatamente de joelhos. Além disso: a fala deve ficar entrecortada; o olhar deve prometer disposições ulteriores; o andar deve ser irregular, um tanto convulsivo. Mas, se ainda assim a multidão continuar obstinada, far-se-á necessário: acorrer num ímpeto, arrancar da multidão um ou dois sob acusação de incitadores e,

³⁵⁷ N. da T.: Caio Mario, general romano (~ 157-86 a.C.).

afastando-se um pouco dos rebelados, sem demora proferir a sentença. Se isso ainda não for suficiente, far-se-á necessário: apartar da multidão um de cada dez e, depois de reconhecer que são todos provocadores, dar-lhes sentenças como as dos primeiros. Em grande parte, essas iniciativas (principalmente se tomadas no momento certo e de imediato) costumam ser suficientes; entretanto, também pode acontecer de outro modo, em que a multidão, enrijecida na própria brutalidade, estagna-se na fúria. Então se fará necessário abrir fogo.

Eis portanto a variedade de iniciativas existente, e eis a sabedoria que deve ser empregada na captação de todas as suas nuances. Agora imaginemos: o que poderia acontecer se, relativamente a essa matéria, houvesse nefasta pluralidade de pensamento entre os governantes? Pois vejam só: em uma cidade, o governante ficaria satisfeito com sentenças prudentes; em outra, vizinha, um outro governante, diante das mesmas circunstâncias, já abriria fogo. E, como entre nós a conversa corre solta, essa ausência de unanimidade de pensamento poderia gerar plausível perplexidade e até pluralidade de pensamento entre os próprios habitantes. É claro que os habitantes devem estar sempre prontos a suportar todo tipo de providência, mas ainda assim não estão privados do direito de recebê-las gradualmente. Em último caso, eles podem até exigir que, em primeiro lugar, haja sentenças e apenas depois abram fogo. Pois, como já disse uma vez, se o governante abrir fogo sem cálculos, então, com o tempo, ele não terá a quem dar sentenças... E, desse modo, de novo aniquilar-se-á a saudável economia administrativa e arruinar-se-á a grandiosa boa disposição administrativa!

E eu ainda disse: o governante é obrigado a difundir as ciências. Assim é. Mas, também dessa vez, é imprescindível dar-se conta do seguinte: que ciências? Há diversas ciências; algumas tratam da adubação dos campos, da construção de moradia para homens e animais, da bravura militar e da invencível firmeza – essas são úteis; outras, ao contrário, tratam do danoso livre-pensamento *farmaçon*³⁵⁸ e jacobino, de algumas concepções e direitos, dizem eles, naturais do ser humano e chegam a abordar até a organização do mundo – essas são danosas. O que acontecerá se um governante começar a difundir aquelas primeiras ciências e o outro, as outras? Em primeiro lugar, este último será entregue ao tribunal e, por conseguinte, perderá os direitos da aposentadoria; em segundo, também para os próprios habitantes, decorrerá disso não um proveito, mas um dano. Pois, encontrando-se em algum lugar da fronteira, o habitante

³⁵⁸ Ver nota 128.

de uma cidade vai lançar uma interrogação sobre a adubação dos campos, enquanto o habitante da outra cidade, sem atender o interrogante, vai responder sobre a organização natural do mundo. E, dessa forma, conversando entre si, entrarão em divergência.

Consequentemente, a necessidade e a utilidade da unanimidade de pensamento entre os governantes ficam evidentes. Tendo desenvolvido essa matéria na devida totalidade, passamos à discussão dos meios de sua efetivação.

Para isso, proponho brevemente:

1) Criar um instituto especial para educação de governantes. Os governantes, condenados a uma vida especial, devem receber uma educação também especial. Convém aos governantes desmamarem-se da mãe e alimentarem-se não com o leite materno comum, mas com o leite dos decretos do senado governamental e das prescrições das autoridades. Esse é o verdadeiro leite do governante e, alimentando-se assim, ele ficará firme na unanimidade de pensamento e passará a manter a sua governança de modo cioso e severo. Por conseguinte: dar-se o alimento restante com moderação, abster-se incondicionalmente do consumo de vinho, no aspecto moral, a cada hora incutir que a cobrança de atrasados é obrigação e dever primordiais do governante. Para satisfação da imaginação permitir a pintura. Das ciências, ensinar três: a) aritmética, como recurso necessário à cobrança de atrasados; b) a ciência sobre a necessidade de limpar o estrume das ruas; c) a ciência sobre o gradualismo das iniciativas. Nos momentos de recreação, ocupar-se da leitura de prescrições governamentais e de anedotas da vida de administradores valorosos. Seguindo esse sistema, pode-se dizer de antemão: a) que os governantes serão fortes e b) que eles não tremerão.

2) Publicar orientações condignas. Isso é necessário tendo em vista a eliminação de algumas torpes fraquezas. Embora alimentado do austero leite destinado a governantes, constitui-se o governante como ser humano e, portanto, possui algumas necessidades naturais. Uma dessas necessidades – primeiríssima – é o atraente sexo feminino. É impossível explicar satisfatoriamente até que ponto ela é premente e quantos danos são causados por ela ao tesouro público. Há governantes dominados a cada minuto por desejos ardentes e, encontrando-se nesse estado digno de pena, deixam as resoluções de dirigente municipal meses inteiros sem ratificação. Faz-se necessário que as orientações recém-mencionadas protejam os governantes de tal nefasta necessidade e conservem os seus leitos conjugais na devida ordem. A segunda fraqueza extremamente nefasta é o apego dos governantes à mesa requintada e aos bons vinhos.

Há governantes que se empaturram a tal ponto com acipênses a eles enviados por comerciantes que, em pouco tempo, arredondam-se e tornam-se extremamente indiferentes às prescrições das autoridades. Faz-se necessário, também nesse caso, iluminar os governantes com artigos administrativos e, em casos extremos, até ameaçar com o austero leite da governança. Finalmente, a mais torpe das fraq... (Aqui o manuscrito interrompe-se por algumas linhas, pois o autor, querendo salpicar o escrito com areia, despejou nele tinta por engano. Ao lado, está inscrito: “neste local despejou-se tinta por engano”.)

3) Providenciar, de tempos em tempos, congressos secretos de governantes em cidades da província. Em tais congressos, ocupá-los com a leitura de orientações de governança e refrescar-lhes na memória as ciências governamentais. Exortá-los a serem firmes e não caírem em contemplação.

E 4) Introduzir um sistema unificado de premiação de governantes. Essa matéria, porém, é tão ampla que pretendo discorrer sobre ela em particular.

Desse modo, confirmada como questão central, a unanimidade de pensamento dos governantes conduzirá, inevitavelmente, à unanimidade geral de pensamento. Todos os habitantes, convencidos de que os governantes: a) dão ordens segundo uma unanimidade de pensamento e b) abrem fogo também segundo uma unanimidade de pensamento, com igual unanimidade vão se preparar para acatar essas providências. Não terão pois como escapar dessa unanimidade. Não haverá portanto nem discórdia nem dissensão, mas sim disposições e canhoneio por toda parte.

Para concluir, direi algumas palavras sobre a unanimidade de ação dos governantes etc. Essa também é necessária, pois sem a unanimidade de ação dos governantes torna-se impossível a unanimidade de pensamento dos governantes. No entanto, a esse respeito, há opiniões diversas. Alguns dizem, por exemplo, que a unanimidade de ação dos governantes consiste em submeter os elementos. Um governante disse-me pessoalmente: que tipo de governante somos nós, irmão! No meu governo, o sol todos os dias levanta-se no leste, e eu não posso dispor que ele se levante no oeste! Embora essas palavras tenham sido ditas por um governante autenticamente instruído, não posso elogiá-las. Pois se faz necessário desejar apenas aquilo cuja concretização é possível; se formos desejar o inatingível, como, por exemplo, a domesticação dos elementos, a interrupção do correr do tempo e similares, então, com isso, o poder do governante não só não aumenta, como particularmente se confunde. Por tudo isso, da unanimidade de ação dos governantes convém tratar não do ponto de vista

do nascer do sol ou de outros elementos danosos, mas do ponto de vista dos assessores, conselheiros e secretários das diversas repartições, instituições e tribunais. Na minha opinião, todos esses indivíduos são em essência danosos, pois ao administrador, em sua, por assim dizer, incessante corrida administrativa, só colocam obstáculos...

Aqui interrompemos essa notável dissertação. Adiante seguem-se apenas breves observações, do tipo: “experimento da pena”, “popezinho tolo”, “relatório”, “relatório”, “relatório” e assim por diante.

II. Sobre a aparência decente de todos os governantes

*Redigido pelo governante príncipe Ksavieri Gueórguevitch Mikaládze*³⁵⁹

É necessário que o governante tenha aparência decente. Que não seja nem obeso nem parco, que não tenha altura nem enorme nem baixa demais, que guarde a proporcionalidade entre todas as partes do corpo e que possua um rosto limpo, não afeado nem por verrugas nem (Deus nos livre!) por bexigas. Nele os olhos devem ser cinzentos, capazes de, segundo as circunstâncias, expressar tanto misericórdia quanto frieza. Nariz condigno. E, além disso, um uniforme.

A obesidade excessiva assim como a parcimônia excessiva podem ter, igualmente, desagradáveis consequências. Conheci um governante que, embora dominasse muito bem as leis, não obteve êxito porque, em função da grande quantidade de gordura acumulada em suas entranhas, morreu sufocado. Conheci um outro governante, extremamente descarnado, que também não obteve êxito porque, mal apareceu na cidade, logo de cara foi apelidado pelos habitantes de “vaca descarnada do faraó”³⁶⁰ e, depois disso, nenhuma de suas disposições conseguiu ter força ativa. Por outro lado, o governante que não é nem parco nem obeso, ainda que não seja muito

³⁵⁹ Esse manuscrito ocupa algumas paginazinhas in-quarto; embora a sua grafia seja bastante correta, para fazer-lhe justiça, é preciso dizer que o autor escreveu em papel pautado. *O editor*.

³⁶⁰ N. da E.: Referência à Bíblia, Gn 41,1-6: “Dois anos depois sucedeu que o Faraó teve um sonho: ele estava de pé junto ao Nilo e viu subir do Nilo sete vacas de bela aparência e bem cevadas, que pastavam nos juncos. E eis que atrás delas subiram do Nilo outras sete vacas, de aparência feia e mal alimentadas, e se alinharam ao lado das primeiras, na margem do Nilo. E as vacas de aparência feia e mal alimentadas devoraram as sete vacas bem cevadas e belas de aparência. Então o Faraó acordou.” (BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalem**. Tradução (2ª aos Tessalonicenses) de Gilberto da Silva Gorgulho. São Paulo: Paulus, 2002, p. 87).

Então o Faraó mandou chamar José, que lhe decifrou o sonho, explicando que haveria sete anos de fome.

versado em leis, sempre obtém êxito. Isso porque é bem disposto, leve, ligeiro e está sempre de prontidão.

Aquilo que foi dito antes sobre a obesidade e a parcimônia serve também para a altura do governante. A altura exata deve ser de seis a oito *verchoks*.³⁶¹ São impressionantes os exemplos de não cumprimento dessa regra, coisa à primeira vista insignificante. Eu pessoalmente conheço três. Em uma das províncias da região de Privoljski, o governante tinha altura de três *archins* e mais um pouco, e o que aconteceu? Chegou à cidade um inspetor geral de pouca altura, indignou-se, cavou intrigas e conseguiu fazer com que o tal, aliás um homem honrado, fosse parar diante do juiz. Em outra província, um governante tão alto quanto esse teve uma solitária de tamanho extraordinário. Finalmente, o terceiro governante era tão pequeno que não conseguia suportar as leis mais longas e finou de excesso de esforço. Desse modo, todos os três sofreram por causa da altura desregrada.

Guardar a proporcionalidade das partes do corpo também não é de pouca importância, pois a harmonia consiste em lei primordial da natureza. Muitos governantes são dotados de braços longos, e, por isso, com o tempo, abandonam as próprias obrigações; muitos se distinguem pelo desenvolvimento preferencial das extremidades inferiores ou então por sua monstruosa curteza, e, por causa disso, parecem engraçados ou hediondos. Faz-se necessário escapar disso a todo custo, pois nada solapa mais o poder do que horrorosidades proeminentes ou notadas por todos.

Um rosto limpo ornamenta não apenas governantes, mas também qualquer ser humano. Além disso, presta numerosos serviços, dos quais o primeiro é a confiança que inspira. Pele lisa, sem mimalhice; aspecto destemido, sem insolência; fisionomia aberta, sem descaramento – tudo isso encanta as autoridades, principalmente quando o governante fica de pé, avançando o corpo, como se desse uma arremetida. Nesse caso, uma barbinha, por mínima que seja, pode arruinar a harmonia e dar ao governante aspecto insolente demais. O segundo serviço prestado pelo rosto limpo é o amor dos subordinados. Quando o rosto está limpo e, além disso, iluminado por abluções, a pele torna-se tão brilhante que é capaz de refletir os raios solares. Para os subordinados, essa aparência costuma ser extremamente agradável.

³⁶¹ N. da E.: O *verchok* é igual à 1/16 do *archin*, ou seja, 4,4 cm. Quando a altura de uma pessoa é dada apenas em *verchoks*, então se pressupõe um valor inicial de dois *archins*. Desse modo, segundo Mikaládze, a altura “ideal” de um governante seria aproximadamente 1,70 a 1,77 m.

O governante deve ter voz clara e de longo alcance; deve lembrar que os pulmões governamentais são feitos para dar ordens. Conheci um governante que, preparando-se para assumir a sua função, colocava-se de propósito à beira do mar e de lá gritava com toda força. Posteriormente, conseguiu pacificar onze rebeliões das grandes, vinte e nove revoltas de tamanho médio e mais de meia centena de pequenos mal-entendidos. E tudo isso apenas com ajuda da voz de longo alcance.

Agora a respeito do uniforme. Livre-pensadores, é claro, podem pressupor (por conta própria, aliás) que aos olhos das leis naturais tanto faz se cobre as autoridades uma *podióvka*³⁶² de cocheiro ou um casaco de carteiro, mas aos olhos de pessoas experientes e sérias, essa matéria sempre terá prioridade especial diante de todas as outras. Por que é assim? Isso porque, senhor livre-pensador, no cumprimento das obrigações governamentais, o uniforme antecede o homem e não o contrário. Com isso não quero dizer, é claro, que o uniforme pode agir e dispor sem a participação do homem contido nele, mas parece que podemos afirmar ousadamente que, em um uniforme magnífico, até governantes pouco encorpados, também esses podem ser tolerantes em seu ofício. Por conseguinte, reconhecendo que todos os uniformes existentes hoje em dia pouco satisfazem esse importante objetivo, eu consideraria imprescindível formar uma comissão especial sobre esse tema, incumbida de fazer o esboço do uniforme governamental. De minha parte, avanço a possibilidade de sugerir o seguinte: um colete de brocado prateado, atrás penas de avestruz, na frente uma cota de malha de chapa de ouro; calças também de brocado e, na cabeça, um elmo de ouro fundido, coroadado com penas. Provavelmente, encontrando-se nesse aspecto, cada governante, no mais breve tempo, colocará ordem em todos os negócios.

Todo o recém-mencionado sobre a boa aparência dos governantes ganha ainda maior significado quando nos lembramos com que frequência eles são obrigados a manter relações secretas com o sexo feminino. Todos sabem da utilidade disso e, no entanto, esse tema está longe de ser esgotado. Se eu disser que, por meio do sexo feminino, um administrador experiente pode, a qualquer momento, conhecer todos os movimentos importantes de seus subordinados, então só isso já é suficiente para provar quão importante é esse método administrativo. Mais de um diplomata conseguiu descobrir, por esse meio, planos e intenções de inimigos e assim torná-los imprestáveis; mais de um chefe militar, com a ajuda desse método, venceu batalhas ou recorreu à

³⁶² N. da T.: Ver nota 196.

retirada no momento oportuno. Eu mesmo, de minha parte, tendo experimentado esse recurso na prática, posso testemunhar que, não longe desses nossos dias, graças ao meio mencionado, descobri ações covardes de um capitão-*isprávník*³⁶³ que, em consequência disso, foi por mim demitido da função.

Adiante não parece excessivo dizer ainda que, ao encantar o frágil sexo feminino, o governante deve buscar um local afastado e de modo algum deixar que essas suas ações caíam vítima da transparência ou da oralidade. Em local afastado e agradável, sob o disfarce de carinhos ou maneiras jocosas, pode-se saber muito daquilo que até a um investigador desembaraçado nem sempre fica disponível. Assim, por exemplo, se a referida mulher for esposa de um cientista, pode-se descobrir quais são as concepções do marido sobre a criação do mundo, os poderes constituídos etc. Em geral, uma consequência útil dessas revelações costuma ser o fato de que o governante, em pouco tempo, adquire reputação de vidente...

Tendo descrito o acima disposto, sinto que cumpro o meu dever conscienciosamente. Os elementos da natureza do governante são tão numerosos que, é claro, uma única pessoa seria incapaz de abraçá-los. Por isso, não me vanglorio de ter abraçado e explicado tudo. Mas que alguns tratem da severidade do governante; outros, da unidade de pensamento do governante; terceiros, da onipresença do governante; eu, por minha vez, contei o que sei sobre a boa aparência do governante e consolo-me com o seguinte:

Que aqui, de meu, há pelo menos uma gota de mel...

III. Estatuto sobre o bom coração do dirigente

Redigido pelo governante Benevólenki

1. Que todo governante tenha coração.
2. Que lembre o dirigente que, só com a severidade, ainda que cem vezes profunda, não se pode nem aplacar a fome das pessoas, nem tapar a sua nudez.
3. Que todo dirigente ouça todos os habitantes que vierem procurá-lo; já aquele que, sem ter ouvido nada, começar a gritar ou então a bater – este gritará e baterá em vão.

³⁶³ N. da T.: Ver nota 136.

4. Que todo dirigente, ao ver um habitante cuidando de seus próprios negócios, deixe-o com a sua tarefa sem estorvá-lo.
5. Que todos tenham consciência de que, se o habitante peca temporariamente, pode ser que ele ainda consiga empreender ações úteis.
6. Por isso: se algum dos habitantes pecar, não entregá-lo de pronto ao açoitamento, mas observar, com atenção, se não se estende também a ele a ação e a proteção das leis russas.
7. Que lembre o dirigente que a glória do Império Russo ornamenta-se e os bens do tesouro multiplicam-se não de outra maneira, senão por meio do habitante.
8. Por isso: ao sentenciar, expulsar ou arruinar de algum outro modo os habitantes, faz-se necessário agir com cuidado, para que o Império Russo não se reduza por conta dessas expulsões e disso não decorra prejuízo ao tesouro.
9. Se acontecer de o habitante não fazer oferendas, investigar pacificamente qual é o motivo de tal não oferecimento; se forem descobertas razões de pobreza, perdoar; se for descoberta insatisfação ou resistência, lembrar e insistir até que ele se corrija.
10. Que todo habitante trabalhe; tendo trabalhado, que experimente o descanso. Por isso: não pegar pelo colarinho nem prender na cela provisória aquele que estiver passeando ou andando pela rua.
11. Criar boas leis, agradáveis à natureza humana; não publicar leis antinaturais, inarticuladas e de difícil aplicação.
12. Em passeios e reuniões do povo, não espancar as pessoas; ao contrário, conservar no rosto um sorriso benévolo para não assustar os que se divertem.
13. Não restringir ninguém em termos de comida e bebida.
14. Introduzir a ilustração de maneira moderada, evitando, se possível, derramamento de sangue.
15. No restante, proceder à vontade.

SEGUNDA PARTE

Dilemas da tradução

Historia de uma cidade é um mosaico de relatos sobre episódios da vida da cidade-personagem desde a sua origem, quando ainda não havia organização política e tribos nômades batiam-se em guerras intempestivas, até o ano de 1825, em que, afirma o editor, “a atividade literária deixou de ser acessível inclusive a arquivistas”. Por essa afirmação inicial, feita já no primeiro capítulo e alusiva ao período repressivo do czar Nicolau I, e por numerosos comentários e referências posteriores, este romance é considerado uma sátira à história da Rússia e uma reflexão sobre os principais problemas da nação na segunda metade do século XIX.

A publicação do romance aconteceu inicialmente em capítulos, na revista científico-literária e política *Anais da Pátria*³⁶⁴, cujo papel, no censurado mundo das ideias da Rússia do século XIX, ao lado de outras revistas e jornais, era essencial para a discussão de temas políticos. Só mais tarde, na primeira edição em livro, o romance adquiriu o formato conhecido hoje e apresentado aqui: quinze capítulos independentes, porém interligados.

História de uma cidade foi traduzida para várias outras línguas, inclusive para o inglês, francês, alemão e italiano, e há abundância de materiais sobre ela. No Brasil, esta é a primeira tradução do romance e, ao todo, foram publicados aqui apenas dois contos de Saltykov-Schedrin: “Um mujique alimenta dois funcionários públicos”³⁶⁵, em tradução de Maria Julieta e Carlos Drummond de Andrade e “Dois pequenos mujiques”

³⁶⁴ *Отечественные записки* [Otetchiéstvennyie zapiski].

³⁶⁵ Publicado na Rússia pela primeira vez em 1869, o conto tem uma atmosfera cômico-satírica e critica a ignorância e inabilidade da classe dos funcionários públicos, representada por dois arquivistas de uma repartição que, depois de aposentados, acordam certo dia em uma ilha deserta. Como nada tinham aprendido na vida, a não ser cuidar de arquivos, começam a passar fome, embora a ilha esteja repleta de frutas, peixes e aves. Eles se surpreendem, inclusive, com o fato de os alimentos não existirem na natureza do modo como eram-lhes servidos à mesa.

Diz um deles:

“– O alimento do homem, na sua forma original, voa, nada ou cresce no alto das árvores. Quem poderia imaginar isso, Excelência?

– Para falar a verdade – disse o outro funcionário – devo admitir que sempre imaginei que o nosso cardápio aparecesse no mundo exatamente como chega à mesa.

– Devemos concluir que, para comer um faisão, primeiro temos de pegá-lo, depois matá-lo, tirar-lhe as penas, e assá-lo. Mas como fazer essas coisas?

– Sim, como fazê-las? – repetiu o outro funcionário.” (p. 104)

Quando já não sabiam mais o que fazer, os funcionários resolveram procurar um mujique, homem simples, do campo, que pudesse preparar as suas refeições. E assim foram salvos por um mujique colossal, que no final da história, recebe, como gratificação, uma garrafa de uísque e dois copeques, acompanhados das seguintes palavras: “Agora, mujique, divirta-se!”

(ver nota 252), em tradução de Rubem Braga, em *O livro de ouro dos contos russos*, com coordenação e apresentação também de Rubem Braga. No primeiro, indicam o nome do autor (Mikhail Evgráfovitch Saltykov) e, no segundo, o seu pseudônimo (Nikolai Schedrin); embora não haja indicação do título original, supõe-se que as duas traduções sejam indiretas, talvez do francês.

Ao contrário do que se poderia imaginar como justificativa para a tradução indireta de obras da literatura russa em décadas passadas, na apresentação, Rubem Braga reclama não da falta de tradutores, mas de originais. “Minha primeira idéia foi apresentar todos os contos traduzidos diretamente do russo. Arranjar tradutores não era tarefa difícil, mas havia um obstáculo intransponível: a falta da grande maioria dos textos. É este o motivo pelo qual quase todos os contos são traduzidos do francês e do inglês.” Nas notas biográficas dessa edição, registrou-se: “No Brasil ainda não foi traduzido nenhum livro de Schedrin. Os dois contos incluídos nesta antologia revelam a técnica e o espírito do escritor, os traços patéticos e, também, os toques de sarcasmo que são muito da sua arte de narrar e pintar.”

A respeito de *História de uma cidade*, há menção no ensaio “Visão de Graciliano Ramos” de Otto Maria Carpeaux:

O satírico malicioso deste movimento é outro russo, que me ocorre, Saltykov-Chtchedrine, também partidário da imobilidade conservadora, contra os experimentos liberais dos czares de então, e que a todos pareceu um revolucionário, menos à censura, à qual ele sabia enganar pela sua mestria singular de estilista. Saltykov escreveu uma maravilhosa História da Rússia romanceada, começando com a chamada, pelo povo russo, dos três irmãos Ruriks, fundadores da dinastia, para “sistematizar e codificar a desordem e a violência”. À boa maneira das epopéias, os irmãos sonham, na noite anterior à coroação, a futura história russa, e o sonho é tão terrível que dois dos irmãos logo se suicidam. Ao terceiro, porém, diz o povo: “Que te importam as mentiras que os nossos descendentes vão aprender na escola?” E ele funda o Império russo, “o maior império da história, maior que Roma; pois em Roma brilhava o paganismo, e entre nós brilha do mesmo modo o cristianismo, em Roma raiava a plebe, e entre nós as autoridades.” Assim, tudo ficava bem. Até que, um dia, um tzar teve a idéia desgraçada de reformar o Estado e a civilização. Fundou uma Academia de Letras e promulgou uma legislação em

virtude da qual “foi proibido cozer pão de cimento ou argamassa”. O povo agradecido povoou a cidade de monumentos dos seus príncipes, na esperança de fazer parar, petrificar, assim, as atividades deles. Mas, pelos benefícios do governo, os homens transformaram-se em lobos famintos; como numa fábula de Saltykov, o Pobre lobo, o monstro que não é maligno mas que não pode viver sem carne e que, por isso, deve matar, e invoca a morte salvadora para as vítimas e para si mesmo.

Pode ser que as diferenças de enredo identificadas na comparação do comentário de Otto Maria Carpeaux em relação ao texto do romance apresentado nesta tradução (por exemplo, o episódio do sonho dos irmãos Riurik) derivem da variedade de versões produzidas por Saltykov-Schedrin. Nos comentários da edição de 1969, usada aqui, há referências ao procedimento do escritor de, após um parecer desfavorável da censura, alterar os textos e reapresentá-los para publicação. Fala-se, a propósito, do rebaixamento de patentes, recurso que consistia em diminuir a qualificação dos personagens de modo a evitar a sua identificação com a classe governante.

Por causa da censura e também por questões puramente literárias, Schedrin reorganizou os capítulos, incluiu novos, deslocou antigos ainda para a primeira publicação em separado, em 1870. Embora hoje os textos publicados na URSS sejam sempre considerados com certo cuidado, tendo em vista possíveis distorções ideológicas, baseamos esta tradução na edição de 1969 porque, no caso de Saltykov-Schedrin, deve-se aos soviéticos a cuidadosa recuperação de primeiras versões intocadas pela censura e manuscritos corrigidos com intenção de furar o cerco da censura.

A tradução de um romance satírico, cômico, paródico, escrito há quase 150 anos é uma tarefa muito estimulante. Neste espaço privilegiado do trabalho acadêmico, contamos com o benefício de poder colocar em notas de rodapé todos os conteúdos que julgamos importantes para uma apreensão se não completa, pelo menos satisfatória, do original. Entretanto, é preciso lembrar que muitas lacunas de sentido não podem ser preenchidas nem pelos russos contemporâneos.

Nos primeiros capítulos, naturalmente, as notas são numerosas e exaustivas, enquanto, à medida que se avança no texto, elas vão diminuindo em quantidade e densidade. Em *História de uma cidade* isso ocorre também por causa da natureza de cada capítulo. Nos primeiros, são feitas mais alusões à história da Rússia e a

personalidades do século XIX; nos últimos a identificação realidade-ficção deixa de ser pontual e adquire um caráter amplo.

Nesse contexto, algumas questões específicas merecem explicitação, como, por exemplo, os nomes dos personagens e os topônimos. Inserem-se aqui as denominações jocosas dadas às tribos citadas no Capítulo 3. É, aliás, nesse capítulo que se colocam os principais problemas de tradução relacionados a esse aspecto. Em primeiro lugar, surge a questão: devemos traduzir ou simplesmente transliterar esses nomes? No romance, o significado dos topônimos e dos nomes dos personagens, em alguns casos, é importante para o entendimento da própria história e do seu aspecto satírico.

Alguns nomes geram comicidade por si só ou por sua relação com fatos históricos. Podemos começar pelo nome do povo que habitava inicialmente a região da cidade – *головотяны* [golovotiápy], bate-cabeças. Reproduzimos a mesma estrutura do substantivo composto original, o substantivo *голова* [golová], cabeça, e o verbo *тять* [tiápat], bater, golpear. Há uma diferença de registro, pois o verbo russo é de uso vulgar – em português, perdemos essa nuance. Em compensação, o conjunto *bate-cabeça*, permite resgatar sentidos importantes, pois o substantivo composto está dicionarizado em russo como uma palavra coloquial e depreciativa, que indica “aquele cujo comportamento é negligente ou atoleimado”, e, em português, *bater a cabeça* significa “dar cabeçada, agir impensadamente, desatinar”.

Os bate-cabeças, porém, logo mudam de nome. Em busca de ordem, saem à procura de um príncipe que aceite governá-los. Pois esse príncipe, depois de conversar com eles, conclui: “E como não foram capazes de viver livremente e escolheram, vocês próprios, *глупые* [glupye], a escravidão, daqui por diante vão-se chamar não mais bate-cabeças, mas *глуновец* [glúpoviets]”. E assim eles se intitulam quando retornam à terra natal, dando à sua cidade o nome de *Глунов* [glúpov].

Portanto o aspecto semântico surge aqui como elemento fundamental. Mas como traduzir *глупый*, *глуновец* e *Глунов*? Vejamos as soluções possíveis. O adjetivo *глупый* [glúpyi] tem duas acepções no dicionário russo Ójegov [ÓJEGOV, 1997, p. 133]: (1) com limitação das capacidades da inteligência, de compreensão limitada, inepto; (2) que não revela inteligência, privado de conteúdo racional, de objetividade”. Nessas acepções, opõe-se ao adjetivo *умный* [úmnyi], inteligente, e pode ser traduzido como *burro*; opõe-se aos adjetivos *толковый* [tolkovyi], sensato, e *сообразительный* [soobrazitelnyi], perspicaz, e pode ser traduzido como *tolo* ou *estúpido*. Ainda no Ójegov, nos exemplos dessa primeira acepção, temos *глупый человек* [glupyi

tcheloviek] – pessoa burra/estúpida/tola; *задать глупый вопрос* [zadat glupyi vopros] – fazer uma pergunta estúpida/tola; *глупая статья* [glupaia statia] – artigo estúpido/tolo; *глупое поведение* [glupoe povedenie] – comportamento estúpido/tolo.

Ainda no dicionário russo, o substantivo *глупость* [glupost] está assim definido: “comportamento estúpido [глупый], palavras estúpidas [глупый]; algo claramente irracional, inverídico”, com os exemplos: *Делать глупости* [delat gluposti] – fazer uma besteira/tolice; *Сказать глупость* [skazat glupost] – dizer uma besteira/tolice; *Имел глупость сделать что-н* [Imel glupost sdelat chto-n.] (comportou-se tolamente, imprudentemente) – Fez a besteira/bobagem de...; *Оденься, ты простудишься.* – *Глупость!* [Odensia, ty prostuditsia. – Glupost!] – Ponha um agasalho, senão vai pegar um resfriado. – Bobagem!

Por esses exemplos, percebemos o campo semântico e podemos apontar algumas soluções possíveis em português: tolo, estúpido, burro, bobo. Tendo considerado “tolo” como a melhor solução, acrescentamos o sufixo “ovia”, a exemplo de Moscóvia, antiga denominação de Moscou. No original, o sufixo “ov” é comum em nomes de cidades – Pskov, Tchernigov, Rostov, Saratov, Tambov, Kovrov, Serpukhov, Kharkov, Lvov.

Desperta interesse o fato de Saltykov-Schedrin ter usado *глупый* e não *дурак*. Há em russo a expressão *страна дураков* [strana durakov], país de bobos, e o personagem bobo das histórias folclóricas é *Иван Дурак/Дурачок* [Ivan Durak, Duratchok], correspondente, em português, ao João Bobo.

Em *O livro de ouro dos contos russos*, nas notas biográficas, *História de uma cidade* é citada como *A história do povo tonto*.³⁶⁶

Aqui a solução de traduzir os nomes, em vez de apenas transliterá-los parece a mais feliz, pois assim conseguimos recuperar algum ou todo o conteúdo semântico. Esse tema, da tradução dos nomes próprios de lugares e de pessoas, não é novo e tem sido discutido por autores e tradutores. A esse respeito, há um comentário muito esclarecedor do escritor Guimarães Rosa em carta ao tradutor alemão de *Grande sertão: veredas*:

Quanto aos nomes próprios de lugares, penso que deveria traduzir muitos deles, principalmente os inventados, os quais devem funcionar pela própria capacidade sugestiva. (São, em geral, os que comparecem já com o “acento” no significado.) O Amigo facilmente verá e sentirá

³⁶⁶ P. 17.

quais que lucraram com a tradução. Estes, por exemplo, acho: a Virgem-Mãe, a Virgem-da-Lage, as Veredas-Tortas, as Veredas-Altas, o Verde-Alecrim, a Vereda do Ouriço, a Coruja, o Morro do Cocoruto, o Pé-da-Pedra, a Vereda da Vaca Mansa de Santa Rita [...]

O mesmo, nas mesmas condições, penso “para os nomes próprios de pessoas” – em geral os comparsas de papel secundário – tais como, por exemplo: o Rasga-em-Baixo, o Pau-na-Cobra, o Rincha-Mãe, o Carro-de-Bois, o Sangue-de-Outro etc. etc.

Outros, toponímicos e onomásticos, lucrarão decerto ficando sem traduzir: pois valem por sugestivos pelo som ou pela forma: a Guararavacã do Guaicuí, a Barbaranha etc.etc.

Uns e outros, podem ser mesmo, em certos casos, “adaptados”. Sei que o tradutor francês está fazendo assim, otimamente. Nos Estados Unidos, deixaram tudo como no original – não gostei nada disso.

Às vezes, mesmo, tanto para nomes de pessoas como de lugares, quando compostos, ganhariam em interesse e sugestão pitoresca para o leitor, quando “semi-traduzidos”, mistos, traduzida uma parte do nome e deixada a outra como no original. Assim, talvez, por exemplo: Pacamã-de-Presas (Pacamã é um peixe, presas = caninos (dentes)); Marcelinho-Pampa (pampa = cor de cavalo pintado, malhado); João Vaqueiro; Freitas-Macho; Joaquim Beijú; Pedro Pintado; Zé Beicudo; Urutu Branco.³⁶⁷

Do mesmo modo, decidimos pela tradução dos 18 nomes de tribos que, apesar do caráter cômico, não foram criados pelo autor, mas recolhidos de livros de referência sobre a cultura popular russa, além de dicionários. Vale lembrar que o fenômeno de alcunhar “tribos” vizinhas, usando termos pejorativos ou engraçados, encontra-se também no Brasil, onde temos, por exemplo: “papa-areia” (pl. papa-areias), nome dado pelos pelotenses (Pelotas, RS) aos rio-grandinos (Rio Grande, RS); “papa-arroz” (pl. papa-arrozes), como os piauienses designam os maranhenses; “papa-bode” (papa-bodes), como são conhecidos os piauienses.

Tentamos, portanto, a partir do significado dos nomes russos, criar similares em português.

³⁶⁷ ROSA, J. G. *João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason: (1958-1967)*. Ed., org. e notas Maria Aparecida Faria Marcondes Bussolotti. Trad. Erlon José Paschoal. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003, p. 165.

1. **моржееды** [morjiedy] – *морж* [morj], morsa, + *еда* [idá], comida. Palavra composta, similar a *людоед* [liudied] (*люди* [liudi], gente, + *еда* [idá], comida), que significa antropófago, canibal, papa-gente. Assim eram chamados os habitantes de Arkhanguelsk. PAPA-MORSAS

2. **лукоеды** [lukoiedy] – *лук* [luk], cebola, + *еда* [idá], comida. PAPA-CEBOLAS

3. **гущееды** [guschiedy] – *гуща* [guscha], a parte mais grossa da sopa, + *еда* [idá], comida. Assim eram chamados os habitantes de Nóvgorod. PAPA-SOPAS

4. **клюковники** [kliukovniki] – arbusto de oxicoco (*Vaccinium*), também conhecido como uva-do-monte. Assim eram chamados os habitantes de Vladímir. PÉS-DE-UVA

5. **куралесы** [kuraliesy] – do verbo *куралесить* [kuraliesit], comportar-se de modo estranho, incomum e insensato; fazer travessuras. Assim eram chamados os habitantes de Briansk. TRAQUINAS

6. **вертячие бобы** [vertiatchie boby] – *вертячие* [vertiatchie], girantes, + *бобы* [boby], favas. Assim eram chamados os habitantes de Muromiets. FAVAS-GIRANTES

7. **лягушечники** [liaguchetchniki] – alga da espécie das batracospermáceas. Em russo, em vez de lembrar o nome científico em latim – *batrachospermaceae* –, a palavra é formada a partir do substantivo *лягушка* [liaguchka], rã. Assim eram chamados os habitantes de Dmitrov. SAPUDOS

8. **лапотники** [lapotniki] – aquele que usa ou tece *лапотъ* [lápót], alpercata de casca de tília usada por camponeses. Assim eram chamados os habitantes de Klinov. PÉS-DUROS

9. **черnoneбы** [tchernoneby] – *чёрный* [tchiornyí], negro, + *нёбо* [niobo], céu da boca – Assim eram chamados os moradores de Kolomna. NEGRICÉUS

10. **долбёжники** [dolbiojniki] – aquele que entalha em madeira. Também assim eram chamados os habitantes da região de Nóvgorod. LIXA-MADEIRAS

11. **проломленные головы** [prolomlionny golovy] – *проломленные* [prolomlionnye], rachado, + *голова* [golová], cabeça. Assim eram chamados os habitantes de Orlov. CABEÇAS-RACHADAS

12. **слепороды** [sleporody] – aquela que dá à luz um cego. Assim eram chamados os habitantes de Pochekhon. GERA-CEGOS

13. **губошлёпы** [gubochliopat] – paspalhão. Palavra composta de *губа* [gubá], lábio, + *шлепать* [chliopat], bater. BOCÓS

14. **вислоухие** [visloukhie] – de orelhas caídas. Assim eram chamados os habitantes de Rostov. ORELHAS-CAÍDAS

15. **кособрюхи** [kossobriukhi] – *косо́й* [kosoï], torto, + *брюхо* [briukho], pança. Assim eram chamados os habitantes de Riazan. PANÇAS-TORTAS

16. **ряпушники** [riapuchniki] – pescador de *riapuchki* (*Coregonus albula*). Assim eram chamados os habitantes de Tvier. PEGA-PEIXES

17. **заугольники** [zaugolniki] – de *из-за угла* – às escondidas. Assim eram chamados os habitantes de Kholmogorie, porque, certa vez, quando Pedro I visitou Arkhangelsk, eles, com medo, teriam ficado escondidos, espiando o czar. TRÁS-DAPORTA

18. **крошечники** [krochevniki] – de *крошка* [krochka], migalha. MIGALHUDOS

19. **рукосуи** [rukossui] – *рука* [ruka], mão, + *суи* [sui], do verbo *сунуть* [sunut], meter, enfiar. METE-A-MÃO

Há um artigo significativo sobre os nomes e topônimos de *História de uma cidade*, tomando como ilustração a sua tradução para o inglês por Susan Brownsberger, que adotou “Foolov” para nomear a cidade, solução que une o aspecto semântico, *fool* – *глупый* e acrescenta o radical “ov”, imediatamente associado à terminação de sobrenomes russos (Nabókov, por exemplo, muito conhecido nos países de língua inglesa). Já o adjetivo segue o padrão da língua inglesa: *Moscow, moscovite; Foolov – foolvite*.

O autor do artigo³⁶⁸, Alexandr Kaláshnikov, teve o cuidado de fazer um levantamento de dados: são 81 personagens fictícios, 15 topônimos fictícios, 67 personagens que representam figuras históricas reais ou personagens de outras ficções,

³⁶⁸ “Proper names in translation of fiction (on the material of translation into English of *The History of a Town* by M. E. Saltykov-Schedrin”. Ao analisar as soluções tradutórias de Susan Brownsberger (Michigan: Ardis Publishers, 1982), o autor do artigo comenta os principais recursos usados. Por exemplo, a tradução da raiz dos vocábulos e a sua complementação com sufixos: os personagens *Великанов* [velikanov], Gigantov; *Половинкин* – Halfkin; *Мерзичкий*, Abominitsky; os povoados *Недоедово* [nedoiedovo], Underfedovo; *Голодаевка* [Golodaievka], Faminovka. A simples tradução direta: *Прыщ* [prysch], Pimple; *Комар* [komar], Mosquiter. A combinação de tradução e transliteração: *Стёпка Горластый* [stiopka gorlastyi], Styopka the Loudmouth; *Пётра Долгий* [piotra dolgii], Pyotra the Tall.

Segundo Kaláshnikov, em casos específicos, a tradução, em lugar da transliteração, pode resultar em perdas em vez de ganhos, como aconteceu com o nome dos cronistas, no Capítulo 2. Traduzindo *Мишка Тряпичкин* [michka triapitchkin] como Weakgrain perdeu-se a ligação deste personagem com o amigo de Khlestakov na peça de Nikolai Gógol *O inspetor Geral*, uma vez que, em inglês, este último não foi traduzido.

29 topônimos reais, 20 títulos de obras literárias e artísticas em geral, jornais e documentos, sendo 13 deles fictícios.

Se há casos em que julgamos mais “lucrativo”, para usar o termo de Guimarães Rosa, traduzir, há outros em que a opção da transliteração conseguiu transmitir o significado, levando-se em conta que o importante é não deixar “significantes vazios”.³⁶⁹ Esse procedimento, adotado, por exemplo, por Arlete Cavaliere na tradução de obras de Nikolai Gógol³⁷⁰, pode resultar em excelente solução. Em *História de uma cidade*, e, em especial no Capítulo 4, “Rol dos enviados como governantes à cidade de Tolóvia”, o leitor encontra governantes estrangeiros, cuja origem elucida-se com a ajuda da forma e do som do nome e não com o seu significado literal. Há o alemão *Богдан Богнадович Пфейфер* [Bogdan Bogdánovitch Pfeifer]; os franceses *Антон Протасьевич де Санглот* [Anton Protasievitch de Sanglot], *Ангел Дорофеевич Дю-Шарпо* [Angel Doroféievitch du Chariot]; o grego *Ламврокакис* [Lamvrokákis]; o caucasiano *Ксаверий Георгиевич Микаладзе* [Ksavierii Gueórguevitch Mikaládze]; o turco *Маныл Самылович Урус-Кузуси-Кильдибаев* [Manyl Samylovitch Urus-Kuguch-Kildibaev].³⁷¹

Passemos agora da tradução de palavras à reprodução do ritmo da narrativa, que, em *História de uma cidade*, é bastante diversificado de acordo com o respectivo capítulo. Em “Do Editor”, o autor usa uma linguagem culta, porém com algumas expressões e palavras coloquiais, que concorrem para a comicidade. A ironia é o principal traço do editor ficcional tanto nesse capítulo inicial, quanto nas intervenções que ele faz ao longo da história. Ao falar das ações notáveis dos governantes, relatadas

³⁶⁹ Sobre o fato de ter lido o conto “O homem que escrevia histórias de amor”, do escritor marroquino Tahar Ben Jelloun, no “Cafê Argana, olhando a praça Jemaa el Fna, no centro de Marrakesh”, Affonso Romano de Sant’anna tece considerações importantes para a tradução: “As palavras-chaves deste país já não me são um significante vazio. E faz toda a diferença ler o que estou lendo aqui, neste lugar e não em Juiz de Fora. As palavras têm cor, têm luz, têm peso, espessura, sonoridade e sumo, e quando experimentadas dentro da realidade natural ganham carne e sangue” (p. 162-163). Obviamente não se trata aqui de viajar e experimentar uma Rússia que nem os russos contemporâneos compreendem em todas as suas particularidades, mas de evitar os “significantes vazios”.

³⁷⁰ Em artigo apresentado em Moscou, em setembro de 2010, Arlete Cavaliere expõe os motivos da transliteração dos nomes dos personagens gogolianos. “A opção em se manter na tradução brasileira os nomes próprios russos não traduzidos visa evitar certa inadequação e impropriedade na transposição de efeitos sonoros, linguísticos ou semânticos de difícil recriação em língua portuguesa. A transliteração segundo as correspondentes sonoras do alfabeto cirílico e a acentuação de acordo com a prosódia russa propiciam ao leitor brasileiro não apenas a exata pronúncia dos nomes e sobrenomes russos, mas também a possibilidade de experimentar o ritmo e a sonoridade da língua russa trabalhada pelo dramaturgo. A mesma estranheza fonética e certo desconforto na articulação verbal de alguns dos nomes, de personagens ou lugares, são ressentidos também pelo leitor russo.”

³⁷¹ Essa relação de nomes dos governantes estrangeiros encontra-se no mencionado artigo de Aleksandr Kaláshnikov.

nos anais da cidade, ele acrescenta “a saber: viagens rápidas nos cavalos da posta, cobrança enérgica de atrasados, marchas contra os cidadãos, arranjo e desarranjo de calçadas, imposição de tributos a arrendadores e assim por diante”. Irônicos apresentam-se também os seus comentários a respeito do texto do cronista, como em “O orgãozinho”, em que se aponta um possível anacronismo: “Aliás, isso deve ser não um anacronismo, mas perspicácia, revelada pelo cronista em tão elevado grau que não se revela inteiramente ao leitor.”

A carta do cronista ao leitor, incluída como segundo capítulo, possui outro tom, deixando claro que o seu autor é uma pessoa simples, que tenta falar bonito. Há palavras arcaicas, como *оной* [onoi], *град* [grad], *сеѣ* [sei], *оттоль* [ottol], que correspondem, respectivamente, aos seguintes termos, mais usados atualmente: *вышеупомянутый* [vycheupomianutyi], acima mencionado; *город* [gorod], cidade; *этот* [etot], este; e *оттуда* [ottuda], de lá.

As palavras arcaicas causam estranheza às vezes por que adquiriram outro sentido e uso, ao longo tempo, outras vezes porque não são mais usadas pelo falante contemporâneo. É difícil conseguir esse efeito sem correr o risco de colorir o texto com expressões tão brasileiras que deslocariam a sensação de espaço da Rússia para o Brasil ou de escrever algo que, na verdade, não será compreendido.

Em textos brasileiros mais antigos, podemos experimentar essa sensação de estranheza de modo natural. A palavra “capaz”, por exemplo, é utilizada como sinônimo de abastada em uma citação de Cardim feita por Darcy Ribeiro: “A igreja é capaz, bem cheia de ricos ornamentos de damasco branco e roxo, veludo verde e carmesim [...]” (RIBEIRO, Darcy, 170). O mesmo acontece com a palavra “grosso” mais adiante: “A gente da terra é honrada: há homens muito grossos de 40, 50, e 80 mil cruzados de seu [...]” (RIBEIRO, Darcy, 172). Entretanto, buscar termos arcaicos em textos brasileiros para a tradução de arcaísmos russos seria um trabalho insano e de resultado duvidoso.

Se não nos convém recorrer a palavras isoladas, uma solução satisfatória consiste em reproduzir a atmosfera arcaica por meio de outros recursos. A mudança de registro, clara no original, deve ficar clara também na tradução e isso pode ser dado pela melodia. A respeito da melodia da prosa, afirma Ana Cristina César:

Depois de lermos um romance durante toda uma tarde e nos deixarmos envolver pelo fascínio da leitura, pode se entranhar em nós uma espécie de melodia, um ritmo de narração, que flui e retorna

como uma canção – e que pode até mesmo moldar o rumo do nosso pensamento. É mais do que melodia, é uma corrente sintática, uma coerência musical que organiza o mundo do romance e que teima também em organizar o nosso próprio mundo interior.” (CÉSAR, 1999, p. 364).

Sobre o tema prosa e poesia, debruçou-se também Boris Schnaiderman ao analisar e traduzir o conto “O senhor Prokhartchin”. Ele cita o estudioso holandês J. M. Meijer, que estudou “em *Crime e Castigo* o processo de repetição de determinados tipos de ação, muito semelhantes às funções da rima em poesia”, e D. S. Mirsky, que se refere ao “fato de que *O Sósia* está escrito num estilo “intensamente saturado de expressividade fonética e rítmica”.

Em sua própria análise, Boris Schnaiderman aplica a definição de poética dada por Jakobson para concluir que “em relação a um texto: sempre que a ênfase for dada à combinação de palavras e não apenas a seu significado, eu terei a função poética”. Na prática da tradução, essa consideração leva à busca de soluções sonoramente adequadas e estruturas sintáticas correspondentes à necessidade de recriação do ritmo.

Em *História de uma cidade*, os ritmos, e, como já foi mencionado, o vocabulário e a sintaxe, variam de acordo com o capítulo. É em “Sobre a origem do tolense” que se adensa o trabalho tradutório, pois há nele maior riqueza de elementos de narrativas históricas, populares e folclóricas, combinados com a linguagem informal dos diálogos dos personagens. Obviamente, o ritmo soa bastante original.

A recriação do ritmo, nesse capítulo, evidenciou a universalidade das referências folclóricas, permitindo buscar soluções em *Macunaíma*, de Mário de Andrade, apesar de ser esse um romance distante da obra traduzida no tempo e no espaço. Entretanto, há em *Macunaíma* um modo de contar, repetir frases, folclorizar a narrativa, que lembra o ritmo da prosa de Schedrin. Trata-se aqui, como coloca Arlete Cavaliere, de “transpor uma ‘informação estética’ que vai além da ‘informação semântica’, no que concerne à imprevisibilidade, à surpresa, à improbabilidade da ordenação de signos.” Em notas do Capítulo 3, encontram-se alguns dos trechos de *Macunaíma* cuja “informação estética” muito se aproxima daquela encontrada em *História de uma cidade*.

A partir do Capítulo 5, a narrativa adquire um tom mais uniforme, com exceção do último capítulo, composto de três “cadernos de exercícios” intitulados, respectivamente, “Reflexões sobre a unidade de pensamento dos governantes, assim

como sobre a unidade de poder dos governantes etc.”, “Sobre a aparência decente de todos os governantes” e “Estatuto sobre o bom coração adequado ao governante”.

Em toda a narrativa, procuramos observar a uniformidade da tradução para que reiteradas palavras-chaves do original se repetissem também em português. O substantivo *бунт* [bunt], por exemplo, e os seus derivados, o verbo *бунтовать* [buntovat], o particípio *бунтующий* [buntuiuschii], os substantivos *бунтовщик* [buntuischik] e *бунтовство* [buntovstvo] e o adjetivo *бунтовский* [buntovskii], que aparecem na maioria dos capítulos, foram todos traduzidos a partir do vocábulo revolta. Isso porque *бунт*, embora tenha no dicionário russo-português as traduções “motim”, “revolta” e “rebelião”, em Saltykov-Schedrin preenche-se muito mais com a qualificação de “espontâneo” dada no dicionário russo Ójegov: 1. sublevação surgida espontaneamente (no sentido figurado: tímidas tentativas de luta, fadadas ao insucesso).

“Espontâneo” e “insucesso” são chaves para a definição da revoltas de Tolóvia, feitas sem grandes propósitos e iniciadas ora sem motivo aparente, ora por incitação de terceiros, interessados no próprio lucro, como no Capítulo 3: ““Ele precisava de revoltas, pois, por meio de sua pacificação, almejava granjear as graças do príncipe e reunir algum emolumento dos revoltosos.” Em *A filha do capitão*, de Aleksandr Púchkin, diz o narrador: “Deus nos livre de uma revolta [бунт] russa, tão implacável e sem sentido!”³⁷²

³⁷² *A filha do capitão e o jogo das epígrafes*. Aleksandr S. Púchkin, Elena S. Nazário. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1981, p. 108.

A sátira e a urbe

Pecas de uma história

Em abril de 2008 foi inaugurado em Riazan, cidade a menos de 200 km a sudeste de Moscou, um monumento em homenagem a Mikhail Evgráfovitch Saltykov-Schedrin. Completavam-se 150 anos desde a sua indicação ao cargo de vice-prefeito da cidade, cuja população, na época, era de cerca de 20 mil habitantes.³⁷³ Um busto em bronze, retratando uma das imagens mais conhecidas do escritor – barbas longas, bigodes espessos, olhar firme e severo, foi colocado junto à casa onde ele morou e trabalhou no começo da segunda metade do século XIX. Na cerimônia, representantes do poder municipal, pedagogos e historiadores falaram, obviamente, da importância de Schedrin para a literatura russa, mas, destacaram, em especial, as contribuições do vice-prefeito para o desenvolvimento da cidade e da região.

Intrigante esse momento biográfico, em que Schedrin, literato engajado na crítica ao governo e recém-chegado de oito anos de degredo na cidade de Viátka por difundir ideias ocidentais revolucionárias³⁷⁴, aceita exercer um cargo administrativo por indicação do poder czarista. Segundo um dos seus principais biógrafos, Valieri Prozorov, as condições financeiras não deixavam escolha ao escritor³⁷⁵, e, além disso, ele acreditava que precisava comprometer-se abertamente com os valores liberais e trabalhar arduamente, inclusive no campo administrativo, para levar adiante os projetos das reformas democráticas. Afinal, estavam na época de Alexandre II^{376 377}, que, em

³⁷³ Saltykov-Schedrin ocupou esse cargo de 1858 a 1860. O seu nome está ligado à abertura da primeira biblioteca pública e à construção de um novo prédio para o teatro municipal. Hoje Riazan tem 510 mil habitantes.

De Riazan, Saltykov-Schedrin foi transferido para Tver, onde trabalhou como vice-prefeito de 1860 a 1862.

³⁷⁴ O degredo foi motivado pela participação de Saltykov-Schedrin em grupos literários de orientação liberal e pela publicação de suas duas primeiras novelas – “Contradições”, em 1847, e “Assunto complicado”, em 1848 – na revista *Anais da Pátria*. Esta última, em especial, foi vista pelo governo, preocupado com a revolução de fevereiro de 1848 na França, como uma tentativa de disseminar ideias ocidentais revolucionárias.

³⁷⁵ Prozorov comenta que o cargo administrativo sobrecarregava o escritor e prejudicava a sua produção literária, mas Schedrin não podia deixar o emprego porque, depois do casamento, desaprovado pela mãe, a ajuda da família tinha se reduzido significativamente, enquanto a vida de casado implicava em despesas que ele não conseguia cobrir com os ganhos da literatura. (PROZOROV, 1988, p. 26)

³⁷⁶ Aqui, como explicado na nota 208 para as grafias Nicolau e Nikolai, mantivemos Alexandre e Aleksandr, conforme já consagrado no Brasil. Assim o czar terá o nome em sua forma aportuguesada, como já é costume entre nós, enquanto o escritor Púchkin, por exemplo, terá o seu primeiro nome escrito com “ks”, com final “r” e não “e”, também por questão de uso.

³⁷⁷ Alexandre II (1888-1881), filho mais velho de Nicolau I, subiu ao trono russo em 1855, após o suicídio do pai, motivado pela derrota do exército russo na guerra da Criméia. Em Paris, assinou um

1855, anistiou exilados políticos e expediu a ordem: “Permitir a Saltykov morar e trabalhar onde ele quiser”.

Se, de um lado, as ocupações administrativas impediam o exercício pleno da literatura, de outro, a experiência de vice-prefeito dava ao escritor inspiração para várias de suas obras. O conto “Micha e Vânia”³⁷⁸, por exemplo, retrata um caso ocorrido em Riazan, onde dois garotos, filhos de camponeses servos, tentaram o suicídio por causa de maus tratos da dona da propriedade onde viviam. Outras obras, no enredo específico ou na concepção geral, são resultado da reflexão de Saltykov-Schedrin sobre os vícios e problemas da estrutura governamental, tanto nos limites do município quanto da nação.

História de uma cidade, que começou a ser escrita em 1869, traz essa marca. O seu tema central são os governantes e os governados, o modo como o despotismo e a indiferença dos primeiros conjugam-se com a passividade e ignorância dos últimos. Em resposta a uma resenha de A. S. Suvórin, que escrevera sob o pseudônimo de A. B-ov, Schedrin explicou que sua intenção era expor justamente os defeitos da sociedade russa, aquilo que prejudicava o desenvolvimento sadio de suas instituições.³⁷⁹

acordo de paz, pelo qual a Rússia perdeu o direito de manter uma frota militar no mar Negro e teve de ceder parte da Moldávia à Turquia. Em 1861, libertou os mais de 20 milhões de camponeses servos, medida considerada a mais importante de seu governo. Realizou várias reformas: agrária, judiciária, militar. Sofreu seis atentados e, em 1881, foi vítima da explosão de uma bomba.

³⁷⁸ Publicado junto com duas outras obras em 1863, na revista “O contemporâneo”, sob o título “Contos inocentes”. Descreve um acontecimento real sob o ponto de vista das vítimas. A perfeita construção da narrativa leva o leitor ao mais profundo sentimento de compaixão por essas criaturas frágeis, trituradas pelo mecanismo da servidão.

É noite e as duas crianças esperam a sua senhora, Katerina Afanassievna voltar de uma visita. Vânia, o irmão mais velho, explica a Micha, o mais novo, porque é melhor morrer logo, cortando a garganta com uma faca.

“– Será que dói, com a faca gelada? – pergunta Micha, fixando os olhos em Vânia.

– Só dói na hora, é rápido, e mais nada! – responde Vânia e, com ar protetor, acaricia a cabeça de Micha. [...] Eu vou explicar pra você, Michutka: nós dois fazemos isso agora e, sem falta, vamos pro céu, porque agora nós somos pequenos e não temos pecados! E no nosso lugar quem vai pro inferno é Katerina Afanassievna.”

Criada a expectativa do suicídio iminente, o narrador descreve episódios passados da vida local, envolvendo o amor dos meninos pela irmã mais velha. Quando volta ao presente, ele mostra mais uma agressão de Katerina contra Micha e Vânia. Daí a algumas horas, de madrugada, os meninos se afastam de casa para colocar o plano do suicídio em prática.

“Desceram o barranco e encontraram dois meninos, um de sobretudo curto, o outro apenas de camisa. Vânia já não respirava, mas Micha estava vivo. A mãozinha vacilante, trêmula, em algumas tentativas, rasgara a garganta com a faca, mas com medo e sem firmeza.”

³⁷⁹ Assim escreveu Saltykov-Schedrin à redação do jornal “O mensageiro da Europa”: “Embora não seja costume escritores apresentarem explicações a seus críticos, resolvi fugir a essa regra porque, nesse caso, trata-se não de uma crítica à minha concepção artística, mas, exclusivamente, de um julgamento a respeito do modo como a minha obra *História de uma cidade*, recém-publicada, retrata fatos da vida [...] Acima de tudo, o senhor resenhista me atribui, incorretamente, a intenção de escrever uma ‘sátira histórica’ e essa visão incorreta quanto aos objetivos da minha obra leva-o a uma série de observações e conclusões que nada tem a ver comigo. Assim, por exemplo, ele denuncia que eu conheço pouco a história da Rússia, impõe-me a cronologia, acusa-me de ter deixado passar muita coisa [...] Não era uma sátira ‘histórica’ que eu tinha em mente, mas uma sátira inteiramente comum, orientada contra aquelas

Os críticos que se dedicaram ao estudo das obras de Schedrin encontraram as origens do tema de *História de uma cidade* bem no início da carreira do escritor e mostraram como a questão dos governantes déspotas e do povo passivo foi recorrente ainda em textos posteriores a esse romance.³⁸⁰ No período de 1857 a 1859, Saltykov-Schedrin trabalhou na elaboração do conto “Os hegemônicos”, em que a história da convocação dos príncipes varegues “pacificadores” para fundar a nação russa, então Rus, é reinterpretada ironicamente, como uma espécie de alegoria sobre o começo do estabelecimento no país de uma “ordem” inabalável – um sistema bem organizado de violência e roubo “legalizado”. Há ecos desse conto no terceiro capítulo de *História de uma cidade* – “Sobre a origem dos tolenses”.

Um pouco depois, no início de 1860, o local da ação de uma série de obras de Saltykov (“Habitante-literato”, “Devassidão tolense”, “Calúnia”, “Nossos negócios de tolo”, “Ao leitor” e outras) é a cidade de Tolóvia, cujo nome remete diretamente ao regime social que sustentado, de um lado, pelo “jugo desarrazoado” dos diversos “governantes” e, por outro, pelo atraso calamitoso, gerado por esse jugo, e pela passividade da “massa” tutelada. Surgida para substituir a localidade de Krutogorsk (крυтой [krutoi], escarpado, rude), outrora abandonada pelo autor, essa nova imagem-conceito teve êxito em levar ao leitor não a vida “dos tempos passados”, como tinha sido feito antes em “Esboços provincianos”, mas, o reflexo do “passado” no presente.

A aproximação histórica com a contemporaneidade, a tentativa de interpretar filosoficamente os fundamentos sociais e políticos do surgimento de Tolóvia, e, comparando-os com os do século XIX traçar alguma previsão do amanhã desse “município malfadado”, anteciparam, em termos estilísticos, um aspecto importante da futura crônica satírica sobre a atividade tolense-russa – a reelaboração da forma histórica para construção da obra.

características e traços da vida russa que a transformam em algo inadequado. Esses traços são, em essência: a benevolência levada ao extremo, até se transformar em fragilidade; a impulsividade sem limites, que se expressa, por um lado, em ininterruptos tapas e bofetões, e, por outro, no uso de balas de canhão contra pardais; uma imprudência tão extremada a ponto de permitir mentir sem corar, do modo mais leviano. Na prática, essas características geram, na minha opinião, péssimos resultados: precariedade das condições de vida, arbitrariedade, despotismo, imprevidência, falta de confiança no futuro etc.” (p. 451-452).

³⁸⁰ Os dados que citamos aqui, sobre relações de *História de uma cidade* com outras obras do autor encontram-se nas notas ao romance, na edição de 1969, p. 532-536. Há ainda comentários sobre esse tema no artigo introdutório de A. S. Buchmin ao ciclo *Sátira em prosa*, no comentário de V. Ia. Kirpotin à resenha de Saltykov “Príncipe de prata” de A. K. Tolstói e no comentário de S. A. Makachin a “Crianças corrompidas”, todos incluídos na edição de 1969.

Aos destinos da Rússia de sua época e a algumas especificidades do seu desenvolvimento naquele período, Saltykov dedicou os 13 capítulos do ciclo *Os Pompadours*³⁸¹, elaborado de 1863 a 1874 e publicado periodicamente em *O contemporâneo* e nos *Anais da Pátria*. Assim como *História de uma cidade*, esse ciclo foi revisto e reorganizado pelo autor de modo que, na primeira edição em livro, o seu formato já era um pouco diferente da simples reunião cronológica da publicação nos periódicos.

Saltykov-Schedrin dedicou onze anos de trabalho a essa obra, enquanto continuava publicando outras, inclusive o romance sobre Tolóvia. Assim como na descrição da vida dos tolenses, *Os Pompadours* trata da relação entre governantes e governados, nesse caso, altos representantes da estrutura de poder provinciana, em semelhante tom irônico, cômico, satírico. Os homens *pompadour*, governadores da província e, portanto, colegas dos governantes de Tolóvia, e as mulheres *pompadour*, suas amantes, revelam todos os problemas do governo czarista atolado em medidas administrativas inúteis e em esquemas burocráticos estorvadores.

A riqueza do quadro narrado por Schedrin em *Os Pompadours* rendeu-lhe uma adaptação para o Teatro de Comédia de Leningrado, em 1954, sob direção de Gueorgui Tovstonogov, assim como aconteceu com o romance *Idílio contemporâneo*, adaptado por Serguei Vladimirovitch Mikhalkov em uma peça em dois atos denominada *Balalaikin e Ko*, encenada em 1973. A propósito, no cinema, outras duas obras de Schedrin ganharam versões especiais: o capítulo “Orgãozinho”, de *História de uma cidade*, transformado em desenho animado de 16 minutos, dirigido por Valentin Karaváev no Estúdio Soiuzmultifilm, e o romance *A antiguidade de Pochekhonie*, drama dirigido por Natalia Bondartchuk, Nikolai Burliaev e Igor Khutsiev, pela Mosfilm (URSS) em 1975.

Em carta a P. V. Annenkov, de 2 de março de 1865, depois de contar sobre a atividade indecorosa do governador de Penza V. P. Aleksandrovski, que poderia ser incluída na galeria “do ciclo dos *pompadours*”, Saltykov informa ao seu destinatário que está começando a “montar os Ensaios da cidade de Briukhov” (*бpoxo* [briukho], pança), ou seja, os ensaios de uma nova obra satírica sobre a vida na cidade Briukhov,

³⁸¹ *Помпадурь и Помпадурши* [pompadury i pompadurchi]. Este título merece maior cuidado na tradução para que seja resgatado o seu tom cômico. Em inglês, ganhou o nome *Messieurs et Mesdames Pompadours*.

um espaço condicional e simbólico, sob o poder de administradores do tipo *pompadour*. No entanto, essa ideia não se concretizou nem em 1865 nem em 1866.

Apenas em 1867, levando em conta cartas de Saltykov a N. A. Nekrássov e também comentários em livros de memórias de seus contemporâneos, tornou-se amplamente conhecido o “Conto sobre um governador de cabeça recheada”, obra fantástica, cuja forma lembra os contos maravilhosos e cujo conteúdo aproxima-se tanto do ciclo de contos dos *Pompadour* quanto de *História de uma cidade*. Desse modo, à reelaboração dessa temática recorrente, a partir de 1867, Schedrin acrescenta o projeto dos “Ensaio da cidade de Briukhov”, em que o elemento fantástico desempenharia papel importante.

A combinação, num todo único, dos projetos e obras recém-mencionados colocou diante do escritor a questão do futuro desse ciclo. Os *Contos tolenses*, iniciados em 1868, tinham já uma relação direta com os *Anais tolenses*, primeiro título dado pelo autor à saga dos habitantes de Tolóvia. A denominação *História de uma cidade* veio à mente do escritor apenas quando ele cuidava da revisão do texto para a revista.

Relatos de Tolóvia: sátira ou paródia

História de uma cidade tem início com um capítulo em que o editor ficcional conta que há muito acalentava o desejo de escrever a história de alguma cidade ou região, mas lhe faltavam as condições ideais e, sobretudo, materiais de consulta confiáveis. Esses problemas foram solucionados certo dia em que ele, vasculhando um arquivo municipal, encontrou por acaso crônicas antigas bastante confiáveis. E por que confiáveis? Porque os cadernos manuscritos estavam amarelados, rasgados, deteriorados, manchados de moscas, roídos de ratos e, por si só, essa aparência era uma prova irrefutável de autenticidade. As crônicas, escritas sucessivamente por quatro arquivistas, descreviam em detalhes a biografia dos governantes da cidade por quase cem anos – de 1731 a 1825.

O recurso de, casualmente, fazer cair manuscritos antigos nas mãos de um possível editor³⁸² servia bem ao propósito de Schedrin e, logo de início, ligava o romance da segunda metade do século XIX a um dos principais nomes da literatura russa.

Em 1830, Aleksandr Púchkin utilizara o mesmo procedimento em uma obra que deixou inacabada: *A História do povoado de Goriúkhino*. Alguns estudiosos consideram o texto de Púchkin como o novelo do qual Saltykov-Schedrin puxou o fio narrativo de *História de uma cidade*.³⁸³ Há muitas semelhanças, inclusive pontuais, mas, neste primeiro momento, cabe ressaltar o caráter irônico e satírico das duas histórias. O relato sobre Goriúkhino, publicado pela primeira vez em 1837, na revista *O contemporâneo*,

³⁸² No Brasil, na segunda metade do século XVIII, Tomás Antônio Gonzaga (1744-1810) usou o mesmo recurso nas suas *Cartas chilenas* (encontrada inacabada em 1789, quando Gonzaga é levado para o Rio de Janeiro), criando um personagem-autor e um tradutor-editor dessas correspondências. No prólogo, o editor ficcional assim explica a publicação: “Logo que li estas Cartas, assentei comigo, que as devia traduzir na nossa língua; não só porque as julguei merecedoras deste obséquio pela simplicidade do seu estilo, como também pelo benefício, que resulta ao público, de se verem satirizadas as insolências deste Chefe para emenda dos mais, que seguem tão vergonhosas pisadas.”

Machado de Assis (1839-1908) abre *Esau e Jacó* (1904) com uma advertência, em que explica a publicação da história. O seu primeiro parágrafo diz o seguinte: “Quando o conselheiro Aires faleceu, acharam-se-lhe na secretária sete cadernos manuscritos, rijamente encapados em papelão. Cada um dos primeiros seis tinha o seu número de ordem, por algarismos romanos, I, II, III, IV, V, VI, escritos a tinta encarnada. O sétimo trazia este título: *Último*.”

³⁸³ Nas *Obras Completas* de Aleksandr Púchkin publicadas em 1954, encontra-se a seguinte observação: “É possível que o trabalho de Púchkin na elaboração de *História do povoado de Goriúkhino* tenha sido interrompido pela evidente impossibilidade de fazer com que essa obra passasse pela censura, em função da agudeza e perspicácia de sua sátira, que antecede a de Saltykov-Schedrin.”

logo após a morte do autor, questionava justamente a suposta imparcialidade da história oficial.³⁸⁴

A relação estreita com a história russa, defendida por Schedrin como um recurso literário frutífero, rendeu ao romance muitas acusações. Aleksei Serguéievitch Suvórin logo após a publicação do romance em livro, em 1870, escreveu uma resenha no periódico “Mensageiro da Europa”, sob o pseudônimo de B-ov³⁸⁵, em que aponta essa introdução editorial como um dos problemas do romance. No artigo, após algumas poucas palavras elogiosas, “Evidentemente, não há nada mais fácil do que dar uma opinião sobre a obra de um escritor cujo talento ganhou forças e definiu-se inteiramente e cujo nome goza de fama comparável aos melhores de nossa literatura”, Suvórin saiu em defesa dos historiadores oficiais:

Se ele tivesse tratado o seu objeto diretamente, não poderia haver nenhuma perplexidade, como lembramos antes; mas ele quis, não se sabe por que, complicar a própria tarefa e manifestar, no prefácio³⁸⁶, os objetivos que tinha em vista. Um deles – uma sátira histórica, que, como já dissemos, encerra-se em limites bastante estreitos, pois o autor deseja apenas “capturar a fisionomia da cidade e acompanhar o modo como, em sua história, refletiram-se as diversas mudanças ocorridas concomitantemente nas esferas superiores”. Outro objetivo, como podemos julgar por algumas claras alusões desse mesmo prefácio, é fazer uma sátira ao método historiográfico seguido pelos senhores Chubinski, Miélnikov e outros: nomes que o senhor Saltykov cita. [...]

³⁸⁴ Em *Noites egípcias e outros contos*, Cecília Rosas comenta: “Púchkin cria um relato fragmentário, ironizando dois discursos que têm a *verdade* como valor: história e autobiografia. Talvez pela própria impossibilidade de ser publicado, ‘História do povoado de Goriúkhino’ mostra um autor mais experimental, numa espécie de radicalização que depois lhe permitiria escrever suas obras de ficção histórica mais conhecidas, como *A filha do capitão*”. (PÚCHKIN, 2010, p. 20-21)

Boris Schnaiderman no prefácio de *A dama de espadas: prosa e poemas* (Editora 34, 1999), ressalta o tom peculiar dos “três heterônimos de Púchkin” em *Novelas do falecido Ivan Pietróvitch Biélkin*: “o suposto escritor dos textos, designado pelas iniciais A. P., um amigo de Biélkin, que dá informações por escrito sobre a sua biografia, e este último, o suposto autor. [...] O editor revela preocupação informativa e um desejo de objetividade, sem maior pretensão a brilho literário. Além de uma curta introdução à carta do informante e de uma rápida conclusão do prefácio, escreve duas notas sucintas, precisando pormenores do manuscrito. O informante, cuja assinatura se omite, escreve de um jeito algo solene, utilizando com frequência termos burocráticos, e isso contrasta com a narração de alguns fatos do cotidiano completamente ridículos. Já o próprio Biélkin é um homem muito sensível e, ao mesmo tempo, irônico, e cujo tom mais se aproxima da escrita de Púchkin.”

³⁸⁵ O artigo encontra-se em *Crítica da década de 1870*. Org. S. F. Dmítrienko. Moscou: Editora Olimp, Editora AST, 2002.

³⁸⁶ Capítulo “Do editor”.

Depois de ler esse prefácio e não tendo ainda chegado ao real conteúdo do livro, pode-se pensar que essa história é apenas uma brincadeira, o riso pelo riso, e seria estranho escrever um livro inteiro com o objetivo de ridicularizar diversos compiladores, que de nada têm culpa e, no final das contas, seja como for, dão a sua contribuição.

A resposta de Schédrin veio imediatamente, em carta enviada à revista (nota 252). Alguns aspectos da crítica de Suvórin indignaram-no, outros deixaram-no perplexo. O autor não aceitava ser acusado de provocar “o riso pelo riso” e tanto na carta ao jornal, quanto em carta pessoal a A. N. Pypin³⁸⁷, de 2 de abril de 1871, ressalta que, como criador, podia explicar toda e qualquer palavra da própria obra e indicar contra o que cada uma tinha sido dirigida³⁸⁸.

Na carta, o escritor explica também porque deixou a narrativa a cargo de um editor e de cronistas ficcionais, recurso que aproxima a obra das narrativas históricas no aspecto formal. Para ele, a forma histórica do relato era mais útil, já que lhe permitia tratar “fenômenos conhecidos da vida” com maior liberdade. E a existência dos cronistas era vista também apenas como mais uma forma útil³⁸⁹. Obviamente, essas

³⁸⁷ Aleksandr Nikoláevitch Pypin (1833-1904). Crítico literário, um dos principais representantes da escola de estudos históricos-culturais. Na época integrante da equipe do “Mensageiro da Europa”, onde foi publicado o artigo de Suvórin.

³⁸⁸ Saltykov-Schedrin dividiu a sua carta a Pypin em itens numerados. O quinto trata justamente do “riso pelo riso”. “A recriminação de provocar ‘o riso pelo riso’ foi feita pela primeira vez por Píssarev, e teve origem em sua hostilidade pessoal contra mim. A partir daí, todos os que querem me irritar, içam essa piada, e, como é uma piada fácil, aproveitam-na à vontade. Se ficasse provado que ridicularizo fenômenos veneráveis ou indignos de atenção, eu abandonaria atividade tão idiota. De representante do riso pelo riso pode ser chamado o próprio resenhista, que acusa gratuitamente, e, ainda por cima, usando palavras de outro, apenas para produzir uma expressão engraçada. Esse homem, sem dúvida, assemelha-se ao *mitchman* gogoliano [personagem que ri à toa, inclusive sem motivo], ao qual basta apontar um dedo para provocar o riso. Eu, por minha vez, no papel de criador, posso explicar cada palavra da minha obra, posso indicar contra o que ela está dirigida e posso provar que ela ataca justamente manifestações de arbitrariedade e selvageria que desagradam qualquer pessoa honrada. Assim, o governante com cabeça recheada, por exemplo, representa não uma pessoa com cabeça recheada, mas aquele governante que dispõe do destino de muitos milhões de pessoas. Isso não é nem mesmo riso, mas uma situação trágica. As mulheres da vida, que tomam as rédeas do poder umas das outras, também dificilmente despertam riso, ou melhor, podem despertá-lo apenas no *mitchman* gogoliano que fez a crítica. Ao representar a vida sob o jugo da demência, eu contava despertar no leitor um sentimento de amargura, e, de modo algum, de contentamento. Se atingi esse resultado, isso é questão completamente diferente, mas afirmar que eu tinha em mente um objetivo fútil – isso só um crítico *mitchman* pode fazer. (SCHEDRIN, Moscou, 1969, 457)

³⁸⁹ Itens 2 e 3 da carta a Pypin. 2. “O ponto de vista do resenhista, segundo o qual a minha obra é uma experiência de sátira histórica mostra-se inteiramente incorreto. Eu não tenho nada a ver com a história e, quando digo isso, não estou pensando apenas nesta obra. A forma histórica do relato foi útil porque permitiu tratar com mais liberdade conhecidos fenômenos da vida. Pode ser que eu esteja enganado, mas, de qualquer modo, engano-me com toda sinceridade: penso que todos os fundamentos da vida do século XVIII continuam a existir até hoje. Portanto, a sátira ‘histórica’ não foi absolutamente para mim um objetivo, mas apenas uma forma. É claro que o leitor comum pode facilmente se enganar e tomar a

afirmações precisam ser consideradas à luz das contendas da época entre publicistas e literatos, pois não há dúvidas de que, em *História de uma cidade*, há paródia do texto histórico e sátira do comportamento senão de todos, pelo menos de parte dos historiadores.

O próprio editor, que abre a *História*, zomba do texto do cronista. Em todo o livro, os seus comentários irônicos, cômicos, irreverentes ora colocam em dúvida a veracidade dos anais, ora apontam a estupidez de quem os escreveu, sempre sob o disfarce de uma dissimulada admiração. Assim ele indica que o cronista: imitou o *Dito da expedição de Igor* (Capítulo 3), cometeu “um erro evidente” (Capítulo 4), enganou-se ao colocar a data, gerando um anacronismo, ou, antes, abusou da própria perspicácia adivinhando o futuro (Capítulo 5) etc...

Paradoxalmente, é o editor ficcional quem dá voz ao cronista. Não fosse ele, a história não seria contada, e, levando-se em conta a sua posição privilegiada, poderia ter cortado qualquer trecho da narrativa. Ao contrário disso, ele inicia a história com a carta deixada pelo último dos cronistas-arquivistas. Essa carta, endereçada ao leitor, entra como segundo capítulo do livro e explica a importância dos *Anais* da cidade, que “por pouco não ofuscou a glória da Roma Antiga”. Explica ainda qual é o papel do cronista: “Será que consiste em criticar e censurar? Não! Em julgar? Também não. Em que então? Em ser apenas aquele que vai retratar o acontecido e transmiti-lo à posteridade.”

Nesse segundo capítulo, a linguagem pretensamente rebuscada, colorida por palavras ora formais e cultas, ora informais e populares, produz uma nota irônica. Evocar a imparcialidade do historiador, que teria por tarefa retratar fielmente o acontecido, aponta exatamente o extremo oposto e faz lembrar a dedicatória do consagrado Nikolai Karamzin em *História do Estado Russo*.³⁹⁰

abordagem histórica literalmente, mas o crítico deve ser mais perspicaz.” (SCHEDRIN, Moscou, 1969, 456)

3. “A narrativa a partir do cronista eu também adoto apenas para maior comodidade e valorizo esta forma apenas na medida em que ela me oferece maior liberdade. Em geral, estou convecido de que não convém deixar-se restringir por nenhuma forma e tenho observado que, na sátira, isso não deve causar revolta nem ser considerado sem efeito. O resenhista, porém, me acusa de ter feito isso para provocar Chubinski e historiadores similares. Mas quem é Chubinski? Na minha opinião, é um tipo de historiador, ou, nas palavras de Gontcharov, ‘uma expressão material de relações imateriais’. Chubinski é um indivíduo que fuça o excremento e, a sério, toma-o por ouro. Chubinski é um tipo, digamos, extremo, mas ninguém conseguiria incomodá-lo ou exaltá-lo, ou seja, elevá-lo ao quadrado ou ao cubo – resulta no mesmo Chubinski.” (SCHEDRIN, Moscou, 1969, 456)

³⁹⁰ Nikolai Mikháilovitch Karamzin (1786-1826) – historiador, tradutor e escritor, fundador do sentimentalismo russo. A partir de 1803, tornou-se o historiógrafo oficial da Rússia. Publicou a *História do Governo Russo em 12 volumes*. Em dedicatória ao imperador Alexandre I (1777-1825), que reinou de 1801 a 1825, escreveu: “Estai vigilante, monarca querido. O entendedor do coração humano lê os pensamentos, a história registra os feitos dos magnânimos czares e, na posteridade mais distante, inspirará

Os dois primeiros capítulos são singulares em relação ao restante da narrativa e encontram paralelo apenas nas últimas páginas, em que Schedrin publicou “Documentos comprobatórios” escritos por governantes da cidade. Apesar de não relatarem ainda a história da cidade, objetivo do romance apontado inclusive pelo título, editor e cronista já fornecem o tom da obra.

Alguns críticos afirmam que “Do editor” exerceu a função de driblar a censura e, para confirmar essa ideia, apontam o depoimento do censor da revista *Anais da Pátria*, N. E. Lebediev, para o qual a existência desse primeiro capítulo privava a censura de “fundamentação para instaurar um processo contra o autor por intenção de ultrajar o poder e os seus representantes”³⁹¹. Entretanto, o capítulo encontra-se disposto de forma tão harmônica com o restante do romance que não podemos esquecer de sua função literária e, conseqüentemente, devemos analisá-lo nesse aspecto.

No primeiro parágrafo, a seriedade das palavras do editor, entre as quais encontramos “estorvava”³⁹², “fidedignos”³⁹³, “época ilustrada”³⁹⁴, contrasta com o nome da cidade – “Tolóvia”. No parágrafo seguinte, de novo, há um contraste entre a expressão geral “ações notáveis” e a sua explicitação: “viagens rápidas nos cavalos da posta, cobrança enérgica de atrasados, marchas contra os cidadãos, arranjo e desarranjo de calçadas”. Esses dois exemplos mostram o princípio da construção de todo o discurso do editor, que destrói estruturalmente o modelo de discurso de editores previamente existente na memória do leitor. A configuração cômica do texto põe fim à seriedade da explicação, provocando um contraste reflexivo.

A ironia no tratamento da questão dos açoitamentos³⁹⁵, usados regularmente como medida punitiva, e a sua menção como uma das principais ações dos governantes indicam bem o modo como o autor vai abordar os graves problemas nacionais nessa

amor à vossa santa memória. Recebei com benevolência este livro, demonstração de tudo isso. A história do povo pertence ao czar.”

³⁹¹ Evgueniev-Maksimov, V. E. *В тисках реакции* [V tiskakh reaktsii; Nos apertos da reação]. Moscou-Leningrado, 1926, p. 33. apud *Obras completas*. Moscou, 1969, p. 550.

³⁹² Препятствовать [prepiatstvovat].

³⁹³ Достоверный [dostoviernyi].

³⁹⁴ Просвещенное время [prosveshchionnoe vriemia].

³⁹⁵ Em 1890, o escritor Antón Tchêkhov presenciou cenas cruéis de açoitamento na colônia penal da ilha Sacalina. Na época o autor surpreendeu-se com a falta de sentido e o caráter aleatório das punições. “Infligem-se castigos com açoite ou vara por qualquer delito, seja ele grave ou de pouca importância; utilizado como complemento, junto com outras punições, ou isoladamente, de qualquer modo, eles sempre são parte indispensável de todo tipo de sentença.” No livro que publicou cinco anos depois de voltar a Moscou, Tchêkhov descreveu a aplicação de uma pena de 100 açoites. “O carrasco fica de lado e bate de tal modo, que o açoite corta o corpo na transversal. Após cada cinco vergastadas, ele muda, lentamente, para o outro lado, permitindo um descanso de meio minuto. Os cabelos de Prokhorov grudam-se na testa, o pescoço incha; já após cinco a dez golpes, o corpo, coberto de vergões dos açoites anteriores, torna-se rubro e azulado; a superfície da pele rebenta a cada golpe.”

história da Rússia às avessas. Em seguida, o leitor é apresentado ao modo como será tratada a história. Por que os *Anais de Tolóvia* são considerados materiais fidedignos? Porque estão sujos, rasgados, amarelados... A referência a várias personalidades da época e a figuras históricas respeitadas pelo poder czarista consistem, inclusive para os russos de hoje, em um quebra-cabeça que só conseguimos decifrar com a ajuda das notas. No entanto, o mais importante é que não escapa a ninguém a condição derrisória da referência.

Nesse início do livro, já estão presentes três elementos essenciais da narrativa de Saltykov-Schedrin: o cômico³⁹⁶, a sátira³⁹⁷ e a paródia³⁹⁸, em toda a amplitude que lhes conferem as teorias contemporâneas da crítica literária, como recursos utilizados para retomar, reler e, no final, criticar os modelos das crônicas e dos livros de história do século XIX e os grandes feitos da nação russa exaltados na historiografia oficial. Como ferramentas que expõem a relação de poder governantes-governados, sem hipocrisias, esses elementos preservaram a atualidade da prosa de Saltykov-Schedrin no século XXI. A perspicácia na revelação da verdadeira Rússia foi sublinhada na época, por exemplo, por Turguiénev, pouco depois do lançamento de *História de uma cidade*.³⁹⁹

O diálogo não acontece apenas com textos históricos, mas também com clássicos da ficção russa. O último cronista dos *Anais de Tolóvia* escreve: “E digo mais: a esse cronista precederam quatro arquivistas, sucessivamente: Michka Tripítchkin, um

³⁹⁶ No Curso de Russo da USP, tradicionalmente, estuda-se o cômico na literatura russa, em autores diversos. Inclusive em autores considerados “sombrios”, como é o caso de Dostoiévski, Boris Schnaiderman destaca escritos em que “o cômico irresistível de suas situações” não se limita a provocar o riso, mas produz “uma sátira impagável da burocracia”, como é o caso do conto “O crocodilo”. Arlete Cavaliere em suas pesquisas, desde o mestrado, tem tratado da comicidade e do riso na obra de Nikolai Gógol.

³⁹⁷ Sátira é uma palavra indissolivelmente ligada à obra de Schedrin. Todos os estudiosos de sua obra desenvolveram análises sobre esse aspecto da sua composição literária. V. Prozorov afirmou que “em 1860-1870, Saltykov criou um tipo próprio de enciclopédia satírica da vida russa” e deu a um dos capítulos de seu livro o título: O dom da sátira. A Universidade Estatal de Kalinin publicou em “A sátira de M. E. Saltykov-Schedrin” uma série de artigos sobre o tema. Dmítri Nikolaiev analisou “A sátira de Schedrin e o grotesco realista”.

³⁹⁸ A paródia é tratada aqui no seu conceito amplo, de “repetição com diferença crítica”, apresentado por Linda Hutcheon em *Uma teoria da paródia*. Para Hutcheon, “qualquer forma codificada pode teoricamente, ser tratada em termos de repetição com distância crítica, e nem sequer necessariamente no mesmo *médium* ou gênero. É conhecida a tendência da literatura para parodiar o discurso não literário.” (HUTCHEON, Portugal, 1989) No caso de *História de uma cidade*, há evidente paródia dos livros de história oficiais da Rússia do século XIX e também de referências históricas antigas, como crônicas e manuscritos.

³⁹⁹ Em carta a Schedrin, Ivan Turguiénev (1818-1883) afirma: “[...] esse livro [*História de uma cidade*], na sua categoria, é um material histórico valioso [...]. Sob essa forma agudamente satírica, às vezes, fantástica [...] reproduz com precisão aspectos fundamentais da fisionomia russa”. Alguns meses depois, em artigo para uma revista de língua inglesa, ele caracteriza a obra: “*História de uma cidade* é, em realidade, uma espécie de história satírica da sociedade russa durante a segunda metade do século passado e o começo deste, sob a forma da descrição burlesca de uma cidade fictícia e dos governantes que ali se sucederam de 1762 a 1826”. (*Obras completas* [de Turguiénev]. Moscou, 1956.)

outro Michka Tripítchin, Mitka Smirnomordov e eu, o humilde Pávluchka, filho de Masloboinikov.” De sobrenome Tripítchkin é o amigo de Khlestakóv, na obra de Nikolai Gógol, *O inspetor geral* (1851). No final da peça, o chefe dos correios abre uma carta de Khlestakóv endereçada a Ivan Vassiliévitch Tripítchkin. Nela, o impostor contava a boa vida que teve, fingindo-se inspetor geral.

Depois de contar como se deu a compilação da história de Tolóvia e o que levou o editor a publicá-la, Saltykov-Schedrin começa o relato da história propriamente dita, desde a origem dos tolenses, antes chamados bate-cabeças. O terceiro capítulo, “Sobre a origem dos tolenses”, é o trecho em que o texto ficcional mais se aproxima do texto histórico, e alguns paralelos ajudam-nos a compreender melhor a composição da obra literária. Para isso, tomamos aqui dois historiadores consagrados e modelares: Karamzin⁴⁰⁰ e Solovióv⁴⁰¹, sendo o primeiro porta-voz da versão oficial da história e o segundo um profissional comprometido com o método histórico-comparativo.

Assim como a obra de Schedrin, as histórias de Karamzin e Solovióv são compostas de capítulos independentes. Enquanto o literato brinca com a cronologia, produzindo uma obra anacrônica⁴⁰², os textos dos historiadores apresentam os fatos em rigorosa sequência temporal. Schedrin adota o arcabouço tradicional, mas subverte o conteúdo, que passa de sério e enaltecedor a cômico e degradante. Como ele próprio afirmou na carta a Pypin, o modelo histórico é só um recurso, e como tal não deve aprisionar a liberdade do escritor.

Vejamos como Solovióv⁴⁰³ descreve os primórdios do povo russo:

No início, a tribo eslava encontrava-se às margens do rio Danúbio, em locais ricos e fecundos; mas não conseguia viver em paz, era atacada de todos os lados por outras tribos, o que obrigou muitos dos eslavos a se deslocarem para o Norte e para o Oriente; assim eles ocuparam

⁴⁰⁰ Ver nota 258.

⁴⁰¹ Serguiei Mikháilovitch Solovióv (1820-1879). Historiador, membro da Academia de Ciências de São Petersburgo (1872), reitor da Universidade de Moscou (1871-1877). A grande obra de sua vida foi *A história da Rússia nos tempos antigos* em 29 volumes. Em comparação com Karamzin é um considerado um historiador de ideias liberais. Posicionou-se contra a servidão e o governo de Nicolau I. A sua *História da Rússia* foi publicada como alternativa à *História do governo russo*, de Karamzin.

⁴⁰² O anacronismo, referido por vários estudiosos de *História de uma cidade* e usado como recurso literário que incrementa o aspecto cômico, foi criticado e causou incompreensões entre críticos e resenhistas (ver a nota 6). Acusaram Schedrin de desconhecer a história de seu país e de deturpar fatos históricos.

⁴⁰³ As citações de Solovióv são do livro *História ilustrada da Rússia*, em cuja primeira parte estão reunidas algumas de suas palestras como professor. A segunda parte é composta de manuscritos russos antigos.

também o país que agora se chama Rússia [...] Fixando-se aqui, receberam nomes variados, alguns originários do lugar onde viviam, outros do nome de seus fundadores; mas não havia um nome único porque eles não constituíam um povo único nem possuíam um governo central único [...] Acontece que esses clãs enfrentavam-se e faziam guerras, porém sofriam mais por causa de inimigos externos. (SOLOVIÓV, Moscou, 1997, p. 6-7)

Em Schedrin, temos:

Havia, diz ele, na antiguidade, um povo chamado bate-cabeça, e vivia ele no Norte distante, lá, onde historiadores e geógrafos gregos e romanos supunham a existência do mar Hiperbóreo. Bate-cabeça era denominada essa gente por que tinha o hábito de bater a cabeça em tudo que encontrava pelo caminho. Topavam com uma parede – batiam a cabeça nela; faziam preces a Deus – batiam a cabeça no chão. Na vizinhança dos bate-cabeça vivia um monte de tribos independentes [...] Nem religião nem forma de governo essas tribos não tinham; em lugar de tudo isso, frequentemente se hostilizavam. Faziam alianças, anunciavam guerras, promoviam a paz, juravam amizade e fidelidade umas às outras [...] (SALTYKOV-SCHEDRIN, Moscou, 1969, p. 270)

Enquanto o texto do historiador mantém um tom enaltecido e respeitoso, a ficção de Schedrin faz uma descrição irônica. O cômico, nesse trecho, está relacionado ao nome do povo, ao seu hábito de bater a cabeça e a suas relações com os vizinhos. A seriedade de nomes dados de acordo com o local onde as tribos viviam ou em homenagem aos seus fundadores contrasta com o tom jocoso da denominação “bate-cabeça”, originada de um hábito bastante ridículo e insensato, que produz um efeito de derrisão e não de retrato sério. Solovióv usa uma sintaxe e vocabulário mais formais, enquanto Schedrin adota procedimentos coloquiais como no período “Topavam com uma ponte – batiam a cabeça nela, começavam a rezar – batiam a cabeça no chão”.

Ainda sobre essa época de guerras e desordens, escreve Solovióv:

[...] iniciaram-se guerras intestinas. E então eles começaram a discutir entre si: “Busquemos um príncipe que venha nos governar e julgar

todas as coisas com justiça”. Como não encontraram entre eles um homem que examinasse todas as coisas de modo único, não tomasse partido de ninguém e fosse ouvido por todos, mandaram embaixadores pelo mar até a terra dos varegues, para falar com os seus governantes, os príncipes e irmãos Riurik, Sineus e Truvor. Os embaixadores disseram-lhe: “A nossa terra é grandiosa e abundante, mas não há ordem entre nós, venham nos governar”. Rúrik e os seus irmãos concordaram [...] (SOLOVIÓV, Moscou, 1997, p. 9)

Historicamente, esse é um momento memorável, quando o viking Rúrik funda o reino de Rus na cidade eslava de Nóvgorod; é o marco inicial em qualquer cronologia da história da Rússia. Pois Schedrin aproveita a oportunidade para destruir o espírito grandioso que sustenta a narrativa.

Não havia ordem, isso é certo. Tentaram de novo bater cabeças, mas nem com isso conseguiram alguma coisa. Então resolveram procurar para si um príncipe.

– Num instantinho, ele vai arranjar tudo pra nós – disse o ancião Boa-ideia – trará soldados e construirá um cárcere, como tem de ser. Vamos lá, rapaziada!

[Depois de muito procurar, os enviados encontram um príncipe.]

– Quem são vocês? E com que súplica vieram me procurar? – perguntou o príncipe aos enviados.

– Somos os bate-cabeça! Não há no mundo povo mais sábio e corajoso! (SALTYKOV-SCHEDRIN, Moscou, 1969, p. 271)

O príncipe então pergunta aos bate-cabeça quais são os feitos do seu povo, e eles começam a enumerar uma série de ações estúpidas, irritando o interlocutor.

– Tolos, vocês são uns tolos! – disse o príncipe – não deviam se chamar bate-cabeça, mas sim tolenses! Eu não quero governar tolos! Procurem um príncipe tolo, o mais tolo do mundo – é esse que vai governá-los. (SALTYKOV-SCHEDRIN, Moscou, 1969, p. 272)

Ao desdobrar a frase histórica “Venha nos governar” em um diálogo entre os enviados e o príncipe, Schedrin desfaz o tom elevado e abre outras possibilidades de

sentido. Aquele povo tão sábio e corajoso foi rejeitado. A grandiosidade de uma única frase, eloqüente pelo poder da síntese, é arruinada por essa conversa e pela decisão final do príncipe, que não quer governar tolos.

Depois que o príncipe se recusa a governá-los, os bate-cabeça saem em busca do príncipe mais tolo do mundo. Topam com um segundo príncipe, que, para surpresa dos enviados, mostra-se sábio e dá a mesma resposta do primeiro. Por fim eles encontram um terceiro príncipe, que concorda em governá-los, desde que aceitas algumas condições.

– Certo. Eu quero governar vocês – disse o príncipe – mas morar lá com vocês – não vou! Porque os seus hábitos de vida são muito selvagens. [...] Mandarei um enviado em meu lugar: que ele os governe, e, de longe, manterei todos sob o meu cabresto – ele e vocês!
(SALTYKOV-SCHEDRIN, Moscou, 1969, p. 274)

Os bate-cabeça concordam, e o príncipe continua.

– E muitos impostos vocês vão me pagar – continuou o príncipe – quem tiver uma ovelha e um carneirinho, deixará a ovelha comigo e ficará com o carneirinho; quem conseguir um tostão, partirá esse tostão em quatro: uma parte será minha, e a outra também, e mais a terceira, a quarta ficará com vocês. Se eu declarar guerra, vocês é que vão guerrear. (SALTYKOV-SCHEDRIN, Moscou, 1969, p. 274-275)

Sobre o tema específico dos impostos, escreve Solovióv:

O príncipe trouxe consigo a *drujina*, uma tropa especial, formada de homens valentes, que sempre o acompanhavam. [...] Trabalhar, arar a terra, confeccionar as próprias roupas e sapatos, isso os soldados da guarda não podiam fazer; tinham de ser alimentados e sustentados pelas pessoas que protegiam. Por isso, o restante do povo devia pagar impostos ao príncipe, e com esses impostos o príncipe mantinha a guarda. No início, o próprio príncipe e os seus soldados recolhiam os impostos, e os moradores aproveitavam para lhe apresentar as suas queixas, e os culpados pagavam-lhe multas. (SOLOVIÓV, Moscou, 1997, p. 11-12)

Poderíamos citar vários outros trechos do Capítulo 3 que correm paralelos à história tradicional. Mas os recém-mencionados são suficientes para indicar os aspectos “Sobre a origem dos tolenses” que queremos analisar aqui. A paródia entendida em seu sentido amplo, de derrisão, mas também de canto paralelo é uma das chaves de interpretação desse texto.

Como coloca Linda Hutcheon, a paródia, na qualidade de “repetição com distância crítica, é um recurso que permite reorganizar o passado, estabelecer com outras formas codificadas uma relação formal ou uma dialogia textual, lembrando Mikhail Bakhtin, construir criticamente ou destruir depreciativamente. Dois elementos mostram-se, portanto, essenciais: a distância e a crítica, ambos presentes na obra de Saltykov-Schedrin.

Em Hutcheon, a definição da paródia tem um princípio semiótico. As representações paródicas deixam mais evidentes as convenções do modelo e expõem os seus mecanismos, porque partem da ideia da coexistência dos dois códigos em uma mesma mensagem.

A paródia e, pois, na sua irônica “transcontextualização” e inversão, repetição com diferença. Está implícita uma distanciação crítica entre o texto em fundo a ser parodiado e a nova obra que incorpora, distância geralmente assinalada pela ironia. Mas esta ironia tanto pode ser apenas bem humorada, como pode ser depreciativa; tanto pode ser criticamente construtiva, como pode ser destrutiva. O prazer da ironia da paródia não provém do humor em particular, mas do grau de empenhamento do leitor no **“vai-vém” intertextual** (*bouncing*) para utilizar o famoso termo de E. M. Foster, entre cumplicidade e distanciação. (HUTCHEON, Portugal, 1989)

Em *História de uma cidade*, parodia-se o discurso histórico oficial, como forma de rever o passado russo, reavaliando um legado transmitido desde os primórdios da nação. O movimento da paródia permite reconhecer com maior clareza traços que, diante da seriedade da historiografia oficial, passam despercebidos. O modelo copiado e distorcido reorganiza o passado. A duplicidade, de um lado o histórico, de outro o

ficcional, cria tensões cômicas, ridiculariza personalidades veneradas, ergue o maravilhoso tapete vermelho e mostra que debaixo dele há uma profusão de sujeiras mal esclarecidas.

Alguns aspectos da paródia de *História de uma cidade* são evidentes. O primeiro deles, a relação formal ou estrutural entre os dois textos ou uma dialogia textual. O texto do escritor não é uma simples imitação, não é uma citação nem uma alusão – é uma reescrita, lembrando Linda Hutcheon, com distância irônica e crítica. Há um tanto de farsa, mas também uma grande porção de verdade, e a farsa, refletidamente pensada, pode se mostrar, inclusive, mais verdadeira do que a história oficial.

Ao mesmo tempo em que se expressa pela paródia, Schedrin também emprega a sátira, considerada aqui no sentido de crítica social, que ridiculariza vícios e defeitos da sociedade em sua realidade objetiva⁴⁰⁴. Ao falar de Tolóvia, dos tolenses e de seus governantes, o autor ataca o czarismo do século XIX, as arbitrariedades de Nicolau I, a vergonha da servidão, a insuficiência das tímidas reformas.

É pela sátira e pela paródia, que Schedrin revê a identidade nacional. O caráter abrangente e contemporâneo de *História de uma cidade* é o que garante referências a essa obra inclusive na atualidade, nos meios de comunicação russos, principalmente em comentários políticos. A temática muito atual explora uma questão muito cara aos russos de ontem e de hoje – a sua identidade. A identidade entendida aqui, como coloca Stuart Hall em *A identidade cultural na pós-modernidade*, como uma *narrativa da nação*, tal como é contada e recontada nas histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular. Considera-se, portanto, que as culturais nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e de representações, considera-se que a cultura nacional é um *discurso* – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. A cultura nacional russa é tanto a obra de Solovióv, considerada como expressão da ciência historiográfica como a concebiam no século XIX, quanto a obra de Saltykó-Schedrin, considerada como expressão de uma literatura acostumada a discutir as grandes questões do país. Ambos produzem sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais os cidadãos idênticos se, sentidos que constroem ou questionam identidades.

⁴⁰⁴ Em *Uma teoria da paródia*, a autora explicita justamente a diferença entre sátira e paródia. Em contraste com a paródia, a sátira é “representação crítica, sempre cômica e muitas vezes caricatural, de uma ‘realidade não modelada’, i.e., dos objetos reais (a sua realidade por ser mítica ou hipotética) que o receptor reconstrói como referentes da mensagem. A ‘realidade’ original satirizada pode incluir costumes, atitude, tipos, estruturas sociais, preconceitos etc.”

Stuart Hall fala especialmente do mito fundacional, ou seja, da história que localiza a origem da nação, do povo e do seu caráter nacional em um passado tão distante que se perde no tempo. É desse mito que trata Schedrin quando começa a história de Tolóvia pela busca de um príncipe que possa governá-la. Tendo em mente esse conceito e a forma da narrativa, a discussão da identidade russa em *História de uma cidade* encontra paralelo na discussão da identidade brasileira em *Macunaíma*, de Mário Andrade. Essas duas obras, escritas em momentos históricos e geográficos tão diversos (respectivamente, Rússia de 1869 e Brasil de 1927) guardam muitas semelhanças estruturais e narrativas.

Em primeiro lugar, ao elaborar satiricamente o caráter nacional, ambas se apóiam na ausência. Macunaíma, imperador do Mato Virgem, é o herói *sem* nenhum caráter. O povo russo, formado inicialmente de tribos eslavas dispersas, é uma *pré-nação sem* ordem.

Não estranha, portanto, que Telê Ancona na edição de *Macunaíma*, use o “termo impura” para definir a prosa de Mário de Andrade no romance, “faz da prosa narrativa um canto, a rapsódia vazada na “fala impura”, vale dizer, assumindo a língua portuguesa falada no Brasil (regionalismo, arcaísmos, gíria, sintaxe à brasileira, etc.). essa experimentação prende a trama da narrativa pertencente à área culta ao romance do folclore, ao conto de convergência, ao mito e à lenda vindos do relato oral.”

O cronista ficcional ao qual Schedrin dá a voz no segundo capítulo de *História de uma cidade* também faz a alusão à impureza: “Desse tipo eram os pensamentos que induziram a mim, humilde arquivista municipal (que recebe dois rublos ao mês de remuneração, mas, apesar disso, canta louvores), juntamente com os meus três predecessores, a cantar com nossos lábios impuros elogios aos gloriosos Neros recém-mencionados”. E o próprio Macunaíma, no último capítulo do romance, “Me acocorei em riba destas folhas, catei meus carrapatos, ponteei na violinha e em toque rasgado botei a boca no mundo cantando na fala impura as frases e os casos de Macunaíma, herói de nossa gente.” (p. 186)

Vejamos mais algumas semelhanças estilísticas entre *Macunaíma* e *História de uma cidade*. Em primeiro lugar, as repetições que enfatizam movimentos atemporais, à semelhança do folclore. Em *Macunaíma*: “Correndo, correndo, légua e meia adiante deram com a casa onde morava o bacharel de Cananéia.” Em *História de uma cidade*: “Andaram, andaram eles por um caminho reto três anos e três dias e não conseguiam chegar a lugar nenhum.” E, na mesma linha, os refrões narrativos. Em *Macunaíma*, a

expressão “Ai! que preguiça!”, bandeira verbal do imperador do Mato Virgem. Em *História de uma cidade* “E nada de ordem”, a constatação da desordem social, reiterada a cada episódio histórico.

Estão presentes nas duas histórias, ações inúteis, que mostram a imprevidência do povo. Em *Macunaíma*: “Depois das festinha de cotucar, fizeram a das cócegas, depois se enterraram na areia, depois se queimaram com fogo de palha, isso foram muitas festinhas.” Em *História de uma cidade* “Começou naquela parte em que engrossaram o rio Volga com farinha de aveia, arrastaram um bezerro para cima da sauna, cozinham mingau em uma rede de pescar, afogaram um bode no monte de palha, compraram um porco a troco de castor, mataram um cachorro pensando que era lobo, depois perderam as sandálias, que ficaram procurando pelo pátio; tinham perdido umas seis, mas acharam sete; depois receberam um lagostim com tinir de sinos, depois enxotaram um lúcio de cima dos ovos, depois foram capturar um pernilongo a oito verbas, enquanto ele estava sentado bem ali, no nariz de um pochekhonense, depois calafetaram uma fortaleza com panquecas, depois prenderam uma pulga na corrente, depois mandaram o diabo servir exército, depois sustentaram o céu com estacas e, no final, cansaram-se e ficaram esperando em que ia dar tudo isso.” Neste trecho de *História de uma cidade*, temos também o polissíndeto, na repetição do conectivo de coordenação, sugerindo a série de ações que se sucedem sem intervalos e sem reflexão.

Há também, nas dois relatos, uma alusão a Roma, como referência de civilização grandiosa, tomada em tom irônico. Em *Macunaíma*: “É São Paulo construída sobre sete colinas, à feição tradicional de Roma, a cidade cesárea, ‘capita’ da Latinidade de que provimos; e beija-lhe os pés a grácil e inquieta linfa do Tietê. As águas são magníficas, os ares tão amenos quanto os de Aquisgrana ou de Anverres, e a área tão a eles igual em salubridade e abundância, que bem se pudera afirmar, ao modo fino dos cronistas, que de três AAA se gera espontaneamente a fauna urbana.”

Em *História de uma cidade*: “Tendo, dessa maneira, disposto algo na qualidade de desculpa, não posso deixar de coligir que a nossa cidade natal de Tolóvia, promovendo vasto comércio de *kvas*, biscoitos assados e ovos cozidos, possui três rios e, em conformidade com a Roma Antiga, foi edificada sobre sete colinas, nas quais, na estação dos gelos, quebra-se um sem-número de carruagens e estatela-se uma quantidade igualmente incontável de cavalos. A diferença consiste apenas no fato de que, em Roma, resplandecia a devoração e, entre nós, a devoção; em Roma, transmitiam

a violência e, entre nós, a brandura; em Roma, levantava-se uma gentilha infame e, entre nós, comandantes.”

Desdobramentos da história

Até aqui tratamos dos três primeiros capítulos – “Do editor”, “Carta ao leitor” e “Sobre a origem dos tolenses” – todos singulares entre si e em relação ao conjunto da obra. Em conjunto, servem de introdução à narrativa principal, em que será discutida a relação entre governantes e governados ou a história da cidade a partir desse ponto de vista. O capítulo seguinte, o “Rol dos enviados como governantes à cidade de Tolóvia”, ainda mais singular por ser constituído não de um texto corrido, mas de uma relação de nomes, com breve caracterização de cada um, e por interromper o fluxo do relato, pode ser considerado um capítulo de corte, marca da transição do tempo longínquo, do momento da gênese para um outro tempo passado, mais próximo. Como diz o narrador no final do Capítulo 3 – “Com essa palavra, teve início o tempo histórico”.

Na qualidade de formalidade burocrática, dada inclusive pelo nome, *rol*⁴⁰⁵, a enumeração dos governantes cumpre a função de marcar a fronteira entre o tempo pré-histórico, pré-burocrático e o tempo histórico. Por outro lado, sinaliza o caráter risível desse tempo histórico, por isso a grande concentração, em apenas três páginas do livro, de derrisão, ironia e comicidade nos nomes e sobrenomes e na descrição das ações dos governantes. Antecipam-se algumas características básicas da administração de Tolóvia: o grande número de governantes estrangeiros (um alemão, dois franceses, um grego, um caucasiano e um turco), a imprudência e inutilidade de suas medidas administrativas (bater em comissários até tirar sangue, tomar de assalto a própria cidade da qual é governante, introduzir o uso da mostarda e da folha de louro...), os detalhes ímpares de suas vidas pessoais (“distinguia-se pela leviandade e gostava de cantar canções obscenas”, “de inteligência não muito ampla, tinha a língua presa”, “tão apaixonado pelo sexo feminino que praticamente dobrou a população de Tolóvia”).

Do rol dos governantes, publicado nos *Anais da Pátria* em 1869, conservaram-se os manuscritos, e a sua comparação com o texto do periódico e da primeira versão em livro (1870) mostra que, ao longo do tempo, Schedrin reelaborou a lista, mudou a ordem dos nomes, tirou alguns, incluiu outros. Essas alterações foram consideradas pelos

⁴⁰⁵ *Опись* [opis], lista de objetos contabilizados (bens, documentos), e não *список* [spisok], relação escrita de pessoas ou coisas ou *перечень* [peretchen], contagem de pessoas ou coisas por ordem, assim como relação dessa contagem.

críticos ora reescrituras inerentes ao processo de produção literária, ora tentativas de driblar a censura⁴⁰⁶.

Depois do capítulo de corte, Schedrin inicia o relato do tempo histórico. A partir daí os temas da relação governante-governado aparecem ininterruptamente, trazendos-nos à lembrança a afirmação do próprio escritor, de que escreveu *História de uma cidade* para apontar os vícios e defeitos que mais prejudicavam o desenvolvimento da nação russa. O início do capítulo seguinte, “O órgãozinho”, dedicado ao governante Demiénti Varlámovitch Brudasty, inclui uma data, 1762, marca exata do tempo histórico, em substituição à indefinição do tempo pré-histórico dada por “Havia na antiguidade”, no início do Capítulo 3.

Assim como fez com o “Rol dos enviados como governantes à cidade de Tolóvia pela autoridade suprema em diversas épocas (1731-1826)”, Saltykov-Schedrin revisou várias vezes o conteúdo de “O órgãozinho”, tanto em manuscritos quanto após a publicação nos *Anais da Pátria*, e mudou o título três vezes, tendo chamado antes este relato de “A cabeça recheada” e “Inaudita salsicha”. Na redação inicial, conservada até nossos dias, a fábula consistia em dois episódios isolados, o primeiro sobre a atividade administrativa do governante sem cérebro, o segundo sobre o conflito entre a nobreza tolense um governante com cheiro de comida. O primeiro tema foi reelaborado em “Época de suspensão das guerras”, Capítulo 12, em que o governante possui um crânio recheado.

A “invencível resistência” dos tolenses, característica inerente ao povo desde os primórdios, quando, na disputa de bater cabeças, venceram todas as tribos vizinhas, aparece agora ao lado da delicadeza e da mimalhice. Os habitantes “gostam que, no rosto do governante, brinque um sorriso acolhedor, que de seus lábios, de tempos em tempos, saiam gracejos amáveis e palavras carinhosas” (SCHEDRIN, Moscou, 1969, p. 281) e, por isso, decepcionam-se quando Brudastyi, na recepção oficial de posse, limita-se a dizer “Não suportarei” e volta logo ao gabinete.

A explicação para esse comportamento incomum e tão desagradável aos tolenses encontra-se em um aspecto grotesco e fantástico – em lugar de cérebro, o governante possui um órgãozinho, que só produz duas canções: “Não suportarei” e “Arrasarei” e, quando o seu mecanismo estraga, o dono simplesmente tira a cabeça de cima do

⁴⁰⁶ Dentre os estudiosos que consideraram as duas hipóteses, destacam-se particularmente um dos primeiros críticos de *História de uma cidade*, R. V. Ivanov-Pazumnik (nos comentários e notas da edição das obras reunidas de 1926) e S. A. Makaschin (prefácio “Do redator do texto” a *História de uma cidade*, Moscou: Academia, 1935), citados nas notas da edição de 1969, v. 8, p. 557.

pescoço e manda-a para conserto. Aqui o leitor descobre o que significa a expressão “governante com música”, que, no primeiro capítulo, parecia sem propósito. A naturalidade com que os tolenses recebem a notícia do “cérebro organístico” faz lembrar outros mundos grotescos já consagrados na literatura russa, como o mundo de “O nariz”, de Gógol e de “O crocodilo”⁴⁰⁷, de Dostoiévski, em que realidades grotescas e fantásticas são tratadas com a indiferença peculiar a esses gêneros. Apenas, no caso de Schedrin, a ênfase encontra-se não na autonomia de um órgão do corpo humano, nem no fato insólito de um homem conseguir viver dentro de um animal, mas na existência de um órgão em lugar de massa cinzenta e, ainda por cima, sem em nada prejudicar a capacidade de governar do seu portador.

O absurdo abre uma janela e deixa entrar o frescor de uma análise político-social diferenciada, em que o discurso lógico cede lugar ao extravagante e aparentemente incoerente. Estamos falando do final da década de 1860 na Rússia, época em que a sociedade fervilhava de ideias, teorias, correntes filosóficas e políticas, com numerosos embates entre si. A possibilidade de analisar questões já exaustivamente discutidas pela lente ficcional grotesca amplia o campo de visão, revirando o objeto de modo incomum. Nada deixa mais evidente a inépcia de um governante do que o fato de ele ter a inteligência regida por um mecanismo de órgão com duas peças musicais.

Os tolenses, porém, vão na contramão da reflexão da realidade racionalmente fundamentada: em vez de examinarem as insensatas ações do governante e se perguntarem: “Mas o que será que ele tem na cabeça?”, olham a sua cabeça oca, depositada em cima da mesa do gabinete, e se perguntam: será que “houve na história

⁴⁰⁷ À parte a convergência do recurso literário, o “O crocodilo” lembra mais a divergência de posições políticas entre os dois escritores. “Costuma-se considerar esse divertido conto tão somente um episódio insignificante na escaramuça de Dostoiévski com o satirista radical M. E. Saltykov-Chtchedrin, que, iniciada em 1863, voltou a inflamar-se em 1865, provocando o artigo já mencionado, ‘O cisma entre os Niilistas’. Na verdade, porém esse despretençioso conto grotesco é a primeira reação de seu autor às implicações da nova linha radical que começa a surgir entre os publicistas da *Palavra Russa*.” (FRANK, Edusp, 2003, p. 119).

Os episódios da contenda entre Dostoiévski e Saltykov-Schedrin, registrados em detalhes nos volumes de Joseph Frank sobre o autor de *Crime e Castigo*, principalmente nas páginas 485 a 491 do terceiro volume, tiveram início quando o último se juntou à equipe editorial da revista “O contemporâneo” e assumiu a tarefa de conduzir a batalha contra os *pótvieniki*. Dentre os vários episódios e xingamentos mútuos, Schedrin chama os colaboradores da revista dos irmãos Dostoiévski, “O tempo” de “passarinhos mansos”, perenemente amedrontados e encolhidos, e Dostoiévski menciona a suposta metamorfose política do outro, que teria passado de “liberal bastante comum” a “niilista recém-cozido”.

Entretanto, as disputas entre os dois escritores não excluíam admiração influência recíproca no aspecto literário. Segundo Joseph Frank, *Uma história aborrecida*, publicada por Dostoiévski em 1862, “é um divertido conto grotesco-satírico à maneira de Saltykov-Schedrin e revela a influência desse satirista social sobre o estilo de Dostoiévski.” (FRANK, Edusp, 2002, p. 287).

algum exemplo de pessoas que davam ordens, conduziam guerras e fechavam contratos, tendo sobre os ombros um recipiente esvaziado?”

Portanto, há aflição e dúvida não por causa do absurdo da situação, mas porque, sendo ela considerada normal e possível no mundo grotesco da ficção, resta aos tolenses, que sonham com a ordem definitiva, porém nunca alcançada, evitar que dela resultem consequências nefastas.

Assim como o médico, em Gógol, examina seriamente o rosto sem nariz de Kovalióv e, depois de refletidos “hums”, afirma não ser possível restituir o órgão perdido e aconselha o major a continuar a vida sem ele, do mesmo modo os tolenses consultam o médico-chefe da cidade para saber se:

1) poderia a cabeça do governante desprender-se do tronco do governante sem derramamento de sangue?; 2) seria possível chegar à conclusão de que o governante havia retirado e esvaziado a própria cabeça?; 3) seria possível supor que a cabeça governamental, uma vez suprimida, podia, posteriormente, crescer de novo, com ajuda de algum processo desconhecido? (SCHEDRIN, Moscou, 1969, p. 286)

Na resposta, tão séria e tão absurda quanto em *O nariz*⁴⁰⁸, o médico refere-se a uma suposta “substância governamental”, depois, para não se comprometer, muda o rumo do diagnóstico e alega haver ainda mistério em torno da “estrutura do organismo dos governantes”.

Não sem fundamento Dmítri Nikolaiev dedica um livro de 350 páginas à *Sátira de Schedrin e o grotesco realista* e uma seção especial do quarto capítulo, “O objetivo do satírico e o sentido do grotesco”, a “O orgãozinho”, com detalhes de sua elaboração desde as primeiras ideias de Saltykov-Schedrin sobre um governante com a cabeça recheada até a sua versão final, publicada em 1870 já no romance *História de uma cidade*. Para Nikolaiev: “O resultado de muitos anos de elaboração literária foi a criação

⁴⁰⁸ “Feita esta prova, o médico balançou a cabeça e disse: – Não, não é possível. É melhor o senhor ficar assim mesmo porque senão poderá ser pior ainda. E claro que seria possível recolocá-lo; eu poderia até colocá-lo agora mesmo, mas lhe asseguro que isso seria pior para o senhor.” [...] “É claro que poderia recolocar o seu nariz, mas juro pela minha honra, se é que não acredita na minha palavra, que isto será muito pior. É melhor deixar por obra da própria natureza. Lave com mais frequência com água fria e asseguro-lhe que sem nariz o senhor será tão saudável quanto se o tivesse. Quanto ao nariz eu lhe aconselho que o coloque num frasco com álcool [mesmo procedimento usado por Schedrin em relação aos governantes impostores, no início do Capítulo 6], ou melhor ainda, ponha duas colheres de vodka e vinagre quente... e assim poderá conseguir um bom dinheiro por ele.” (GÓGOL, São Paulo, 1990, p. 31-32)

de uma imagem grotesca de amplo significado geral. Imagem que reúne em si numerosas impressões do satírico sobre os ‘governantes estúpidos’ ” (NIKOLAIEV, Moscou, 1977, p. 157).

No fechamento do conto, duplica-se a estupidez na figura de dois impostores que terminam os seus dias no início do capítulo seguinte, “A saga das seis governantes”, em recipientes completados com álcool. Final tão trágico deixa os tolenses sem governante, ou seja, justamente na situação mais temida por eles, e resulta em um período de anarquia, ao qual se segue acirrada disputa pelo poder, desta vez, porém, entre pretendentes do sexo feminino. Em vertiginosa sucessão de acontecimentos, Saltykov-Schedrin satiriza a monarquia russa não menos do que nos capítulos anteriores, mas há neste a clara exposição das intrigas internas motivadas por interesses pessoais, ganância, sede de poder.

Se antes, no Capítulo 3, o príncipe ficava distante da cidade, contentando-se em eleger um representante e, nos Capítulos 4 e 5, os governantes eram enviados por autoridades superiores distantes e invisíveis aos tolenses e, por isso, comparáveis a Deus na sua relação com os monarcas designados divinamente para reinar sobre os povos, agora duvidosas sucessoras ao trono entram em combate pelo poder em Tolóvia. Satiriza-se toda a estrutura de poder monárquica e também as supostas qualidades e intenções dos governantes.

Na história da Rússia, ao longo dos tempos, desde Rúrik, príncipe de Nóvgorod de 862 a 879, até o último czar, Nicolau II, que governou o país de 1894 a 1917, ou seja, até a Revolução de Outubro, sete mulheres ocuparam o posto máximo na estrutura de poder do Estado:

1. a princesa Olga (? – 969). Assumiu a regência da Rus kievana depois da morte do marido, em 945; reinou até 960;
2. Irina Fiódorovna Godunova (1557-1603), irmã de Boris Godunov e esposa do czar Fiódor Ioánnovitch. Ficou apenas nove dias no poder, de 7 a 15 de janeiro de 1598;
3. Sófia Alekséievna (1657-1704), da família dos Romanov, filha do czar Alekséi Mikháilovitch. Regente da Rússia de 1682 a 1689;
4. Ekaterina I Alekséievna (1684-1727), segunda esposa de Pedro I. No poder de 1725 a 1727;
5. Anna Ioánnovna (1693-1740), sobrinha de Pedro I, filha de Ivan V. Reinou de 1730 a 1740;

6. Elizaviéta Petróvna (1709-1762), filha de Pedro I com Ekaterina I Alekséievna. Imperatriz da Rússia de 1741 a 1761; e

7. Catarina II Alekséievna (1729-1796), a famosa Catarina II, esposa de Pedro III. Ocupou o trono russo de 1762 a 1796.

A princesa Olga foi a primeira governante russa a se converter ao cristianismo, ainda antes da cristianização da Rússia; é também a primeira santa russa. Há uma referência a ela não nesse capítulo, mas em “A deposição das guerras”, quando, comentado a prosperidade da cidade de Tolóvia, o narrador diz: “Os enxames cresciam extraordinariamente, de modo que mel e cera eram enviados a Bizâncio em enorme quantidade, quase como na época da princesa Olga. Já as intrigas e conspirações historicamente documentadas antes, durante e depois dos nove dias de governo de Irina Fiódorovna Godunova são fatos exemplares das fontes do autor satírico para compor o capítulo das governantes.

Irina Godunova casou-se com Fiódor Ioánnovitch segundo a vontade de Ivan, o Terrível (1530-1584), e essa união fortaleceu o poder da família Godunov, contrariando o interesse de outros grupos da nobreza. Após a morte do marido, Irina prestou juramento como czarina, mas, passados alguns dias, recolheu-se em um convento. Surgiram então vários candidatos ao trono. Os príncipes das famílias Rúrik e Guediminóv julgavam-se herdeiros, mas não conseguiram se opor ao irmão de Irina, Boris Godunov, apoiado por Iov, patriarca da Igreja Ortodoxa.

Passados quase cem anos, em 1682, morre o czar Fiódor Alekséievitch, sem deixar herdeiros. O pai de Fiódor, czar Alekséi Mikháilovitch, deixara filhos da primeira esposa, Maria Miloslavskaia, e da segunda, Natália Narychikna. Pela ordem de sucessão, o trono caberia a Ioann Alekséievitch, impedido por causa de problemas de saúde. Com o apoio do patriarca Ioakim, conseguiram proclamar Piotr Alekséievitch (futuro Pedro, o Grande), filho de Natália, então com dez anos de idade. Porém, Sófia Alekséievna, filha de Maria, contestou a decisão e conseguiu assumir o trono com o apoio dos boiardos Miloslávskii e da Infantaria, força militar de maior poder na época.

Ekaterina I, esposa de Pedro, o Grande, e mãe de Elizaviéta Petrovna, foi imperatriz da Rússia por dois anos. De família letã, antes do casamento, era amante do czar. De nascimento Marta Samuilóvna Skavronskaia, foi rebatizada. Em sua homenagem, o marido criou a ordem de Santa Ekaterina e deu o seu nome a uma cidade dos Urais – Ekaterinburg.

Em 1730, com a morte de Pedro II, da família real restaram a filha de Pedro, o Grande, Elizavieta Petróvna, um neto e três sobrinhas, filhas do czar Ioann Alekséievitch. Nas disputas políticas, a filha e o neto foram preteridos, e a sobrinha Anna subiu ao trono; coroada em Moscou, mudou-se para São Petersburgo e lá viveu até a morte. Sobre o seu reinado, escreveu Solovióv:

A pessoa em quem ela mais confiava era o alemão Biron, trazido da Curlândia [Há menções irônicas ao poder de Biron em *História de uma cidade*]. Esse Biron não se preocupava com a Rússia, preocupava-se apenas consigo mesmo. Dos nobres russos notáveis, colaboradores de Pedro, o Grande, restavam poucos; as famílias mais conhecidas eram a Golitsyn e a Dolgoruki. O representante mais importante da primeira, o príncipe Dimitrii Mikháilovitch fora encarcerado em uma fortaleza; os principais Dolgoruki tinham sido executados ou exilados [...]; nobres e camponeses sofriam com a severa cobrança de impostos em uma época de colheitas escassas; houve a guerra contra os turcos, que resultou em grandes perdas de soldados e dinheiro. (SOLOVIÓV, Moscou, 1997, p. 207)

Às críticas ao reinado de Anna Ioánnovna, Solovióv contrapõe generosos elogios a Elizavieta Petrovna, filha de Pedro I, que tomou as rédeas do poder em 1741. Segundo ele, em vinte anos no trono, a imperatriz recolocou o país no rumo que lhe dera o pai, convidando nobres de famílias russas tradicionais para compor o governo.

Finalmente, temos Catarina II, mais conhecida como Catarina, a Grande, coroada em 1762. O seus 34 anos de governo são considerados “o século de ouro do Império russo”. Nasceu na Alemanha e seu nome era Sofia Frederika Avgusta Angalt-Tsierbstskaia. Casou-se em 1745, aos dezesseis anos de idade, com Pedro III, que derrubou do trono com o apoio de oficiais da guarda e da nobreza da capital.

Obviamente, não é difícil armar um quiproquó a partir desses dados históricos, eles próprios tão ou mais intrincados do que o romance. Na análise da obra, esse breve resumo ajuda-nos a compreender melhor a sátira expressa em “A saga das seis governantes”, ao mesmo tempo em que nos permite analisar o relato ficcional em toda a sua singularidade. Além da sátira, o próprio autor escreveu, em nota à primeira publicação, no periódico *Anais da Pátria*, que havia na narrativa elementos de paródia

da obra de alguns historiadores-publicistas contemporâneos, que baseavam as suas “investigações” em material anedótico duvidoso.

E destaca-se também a discussão de questões polêmicas da segunda metade do século XIX russo, como as disputas com a Polônia. Nesse caso específico, Schedrin faz alusões à exagerada campanha antipolonesa movida pelos russos, tentando atribuir todos os males do país a secretas intrigas da Polônia.⁴⁰⁹

Saltykov-Schedrin reúne, em um único capítulo, personagens com características das mencionadas imperatrizes e czarinas e semeia ao redor delas uma série de intrigas, alianças, traições etc. Como apontado nas notas da edição de 1969, reproduzidas na tradução (notas 153-187), é possível estabelecer a correspondência entre certos fatos históricos e o relato ficcional, embora o colorido e o valor da narrativa esteja justamente na desordem e no anacronismo, como aponta o próprio autor na citada carta ao resenhista B-ov, pseudônimo do editor e crítico Suvórin:

Assim, por exemplo, ele [Suvórin] denuncia que eu conheço pouco a história da Rússia, impõe-me a cronologia, acusa-me de ter deixado passar muita coisa [...] Que no século XVIII não havia nem “orgãozinho” nem “seis governantes” – isso é indiscutível; mas o equívoco do resenhista, apesar disso, acontece apenas porque empreguei não aquelas palavras que, na opinião dele, devia ter empregado. Se, em lugar de “orgãozinho”, eu tivesse escrito “imbecil”, então o resenhista, provavelmente, não veria nada de antinatural; se, em lugar de seis dias, eu fizesse com que as governantes escarnecessem de Tolóvia por sessenta anos, então o resenhista não escreveria que isso é um disparate (a propósito: se eu realmente tivesse escrito uma sátira apenas do século XVIII, então, é claro, limitaria-me à “A saga das seis governantes”). Mas por que entender tudo tão literalmente? (SCHEDRIN, 1969, v. 8, p. 452-453)

⁴⁰⁹ Nas notas à edição de 1969, há comentários sobre a exposição da questão polonesa nos periódicos mais famosos da época e sobre a resposta da população ao apelo contra os poloneses. “Furiosa perseguição aos poloneses foi empreendida na década de 1860 pelo ‘Diário de Moscou’, dirigido por Katkov; material antipolonês ‘variegado’ surge, nessa época, em uma série de outras publicações; a participação em manifestações antipolonesas torna-se sinal de ‘patriotismo’, de ‘bom tom’, que confirmaria a ilimitada lealdade dos ‘russos’ às origens ‘tradicionalmente russas’”. [...] “Como repercussão dessa campanha, apresenta-se em ‘A saga das seis governantes’ a história da ‘intriga secreta’ dos *pans* Kchepchitsiulski e Pchekchitsiulski” (SCHEDRIN, Moscou, 1969).

Na discussão com Suvórin, o autor de *História de uma cidade* defende-se com a especificidade da literatura que, ao contrário do relato histórico puro, não deve sofrer restrições ditadas pela forma. As “mulheres da vida”, nas palavras do escritor, de “A saga das seis governantes” são simultaneamente todas e nenhuma czarina ou imperatriz. Se a crônica antiga, ou seja, o documento histórico encontra-se preso a um arcabouço pré-definido, a crônica, como recurso literário, ao contrário, está livre de imposições e consiste apenas em uma “forma útil”. Ao analisar a obra de Nikolai Leskov Jean-Claude Marcadé⁴¹⁰ lembra bem a tradição russa nesse gênero.

Os anacronismos, na verdade, além de renderem a graça dos comentários do editor sobre uma suposta “clarividência” do cronista, indicam ao leitor a ausência de limites temporais definidos, ou seja, a identificação do presente com o passado e a identificação da Rússia com Tolóvia torna-se formalmente possível, até porque, como escreveu o próprio autor, o romance não é uma sátira histórica, mas uma sátira comum, do século XIX.

Buchmin⁴¹¹ considera *História de uma cidade* o exemplo mais brilhante, em Schedrin, desse recurso de falar do presente por meio do pretérito. Para o crítico, essa forma do passado, que pode ser o presente, aqui e em outras obras de Schedrin, “foi escolhida não por acaso e não consiste em algo externo em relação ao conteúdo, ao contrário é lógica e real, além de artisticamente justificada, pois serve para expressar a idéia de continuidade das bases da vida do passado no presente.”

A forma da crônica libera Saltykov-Schedrin de procedimentos que o romance de narrativa linear, em que a fábula desenvolve-se sem interrupções, é obrigado a seguir. Assim o escritor tem toda liberdade de mesclar tempo cronológico, histórico e ficcional e acontecimentos reais, imaginários e fantásticos. Consequentemente, a história do povo sem ordem, escrita em “Anais” encontrados por acaso, pode ter lacunas e ausência de linearidade, ao contrário do relato histórico tradicional. Essa distinção aparece também no artigo “O narrador”, de Walter Benjamin, em relação à crônica:

⁴¹⁰ O autor francês dedica atenção especial à questão do gênero em Leskov, afirmando respeitar o que o próprio autor disse sobre as suas obras nesse aspecto, mas discordando da afirmação de Bodo Zelínski, para o qual as crônicas de Leskov não consistem em novo gênero e sim em uma variedade do romance. Para Marcadé, a crônica existia já há muito tempo, inclusive na tradição dos cronistas russos [p. 179], e embora pertençam à literatura pelo estilo e construção, guardam a função de descrever fatos reais, acontecidos em determinada época.

⁴¹¹ Buchmin toca nesse tema de passagem, no Capítulo “A alegoria esópica” (220-280), em que se ocupa mais detalhadamente dos contos maravilhosos. Entretanto, ao apontar aspectos importantes dos contos maravilhosos saltykovianos, cita também outras obras em que esses recursos foram utilizados.

Como quer que seja, entre todas as formas épicas a crônica é aquela cuja inclusão na luz pura e incolor da história escrita é mais incontestável. E, no amplo espectro da crônica, todas as maneiras com que uma história pode ser narrada se estratificam como se fossem variações da mesma cor. O cronista é o narrador da história. Pense-se no trecho de Hebel, citado acima, cujo tom é claramente o da crônica, e notar-se-á facilmente a diferença entre quem escreve a história, o historiador, e quem a narra, o cronista. O historiador é obrigado a explicar de uma ou outra maneira os episódios com que lida, e não pode absolutamente contentar-se em representá-los como modelos da história do mundo. (BENJAMIN, São Paulo, 1996)

Saltykov-Schedrin trabalha os elementos históricos de um modo que confere maior densidade de conteúdo à narrativa, porém sem exigir do leitor o reconhecimento de todas as chaves que decifram o texto. Um exemplo simples está na ação dos tolenses de lançar habitantes do alto do campanário ou afogá-los no rio. Sem nenhuma referência histórica, o fato, por si só, consiste em prova de insanidade e desespero, ainda mais se levarmos em conta que os lançados e afogados são pessoas comuns, que não têm nenhum comportamento condenável ou criminoso.

Os lançamentos e afogamentos acontecem em situações de crise e, por isso, revelam-se como trejeitos cômicos históricos – sem saber o que fazer para contornar ou resolver o momento difícil, sem contar com a maturidade e a sabedoria de um povo livre do jugo do despotismo, os habitantes de Tolóvia reagem por impulso, repetindo o que faziam nos primórdios de sua história, quando batiam cabeças. Além disso, a descrição dos lançamentos e afogamentos é cômica, pois tudo acontece rapidamente e sem explicação plausível, embora, de vez em quando, apareça alguém que tenta mostrar a tolice de tudo isso.

A anarquia começou quando os tolenses se reuniram em torno do campanário e jogaram lá de cima dois cidadãos: Stiepka e Ivachka. (SCHEDRIN, Moscou, 1969, p. 292)

Os tolenses mais uma vez tomaram de assalto o campanário, lançaram lá de cima Timochka e ainda um terceiro Ivachka, depois foram à casa do Limpa-Chaminés e arrasaram completamente o seu

estabelecimento, depois correram até o rio e lá afogaram Prochka e um quarto Ivachka. (SCHEDRIN, Moscou, 1969, p. 294)

[...] e castigar os tolenses com severíssima severidade, para que não mais afogassem no rio cidadãos inocentes em vão e nem os jogassem do campanário por mero hábito selvagem. (SCHEDRIN, Moscou, 1969, p. 295)

Os tolenses mais uma vez tomaram de assalto o campanário, lançaram lá de cima Siomka e, justo na hora em que queriam jogar de lá ainda o quinto Ivachka, foram detidos pelo ilustre cidadão Força Terientevyi Puzanovyi.

– Horda de valentes! – dizia Puzanov. – Entretanto, veja só, assim, dessa maneira, vamos dar fim ao povo todo, sem dar conta de nada! (SCHEDRIN, Moscou, 1969, p. 295)

Até aqui, supondo que falta ao leitor a chave histórica correspondente, ainda assim, a narrativa tem qualidades admiráveis, expressas no ritmo, na escolha do vocabulário, na estrutura sintática, na comicidade da morte sucessiva dos simples e cordatos Ivachkas. Entretanto, a sua densidade aumenta quando resgatamos o alto do campanário como local de execução. Na tradução, tentamos preencher essa lacuna com a nota, que conta, inclusive, como Stiepan Razin (1630-1671), chefe de levantes camponeses contra o governo czarista no século XVII, lançou do *raskat* ou “de cima do campanário”, como decidimos traduzir, o governador da província e o chefe militar Prozororskii e que, de lá, também lançaram o metropolita Iussif.

Em outros pontos de *História de uma cidade*, a relação com o fato histórico não é tão direta ou está entremeada de elementos diversos. Pelas notas da edição soviética, temos a indicação, por exemplo, de que Semion Konstantinovitch Galántov, que chega à Tolóvia como governante no sétimo dia da revolta relatada no Capítulo 6 e governa a cidade de 1762 a 1770, época correspondente cronologicamente ao reinado de Catarina II, na verdade, por sua descrição, lembra o czar Aleksandr I (1777-1825) nos chamados “anos liberais” de sua administração, ou seja, já no começo do século XIX. Para comprovar essa correspondência, mencionam o “constitucionalismo” e o pavor que afligia o governante ficcional (“sobre o estado de pavor em que viveu Aleksandr após o assassinato de seu pai, o imperador Pavel I, relatam praticamente todos os memorialistas do início do século XIX”).

A sátira a Galántov, entretanto, extrapola os limites do ataque pessoal e atinge, na verdade, um modelo de governante cujas atividades administrativas resumem-se a “disseminar as ciências”. Afinal, o governante notabilizou-se pela introdução da “fabricação de mel e de cerveja”, por “ter tornado obrigatório o uso da mostarda e da folha de louro”, comprovando “que ele descendia, em linha direta, daqueles governantes inovadores e valentes, que, setenta e cinco anos atrás, tinham conduzido a guerra em defesa da batata” (SCHEDRIN, Moscou, 1969, p. 305). No final, o narrador acrescenta que a sua maior contribuição foi a defesa da criação de uma academia em Tolóvia.

A narrativa de Schedrin: a história à deriva

Os dois capítulos seguintes, “A cidade com fome” e a “A cidade de palha”, podem ser tratados em conjunto, como indica, inclusive, a sua denominação. São relatos sobre grandes tragédias que assolaram Tolóvia-Rússia ao longo dos tempos – a fome e os incêndios. O escritor aproveita a atmosfera apocalíptica desses fenômenos para fazer alusões à bíblia e à igreja.

O episódio da fome tem relação direta tanto com o passado histórico quanto com a realidade russa da época de Saltykov-Schedrin, pois 1868 ficou registrado como “o ano da fome” (ver nota 193). No sétimo ano do inicialmente abençoado governo do brigadeiro Piotr Petróvitch Ferdýschenko, o diabo entra em cena. De “bonzinho e preguiçoso”, Ferdýschenko transforma-se em um governante “ativo e perseverante ao extremo”. Começa a perturbar os tolenses com todo tipo de ordem e, além disso, cisma em viver com uma mulher casada, esposa de um cocheiro da posta.

Dada a diferença no ritmo e na atmosfera geral da narrativa, é produtiva a comparação destes dois capítulos, “A cidade com fome” e a “A cidade de palha”, com “A saga das seis governantes”. O texto dedicado às governantes, denominadas por Schedrin “mulheres da vida” (nota 261), é atribulado, vertiginoso, repleto de revoltas, intrigas e traições, é o espaço da ação por excelência; nos episódios da fome e do incêndio, embora não haja quietude, pois grandes tragédias como essas inevitavelmente geram perturbação, a diminuição no ritmo da ação e a introdução de uma fala que parece mais próxima de uma terceira voz, agora do autor, transformam o espaço em reduto da filosofia, da reflexão.

É como se o calor da seca esturricasse não só as pastagens, mas também os corpos; como se o cansaço da fome impregnasse o ar; como se a frustração dos habitantes que percebem no provedor, o governante, o causador de seus males tirasse deles a disposição para o movimento. O mesmo se repete no caso do incêndio. O calor do fogo, a desintegração dos bens materiais transformados em cinza, a morte lenta e inevitável em meio a chamas, tudo isso refreia a ação. E nessa atmosfera pesa também a sentença divina, o julgamento, o fim dos tempos.

Essa constatação pode ser confirmada na forma e no conteúdo. O primeiro capítulo de “A saga das seis governantes” inicia-se com quatro parágrafos curtos – o

primeiro de dois linhas, os outros, de quatro. A ligeireza da paragrafação reforça a introdução de ações acabadas, expressas por verbos do aspecto perfeito.

Como era de se esperar, os estranhos acontecimentos ocorridos em Tolóvia não ficaram sem consequências.

Mal o poder dual nefasto conseguira lançar as suas raízes perniciosas quando, da província, chegou um enviado que pegou os dois impostores, colocou-os em recipientes separados completados com álcool, e de imediato levou-os para exame.

Mas esse ato de rigor administrativo, pelo visto natural e legal, quase se transformou em fonte de dificuldades ainda mais amargas do que aquelas ocorridas em função do surgimento incompreensível dos dois governantes idênticos.

Assim que o enviado desapareceu sem deixar vestígios, levando consigo os dois impostores, assim que os tolenses atentaram que tinham ficado sem governante algum, como amantes da autoridade movida pela força, de imediato caíram em anarquia. (SALTYKOV-SCHEDRIN, Moscou 1969, p. 292)

Nesse trecho: chegou⁴¹² um enviado da província, pegou⁴¹³ os dois impostores, colocou⁴¹⁴ os dois impostores em um recipiente, levou⁴¹⁵-os para exame, o enviado desapareceu⁴¹⁶, os tolenses atentaram⁴¹⁷ que tinham ficado sem governante, de imediato caíram⁴¹⁸ em anarquia. Além disso, a expressão “de imediato⁴¹⁹” foi usada duas vezes.

Por outro lado, em “A cidade com fome”, as primeiras dezesseis linhas compõem um único parágrafo e, com sua solidez formal, descreve o reino plácido dos dias que antecederam a desgraça da seca com predominância de verbos do aspecto imperfeito.

⁴¹² *Прибыл* [pribyl], pretérito de *прибыть* [pribyt], chegar (aspecto perfeito).

⁴¹³ *Забрав* [zabrav], gerúndio, pretérito, de *забрать* [zabrat], pegar (aspecto perfeito).

⁴¹⁴ *Посадив* [possadiv], gerúndio, pretérito, de *посадить* [possadit], plantar, pôr (aspecto perfeito).

⁴¹⁵ *Увёз* [uvioz], pretérito de *увезти* [uvezti], levar (aspecto perfeito).

⁴¹⁶ *Простыл* [prostyl], pretérito de *простыть* [prostyt], esfriar (aspecto perfeito), na expressão *простыл след* [prostyl slied], desaparecer sem deixar vestígios.

⁴¹⁷ *Узнали* [uznali], pretérito de *узнать* [uznat], saber, inteirar-se (aspecto perfeito).

⁴¹⁸ *Впали* [vpali], pretérito de *впасти* [vpasti], afundar, cair (aspecto perfeito).

⁴¹⁹ *Немедленно* [nemiedlinno], não lentamente.

Tolóvia entrou no ano de 1776 com os mais felizes presságios. Por inteiros seis anos seguidos a cidade não ardeu⁴²⁰ em chamas, não passou⁴²¹ fome, não foi⁴²² vítima de nenhuma epidemia, nem de nenhuma mortandade do gado, e os cidadãos, não sem fundamento, atribuíam⁴²³ essa prosperidade inaudita nos anais à simplicidade do seu chefe, o brigadeiro Piotr Petróvitch Ferdýschenko. E, realmente, Ferdýschenko era uma pessoa tão simples, que o cronista julga necessário deter-se de modo reiterado e com particular insistência nessa qualidade como a mais natural das explicações para a satisfação experimentada pelos tolenses na época do governo do brigadeiro. Ele não se intrometia⁴²⁴ em nada, satisfazia-se⁴²⁵ com módicos impostos, com prazer frequentava⁴²⁶ tavernas, onde passava o tempo conversando com “beijadores”, todas as tardes saía⁴²⁷ ao terraço da casa governamental, vestindo um roupão ensebado, e jogava⁴²⁸ *noski* com os subordinados, comia⁴²⁹ comida gordurosa, tomava⁴³⁰ *kvas* e gostava⁴³¹ de ornamentar o discurso com uma expressão carinhosa – irmãozinho-senhorzinho. (SALTYKOV-SCHEDRIN, Moscou, 1969, p. 306)

Embora não tenha essa placidez inicial, pois se inicia tão logo os tolenses acabam de sobreviver à fome, “A cidade de palha” dá prosseguimento à atmosfera inativa do capítulo anterior. Três marcas podem ser apontadas para corroborar essa afirmação. Em primeiro lugar, um outro narrador, no qual não reconhecemos nem o cronista nem o editor, faz uma longa intervenção reflexiva, da qual reproduzimos aqui apenas um trecho:

⁴²⁰ *Горел* [goriel], pretérito de *гореть* [goriet], queimar, arder (aspecto imperfeito).

⁴²¹ *Голодал* [golodal], pretérito de *голодать* [golodat], passar fome (aspecto imperfeito).

⁴²² *Испытывал* [ispytyvat], pretérito de *испытывать* [ispytyvat], experimentar (aspecto imperfeito).

⁴²³ *Приписывали* [pripisyval], pretérito de *приписывать* [pripisyvat], atribuir (aspecto imperfeito).

⁴²⁴ *Вмешивался* [vmeshivalsia], pretérito de *вмешиваться* [vmeshivatsia], intrometer-se (aspecto imperfeito).

⁴²⁵ *Довольствовал* [dovolstvoval], pretérito de *довольствоваться* [dovolstvovat], satisfazer-se (aspecto imperfeito).

⁴²⁶ *Захаживал* [zakhajival], pretérito de *захаживать* [zakhajivat], frequentar (aspecto imperfeito).

⁴²⁷ *Выходил* [vykhodil], pretérito de *выходить* [vykhodit], sair (aspecto imperfeito).

⁴²⁸ *Играл* [igral], pretérito de *играть* [igrat], jogar (aspecto imperfeito).

⁴²⁹ *Ел* [iel], pretérito de *есть* [iest], comer (aspecto imperfeito).

⁴³⁰ *Пил* [pil], pretérito de *пить* [pit], beber (aspecto imperfeito).

⁴³¹ *Любил* [liubil], pretérito de *любить* [liubit] (aspecto imperfeito).

As pessoas lamentaram só no primeiro minuto, quando, transtornadas, acorriam ao local do incêndio. Naquele momento, lembraram de tudo que lhes era caro; todas as coisas queridas, acalentadas, acariciadas, tudo o que ajudava a reconciliar-se com a vida e carregar o seu fardo. A pessoa se apegava tanto a esses ídolos perenes de sua alma, tão longamente deposita neles as suas maiores esperanças, que a ideia da possibilidade de perdê-los nunca se apresenta com clareza em seu pensamento. [...] O que lhe resta fazer? O que ainda se pode realizar? A única coisa possível é dizer a si mesmo que o passado acabou e que resta começar algo novo, algo que se quer muito evitar, mas de que não é possível se livrar, porque ele vai chegando por si só e se chama o dia seguinte. (SALTYKOV-SCHEDRIN, Moscou, 1969, p. 324)

No tom do texto, não há traços do editor, que costuma fazer comentários irônicos, jocosos e sempre estabelece algum contato com o cronista, abrindo-lhe as portas por meio de uma citação, criticando os seus procedimentos, elogiando-o debochadamente; também não há traços do cronista, que, em sua fala simples, salpicada de palavras elevadas, costuma tecer elogios aos governantes e à cidade ou justificar com doçura problemas que considera temporários. Pelas características da prosa de Schedrin e, sobretudo, dos seus artigos, publicados em periódicos parece essa a voz de um narrador-autor, se partimos do princípio de que esse é um comentário sério. O mesmo tom aparece, por exemplo, no conto maravilhoso “Perdeu-se a consciência”⁴³², publicado pela primeira vez na revista *Anais da Pátria*, em 1969.

Ao bêbado infeliz todo o seu passado parecia-lhe um crime completo e indecente. Ele não analisava, não perguntava, não imaginava: estava a tal ponto esmagado pelo quadro da própria baixa moral colocado à sua frente, que o processo de autoconsciência, que ele

⁴³² Nesse conto cômico-satírico, integrante do ciclo *Contos maravilhosos*, que mereceram um volume separado da edição das obras selecionadas, a consciência se perde, deixando a vida de todos mais leve e ilimitada. Ela fica jogada no chão, rasgada, suja, abandonada, até que um “bêbado infeliz”, com a vista enevoada pela bebida, a recolhe pensando poder tirar daquel embrulhinho algum proveito. A partir daí, a vida desse bêbado transforma-se em um martírio, pois, ao contrário de todos os outros, ele tem consciência, e o seu maior sonho passa a ser livrar-se dela.

A segunda marca de suspensão da ação está relacionada ao momento em que os velhos de Tolóvia param para ouvir o *iuródvyi* Arkhípuchko e a *iuródvaia* Aníssiuchka. Como o momento de ouvir o outro envolve suspensão da ação e, além disso, esses dois outros, como loucos proféticos, são a voz divina expressa não direta e claramente, mas por meio de alusões, verifica-se uma pausa relacionada à atenção e à concentração. “Os velhos, que papeavam ali por perto, calaram-se, juntaram-se ao redor do beatinho e perguntaram: – Onde, paizinho?”, escreve o narrador, apontando a interrupção de uma ação prévia, “papear”, para tentar entender a mensagem cifrada. O *iuródvyi* responde, mas tudo parece tão enigmático, que os velhos ficam pensativos e põem-se a refletir sobre o que foi ouvido. A suspensão prolonga-se, portanto, em três momentos: quando eles sentem que Arkhípuchko tem uma mensagem importante a transmitir, quando Arkhípuchko transmite essa mensagem e quando é preciso interpretar o que ele transmitiu.

Situação semelhante acontece com Aníssiuchka, também cercada pelos velhinhos que buscam entender as suas predições e fazem-lhe perguntas. Intensifica-se a impressão de pausa desse trecho com o corte que o interrompe. Os velhinhos, em vez de caírem em meditação, como aconteceu no caso de Arkhípuchko confundem-se e cochicham assustados: “– Senhor! O que será isso!”

O *iuródvyi*, ou seja, o louco com capacidade profética, foi introduzido em outras obras da literatura russa clássica, que deram visibilidade a esses integrantes da vida social russa, presentes sobretudo em cidades pequenas, onde não são aprisionados em uma instituição médica, mas mantidos no convívio geral e respeitados como emissários do divino. Em Dostoiévski, por exemplo, como aponta Eleazar Meletínski na segunda parte de seu livro *Arquétipos Literários*, o príncipe Míchkin, de *O idiota*, parece um *iuródvyi* aos que o rodeiam, sobretudo à primeira vista, por seu “grau tão elevado de franqueza, de sinceridade, de menosprezo às convenções” (MELETÍNSKI, São Paulo, 1998, p. 229).

Em Schedrin, Arkhípuchko e Aníssiuchka são mais um componente religioso neste nono capítulo apocalíptico. Eles pressentem o caos do fogo na desordem do mundo tolense; o primeiro até mesmo se purifica nesse fogo, aos olhos dos habitantes a sua figura adquire traços diferentes daqueles observados no cotidiano – “Às pessoas mostrava-se não aquele Arkhípuchko imundo, que vagava com olhos turvos” [...] “mas sim uma espécie de entusiasta, esgotado sob o fardo de um êxtase arrebatador”.

Como terceira marca da redução do ritmo da ação em “A cidade de palha”, temos as longas descrições do incêndio, momento em que o povo fica inerte, em contraposição ao fogo que devora tudo vertiginosamente. À descrição do início da tragédia, o narrador dedica dois parágrafos grandes; a passagem em que o *iuródyi* Arkhpuchko morre queimado, também rica em detalhes, é observada perplexamente pelo povo.

A redução do encadeamento das ações transforma a atmosfera da narrativa, porém não reduz a intensidade da sátira, talvez até a acentue, pois deixa em evidência uma das principais características dos tolenses: a passividade⁴³³. Naquela situação de calamidade pública, eles se limitam a fugir, carregando o que conseguem salvar, e a observar de longe a rapidez com que o fogo se alastra. Nenhum deles tenta apagar as chamas, e o único equipamento de incêndio da cidade, usado no início do capítulo para aplacar a fúria das brigas entre canhoneiros e infantes, pelo que se revela depois, é usado por Ferdýschenko para proteger a casa do pope, numa alusão à relação de poder igreja-estado.

Os capítulos da fome e do incêndio evidenciam o fato de que, na relação governante-governado, as más ações do primeiro refletem-se direta e negativamente no segundo, fazendo lembrar a sátira de Gregório de Matos na literatura brasileira, “mas foi El-rei enganado/e eu como povo o paguei/que é já costume, e já lei/dos reinos sem intervalo/que pague o triste vassalo/os desacertos de um rei” (MATOS, Porto Alegre, 2007, p. 68). É assim que Ferdýschenko, ao levar Alionka, cujo modelo é a Jesabel bíblica, para morar com ele, desencadeia a “ira divina” sobre Tolóvia, na forma de uma

⁴³³ A preocupação com a passividade do povo russo e com a inatividade dos seus governantes está expressa em muitas obras de Saltykov-Schedrin. A descrição do povo feita no conto “O *bogatyř*”, por exemplo, aplica-se sem restrições a Tolóvia, substituindo-se o país pela cidade. “Como era sofrido e paciente aquele país e tinha uma fé imensa e inabalável. Chorava e confiava; suspirava e confiava. Acreditava que, quando a fonte de lágrimas e suspiros se esgotasse, então o Bogatyř acharia um tempinho e viria salvá-lo.”

O *bogatyř*”, herói de caráter mágico, conhecido por sua força e bravura no conto maravilhoso tradicional, ao contrário do que desejava o seu povo, dormia no oco de um tronco de árvore. De acordo com o relato tradicional, o *bogatyř* sai e realiza façanhas extraordinárias. No conto de Saltykov-Schedrin, ele sai, arranca carvalhos ao acaso, depois se mete no oco de uma árvore e dorme.

E não se espere do sono a função de morte temporária, como no conto maravilhoso. Ironicamente, no final do conto, é Ivan, o bobo, também personagem do conto maravilhoso tradicional, quem descobre a razão do sono milenar do *bogatyř* – ele estava morto; o seu corpo fora devorado por víboras, e restava apenas a sua cabeça, destacada no alto do tronco.

O conto segue a mesma linha desagregadora de outras obras de Saltykov-Schedrin e aprofunda ainda mais a visão pessimista do mundo russo, sobrepondo camadas de sentido em que predominam a ausência e a falta, como apontamos na “falta de ordem dos tolenses”. O oco do carvalho, o vazio da cabeça sem corpo e o desamparo do povo sem salvador somam-se para significar o enorme vazio histórico de uma sociedade que aguarda o milagre do governante onipotente.

seca que acaba com as plantações e deixa o povo faminto. É assim que a relação de Ferdýschenko com Domáchka, arrancada do subúrbio Infantaria para morar com o governante, resulta nos incêndios em Tolóvia.

Em meio à desgraça da população, a comicidade da narrativa ironiza tanto a passividade dos tolenses quanto a sua crença em uma vingança dos céus. Os tolenses sentem-se órfãos, uma vez que o “paizinho” não está cumprindo o seu papel de prover o alimento, e começam a atacá-lo verbalmente. Nos diálogos, a linguagem é coloquial e zombeteira. “Não vem nada de bom dessa história de raptar mulher casada e viver com ela!”, reclamam os habitantes da cidade. No mundo regido pelo castigo dos céus, habita o representante de Deus, o pope. Procurado por Ferdýschenko não para lhe dar conselhos, mas sim para aliviar a sua consciência pesada, o pope deixa-o ainda mais aflito, pois lhe relata toda a história de Jesabel, com seu final trágico, que será também o final de Alionka – morrer esfaqueada por cães.

Passadas as calamidades, a narrativa prossegue. Após secas, fome e incêndios, o autor oferece-nos o espetáculo hilariante da viagem daquele mesmo Ferdýschenko, protagonista portanto de três capítulos seguidos, “A cidade com fome”, “A cidade de palha” e “O viajante fantástico”. Um belo dia Ferdýschenko cisma de viajar pelo próprio “reino”, numa alusão às solenes viagens dos czares, sobretudo de Catarina, a Grande, como explica a nota 241.

No encadeamento dos capítulos, essa é uma narrativa leve, curta e movimentada, que culmina com a morte do governante – empanturrado. Se, por um lado, a viagem remete à história russa, e isso, em nosso trajeto de análise já não é mais novidade, por outro, entendida e concebida como texto literário, resgata o mito do viajante, que parte em busca de glórias e renovação. Assim que sai do caos do incêndio, Ferdýschenko decide viajar por acreditar que tudo ficará melhor depois dessa sua grandiosa empresa: “Opulentos ficarão os campos, rios se derramarão em águas caudalosas, embarcações começarão a navegar, florescerá a pastorícia, serão anunciados meios de comunicação”.

Aqui o princípio heróico, proposto por Meletínski em *Os arquétipos literários*⁴³⁴, aparece invertido. Sair de casa, na tradição, consiste em buscar o

⁴³⁴ Interessa-nos aqui a observação da evolução dos arquétipos literários como colocada por Meletínski na segunda parte de seu livro, em que ele aponta, inclusive, uma característica distintiva dos escritores russos, ou seja, “a preocupação de abarcar os problemas ligados à concepção do mundo, de modo muito mais amplo do que seus colegas da Europa Ocidental, numa abrangência comparável à dimensão mitológica dos arquétipos”. Saltykov-Schédrin aproxima-se do perfil traçado por Meletínski para a literatura de Gógol. Se para o crítico, a “obra de N. V. Gógol é extremamente rica em motivos arquetípicos, inclusive fantástico-mitológicos, e também em elementos folclóricos variados, que nascem

extraordinário e constituir-se como ser independente. O retorno acontece depois que o herói soluciona uma situação de crise e, então, glorifica-se com a solução alcançada. Ferdýschenko parte em viagem não a lugares distantes, mas a sua própria cidade, pequena e desprovida de pontos turísticos dignos de observação, como nos alerta todos os habitantes, com exceção de Ferdýschenko, cuja visão nublada, como um Quixote, enxerga em lugar de estrume, maravilhas.

A insensatez da viagem do governante é apontada inclusive pela governanta, inconformada com o plano do patrão de ficar zanzando sem rumo, correndo o risco de atolar em um monte de estrume. Os tolenses recebem a notícia da viagem e a ordem de receber Ferdýschenko com batidas em bacias e oferecimento de presentes como mais uma ação que pode, no final redundar em desgraça.

Enquanto o herói viajante tradicional anseia por voltar à terra natal, o governante de Tolóvia usa de todos os meios para esticar a própria jornada e seguir o plano elaborado com tanto zelo. Embora em meia hora já tivesse chegado ao local previsto, fica andando pelo pasto, de um lado a outro, para fazer “render” aquele passeio imprudente. Pensa fundar uma cidade, em homenagem a Domachka, pergunta sobre as riquezas do subsolo, desconhecidas dos moradores, questiona a inexistência de uma indústria náutica, de uma mineradora, de meios de comunicação, ocupa com o passatempo de atirar bolinhas de ervilha de um canhãozinho emprestado, come e bebe e, consegue, enfim esgotar o dia nessas atividades criativas.

Na manhã seguinte, reiniciou-se a gloriosa jornada, e de novo as mesmas aventuras tolas. As comidas e bebidas compõem um arremedo de festim, no sentido da festa como caracterizada por Meletínski em obras de Gógol. No caso de Schedrin, a festa é um delírio do governante, pois só ele se diverte, iludido com as supostas maravilhas da própria viagem. E, no final, em vez de voltar para casa glorioso, morre

de modo peculiar, do aproveitamento das estruturas dos gêneros arcaicos, tais como o conto maravilhoso (o de magia e o de costumes), a historieta, a lenda e o *epos* heróico”, para nós, na tentativa de desvendar os princípios estruturais de *História de uma cidade*, esse caminho de análise mostra-se possível e produtivo.

Em especial no capítulo em questão, “O viajante fantástico”, estão presentes os elementos ressaltados em obras gogolianas, a atmosfera de alegria generalizada, de glotonaria, de afastamento (nesse caso, a viagem), da festa e da dança etc., porém, com a peculiaridade de que tudo isso se restringe ao governante. Como a base da narrativa está na relação governante-governado e essa relação é essencialmente imperfeita, destrutiva e infecunda, no momento em que Ferdýschenko parte em viagem, a “alegria generalizada” é uma alegria imposta por ele, a “glotonaria” é uma característica dele, é ele quem se “afasta, é ele quem exige que se faça festa nos lugares em que ele chega. E, no final, o governante morre, negando a abundância e prosperidade contidas na ideia do ritual da festa.

empanturrado, depois de tomar vários cálices de vodka, comer *sch*i com carne salgada, leitão com creme de leite e ganso com repolho.

O motivo da glotonaria aparece aqui como elemento cômico e, na caracterização de Ferdýschenko somam-se dois pecados capitais, o da gula e o da luxúria, demonstrado anteriormente nos Capítulos 8 e 9. A bebedeira e a orgia, que na “balbúrdia da festa nas novelas pequeno-russas tem parentesco com o caos” (MELETÍNSKI, São Paulo, 1998, p. 181), resultam mortais. O personagem, apesar de permancer simples, como o caracteriza o cronista (“E, realmente, Ferdýschenko era uma pessoa tão simples, que o cronista julga necessário deter-se de modo reiterado e com particular insistência nessa qualidade”...), sofre um outro tipo de transformação. Há uma evolução em seu percurso literário, pois ele surge no Capítulo 8 como um governante bonzinho, que não incomoda ninguém e tem hábitos populares, como frequentar tavernas, e, no sétimo ano, transforma-se por completo, torna-se dedicado e rigoroso e exige dos tolenses que fiquem sempre de prontidão.

A sucessão de três capítulos dedicados a Ferdýschenko termina com uma selvageria, a morte do governante por gula. Natural que se iniciem guerras pela instrução, movidas por Verrugóvkin, sucessor do dirigente guloso. A partir desse capítulo, um dos mais longos do romance, a voz do terceiro narrador vai ganhando densidade, a alternância entre cronista e editor intensifica-se e fica mais difícil descobrir a verdade da narrativa, da ficção. Tudo vai tomando feições mais obscuras, os fatos se relativizam, o texto fica mais argumentativo.

Ao contar, por exemplo, que os esforços de Galántov para introduzir o uso da mostarda em Tolóvia, tinham sido vãos, pois, depois de 1770, quando ele deixou o governo, todos abandonaram esse uso, o narrador diz: ‘Em resumo, aconteceu aquilo que sempre acontece quando se leva a instrução cedo demais a um povo jovem, ainda não amadurecido em termos de cidadania.’ Ou seja, essa é a opinião do editor. Em seguida ele comenta que o cronista lembrar essa circunstância (o abandono do uso da mostarda “não sem ironia” e defende o governante. Antes era o cronista quem se posicionava a favor do poder, agora as posições se invertem.

Vale lembrar que os procedimentos usados por Schedrin nas histórias anteriores continuam a aparecer aqui e ali, quando pertinentes. É assim que temos em “Guerras pela instrução” o grotesco episódio dos soldadinhos de chumbo, que substituíram os soldados de verdade, foram comandados por Verrugóvkin com absoluta naturalidade e, no final, sugeriram a estratégia que permitiu a vitória do governante de Tolóvia.

Experimentando emoções humanas, como a ira e a impaciência, os soldadinhos de chumbo denunciavam exatamente o processo inverso, ou seja, a brutalidade das guerras e a desumanização dos soldados.

A voz do cronista vai se modificando, pois, inicialmente apenas louvava os governantes, e agora começa a fazer comentários críticos. Verrugóvkin escreve em seu diário que o uso da mostarda foi retificado sem derramamento de sangue, e o cronista retruca com a menção aos que morreram no subúrbio Estrume. As intervenções do cronista, entretanto, são sempre ambíguas porque emanam do editor, responsável pela preparação do texto. E, nesse momento da narrativa, revela-se mais complexo o conjunto das vozes, que se entrelaçam.

O editor dirige-se ao leitor três perguntas que questionam o desenrolar dos acontecimentos e põe em dúvida os escritos dos cronistas. Ao mesmo tempo em que planta a dúvida, porém, ele sai em defesa da história, e, para justificar “o mundo de maravilhas” que é Tolóvia, cita o exemplo de uma personagem de contos maravilhosos, a Baba-Iagá. O editor joga com o leitor e cada vez mais utiliza os anais da cidade para emitir opiniões pessoais.

O questionamento do rumo dos acontecimentos, a suspeita de inverdades no relato, os comentários irônicos às palavras do cronista aumentam em número e dimensão ao longo do texto. O que parecia certo, agora se torna obscuro; o que um afirma, o outro nega, e o relato factual parece possuir várias verdades, de acordo com o interlocutor. As guerras pela instrução transformam-se logo a seguir em guerras contra a instrução, pois o que menos importa é a observação de um rumo racional para os acontecimentos.

Em “A época de deposição das guerras”, inicia-se o relato com questionamentos sobre a veracidade. O cronista diz que o governante Patiféiv caiu por discordâncias com Novossiltev e Strogonov a respeito da constituição. O editor manifesta-se e diz que esse, na verdade, foi um pretexto e não o verdadeiro motivo, que ele também não esclarece. Em vez disso, começa a discorrer sobre questões relativas à constituição e acaba por usar um argumento contra o governo constitucional, quando afirma que as teorias em geral são precárias e que os chefes militares mostram-se muito sábios ao tratá-las com indiferença.

A pluralidade de opiniões aumenta quando o editor fornece também a versão do governante. É o que acontece ainda no Capítulo 13, sobre a relação de Mikaládze com as mulheres. Na “composição” que o governante Mikaládze deixou como legado à

posteridade, sobre a aparência decente dos governantes, o editor denuncia a omissão de um fato – certa noite, em encontro com uma senhora casada, Mikaládze foi pego em flagrante pelo marido ciumento – e aponta desvios de interpretação – o governante, um “apaixonado” pelas mulheres, diz que o importante no relacionamento com elas são meramente os ganhos políticos.

Observamos, ao longo da narrativa, o aumento do poder de elocução do editor e da voz que chamamos anteriormente de narrador-autor ou, talvez seja mais correto dizer, uma voz mista – editor-autor. “O culto a Manon e o arrependimento”, por exemplo, tem três páginas de introdução argumentativa, em que o “editor” trata de interpretar o sentido da natureza dos tolenses para o leitor ou, quem sabe, para si mesmo. Esse período inicial resume uma das questões centrais do romance – a subjetividade da história. Como diz o editor, “A vida humana é sonho, dizem os filósofos-espiritualistas, e se eles fossem de todo lógicos, então acrescentariam: a história também é sonho”. O trecho começa assim e termina com a afirmação de que o cronista, tão ironizado em outras passagens, não podia ter contado a história de outro modo, senão “ficaria em *desacordo com a verdade*”. Seria esse um diálogo editor-cronista, uma simples expressão dos pensamentos do editor ou uma resposta de Schedrin àqueles que criticavam *História de uma cidade*, afirmando que o escritor escarnecia do povo russo?

No artigo “A narrativa em *História de uma cidade*”⁴³⁵, L. V. Elizarova analisa em detalhes o papel do narrador. Ela esclarece que a primeira estudiosa a tratar desse tema foi E. N. Efimovaia, em *Recursos estilísticos da criação da imagem satírica em “História de uma cidade”*, pela análise das diversas camadas lexicais e dos recursos e procedimentos expressivos. Para Elizarova, a “natureza da obra satírica em geral propõe grande subjetividade nas formas de expressão da posição do autor”, e por isso Schedrin teria recorrido à mistura das máscaras do editor e do cronista.

A questão é polêmica, pois, se no início do livro, o léxico, a sintaxe e o conteúdo dos discursos do editor e do cronista estão muito claramente delimitados e foram até colocados em capítulos separados, no decorrer da história, as vozes confundem-se e surge um outro discurso, cuja autoria, como afirmamos antes, já não pode mais ser creditada nem a um nem a outro. Dmítri Serguéievitch Likhatchiov⁴³⁶ distingue nessa mistura de vozes três consciências: um cronista paródico, um editor-historiador

⁴³⁵ In: *A sátira de M. E. Saltykov-Schedrin*. Kalinin: Universidade Estatal de , 1977, p. 28-41.

⁴³⁶ Também citado por Elizarova (p. 29).

também paródico e o próprio autor. Diametralmente oposta é a hipótese de D. P. Nikolaev, que aconselha escaparmos da armadilha de isolar e classificar cada voz, e, ao invés disso, sugere considerarmos como mais importante a subordinação delas à consciência do autor, que se apresenta ora na máscara do cronista, ora na máscara do editor, ora na estranha combinação dos dois.

Essas duas concepções, embora pareçam opostas, complementam-se. Com certeza, para se chegar à conclusão de que há uma mistura de vozes e um princípio de subordinação entre elas, é preciso, primeiro, identificar cada uma, senão correremos o risco de enxergar uma massa indistinta, onde há, na verdade, uma combinação de elementos específicos. Além disso, não foi tratado por nenhum dos dois a particularidade da mudança dessa combinação ao longo do romance. Por que nos primeiros capítulos as fronteiras são mais claras, enquanto nos últimos vão se dissipando?

No início, questiona-se a versão oficial da história russa, mas, à medida que avançamos na leitura, percebemos que os questionamentos acontecem dentro da própria narrativa, entre editor e cronista e entre versões diferentes do mesmo acontecimento. Na “Época de deposição das guerras”, por exemplo, conta-se uma versão da reconversão de du Chariot para, em seguida, desconstruí-la, apresentando uma outra muito mais plausível, segundo a qual os flagelamentos do governante arrependido eram uma farsa (ele usava um açoitador de veludo), o jejum significava comer mais (ele importava um peixe francês) etc.

Ao lado da apresentação de diferentes versões, o leitor observa gradual mudança no curso estilístico de *História de uma cidade*, que, nos últimos capítulos, tende mais para o ensaio literário russo, o *ótcherk*, como o define Boris Schnaiderman – espécie de reportagem, acrescida frequentemente de considerações filosóficas, sociais, literárias etc (ver nota 2) – e por isso se assemelha ainda mais aos *Ensaio provincianos*, citado anteriormente na gênese do romance.

Na qualidade de obra satírica e paródica, como colocamos anteriormente, *História de uma cidade* ironiza, critica, aponta os vícios e exageros do relato histórico, das versões oficiais da história. Parece-nos que o recurso de “enevoar” a origem do discurso, tornando a figura do narrador cada vez mais complexa, só comprova que Saltykov-Schedrin utilizou com mestria os recursos literários para transformar em sensação a própria opinião sobre o caráter subjetivo da história. Quem está falando “a verdade”: o cronista, em seus anais; o editor, em seus comentários; o governante, em

seu “documento comprobatório”? O objetivo da narrativa não é responder à pergunta, mas deixar pairar a dúvida.

No penúltimo capítulo, o último da narrativa, já que o Capítulo 15 consiste em três documentos, escritos pelos governantes, editor e cronistas unem-se na antipatia a Bravium-Rabujeiv, o “satanás”, como o apelidaram os habitantes de Tolóvia. Assim escreve o editor: “O próprio cronista, em geral bastante favorável aos governantes, não pôde esconder o angustiado sentimento de pavor na hora de descrever as ações de Bravium-Rabujeiv.” O apelido que lhe deram os tolenses está diretamente relacionado com o final apocalíptico da narrativa de Tolóvia. No final do governo satânico, encoberta por algo escuro, a cidade deixa de existir para a história.

Os tolenses, agora ocultos, vivem no reino das trevas. Ao povo que iniciou a sua saga para escapar da ausência de ordem falta agora o fio da história, reafirmando a ideia dessa cidade-Rússia como um mundo de ausências, cuja tônica é o “sem” – sem ordem e sem perspectiva; sem massa cinzenta (Capítulo 5), sem comida (Capítulo 8), sem isbá (Capítulo 9), sem história...

Cessa o curso da história

Cronista, editor e autor escrevem a última frase: “A história interrompeu o seu curso”, calam-se as vozes do romance, enquanto a voz dos governantes ainda ressoa nos anexos, hilários documentos comprobatórios da “sapiência administrativa” dos regentes de Tolóvia. Agora, depois do percurso pontual de capítulo em capítulo, depois de experimentar o mosaico do romance na rota proposta pelo autor, chegou a hora de recuperar a noção do todo para traçar algumas considerações finais. E começamos (como evitar!) por Gógol.

O nome do criador de *Almas mortas*, *O inspetor geral*, *O capote*, *O nariz...* sempre esteve presente na vida de Saltykov-Schedrin. Seus admiradores faziam referência ao primeiro para enaltecer o talento do segundo; seus detratores citavam o consagrado Gógol para apontar a suposta distância, para eles enorme, entre os dois. Do primeiro grupo, podemos citar um exemplo da fortuna crítica, nas palavras de V. V. Prozorov sobre a publicação de *Ensaios provincianos*, em 1957, “Logo o nome de Schedrin tornou-se popular. Dele falava toda a Rússia letrada. Nele viam o herdeiro de Gógol.” Do segundo grupo, as palavras de Suvórin, que afirma em sua resenha:

A grandiosa harmonia entre humor e sátira, em obras de maturidade artística, há entre nós apenas em Gógol” [...] Não pense o leitor que queremos comparar Gógol com o senhor Saltykov-Schedrin: queremos apenas apontar o modo como o grande escritor fez uso de seu talento e o exemplo vivo ele deixou, não em uma teoria abstrata, aos seus sucessores. (SUVÓRIN, Moscou, 2002)

Eleazar Meletínski, depois de detalhada explicitação dos arquétipos na obra de Gógol, resume assim a trajetória criativa do escritor:

A trajetória criativa de Gógol reproduz em certa medida, quanto ao seu aspecto “ontogenético”, a trajetória da transformação dos arquétipos de mito e contos maravilhosos em *epos* e de *epos* em cotidiano social, novela e romances da Idade Moderna. Esse itinerário restringe naturalmente o cômico ao social e ao individual e, ao mesmo tempo, fixa a desagregação da comunidade “épica” das pessoas, e não

só a separação, mas também o isolamento do indivíduo, que se apresenta na etapa derradeira sob a figura do “homem sem importância” – da vítima solitária do rio e cruel *socium*. (MELETÍNSKI, São Paulo, 1998, p. 209)

Em *Os arquétipos literários*, após o trecho citado, Meletínski apresenta Dostoiévski, dando continuidade à linha gogoliana. Aqui seguiremos com Saltykov-Schedrin. Cabem bem em *História de uma cidade* os conceitos de desagregação, separação, isolamento. O arranjo estilístico desagregado dos capítulos reflete e provoca, simultaneamente, a impressão de dissociação entre governantes e governados, motivo principal desse romance, em que importam menos os personagens individualmente e mais o que eles representam.

Pode-se até dizer que não há personagem principal, ou melhor, que os personagens principais são conceitos e não pessoas. De um lado está o governante, definido na ficção, pelo desenrolar dos acontecimentos, como déspota, imprudente, inepto; do outro, o povo: um ser monolítico, posto que resistente (“sobre os seus ombros cresciam cabeças fortes”, “Apesar de sua invencível firmeza, os tolenses são...”). porém passivo, abestalhado e suscetível. Da combinação entre esses dois nasce a cidade, da cidade nascem os anais escritos pelos cronistas, do editor nasce a publicação dos anais, ou seja, no início de tudo estão os governantes e governados.

Se o primeiro príncipe governa de longe, recebendo impostos e brandindo o açoite; se Demiénti Varlámovitch Brudasty cumpre suas funções de administrador tendo um órgão em lugar de miolos; se as seis governantes instalam um caos em Tolóvia por seis dias; e assim por diante, todos essas ações e os seus resultados caracterizam não somente cada um deles em particular, mas sobretudo essa entidade monárquica russa chamada de o governante. Se os tolenses reagem aos desmandos do príncipe com choro e canções melancólicas; a Brudasty, com medo de que seja deles a culpa pela cabeça “com música”; à desordem das seis governantes com a morte de pessoas simples, lançadas do campanário e afogadas no rio, todos esses episódios, igualmente, servem mais para caracterizar o povo russo como um todo, em sua verdade histórica, do que o povo de Tolóvia em particular.

A caracterização dos governantes como ineptos soou bem aos colegas literatos de Saltykov-Schedrin que se opunham à ordem estabelecida, mas a descrição do povo como passivo, ingênuo e bajulador incomodou integrantes da *intelligentsia*, inclusive o

editor Suvórin (ver nota 228), que, indignado com a “zombaria” do romance, afirmou que o autor escarnecia do povo russo. E a resposta de Schedrin ajuda-nos a compreender melhor a ideia do personagem-conceito:

No que se refere à minha relação com o povo, acho que, na palavra “povo”, é preciso distinguir dois sentidos: o povo histórico e o povo que representa em si a ideia da democracia. Ao primeiro, carregado nos ombros de Verrugóvkins, Braviuns etc., realmente não posso dedicar compaixão. Ao segundo, sempre dediquei, e todas as minhas obras estão repletas desse sentimento.

Há uma particularidade na elaboração do conto “O bogatyr” que nos convém aqui para fechar a caracterização do povo e do governante como conceitos gerais, que desempenham no romance tolense o papel de personagens principais. Segundo as notas da edição das *Obras reunidas*, no início, na figura do *Bogatyr* adormecido, Saltykov tencionava representar o povo, em pleno estado de passividade. Porém, na redação final, o *Bogatyr*, cujo tronco é devorado por víboras, representa a monarquia, o poder absoluto. Nesse caso, à palavra *bogatyr*, em contraposição ao seu significado popular-esópico, o escritor conferiu um sentido irônico, graças à negação do preceito secular que atribuíra ao monarca uma força poderosa e bravura para defender os mais fracos. Para Saltykov-Schedrin, a apatia do povo conjugava-se ao despotismo dos czares, gerando os males da sociedade russa do século XIX.

Essa ambivalência da imagem, ou seja, o fato de o *bogatyr*, em sua inatividade, dormindo dentro de um tronco, poder representar o povo ou o governante encontra-se em várias passagens do romance, sendo as mais significativas aquelas que envolvem a “cabeça”. A exploração da cabeça como metáfora da inteligência e da razão aplica-se tanto a governados quanto a governante, e o interesse pelo motivo da cabeça governamental destituída de cérebro está presente em outras obras de Saltykov-Schedrin.

Antes de serem tolenses, os habitantes de Tolóvia eram bate-cabeças e ganharam a batalha de bater-cabeças proposta por eles às tribos vizinhas. Quem muito bate a cabeça, irremediavelmente perde o juízo, se tomarmos de modo literal a ação de bater. Por outro lado, quem bate cabeça no sentido denotativo age sem pensar, desatina.

Portanto a descrição dos tolenses agrega o sentido de “pouco juízo”. E o mesmo acontece com o governante com música (Brudastyi), o governante com comida (Prysch) e o governante microcefálico (Ivanóv), os três com cérebros “prejudicados” por causa da existência de alguma coisa estranha no crânio – o primeiro, um órgão; o segundo, um recheio de embutido; o terceiro um encéfalo grudado. Nesse momento governantes e governados se igualam, confirmando a justificativa do autor que afirma não ter escarnecido do povo.

Em segundo lugar, não agrada ao resenhista o fato de eu ter feito os tolenses suportarem passivamente demais o jugo que lhe impuseram. A respeito dessa recriminação, posso responder apenas, apontando as páginas 155-158 de *História*, onde, na minha opinião, esse fenômeno é explicado de modo bastante satisfatório. Eu, a propósito, não discuto que seja possível encontrar na história também exemplos em que há desvios dessa passividade, mas, sobre isso, posso apenas repetir que o senhor resenhista em vão tenta ver em minha obra uma sátira histórica. Além disso, para mim, são importantes não os detalhes, mas os resultados gerais; o resultado geral, na minha opinião, consiste na passividade, e eu mantereí essa opinião enquanto o senhor B. não me provar o contrário. (SCHEDRIN, 1969, v. 8, p. 454)

E quanto à fábula? Qual é a fábula de *História de uma cidade*? A resposta resulta tão geral tanto a definição dos personagens. Se quisermos resumir acontecimentos, teremos de dividir a fábula em capítulos correspondentes aos do livro. Desprovida de um eixo fabular único, a narrativa vai se organizando em uma espiral que repete o movimento “governante age, governado reage” e no final se fecha, unindo as duas pontas. Quando o autor apresenta o fechamento “A história interrompeu o seu curso”, ele está, na verdade, voltando ao tempo pré-histórico, à época da barbárie. A repressão cruel, que impede o registro histórico e literário (“a atividade literária deixou de ser acessível inclusive a arquivistas”) é uma espécie de fim dos tempos.

Tomando o princípio narrativo espiral e elástico – o desenrolar da história da cidade como a repetição cíclica de determinadas ações dos governantes, às quais correspondem repetidas reações dos habitantes – a mensagem do romance parece pessimista. Cada vez que um governante assume o poder, os tolenses parabenizam-se, beijam-se e vertem lágrimas, exatamente nessa ordem e com a suntuosidade irônica do

verbo verter, marcas da pretendida erudição dos cronistas e da solenidade do momento, mas, na prática, sabem que vão sofrer privações, passar fome e levar vergastadas.

Assim a combinação governante-governado parece inerentemente infértil e contrária à visão transmitida por outras obras da literatura russa da segunda metade do século XIX que representavam o povo como uma arma naturalmente poderosa e, ao contrário dos monarcas, capaz de gerar, com a sua força vital, uma sociedade melhor. Não há essa solução na cidade de Schedrin, onde os governantes mudam, mas as ações, reações, atitudes e comportamentos permanecem os mesmos, e, por isso, o espírito de denúncia presente na narrativa pode parecer inócuo.

Entretanto, puramente pelas ferramentas da literatura, o autor consegue garantir a eficácia da denúncia e oferece ao leitor não o otimismo utópico de uma ideia idealizada de povo, mas uma oportunidade de reflexão. No riso gerado pela sátira e pela paródia, podemos ver o princípio da fertilidade de que fala Propp no final de *Comicidade e riso*. Nesse sentido, a problematização da questão social de modo intertextual e múltiplo, em um formato muito contemporâneo, acontece porque a escritura abre esses caminhos com riso, derisão e ironia, ou seja, com a combinação de procedimentos paródicos e satíricos.

Nesse momento, falamos portanto da essência da obra literária, que Antonio Candido define tão perfeitamente em sua análise da literatura brasileira:

Uma obra é uma realidade autônoma, cujo valor está na fórmula que obteve para plasmar elementos não literários: impressões, paixões, idéias, fatos, acontecimentos, que são a matéria-prima do ato criador. A sua importância quase nunca é devida à circunstância de exprimir um aspecto da realidade, social ou individual, mas à maneira por que o faz. (CANDIDO, São Paulo-Rio de Janeiro, 2009, p. 35)

História de uma cidade, enquanto realidade autônoma, produz “certos estados de prazer, tristeza, constatação, serenidade, reprovação, simples interesse”⁴³⁷ pela maneira como combina o histórico e o ficcional, o particular e o geral, o cômico e o trágico. O modo como Saltykov-Schedrin une, ou antes não une, mas vai encaixando as narrativas

⁴³⁷ Lembrando mais uma vez Antonio Candido, na página 23 do mesmo volume: “Em face do texto, surgem no nosso espírito certos estados de prazer, tristeza, constatação, serenidade, reprovação, simples interesse. Estas impressões são preliminares importantes; o crítico tem de experimentá-las e deve manifestá-las, pois elas representam a dose necessária de arbítrio, que define a sua visão pessoal.”

fragmentárias do terceiro ao penúltimo capítulo no arcabouço básico “ação do governante > reação dos governados = resultado” dá ideia de continuidade sem a amarração própria da história enquanto ciência.

Antes de iniciar o ciclo “ação > reação = resultado”, o autor faz o que chamados antes de introdução: as justificativas atemporais do editor e do último cronista, seguidas do tempo de conto de fadas do terceiro capítulo, em que se apresenta a lenda da fundação da nação russa. Do quarto capítulo em diante, os acontecimentos sucedem-se de acordo com o arcabouço. Os narradores, também eles elementos de ligação, ajudam a conferir ao romance um caráter de unidade integrada. Entretanto, também eles são ambíguos e contraditórios e agem contra e a favor um do outro, dependendo da situação.

Para finalizar, podemos ver em *História de uma cidade* o que Maria da Glória Bordini chama de “levada histórica” (entendida aqui como “modo de executar uma melodia ou harmonia” e também como “investida”), ao tratar do romance *Incidente em Antares*, de Érico Veríssimo⁴³⁸, e da relação entre a história do Brasil e a obra ficcional, em que o autor, para denunciar a repressão política, prevenindo-se do risco de punição, “criou um enredo em que sete cadáveres que não foram devidamente sepultados assombravam a cidade, mais vivos do que mortos, desmacarando a hipocrisia da classe dominante e o abuso de poder dos governantes.”

A “levada histórica”, portanto, já é o primeiro sinal das escolhas do escritor. Coincidentemente, o romance rio-grandense, é “absurdo no seu cerne. A ficção oferece ao leitor um retrato de seu próprio contexto, mas como se este não estivesse ali implicado”. A questão da possibilidade de análise do presente, tempo que, em Schedrin, é a segunda metade do século XIX, a partir do passado ou como se fosse um passado está nesta tese muitas vezes reiteradas por ser tanto um objetivo do autor quanto característica intrínseca dos recursos que usou para contar a história, ou seja, a paródia e a sátira.

Em *História de uma cidade*, a sátira política ao governo czarista como um todo e também à relação de poder governante-governado em geral, não exclui a menção a fatos e detalhes significativos da vida sociocultural russa da época do autor, compondo um quadro que pode ser considerado tanto crítico quanto documental. No Capítulo 13, por exemplo, os tolenses montam no “picadeiro” a opereta *A bela Helena*, de Jacques Offenbach, e convidam para protagonista a cantora francesa Blanche Gandon.

⁴³⁸ Artigo publicado na Revista de História da Biblioteca Nacional, Ano 5. Nº 52. Janeiro, 2010. p. 72-75, sob o título “Podres no coreto”.

Cronologia da vida e da obra de Saltykov-Schedrin

Janeiro de 1826 – nasce no povoado de Spas-Ugol, na província de Tviér (sudoeste da Rússia).

1826 – 1836 – passa a infância na propriedade da família.

1829 – 1836 – recebe educação formal em casa.

1836 – ingressa no Instituto da Nobreza de Moscou.

1838 – pelo êxito obtido nos estudos, é transferido para o Liceu de Tsarskocelski, na região de São Petersburgo (hoje cidade Puchkin).

1838 – conhece M. V. Petrachevski.

1840 – escreve os primeiros poemas.

1841 – publica os primeiros textos (na revista “Biblioteca para Leitura”, sai o poema “Lira”).

1841 – 1842 – em São Petersburgo, frequenta reuniões literárias de M. A. Iazykov, em que conhece V. G. Belínski.

1844 – termina o Liceu. Inscreve-se na Chancelaria Estatal do Ministério da Guerra.

1844 – 1847 – frequenta as “sextas” de M. V. Petrachevski; entusiasma-se pelas idéias do socialismo utópico.

1846 – 1848 – publica resenhas de livros nas seções bibliográficas das revistas *O contemporâneo* e *Anais da Pátria*.

Novembro de 1847 – publica a primeira novela, *Contradições*, na revista *Anais da Pátria*.

Março de 1848 – na revista *Anais da Pátria*, publica a novela “Negócio complicado”, que chamou a atenção da censura.

Noite de 21 abril de 1848 – é preso sob a acusação de divulgar idéias liberais.

28 de abril de 1848 – é enviado a Viatka sob escolta.

1848 – 1855 – vive no degredo; trabalha como funcionário público em Viatka.

24 de setembro de 1849 – responde a interrogatório sobre as atividades do grupo de Petrachevski.

13 de março de 1851 – morre o pai de Saltykov-Schedrin.

1855 – é liberado do degredo; integra o Ministério do Interior.

6 de junho de 1856 – casa-se, em Moscou, com Elizaveta Apollonovna Boltina.

1856 – 1857 – publica na revista “O Mensageiro Russo”, o primeiro ciclo satírico, intitulado “Ensaio provincianos” (no início, assinados N. Schedrin).

1857 – edita em separado os “Ensaio provincianos” em dois volumes. Na revista *O contemporâneo*, publica artigos de N. G. Tchernychevski (julho) e de N. A. Dobroliúbov (dezembro) sobre os “Ensaio provincianos”. A censura proíbe a apresentação da sua peça “A morte de Pazukhin”, publicada em outubro no jornal “O mensageiro russo”.

1858 – é nomeado vice-governador de Riazan.

Agosto a setembro de 1859 – abre inquérito sobre o suicídio de garotos servos da proprietária Kislinskaia, em Riazan (mais tarde, esse episódio dramático serve de base para o conto “Micha e Vânia”).

1860 – é nomeado vice-governador de Tviér.

1857-1863 – publica ensaios, peças e contos, reunidos na coletânea *Sátiras em prosa e em Contos inocentes*.

1861 – escreve artigos sobre a questão da servidão; encontra-se com N. A. Nekrássov em São Petersburgo; visita N. A. Dobroliúbov, que se encontrava doente.

1862 – é reformado.

7 de julho de 1862 – prisão de N. G. Tchernychevski.

Dezembro de 1862 – integra a equipe de redação de *O contemporâneo*.

1863 – 1864 – participa ativamente na seção de crítica de *O contemporâneo*. No suplemento satírico “O assobiador”, polemiza com os jornais “A palavra russa” e “O tempo”. Publica a crônica “Nossa vida social”.

1864 – deixa a redação de *O contemporâneo*. É nomeado presidente da câmara do fisco em Penzenski.

Novembro de 1866 – toma posse como administrador da câmara do fisco de Tulska.

Novembro de 1867 – muda-se para Riazan e começa a trabalhar como administrador da Câmara Fiscal.

14 de junho de 1868 – é demitido e encerra a carreira de funcionário público.

Setembro de 1868 – integra a equipe de redação da revista *Anais da Pátria*, dirigida por N. A. Nekrássov. De 1868 a 1884, publica obras inéditas apenas nessa revista.

1869 – publica os primeiros contos maravilhosos: “Um mujique alimenta dois funcionários públicos”⁴³⁹, “A consciência perdida” e “O proprietário selvagem”.

⁴³⁹ Traduzido no Brasil por Rubem Braga.

1869-70 – publica *História de uma cidade* na revista *Anais da Pátria*.

1870 – primeira edição de *Histórias de uma cidade* em livro.

1863-1874 – publica os artigos “Sinais do tempo”, “Cartas da província” e o ciclo satírico “Pompadury e pompadurchi”.

1869-1872 – publica “O Senhor dos habitantes de Tachkent” na revista *Anais da Pátria*.

1º de fevereiro 1872 – nasce o seu filho Konstantin. Publicação de “Os diários de um provinciano em São Petersburgo” na revista e em forma de livro.

28 de janeiro de 1873 – nasce a sua filha Elizaviéta.

1872-1876 – publica o ciclo de artigos “Discursos bem-intencionados” no periódico *Anais da pátria*.

3 de dezembro de 1874 – morre a mãe do escritor.

1874-1877 – publica o livro “Em meio ao comedimento e ao apuro”, composto de dois ciclos (*Senhores silenciosos* e *Repercussões*) nas páginas dos *Anais da pátria*.

1875 – viaja ao exterior a conselho médico. Publica o conto satírico “Sono em uma noite de verão”.

1875-1876 – viaja por Baden-Baden, Paris e Nice. Encontra-se com Turguiéniev em Paris.

1876 – por causa da grave doença de Nekrássov e sua conseqüente viagem para a Criméia, assume a direção dos *Anais da pátria*.

27 de dezembro de 1877 – morre Nekrássov.

27 de março de 1878 – firma-se como redator dos *Anais da Pátria*. Convida Liev Tolstói a contribuir para o periódico.

1878-1879 – publica as novelas *A melancolia da nobreza*, *Cerimônias fúnebres*, *Lugar doentio*, *Desgosto de velho*. Publica na revista o ciclo de artigos “O refúgio de Monrepo”.

1879-1880 – publica o ciclo de artigos “O ano inteiro”.

1880 – primeira edição separada do romance “Os senhores Golovliov”.

De junho a setembro – viaja ao exterior para tratamento.

1881 – terceira viagem ao exterior para tratamento.

1877-1883 – publica na revista e em edição separada o romance satírico “Idílios contemporâneos”.

1883-1884 – publica o ciclo satírico “Contos de Pochekhonie”.

1873-1884 – coletânea de artigos “Conversas inacabadas”.

1883 – são censurados os contos “O piskar sapientíssimo”, “A lebre abnegada” e “O pobre lobo”, publicados nos *Anais da pátria*.

Janeiro de 1884 – é preso o publicista S. N. Krivenko, dos *Anais da pátria*.

De janeiro a fevereiro – a censura proíbe a publicação dos seguintes contos de Schedrin: “Os virtuosos e os viciados”, “O urso na administração das províncias”, “A vobla seca” e “O jornalista enganador e o leitor crédulo”.

Abril – ordem governamental para fechamento da revista *Anais da pátria*.

1885 – publica na revista “O diário russo” os contos “O tolo”, “O olho vigilante”, “Um pudim”, “O carneiro desmemoriado”, “O liberal” etc.

De junho a agosto – viaja ao exterior (Berlim, Elster, Visbaden).

Novembro – agrava-se a sua doença.

Dezembro – proposta de L. Tolstói de colaboração na publicação de “O intermediário”.

1884-1886 – publica na revista “O boletim da Europa” as “Cartas variadas”.

1886 – em “O diário russo”, publica os contos “Conversa festeira”, “Noite de Cristo”, “Pela estrada querida”, “Aventuras com Kamolnikov”, “Incêndio na aldeia” e “Conto de natal”.

1886-1887 – publica o ciclo de artigos “Miudezas da vida” em “O boletim da Europa”.

1887-1889 – publica o romance “A antiguidade de Pochekhon” em “O boletim da Europa”.

1887 – a censura proíbe a publicação de uma edição popular, a preços acessíveis, dos contos de Schedrin.

1889 – março a abril – agravamento do estado de saúde.

28 de abril – morre o escritor.

2 de maio – é enterrado em São Petersburgo.

Bibliografia

De Saltykov-Schedrin

SALTYKOV-SCHEDRIN, M. E. *Sobranie Cotchineni v dvatsati tomakh* [Obras reunidas em vinte volumes]. Khudojestvennaia Literatura, Moscou, 1965.

_____. *The Golovlyov Family*. Trad. Natalie Duddington. New York, New York Review of Books, 2001.

_____. *Fables*. Trad. Vera Volkhovsky. Westport, Connecticut: Hyperion Press, 1977.

_____. “Dois pequenos mujiques”. Trad. Maria Julieta e Carlos Drummond de Andrade. In: *O livro de ouro dos contos russos*. Rio de Janeiro: Ediouro. (p. 98-102)

_____. “Um mujique alimenta dois funcionários públicos”. Trad. Rubem Braga. In: *O livro de ouro dos contos russos*. Rio de Janeiro: Ediouro. (p. 103-107)

_____. “Um mujick e dois funcionários”. In: *Maravilhas do conto russo*. São Paulo: Editora Cultrix, 1957. (p. 95-102)

Sobre Saltykov-Schedrin

BOTCHAROVA, A. *Салтыков-Щедрин. Полемический аспект сатиры* [Saltykov-Schedrin. O aspecto polêmico da sátira] Saratov-Penza, 1967.

BUCHMIN, A. S. *Khudojestvennyi mir Saltykova-Schedrina* [O mundo artístico de Saltykov-Schedrin]. Leningrado, Editora Nauka, 1987.

EFIMOVA, E. N. *Стилистические средства создания сатирического образа в «Истории одного города»* [Recursos estilísticos de criação da obra satírica em *História de uma cidade*]. Instituto Filológico de Oriekhov-Zuevski. t. 3, 1956.

ELIZAFORA, L. B. “Анализ языкового стиля писателя в специальном курсе по Щедрину (на материале “Губернских очерков”)” [Análise do estilo linguístico em um curso dedicado a Schedrin (com base em “Ensaio provincianos”). In: *Материалы второй научно-методической конференции* [Materiais da segunda conferência científico-metodológica]. Vladivostok: DVGU, 1966.

GORIATCHKINA, M. C. *Satira Schedrina i russkaia demokraticheskaya literatura 60-80 godov XIX veka* [A sátira de Schedrin e a literatura democrática russa dos anos 60-80 do século XIX]. Moscou: Nauka, 1977.

JUK, A. A. *et al. Satira M. E. Saltykov-Schedrin, 1826-1976*. Kalinin: Universidade Estatal de Kalinin, 1977.

KALÁSHNIKOV, Aleksandr. “Proper names in translation of fiction (on the material of translation into English of *The History of a Town* by M. E. Saltykov-Schedrin”. Translation Journal, vol. 10, n. 1, janeiro/2006 Disponível em <http://accurapid.com/journal/35propernames.htm> Acesso em: 20.07.2009.

LIKHATCHIOV, D. S. *Поэтика древнерусской литературы* [Poética da literatura antiga]. Leningrado: Khudojestvennaya Literatura, 1971.

MAKASCHIN, S. A. *Saltykov-Schedrin. Biografia*. Moscou, 1951.

NAMESTNIKOV EL MURR, Victória. *O Dito da Expedição de Ígor. Um poema épico russo do século XII*. São Paulo; USP, 1980.

NIKOLÁEV, D. *Satira Schedrina i realisticheskie groteski* [A sátira de Schedrin e o grotesco realista]. Moscou: Khudojestvennaya Literatura, 1977.

POKUSAIEV, E. I. “О собирательных типах салтыковской сатиры” [Os tipos gerais da sátira de Saltykov]. In: *Поэтика и стилистика русской литературы. Памяти академика Виктора Владимировича Виноградова*. Leningrado: Nauka, 1971.

PROZOROV, V. V. *M. E. Saltykov-Schedrin*. Moscou: Prosveschenie, 1988.

TCHERNYSHEVSKI; DOBROLIÚBOV. *Stati o "Gubernskikh Otcherekakh"* [Artigos sobre "Ensaaios governamentais"]. In: *M. E. Saltykov-Schedrin na crítica russa*. Moscou, 1959.

TROFIMOV, I. T.

TURGUIENEV, I. S. "History of a town. Edited by M. E. Saltykoff, St. Petersburg, 1870". In *Polnoe Sobranie Sotchineni i pissem* [Obras completas e cartas]. V. 14. Editora Nauka, Moscou-Leningrado, 1967.

Geral

ALBERTI, V. *O riso e o risível na história do pensamento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

ALENCAR, José de. *Comédias* (edição preparada por Flávio Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ALMEIDA, Manuel Antônio. *Memórias de um sargento de milícias*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2006.

ARÊAS, Vilma. *Iniciação à comédia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

AUERBACH, Eric. *Ensaaios de literatura ocidental: filologia e crítica*. Org. Davi Arrigucci Jr. e Samuel Titan Jr.; trad. Samuel Titan Jr. e José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2007.

BERNARDINI, Aurora Fornoni; FERREIRA, Jerusa Pires (org.). *Mitopoéticas da Rússia às Américas*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

AZEVEDO, Artur. *Teatro de Artur de Azevedo*. Rio de Janeiro, INACEN, 1983-1995, tomos I, III e IV.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo, Hucitec, 1987.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política. Ensaaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, v. 1. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação da comicidade*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. Martins Fontes, São Paulo, 2007.

BERNARDINI, Aurora Fornoni; FERREIRA, Jerusa Pires (org.). *Mitopoética: da Rússia às Américas*. São Paulo, Associação Editorial Humanitas, 2006.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira. Momentos decisivos*. São Paulo-Rio de Janeiro: FAPESP, Ouro sobre Azul, 2009.

CAVALIERE, Arlete Orlando. “O nariz” e “A terrível vingança” de Nicolai Gógol – A magia das máscaras. São Paulo, Edusp, 1990.

_____. *Teatro russo. Percurso para um estudo da paródia e do grotesco*. São Paulo: USP, 2007.

CESAR, Ana Cristina. *Crítica e tradução*. São Paulo, Instituto Moreira Salles, Editora Ática, 1999.

DMITRENKO, S. F. org. *Crítica dos anos 70 do século XIX*. Moscou, Olimp e ACT, 2002.

EIKHENBAUM, B. “Como é feito ‘O capote’ de Gógol. In: *Teoria da literatura – formalistas russos*. Porto Alegre, Globo, 1973.

ELLIS, Myrian et al. *O Brasil monárquico, v. 6: declínio e queda do império*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

FARIA, João Roberto. *Idéias teatrais: o século XIX no Brasil*. Perspectiva/Edusp, São Paulo, 2001.

FRANÇA JÚNIOR, Joaquim José da. *Teatro de França Júnior*. Rio de Janeiro: SNT, 1980, tomo II.

FRANK, Joseph. *Dostoiévski: Os efeitos da libertação 1860 a 1865*. Trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Edusp, 2002.

_____. *Dostoiévski: Os anos milagrosos 1865 a 1871*. Trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Edusp, 2003.

FREUD, Sigmund. *Os chistes e a sua relação com o inconsciente (1905)*. Direção de tradução Jayme Salomão. Imago Editora, Rio de Janeiro, 2006.

FRYE, Northrop. *Anatomia da crítica*. São Paulo, Cultrix, 1973.

_____. *Fábulas de identidade*. São Paulo, Nova Alexandria, 2000.

_____. *O caminho crítico*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1973.

GONZAGA, Tomás Antônio. *Cartas Chilenas*. Introdução, cronologia, notas e estabelecimento de texto Joaci Pereira Furtado. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GÓGOL, Nikolai Vassilievitch. *Teatro completo*. Trad. Arlete Cavalieri. São Paulo, Editora 34, 2009.

_____. *Almas mortas*. Trad. Tatiana Belinky. São Paulo, Perspectiva, 2008.

_____. *O nariz e a terrível vingança*. CAVALIERE, Arlete O. A magia das máscaras. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1990.

- GRINBERG, Keila; SALES, Ricardo (org.). *O Brasil imperial, volume I: 1808-1831*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- HUTCHEON, Linda. *A teoria da paródia*. Portugal: Edições 70, 1989.
- JAKOBSON, Roman. “Aspectos Linguísticos da Tradução”. In “Linguística e Comunicação”, Cultrix, São Paulo, 1972.
- KAYSER, W. *O grotesco – configuração na pintura e na literatura*. São Paulo, Perspectiva, 1986.
- KARAMZIN, Nikolai M. *История Государства Российского* [História do Estado Russo]. São Petersburgo, Kristall, Respeks, 1998.
- KUPRIN, Aleksandr Ivánovitch. *O bracelete de granadas*. Trad. Noé Silva. São Paulo, Editora Globo, 2006.
- LOTMAN, Iúri. “O realisme Gógolia” [Sobre o realismo de Gógol]. In: *O ruskoi literature – staty i islédovania (1958-1993)* [Sobre a literatura russa – artigos e estudos (1958-1993)]. São Petersburgo, Iskústvo, 1997.
- LUSTOSA, Isabel. *D. Pedro I*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- MACEDO, Joaquim Manuel de. *Teatro completo 2*. Rio de Janeiro, MEC/SNT, 1979.
- MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Teatro de Machado de Assis*. Org. João Roberto de Faria. São Paulo, Martins Fontes, 2003.
- MARTINS PENA, L. C. *Comédias*. Rio de Janeiro, INL/MEC, 1956.
- MELETÍNSKI, Eleazar. *Arquétipos literários*. Trad. de Aurora Bernardini, Homero de Andrade e Arlete Cavaliere. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.
- MATOS, Gregório de. *Antologia*. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- MOSER, Charles A. *Esthetics as nightmare. Russian Literary Theory, 1855-1870*. Princeton University Press, 1989.
- NOVIK, Elena. “O sistema dos personagens do conto de magia russo”. IN: *A estrutura do conto de magia*. Moscou, 2001. [Tradução para o português no prelo.]
- OTTONI, Paulo. *Tradução manifesta: double bind & acontecimento*. Editora da Unicamp, Edusp, São Paulo, 2005.
- PAGANO, Adriana; MAGALHÃES, Célia; ALVES, Fábio (org). *Competência em tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2005.
- PROPP, Vladímir. *Comicidade e riso*. São Paulo, Editora Ática, 1992.
- _____. *Morfologia do conto maravilhoso*. Trad. Jasna Paravich Sarhan. Forense Universitária, Rio de Janeiro, 2006.

PÚCHKIN, Aleksandr Serguêievitch. *Noites egípcias e outros contos*. Trad. Cecília Rosas. São Paulo: Hedra, 2010.

QORPO-SANTO (José Joaquim de Campos Leão). *Teatro completo*. Rio de Janeiro, SNT, 1980.

REIS FILHO, Daniel Aarão. *As revoluções russas e o socialismo soviético*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

ROSA, João Guimarães. *João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason: (1958-1967)*. Ed., org. e notas Maria Aparecida Faria Marcondes Bussolotti; trad. Erlon José Paschoal. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Academia Brasileira de Letras; Belo Horizonte, MG: Ed. da UFMG, 2003.

SCHNAIDERMAN, B. S. “O fascinante universo do riso”. In: “O Estado de São Paulo”. Caderno 2 . 13 de agosto de 2000.

_____, Boris. “Paródia e mundo do riso”. In: Revista Tempo Brasileiro, n. 62, jul./set. 1980.

_____, Boris. *Dostoiévski: prosa e poesia*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1982.

SOLOVIOV, S. M. *Иллюстрированная история России* (História da Rússia ilustrada). Moscou: Russkoe Slovo, 1996.

TCHÉKHOV, Anton P. *Cartas a Suvórin*. 1886-1891. São Paulo: Edusp, 2002.

_____. *Остров Сахалин* (Ilha Sacalina). In: *Obras reunidas em 12 volumes*. Moscou, Editora Khudojestvennaia Literatura, 1963.

VASQUES, Francisco Correa. “Orfeu na roça”. In FERREIRA, Procópio. O ator Vasques. São Paulo: Ed. do Autor, 1939, pp. 179-249.

Dicionários, manuais, apostilas, enciclopédias etc.

AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa em 5 volumes*. 2ª edição brasileira. Rio de Janeiro: Editora Delta S.A, 1964.

VÓINOVA, N.; STARETS, S.; VERKHUCHA, V; ZDITOVETSKI, A. *Русско-португальский словарь: 53.000 слов* [Dicionário russo-português: 53.000 palavras]. 2ª edição. Moscou: Russki Iazyk, 1989.

Houaiss dicionário da língua portuguesa. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca> Acessos diversos em 2010.

Novo dicionário eletrônico Aurélio versão 5.0. Positivo Eletrônica Ltda, 2004.

Толковый словарь русского языка [Dicionário da língua russa]. Ójegov, S. I. e Chevedova, N. Iu. Azbukovnik, Moscou, ?

6. ROZENTAL, D. E.; GOLUB, I. B. *Русская орфография и пунктуация* [Ortografia e pontuação russa]. Russki Izyk, Moscou, 1995.

Materiais especiais

Filme

HISTÓRIA DE UMA CIDADE. Direção de Valentin Karavaev. URSS: Estúdio Soiuzmultfilm, 1991. 16 min.